

DM
CARV./A.

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**TESE DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
EM
PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA**

**APRESENTADA POR
Hermínia Maria Andrade de Carvalho**

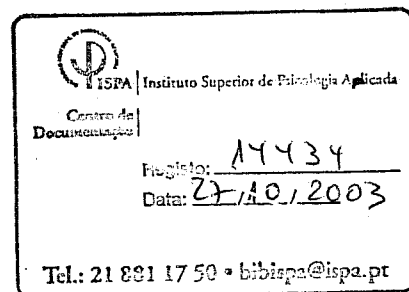
Família Culpabilidade Culpa

Sentimentos, Psicologia e Direito Penal

- Um Estudo -

**TRABALHO ORIENTADO PELO
Prof. Doutor Eduardo Sá**

Lisboa / 1999



HERMÍNIA CARVALHO

Família Culpabilidade Culpa

Sentimentos, Psicologia e Direito Penal

- Um Estudo -



*"A Família. Três gerações.
Espaço organizador e estruturante."
M. E. B.*

A este trabalho podíamos ter dado o título QUANDO OS “SENTIMENTOS DE CULPA” SE CONSTITUEM EM “CULPA FORMADA”, mas optámos pelo actual pelo facto de abranger a *Família*, eixo fundamental deste estudo.

Para os meus pais

AGRADECIMENTOS

Representa este trabalho uma conjuntura de dedicação e colaboração de pessoas que, ao dispensarem algum do seu tempo e boa vontade, contribuíram para que a preparação desta dissertação de mestrado pudesse ser concretizada.

Ao orientador deste estudo, Prof. Doutor Eduardo Sá, pela forma disponível e atenta com que sempre me acompanhou neste percurso por caminhos, por vezes sinuosos, que fazem parte do processo de lidar e aprender com as coisas novas, transmitindo-me a confiança e o saber de mestre que tornaram possível que esta versão contenha o meu desejo de estudar a *culpabilidade* e a *culpa*, ao delinear, a partir desta minha ideia inicial, todo o contexto aqui presente, através do eixo integrador e organizador da *família*.

Ao Sr. Juiz Conselheiro Gonçalves da Costa, do Centro de Estudos Judiciários de Lisboa, o meu reconhecimento pela prestável orientação e cedência bibliográfica das suas obras pessoais sobre o Direito Penal, que me permitiram grande parte do estudo da *culpa* aqui apresentado.

À Sr.^a Delegada Regional de Lisboa do Instituto de Reinserção Social, Dr.^a Maria da Conceição Carvalho, pela autorização concedida para a realização do trabalho de campo nos menores internados por ordem dos tribunais de menores, em colégio desse Instituto.

Aos directores do Colégio de Acolhimento Educação e Formação de S. Bernardino, do Instituto de Reinserção Social, Dr. António Ludovico e Dr. António

Leitão, bem como aos técnicos superiores e monitores deste colégio, pelo modo cordial com que se dispuseram a colaborar durante os vários dias em que efectuei a aplicação dos instrumentos psicológicos deste estudo.

À direcção da Escola Básica 2, 3 de Pedro de Santarém em Lisboa, directores de turma e, em particular, à Dr^a Maria dos Anjos Sá, psicóloga nesta escola, pela autorização, disponibilidade e simpática colaboração, ao solicitarem a participação dos jovens rapazes para serem sujeitos desta investigação. Aos seus pais, por terem permitido que os filhos fizessem parte da amostra deste estudo.

Dado que este trabalho não seria possível sem a participação de todos os jovens rapazes que se disponibilizaram para me transmitirem, através dos instrumentos psicológicos utilizados, o que têm no mais íntimo e inconsciente de si, os seus sentimentos e a *culpabilidade*, a todos eles a minha gratidão.

Quero ainda agradecer à minha amiga Dr^a Margarida Cordo, pelo precioso contributo na análise dos desenhos da *família* segundo o modelo sistémico familiar.

Também à Dr^a Manuela Fernandes pela pronta disponibilidade amiga na revisão da análise estatística dos resultados do estudo de campo.

Finalmente, e porque é essencialmente com a família e com os amigos mais próximos, que partilhamos os momentos de ânimo e desalento, que os mais difíceis trabalhos de estudo a fazer em casa encerram, a todos agradeço, pelo que cada um a seu modo me foi transmitindo, reflectindo-se no ânimo dado durante este trabalho. A todos, o meu reconhecimento e a reafirmação da minha amizade.

ÍNDICE

VOLUME 1

INTRODUÇÃO	10
------------------	----

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I

FAMÍLIA	
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FAMÍLIA E DOS SENTIMENTOS.....	15
1. A SOCIEDADE TRADICIONAL - A PROPRIEDADE.....	16
<i>Como se vivia</i>	16
<i>Com quem se vivia</i>	21
<i>Como se namorava</i>	24
<i>Como eram as relações conjugais</i>	27
<i>Como eram cuidados os bebés</i>	29
2. A SOCIEDADE MODERNA - O SENTIMENTO	32
<i>As mudanças no namoro</i>	32
<i>As mudanças na relação mãe-bebé</i>	39
<i>As mudanças no lar</i>	42
3. O PAPEL DO CAPITALISMO NAS MUDANÇAS DA SOCIEDADE TRADICIONAL PARA A SOCIEDADE MODERNA	45
4. A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA - QUE CARACTERÍSTICAS?	47

Capítulo II

CULPABILIDADE	
A PSICANÁLISE E OS SENTIMENTOS DE CULPA INCONSCIENTES	49
1. A ORIGEM HISTÓRICA DO SENTIMENTO DE CULPA	50
<i>Mito e Religião</i>	50
2. ORIGEM DOS SENTIMENTOS DE CULPA INCONSCIENTES	55
<i>Tabu e Magia</i>	55
3. SENTIMENTO DE CULPA	59
<i>A Ética e a Moral</i>	59
4. CULPA E CONFLITO EDIPIANO	62
5. A PSICANÁLISE E O PROBLEMA DA CULPA	66
6. TIPOS DE CULPA: DEPRESSIVA E PERSECUTÓRIA	68
<i>Culpa persecutória</i>	72
<i>Culpa depressiva</i>	76
7. A FAMÍLIA E A SOCIEDADE	80
<i>Atribuição da culpa persecutória à pessoa doente</i>	80
8. O PAPEL DA CULPA PERSECUTÓRIA NA NEUROSE E NA PSICOSE ...	85

Capítulo III

CULPA	
PERSPECTIVA HISTÓRICA DA CULPA JURÍDICO-PENAL	91
1. ORIGEM DO TERMO “CULPA”	92
2. HISTÓRIA DA CULPA DELITUOSA	93
<i>A culpa no Direito pré-helénico: semita, ariano e oriental</i>	93
<i>A culpa na legislação helénica</i>	96
<i>A culpa no Direito romano</i>	98
<i>A culpa no Direito germânico</i>	99
<i>A culpa no Direito eclesiástico</i>	101
<i>A culpa no Direito europeu da Idade Média e do Renascimento</i>	101
3. O CONCEITO TRADICIONAL DE CULPABILIDADE	103
<i>Concepção psicológica e concepção normativa da culpa jurídico-penal</i>	104

4. O CONCEITO DIALÉTICO DE CULPABILIDADE	109
5. O CONCEITO MATERIAL DE CULPABILIDADE	110
6. CULPA E DIREITO PENAL	112
<i>Finalidade do Direito Penal na perspectiva duma culpa da personalidade</i>	112
<i>Papel da personalidade na culpa jurídico-penal</i>	115
<i>O dogma da culpa da vontade</i>	119
<i>Liberdade pessoal e culpa da pessoa</i>	121
7. A CRISE CONTEMPORÂNEA DA CULPA JURÍDICO-PENAL	125
8. A PSICOLOGIA E O PARADIGMA DO TRATAMENTO	128

PARTE II

TRABALHO DE CAMPO

I

METODOLOGIA	135
1. MODELO DE ESTUDO	135
2. SELECÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	136
3. HIPÓTESES	137
4. INSTRUMENTOS	139
<i>O Método do Circulo Familiar</i>	139
<i>O Teste de Relações de Objecto</i>	141
5. PROCEDIMENTO	144
6. CONFIGURAÇÃO DOS RESULTADOS	146

II

RESULTADOS	148
1. ANÁLISE DOS DESENHOS DO MÉTODO DO CÍRCULO FAMILIAR	149

GRUPO D	149
GRUPO ND	150
2. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO ...	151
GRUPO D	152
GRUPO ND	170
3. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS RESULTADOS	188
4. LEITURA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	191
CONCLUSÕES	202
BIBLIOGRAFIA	206

VOLUME 2

ANEXOS

ANEXO I

DESENHOS DO MÉTODO DO CÍRCULO FAMILIAR	
DADOS PESSOAIS E INQUÉRITO	3
1. GRUPO D	3
2. GRUPO ND	33

ANEXO II

HISTÓRIAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO	
1. GRUPO D	65
2. GRUPO ND	105

ANEXO III

TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS RESULTADOS	150
---	-----

INTRODUÇÃO

*“O inconsciente, o que desconhecemos,
é também demasiadas vezes
«o não amado», o que ignoramos”*

Thomas Moore

O interesse em investigar sobre a questão da culpa nos delinquentes surgiu da experiência de trabalho realizada com pessoas em situação de reclusão quando, num espaço psicológico, ouvíamos as suas “queixas”. Era então nesse “desabafar” que apareciam, muitas das vezes, sentimentos carregados de raiva manifestando através deles o desacordo em relação ao tempo de pena aplicado pelo Tribunal e aquele que consideravam como justo e adequado ao crime que reconheciam ter cometido. Geralmente estas pessoas, “delinquentes”, achavam que não mereciam pena tão longa e que estavam a ser castigadas para além do que era devido pela sua “consciência”, acontecendo também ouvirmos de outras dizerem que nada tinham feito e que a culpa do facto sucedido não lhes pertencia mas sim a outrem, ou então que o crime tinha sido fruto de circunstâncias externas alheias à sua vontade, tal como o álcool, a droga ou o azar do momento.

Mas como o simples ouvir o outro não basta, amadurecemos a ideia de que um tema sobre a natureza da culpa poderia ser explorado num trabalho como é este que se impõe para uma dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica.

Pensámos então em destrinçar entre o que é considerado por *culpa* no Direito Penal e o que se entende por *culpabilidade* em Psicologia, sendo nosso desejo com o presente estudo averiguarmos sobre qual a importância da *família* - e, concretamente, da *família interna* - na organização e interiorização dos sentimentos de *culpabilidade*, o que consideramos basilar para a compreensão dos actos delinquentes.

É, pois, no terreno da culpa, na sua dupla vertente do sentir e do actuar, que nos ocuparemos, tentando com este estudo contribuir para a clarificação do que a Psicologia e o Direito entendem por culpa, conscientes de que os sentimentos de culpabilidade pertencem ao domínio do individual subjectivo, enquanto que a culpa penal pertence, essencialmente, ao domínio do social objectivo. Debruçamo-nos, deste modo, no aspecto psicológico dos sentimentos de culpabilidade com a sua compreensão e explicação na perspectiva da Psicanálise e no aspecto jurídico-penal da culpa enquanto elemento que faz parte da acção delituosa.

Consideramos que estas duas dimensões da culpa - a *culpabilidade* psicológica e a *culpa* jurídico-penal - são inerentes à vida da pessoa, fazendo parte, uma, do seu desenvolvimento psicológico através da relação e inter-relação com as pessoas do contexto familiar de origem e do meio ambiente mais próximo, a outra, da sua pertença a uma sociedade organizada de acordo com normas e valores socialmente aceites e definidos na Lei.

Partimos do pressuposto de que a existência de uma *família interna* pode proteger o indivíduo de comportamentos delinquentes, os quais se manifestam devido à ausência de sentimentos de culpabilidade, noção esta que pode ou não estar integrada na personalidade, e constituindo a sua presença a base indispensável para a

interiorização dos sentimentos de justiça sociais, paradigmáticos da noção de culpa jurídica.

Começamos, na primeira parte deste estudo, por fazer uma abordagem teórica dos três vectores em que nos baseamos:

- Para a *família*, descrevendo numa perspectiva histórico-sociológica a evolução e mudanças por que tem passado desde os dois últimos séculos e até ao presente, nomeadamente no que respeita à relação entre o casal, entre pais e filhos e ao desabrochar e evoluir dos sentimentos no seio da família.

- Para a *culpabilidade*, apoiamo-nos numa compilação que desenvolve as principais teorias psicanalíticas que a explicam e onde é dada particular ênfase à distinção de duas qualidades de sentimentos de culpa, que originam dois tipos de culpa - a culpa persecutória e a culpa depressiva -, essenciais neste nosso trabalho para a compreensão da culpabilidade e de qual o seu significado nas passagens ao acto das pessoas que cometem passagens ao acto delinquentes, ou seja, contrárias à Lei jurídico-penal estabelecida.

- Para a *culpa* jurídico-penal, fazemos o desenvolvimento histórico do conceito de culpa, desde os povos da antiguidade até aos nossos dias, importando acentuar que o seu significado tem sido algo de muito controverso no Direito Penal, defendendo este, prevalentemente, na actualidade, a objectivação da culpa no acto delituoso, ou seja, a culpa referida à lesão de "bens jurídicos" da comunidade, os quais têm de ser socialmente protegidos, e não a culpa como um sentimento, dado este pertencer ao subjectivo-individual do seu autor.

Sendo este um estudo clínico exploratório, dedicamos a segunda parte ao trabalho de campo, baseando-nos nos resultados da aplicação de provas projectivas a

dois grupos de sujeitos - com e sem passagens ao acto delinquentes - para, no final, retirarmos as nossas conclusões sobre o que é o objecto deste estudo: a culpa na vertente psicológica - a *culpabilidade* - e na vertente jurídico-penal - a *culpa* -, e o objectivo do mesmo: o papel da *família interna* na organização de sentimentos de *culpabilidade* na personalidade, representando estes a protecção de actos de delinquência, marginais à Lei do Direito Penal, onde, a existência de *culpa* constitui um dos principais elementos do processo judicial.

Em anexos (Volume 2), apresentamos os protocolos das provas psicológicas aplicadas e a análise estatística dos resultados encontrados.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I

FAMÍLIA

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FAMÍLIA E DOS SENTIMENTOS

Para o primeiro eixo deste estudo, a *família*, apoiamo-nos na análise histórica de E. Shorter (1975), desde a sociedade tradicional até à sociedade moderna, feita com o objectivo de compreender de que modo as mudanças sociais afectam a transformação na vida das pessoas, entendendo este autor que os séculos XVI, XVII e XVIII, entre a Reforma e a Revolução Francesa, são os que caracterizam os tempos tradicionais, aportando os tempos modernos dos séculos XIX e XX grandes mudanças sociais que se manifestam nos modos de vida familiares e nos sentimentos entre as pessoas.

A fim de conhecer como viveram as classes populares na Europa tradicional, investigou Shorter, exaustivamente, registos paroquiais de antigos arquivos de província, consultou listas de impostos e efectuou árvores genealógicas de habitantes de aldeias. Pôde então caracterizar que, na sociedade tradicional as pessoas colocavam as exigências da comunidade acima das suas ambições e desejos pessoais, dispondo-se a renunciar a grande parte destes, impondo-se o domínio patriarcal dentro da família, enquanto que na sociedade moderna as pessoas deram maior importância à sua auto-realização, em desfavor da obediência e estabilidade da comunidade.

O elemento responsável pela grande mudança da família tradicional para a família moderna atribui-o Shorter ao desabrochar do “sentimento” nas relações entre

as pessoas, explicando no seu livro *A Formação da Família Moderna*, como se formaram e se manifestam, numa perspectiva histórica, as novas emoções que caracterizam a família moderna e que levaram a que despontasse “o amor romântico”, “a domesticidade familiar” e “a ternura maternal”.

1. A SOCIEDADE TRADICIONAL - A PROPRIEDADE

Como se vivia

Se se compararem as famílias da sociedade tradicional com as da sociedade actual no que respeita ao espaço e à configuração do interior das casas, bem como dos locais de reunião e de convívio na comunidade circundante, encontram-se grandes diferenças que, embora não sejam por si só determinantes, são factores que contribuem para o modo como as pessoas interagem e expressam os seus sentimentos.

Na Europa tradicional os lares eram grandes e neles coabitavam outras pessoas para além das que pertenciam à família conjugal propriamente dita, divergindo na sociedade tradicional os modelos de lar consoante se vivesse no campo ou na cidade, ou se pertencesse à classe baixa ou à classe média e o que em certa medida determinava o modo como a pessoa vivia dentro da sua casa.

Nas cidades, quanto maior fosse o rendimento e mais elevada fosse a classe social também maior e mais complexo era o lar. Em várias cidades da Europa, Shorter encontrou um maior número de pessoas da classe média a residirem na mesma casa, comparativamente às casas de classe baixa onde residiam menos pessoas. Isto devia-se ao facto de não só haver mais filhos a viverem em casa, mas também à existência de criados e ajudantes que trabalhavam no negócio familiar da classe média

(comerciantes, operários fabris, artesãos e trabalhadores). Como tal, a vida da chamada classe média organizava-se com uma maior aglomeração de pessoas nas cidades tradicionais, sendo comum partilhar-se a casa.

Nos campos, a dimensão das casas não divergia muito da das cidades mas a complexidade dentro da mesma casa era ainda maior. Na casa rural, e mais concretamente nas quintas, viviam para além do casal e filhos outros parentes colaterais, como sejam irmãos e irmãs solteiras (que não tinham direito a herdar terras) e avós idosos. O número de filhos a viver em casa era no entanto baixo, e o que se devia a dois motivos: um primeiro tinha a ver com uma elevada taxa de mortalidade infantil nas famílias pobres, o segundo tinha a ver com a pobreza e com o facto de os filhos saírem de casa ainda em crianças a fim de trabalharem com lavradores - como criados, pastores ou guardadores de vacas ou perús -, ou como aprendizes de artesãos. O mesmo acontecia às filhas destas famílias de rurais pobres.

Os filhos dos camponeses proprietários também se ausentavam de casa dos pais, embora temporariamente, indo para quintas de outras regiões mas com o objectivo de conhecerem um pouco mais do mundo, o mesmo não acontecendo com as filhas que permaneciam em casa até casarem, contribuindo para a economia do lar: fiavam, faziam renda, fabricavam manteiga. A permanência das filhas em casa tinha contudo também a ver com a manutenção da sua virgindade até ao casamento, constituindo uma desonra para a família e gerações posteriores se a mesma fosse manchada.

Consoante os países, encontrou Shorter três modelos típicos de grupos familiares, sendo frequente encontrarem-se também a residir na mesma propriedade criados, hóspedes, orfãos e filhos de uniões anteriores do casal:

- o modelo que denomina de “família conjugal”, que parece ter existido ao longo de todos os tempos da história, contrariamente ao que os sociólogos supunham de que antes da Revolução Industrial as famílias eram alargadas e viviam em clãs organizados. A América do Norte e as Ilhas Britânicas representaram a maior concentração de lares onde habitavam apenas a “família conjugal” (mãe, pai, filhos e criados) sem outros parentes. Na Inglaterra tradicional encontraram-se indícios de que as famílias preferiam viver na vizinhança dos seus parentes, mas não no mesmo lar, o mesmo acontecendo na Nova Inglaterra Colonial onde as famílias de colonos se estabeleciam nas mesmas imediações (apenas tendo surgindo as famílias alargadas rurais, com uma dimensão considerada importante, no século XIX). Na Europa rural (por ex.: nos Países Baixos, na região da Baixa Áustria e em províncias da França) encontrou provas de terem existido com bastante frequência estes grupos de “famílias conjugais”

- no modelo que chama de “família-tronco”, e onde coabitavam pais, avós e filhos, refere que era frequente encontrar-se noutras áreas distintas da Europa ocidental e central, tendo encontrado fortes indícios de que nos lares mais abastados da Europa ocidental a criança da classe média se tenha desenvolvido e socializado nas casas onde vivia a “família-tronco”. Aqui, diz Shorter, a propriedade era transmitida na sua totalidade, e se possível aumentada de geração em geração, ao filho herdeiro, que ao casar vivia em casa dos pais com a sua mulher e a nova família ficando, ou subordinado ao seu pai, ou então assumia o governo da propriedade. Ao ter o título da propriedade o filho herdeiro era obrigado a sustentar os pais quando estes se retiravam da casa grande e passavam a viver numa dependência desta. A saída do pai da sua casa era algo de delicado e que deveria ser feito em tempo oportuno. Assim, o velho lavrador embora temesse que o seu filho não o tratasse bem após ter renunciado ao

controlo da propriedade e o que o fazia adiar a saída de casa, também sabia que se o fizesse demasiado tarde o filho adulto (com 30 anos ou perto deles) se poderia vingar nos pais quando eles se retirassem de casa. O que podia acontecer neste caso era, ou a diminuição da produção da propriedade devido à falta de vigor do velho lavrador com a consequente transmissão desvalorizada da propriedade, ou então o filho mais velho abandonava a propriedade. Para além do sustento dos pais, este filho tinha de prover às necessidades materiais dos irmãos e irmãs, os quais não tinham direito à terra, tendo de lhes pagar em dinheiro quando saíam de casa e se ficassem solteiros tinham direito a viver na casa grande e a trabalhar na propriedade. Nestas famílias alargadas onde viviam três gerações, trabalhando pais, filho e nora em conjunto, e onde as crianças eram criadas tanto pela mãe como pela avó, é para Shorter fácil presumir que a interacção entre marido e mulher fosse diferente do da “família conjugal”. Tanto na Europa central como ocidental, entende que devia ser frequente os filhos assistirem a litígios entre pais e avós até que a morte destes simplificasse novamente a estrutura do lar.

Embora pouco se conheça sobre os modelos emocionais deste tipo de “família-tronco”, refere Shorter que se percebe que esta forma de viver nos lares afectaria o modo das pessoas pensarem e agirem

- o modelo a que chama de “família alargada”, incluía tanto os parentes da linha lateral (irmãos e irmãs do marido e da mulher) como os da linha vertical (avós de ambas as partes dos pais). Dentro da “família alargada” distingue um tipo de “lar familiar múltiplo”, onde existiam vários irmãos casados a viverem na mesma casa sob o domínio patriarcal do pai. Na “família alargada múltipla” os lares acolhiam várias unidades conjugais, encontrando Shorter referências da sua existência na Europa

oriental - as “*zadrugas*” na Jugoslávia e as “*Gesinde*” numa província russa ao longo do Báltico. As “*zadrugas*” podiam ter 10 a 30 pessoas e aí viviam tanto os irmãos casados como outras gerações da mesma família e ainda parentes colaterais; os casais dormiam separadamente nos seus quartos, mas todos tinham as refeições na mesma mesa comum; o lar era administrado por um patriarca sendo todo o trabalho feito em comum e os haveres usados colectivamente; quando os netos do patriarca já eram crescidos, recebiam uma herança dos pais e saíam para formar a sua própria “*zadruga*”, não havendo de um modo geral mais de três gerações na mesma “*zadruga*” nem se encontrando laços de parentesco demasiado complexos. Nas “*Gesinde*” bálticas viviam, como na “*zadruga*”, vários grupos conjugais (com uma média de 14 pessoas) e a privacidade no lar apenas parece ter existido nos grupos sociais mais elevados da antiguidade; as pessoas dormiam onde havia espaço e com mais de uma pessoa na mesma cama ou numa enxerga no chão; as refeições eram por turnos à mesa: primeiro os adultos e depois as crianças.

Como tal, refere que pode perceber-se que este tipo de lares tradicionais eram estruturas muito complexas, onde a coabitação de várias pessoas perturbava a vida íntima.

De acordo com Shorter, não parece haver dúvidas de que a estrutura do lar é um condicionante importante na privacidade sexual e na intimidade emocional, encontrando-se uma diminuição destas oportunidades do ocidente para o oriente e da classe social mais elevada para a mais baixa. Nas classes baixas da França e Alemanha, até meados do séc. XIX, era fácil encontrarem-se todos os membros da família a dormirem na mesma divisão, privando o casal da intimidade e propiciando aos não casados terem contactos físicos ilegítimos. O mesmo cenário acontecia na Suíça rural e

nas regiões campestres da França, mas também nas classes baixas das cidades da Europa central.

Na Escandinávia encontrou Shorter algo de diferente mas destinado apenas às raparigas adolescentes filhas dos lavradores campestres. Era-lhes facultado terem privacidade emocional, dormindo no Verão em estábulos e celeiros exteriores à casa grande, o que era fundamentado economicamente com as tarefas leiteiras, e no Inverno podiam dormir no palheiro junto das vacas, permitindo-se assim socialmente que os rapazes as fossem namorar (mais adiante falar-se-á disto a propósito do namoro).

Na Inglaterra rural encontrou também algo de distinto, dado o espaço doméstico ter começado a ser dividido durante o século XVI, e o que interpreta como tendo permitido a privacidade sexual, o mesmo acontecendo na América colonial, referindo que em França as habitações rurais apenas no séc. XIX começaram a ter quartos de cama.

Defende Shorter que a mudança na arquitectura doméstica foi um dos factores que contribuiu para a revolução do sentimento, começando a revolução da domesticidade pelas classes superiores e estendendo-se gradualmente às classes mais pobres. Adverte, no entanto, que no que respeita à introdução do romantismo no namoro, a revolução no sentimento começou nas classes baixas e não implicou mudanças na estrutura física do lar.

Com quem se vivia

Na Europa tradicional as pessoas viviam mais em aldeias ou lugarejos do que isoladas em casas rurais, passando a vida em estreita ligação com as outras pessoas da

comunidade. As variações dos tipos de povoamento (concentrado e disperso) condicionavam, por sua vez, diferentes interações entre a família e a comunidade, parecendo poder afirmar-se que a proximidade das casas aglomeradas se revestia de especial importância. Por um lado, permitia um nível de sobrevivência maior dado as pessoas terem mais oportunidades de se vigiarem e escutarem, e por outro lado, o maior controlo da comunidade repercutia-se na família.

Nas povoações concentradas o trabalho nos campos era de um modo geral feito colectivamente, intervindo a comunidade não só na agricultura mas noutras áreas da vida tais como a migração, a moral e as cerimónias anuais, que não se regiam por uma escolha individual. Nas povoações dispersas já não se fazia sentir tanto este peso da colectividade.

Baseando-se em investigações doutros historiadores, Shorter encontrou referências a diferentes formas de controlo no namoro, consoante o tipo de povoamento: no disperso era a própria juventude que se organizava para vigiar os namorados, enquanto que no concentrado era a comunidade que de um modo informal vigiava os casais de namorados. Encontrou também referências em relação ao rigor da castidade pré-conjugal, a qual era mais acentuada nas aldeias do que nos lugarejos e quintas isoladas da França tradicional.

A vida comunitária tradicional da Europa rural, regia-se por uma forte estabilidade no que respeita às uniões conjugais dado, regra geral, casarem com pessoas da sua aldeia natal e existir implicitamente um maior controlo das regras sociais. Este controlo tinha implicações óbvias na diminuição da privacidade da família com um aumento da interacção da comunidade em relação ao que deve ou não fazer-se e o que criava as regras não escritas da moral pública da aldeia, transmitidas de

geração em geração. As comunidades da Europa tradicional regulavam, desta forma, assuntos ligados à formação do casal e à sexualidade conjugal.

Para além desta estabilidade familiar instaurada com o casamento entre famílias próximas, a mesma era reforçada pelo poder jurídico do governo municipal que controlava a entrada de forasteiros e reduzia a rotatividade da população, podendo também as assembleias de aldeões rejeitar que pessoas estranhas comprassem terras dentro da sua região, o mesmo acontecendo com o controlo da concessão de licenças a artífices.

O controlo exercia-se não apenas pela comunidade em relação à moral particular mas também o governo municipal possuía mecanismos que regulavam a moral colectiva. Assim, as mulheres não casadas que tivessem relações sexuais podiam receber uma acção judicial embora, na prática, isso só acontecesse com a confirmação duma gravidez e que implicava um castigo através da exposição da mulher a situações de vexame público. Aliados a estes mecanismos de sanções da lei, também a igreja católica e a protestante possuíam as suas próprias interdições para estas mulheres, como por exemplo a proibição do vestido branco para a noiva grávida. Esta repressão colectiva da sexualidade contribuiu para que a mulher se mantivesse virgem até ao casamento até que, por meados do século XVIII, as raparigas deixaram de temer os castigos e começaram a dar mais importância aos seus sentimentos.

A comunidade interferia na vida íntima da família e tinha, entre outros poderes, o de impedir casamentos, existindo a par as autoridades públicas que avaliavam se as pessoas tinham condições para se casarem, baseando-se em critérios económicos que salvaguardassem o casal do risco da pobreza; o mesmo acontecia em relação a factores de ordem moral que não fossem aprovados socialmente.

Havia, pois, na sociedade tradicional, interligação entre a lei jurídica, a comunidade e a família, existindo normas formais e informais que asseguravam a estabilidade do modo de vida das pessoas. Como vimos, o espaço das casas não permitia a intimidade e, como se tal não bastasse, a vigilância sempre presente da comunidade e as restrições das leis sociais impediam que se estabelecessem laços emocionais íntimos e que o sentimento fizesse parte da união do casal.

Como se namorava

No namoro tradicional as jovens raparigas camponesas nunca se encontravam a sós com os rapazes, estando sempre presentes grupos de outros jovens (como acontecia nos passeios de domingo à tarde), ou pessoas da comunidade.

Na França e na Alemanha, os principais locais de convívio onde se propiciava o namoro eram os serões de trabalho, os bailes e as festas das aldeias, encontrando-se a presença da comunidade sempre aí a exercer o seu controlo:

- nos serões, denominados "veillées", as mulheres das quintas e aldeias juntavam-se ao cair da noite num celeiro para fiar ou costurar, fazendo-se ou não acompanhar dos maridos. Era então que grupos de rapazes percorriam os celeiros e estabeleciam as primeiras abordagens com as raparigas. Por vezes, no final do trabalho, as pessoas realizavam qualquer divertimento ou dançavam. Era nestes serões que, sob o olhar das mulheres mais velhas, se estabeleciam as primeiras inclinações e afectos entre os jovens, servindo o trabalho de elemento de repressão dos sentimentos

- nos bailes nocturnos, onde as raparigas só podiam ir quando acompanhadas das mães que as vigiavam sempre por perto, não dando aso a que se envolvessem com

proximidade dos rapazes e encontrando-se sempre atentos os olhares da comunidade que comentavam tudo o que fosse estranho ao seu conhecimento

- nas festas das aldeias, apesar da barafunda própria dos comes e bebes e do divertimento nas comemorações de ocasiões do calendário (colheitas, Carnaval, Santos Populares, feiras, etc.) e festas religiosas, mantinha-se sempre a vigilância da comunidade que não permitia aos namorados afastarem-se sózinhos para qualquer canto mais escondido.

Mas, este controlo da comunidade, tão rigoroso no meio rural, já não o era nas cidades durante a mesma época, havendo registos de índices mais elevados de ilegitimidade e de gravidezes nas noivas do meio urbano.

Nas populações camponesas dos séculos XVIII e XIX, embora a formação de casais de namorados fosse feita em público eles acabavam por, tempos depois, se encontrarem a sós, defendendo Shorter que o romantismo continuava a não fazer parte dos seus namoros. Nestas classes rurais, entende não se poder contudo afirmar que o sentimento era nulo nas relações entre os namorados, pois, encontrou sinais de terem existido algumas manifestações de afecto, mas que reconhece não se assemelharem em nada às dos tempos actuais. Os testemunhos encontrados em França, diz darem nota de como nos bailes os pares de namorados se olhavam, se agarravam e roçavam partes do corpo um pelo outro, mas sem a intensidade e a forma que no romantismo do mundo moderno se viria a manifestar.

Acrescenta Shorter que é necessário sabermos que o jovem casal de namorados não começava a namorar sem os pais da rapariga darem o seu consentimento. Para tal, e porque os assuntos dos bens materiais eram prioritários aos do coração, só depois de o pai da rapariga ter conhecimento dos bens do pai do rapaz é que dava ou não o seu

consentimento para o namoro e, caso houvesse concordância o rapaz pedia então a mão da rapariga ao seu pai. A obediência aos desejos dos pais ter-se-á mantido até grande parte do século XX, muito embora os padrões do sentimento entre os camponeses se tivessem modificado por alturas da Primeira Grande Guerra, referindo que para esses jovens a espontaneidade nos laços interpessoais era mínima.

Mesmo nas famílias dos trabalhadores agrícolas que não possuíam propriedades, também não era a atracção física que unia os casais, nem tão pouco a paixão, escolhendo os homens as mulheres pelas suas capacidades de trabalharem nas tarefas domésticas e servirem os maridos nas suas necessidades básicas, bem como de lhes darem vários filhos.

Para a classe dos pequenos burgueses urbanos a mesma falta de romantismo acontecia no namoro, embora tivessem mudado um pouco mais cedo (a partir de meados do século XIX) os aspectos ligados ao interesse no dote de casamento e a afeição através do sentimento. Preservar a honra era, para as raparigas da pequena burguesia, uma tradição inscrita nos códigos da moralidade das famílias desde tempos ancestrais, sendo-lhes vedado saírem sózinhas de casa e onde passavam a maior parte do tempo fechadas, apenas olhando para a rua através das cortinas. Isto contrastava com as classes baixas, onde as raparigas já tinham oportunidade de andarem mais na rua e de saírem com os seus namorados nos contextos acima falados.

O namoro tradicional, orientado para a propriedade, tinha a mão da família e da comunidade a controlarem os desejos sexuais dos jovens namorados e a intervirem na formação dos casais.

Na sociedade tradicional, o interesse económico obstruía, por assim dizer, qualquer possibilidade de as pessoas manifestarem afeição e poderem amar-se.

Segundo Shorter, até 1750 a sociedade tradicional controlava os instintos sexuais da classe dos camponeses solteiros, mantendo a grande maioria deles uma vida sem fantasias eróticas e com provável sublimação dos instintos sexuais. O mesmo parece que não acontecia na classe média, havendo testemunhos que revelam a prática do auto-erotismo entre os jovens estudantes nas escolas secundárias das cidades. As normas da comunidade conseguiam, pois, reprimir a expressão da vida íntima da sexualidade dos jovens rurais, não se sabendo se teriam existido outras formas de contacto físico no namoro como sejam as carícias, mas parece que antes do noivado nada de privado se passava.

Como eram as relações conjugais

Shorter, baseando-se em dados de 1750 a 1850 relativamente aos camponeses de França, encontrou elementos que lhe permitem argumentar que o casamento deste grupo social não se estabelecia por laços afectivos mas sim por motivos relacionados com a propriedade e a tradição familiar, estando os papéis e as tarefas bem definidos entre marido e mulher e de acordo com as expectativas da comunidade. Este modelo de casamento, pautado pela ausência de afectos, pode, de acordo com este autor, ser transposto para toda a sociedade popular tradicional exceptuando-se, pois, o grupo dos nobres e da burguesia.

Nas classes populares o que se privilegiava na ligação do casal tinha mais a ver com a economia do que com a emoção na relação marido-mulher. Assim, o homem dava mais importância aos problemas com a terra e os animais, que contribuíam para a produção, do que com situações que implicassem até doença ou morte da sua mulher, face ao que mostrava mesmo indiferença, servindo mais a mulher como objecto de

satisfação das suas necessidades sexuais. Refere este historiador, não existirem dúvidas de que entre esses pobres camponeses da Europa tradicional, o afecto que nutriam era pela propriedade e pelo gado.

Não se encontravam nestes casais de camponeses pobres vestígios de intimidade, a qual já se manifestava nas classes médias urbanas, havendo antes por parte da mulher uma hostilidade camuflada e reservada, ficando a mulher subordinada ao marido no dia-a-dia da casa e servindo-o como uma criada serve o seu amo.

Até ao início do século XIX, este comportamento com distanciamento emocional nestas classes pobres rurais parece ter persistido, não havendo indícios da existência de manifestações afectuosas no casamento. Mesmo nos casais da burguesia urbana francesa, era notório que a sua vida íntima decorria desligada de afectos, se bem que evidenciassem para o exterior uma felicidade forçada. O desabrochar do sentimento entre homens e mulheres começou primeiro nas cidades e só depois nos campos, tendo também manifestado-se mais cedo nas classes médias e só depois nas mais inferiores.

Os dados encontrados em França sobre a ausência de amor no casamento, parecem contudo fazer supor que caracterizavam toda a Europa tradicional camponesa e pequeno-burguesa, tendo encontrado referências a algumas situações de casais na Alemanha que apontam também no sentido de não estar no casamento a felicidade pessoal, importando antes o trabalho da terra para a sua transmissão às gerações vindouras. Em Inglaterra, para além de existirem poucas referências, também não existe um consenso entre os investigadores sobre o que unia marido e mulher na sociedade rural. Contudo, os colonos ingleses que se lançaram para o Novo Mundo no século XVIII, já permitem que se possa dizer que a sua vida familiar divergia da da

Europa e que foi com esses emigrantes que surgiram as primeiras manifestações do amor romântico na vida conjugal.

No que respeita à sexualidade, as relações eram desprovidas de afecto e sentimentos entre marido e mulher, servindo esta, no meio rural e pequeno-burguês, para satisfação e descarga do impulso sexual do marido e para produzir filhos. Os papéis que cada um deles tinha de desempenhar eram julgados pela comunidade, cabendo ao homem ser dominador e usar a autoridade patriarcal, e à mulher ser-lhe submissa e leal, existindo de facto um fosso sentimental e uma desigualdade enorme nos papéis emocionais exigidos a ambos.

Nos outros domínios da vida doméstica e das relações com o exterior, competia sempre o papel de passividade e de subserviência à mulher, e ao homem o papel de activo e responsável pelas determinações e iniciativas, castigando a comunidade através do ridículo quem não se conformasse e desobedecesse a estas normas.

Como eram cuidados os bebés

As mães da sociedade tradicional manifestavam uma indiferença em relação ao crescimento e ao bem-estar das crianças até por volta dos dois anos, havendo uma despreocupação maternal pelos bebés que persistiu nas classes populares e nalgumas regiões da Europa até aos finais do século XVIII e continuando a fazer-se notar ainda durante parte do século XIX. Era comum nessas pessoas do povo os bebés ficarem sózinhos durante largas horas, enquanto as mães trabalhavam no campo, ficando entregues às circunstâncias que ocorressem (fraldas ensopadas e mal-cheirosas, incêndio pegado às roupas pelas lareiras, animais que os atacavam) e, quando os pais estavam em casa, as atitudes destes também não abonavam a seu favor a maioria das

vezes (embalamento violento, zangas impetuosas dos pais). Aos bebês, ficando ao abandono e sendo negligenciados os seus cuidados, era fácil contraírem doenças, sofrerem e morrerem.

O mesmo quadro acontecia nas cidades industriais, não parecendo que fossem apenas as necessidades económicas que levavam a descuidar do bebê, pois, quando as mães estavam com os seus bebês não mostravam preocupações e afecto, não manifestando também sentimentos de dor quando morriam e sendo a morte encarada como uma benção para esses filhos e também para os pais.

Na sociedade tradicional uma grande maioria destas mães, que com indiferença assistiam à morte dos seus filhos (nem sequer indo ao funeral), eram mães divorciadas que abandonavam os filhos e que de ânimo leve também os entregavam ao marido.

Mas, entre os casais a viverem juntos também era comum os seus filhos legítimos serem abandonados à porta de instituições de caridade, devido a situações de enorme pobreza e miséria, tendo havido grande número de crianças enjeitadas, quer legítimas quer ilegítimas, embora tenham sido encontradas provas de que nem sempre as mães reagiam com indiferença à separação forçada dos seus bebês.

Não era só a extrema pobreza e a ilegitimidade que levava as mães rurais a não poderem cuidar dos seus bebês e abandonarem-nos, pois, na sociedade tradicional constituía um hábito as outras classes sociais urbanas enviarem os seus bebês para longe de casa, para que amas de leite rurais os amamentassem até por volta dos dois anos de idade. Uma vez entregues os bebês às amas, os pais apenas recebiam algumas notícias através de carta, não tendo o hábito de visitar os filhos. Este hábito vigorava sobretudo em França onde, com frequência, essas amas entregavam os seus filhos a outras amas mais baratas para poderem amamentar e ganhar mais com esses bebês

vindos de longe. As classes ricas também tinham amas de leite mas que viviam em casa dos seus senhores para amamentar os bebês.

Apenas nas mulheres dos proprietários rurais eram as próprias mães a amamentarem os seus bebês, mas também porque o que ganhavam no pouco tempo livre que tinham não chegava para pagarem a uma ama de leite.

Entre as mulheres da classe proletária encontraram-se testemunhos de não ter existido a prática das amas de leite, cuidando elas próprias dos filhos e pagando a uma ama enquanto trabalhavam e que alimentava os bebês a biberão o que, segundo Shorter, indicia uma atitude diferente e precursora dos tempos modernos.

As amas de leite rurais vivam em condições de extrema pobreza em casas sujas e degradadas, não tendo as crianças o mínimo de cuidados maternos e físicos que propiciassem um desenvolvimento saudável e ficando até ameaçada a sua sobrevivência dado ficarem isoladas de cuidados médicos e de vigilância administrativa. Perante estas condições, agravadas pela negligência e a indiferença das amas de leite, as taxas de mortalidade dessas crianças legítimas eram elevadíssimas, sendo alta a probabilidade de os pais não verem mais os seus filhos.

Na sociedade tradicional rural a ausência de laços de amor maternos tinha a ver com a impossibilidade de perceber que os bebês eram seres humanos que já sentiam dores e alegrias, não sendo ainda possível os pais colocarem-se imaginária e empaticamente no lugar dos bebês, sendo as mães forçadas a continuar a trabalhar na herdade e a ajudar o marido, não só por circunstâncias materiais difíceis mas por se considerar a propriedade o principal objectivo da vida.

2. A SOCIEDADE MODERNA - O SENTIMENTO

A mudança da família tradicional para a família moderna, fez-se sentir através do seu afastamento das inter-relações com a comunidade próxima, passando a dar-se preferência aos laços de afecto com os familiares próximos e deixando de ser a propriedade o valor essencial a transmitir às gerações, descobrindo as pessoas que existem outros valores mais importantes na vida e que se baseiam nas emoções.

Shorter define o sentimento como sendo uma “disposição” que permite que os laços emocionais com outras pessoas seja dos objectivos prioritários da vida, considerando que foi na sociedade moderna que desabrochou e se manifestou em três domínios essenciais da vida:

- no namoro, onde a escolha do parceiro baseada no afecto é importante para a felicidade pessoal e o que se sobrepõe aos valores tradicionais relacionados com o interesse da família e o valor do dote

- nas relações mãe-bebé, onde o bem-estar do bebé aliado ao “amor maternal” se torna o objectivo prioritário, limitando a mãe o seu trabalho tradicional realizado no campo ou na tecelagem

- no lar, onde a privacidade e a intimidade se sobrepõem à interferência tradicional da comunidade dentro da família, e a que chama “domesticidade”.

As mudanças no namoro

O sistema de valores do namoro tradicional, baseado na transmissão de terras de geração em geração, na fidelidade e na responsabilidade para com a comunidade, foi substituído na sociedade moderna por valores que contemplam a felicidade pessoal e o

auto-desenvolvimento dos jovens que, face ao desejo de serem livres, passaram a realizar as suas próprias ambições pessoais, deixando o namoro de ser feito em público e passando a ser privado.

Antes do casamento, o modo como os namorados se entendem sexualmente é importante para a história da família, considerando Shorter existirem duas importantes mudanças históricas na sexualidade dos jovens e a que chamou “revoluções sexuais”. A primeira começou nos fins do século XVIII quando os jovens deixaram de atender aos valores exteriores, relacionados com a propriedade e a escolha do cônjuge de acordo com o desejo dos pais e começaram a ter por critérios o afecto e a compatibilidade pessoal. A segunda aconteceu durante os anos de 1950 e de 1960 quando os jovens, mas também os adultos de diversas idades, começaram a experimentar o sentimento romântico e a achar o erotismo como um bem precioso nas relações entre as pessoas, fazendo das relações sexuais pré-conjugais uma experiência importante.

Shorter define “(...) amor romântico como a capacidade de espontaneidade e de empatia numa relação erótica” (p. 21), respeitando a espontaneidade à rejeição das formas tradicionais nos assuntos interpessoais tal como eram impostas pela comunidade. A empatia, enquanto capacidade de uma pessoa se colocar no lugar da outra, tem como consequência que, da intensa troca emocional, as vidas e as emoções dos homens e das mulheres deixem de se basear na divisão do trabalho de acordo com os papéis sexuais, sem o que o encontro emocional não é viável. Através do romantismo o casal explora-se mutuamente nas suas individualidades complexas, brotando espontaneamente todos os gestos e formas de ternura. Nas relações eróticas, a empatia e a espontaneidade tornam possível o amor romântico e têm expressão no

que Shorter denomina de “sexualidade afectiva” a qual, enquanto busca interior, se tornou essencial nos tempos modernos.

Para se conseguir a concretização do comportamento romântico foi necessário não só um distanciamento da comunidade, que até aí impunha as tradições, mas também a existência de privacidade que permitisse novas formas de proximidade física e intimidade, fora dos olhares dessa mesma comunidade. A revolução romântica iniciou-se ainda no final do século XVIII, estendendo-se a vários países e classes sociais durante o século XIX, e passando a ser no século XX a característica essencial do comportamento amoroso. Implicou, pois, não só um relacionamento novo entre os namorados mas também destes com a sociedade à sua volta. Os primeiros testemunhos desta mudança (cartas de amor) foram encontrados por Shorter em França, no grupo dos artesãos, portanto, fora da classe rural.

O dado mais fiel para provar que as pessoas passaram a casar por amor e não pelos bens materiais, levou Shorter a basear-se em provas sobre a realização de casamentos entre pessoas doutras aldeias e também de categorias sociais e profissionais diferentes, deixando de casar apenas dentro do seu núcleo de origem e com parceiros com as mesmas afinidades de trabalho. Dados destes encontrou-os não apenas em regiões da França mas também da Europa, aumentando cada vez mais e até aos dias de hoje a probabilidade de se contrair casamento com pessoas de diferentes condições sociais e de regiões e países diferentes.

Uma outra tendência encontrada, e que é a favor da existência de relações românticas entre homem e mulher, é o facto de ter passado a haver uma maior proximidade nas idades dos namorados, tendo diminuído consideravelmente, desde os finais do século XVIII, a probabilidade de se namorar pessoas com grande diferença

de idades, passando a haver entre iguais novas emoções que se descobrem e se desenvolvem.

Baseando-se em estatísticas sobre a frequência de relações sexuais antes do casamento (apoiando-se nas gravidezes e nos nascimentos ilegítimos), Shorter encontra nestas uma ligação com o comportamento romântico na medida em que, enquanto na sociedade tradicional o fazer sexo acontecia mais de acordo com os feriados e festas, não havendo indícios de continuidade ao longo do ano, o mesmo deixou de acontecer nos tempos modernos onde o sexo passou a fazer parte da vida das pessoas solteiras.

Entre meados do século XVIII e meados do século XIX deu-se um aumento dos nascimentos ilegítimos que pressupõe um correspondente aumento na sexualidade extra conjugal. A existência de outros dados, baseados em queixas da comunidade e em comentários de médicos e administradores públicos sobre a imoralidade sexual nos jovens, confirmam ter existido nesse período um aumento das relações sexuais antes do casamento, dados que revelam, para Shorter, uma mudança na vida íntima das pessoas. Quer na Alemanha quer em França, encontraram-se registos que confirmam a existência da prática sexual pré-conjugal a qual se terá tornado comum. Embora os governos não incentivassem que os jovens rapazes e raparigas trabalhassem juntos na mesma fábrica, por exemplo, o que é certo é que as suas determinações também não eram censuráveis dessa imoralidade. Noutros locais da Europa também se encontraram testemunhos sobre esta mudança da moral sexual antes do casamento e que apoiam a tese de Shorter sobre esta primeira revolução sexual pré-conjugal.

A ilegitimidade, quando atingiu o seu auge em França era quase exclusiva das classes baixas (criadas domésticas, costureiras, proletárias) e só depois apareceu, e em

menor escala, nas classes médias. Nestas, contava muito a honra da família e a reputação moral da rapariga burguesa que, se violasse a sua virgindade via a segurança emocional e a felicidade arruinadas. Só nos finais do século XIX as raparigas da classe média começaram a dar à luz filhos ilegítimos, tendo as relações sexuais pré-conjugais tornado-se uma realidade para essas mulheres solteiras com a viragem do século.

A sociedade tradicional que se mantivera com os seus princípios inalterados, acabaria por dar lugar aos actuais tempos modernos com a mudança no comportamento sexual pré-conjugal e a vivência da vida íntima entre homem e mulher. As práticas eróticas romperam com as defesas da comunidade e os jogos sexuais passaram a preencher as relações entre homem-mulher, tal como é comprovado pela subida dos nascimentos ilegítimos nos finais do século XIX. O aumento dos comportamentos auto-eróticos teriam também apenas surgido, de acordo com Shorter, no início do século XX, sendo manifestos tanto nas classes baixas como nas médias.

A segunda mudança no namoro aconteceu com um aumento rápido da prática da sexualidade pré-conjugal na década de 1960, tão rápido que nem o uso da pílula anticonceptiva nem a divulgação da venda facilitada de preservativos conseguiu travar a subida de gravidezes fora do casamento. É dado como certo que o comportamento sexual se alterou significativamente desde o pós-guerra e até finais dos anos 60, altura em que a pílula manifestou os seus efeitos anticonceptivos, tendo todos os países ocidentais assistido ao aumento das taxas de ilegitimidade no pós-guerra.

No que respeita às jovens da classe média, existem vários levantamentos em população estudante que revelam que neste grupo da sociedade ocidental os valores dos padrões sexuais se modificaram durante a década de 1960 e início da de 1970,

dissolvendo-se para a jovem rapariga o mito da virgindade pré-nupcial e assistindo-se a uma grande mudança nos comportamentos sexuais. Já antes de 1965, no período pré-pílula, os dados relativos às gravidezes pré-conjugais e aos nascimentos ilegítimos iam no mesmo sentido. O que é certo é que os estudantes de vários países da Europa praticavam mais os prazeres da sexualidade e não se sentiam culpados a seguir, acontecendo o mesmo na América e Canadá, e tendo a comunidade passado a ser menos reprovadora da sexualidade pré-conjugal.

Nesta segunda revolução, a sexualidade pré-conjugal generalizou-se entre as várias classes sociais, não implicando as relações sexuais nenhum comprometimento de continuidade no futuro com o mesmo parceiro.

O comportamento erótico pré-conjugal atrás falado, fez-se acompanhar do aparecimento de laços de sentimento entre os casais, aparecendo na família as manifestações de afecto e de romantismo.

Se na primeira revolução sexual o afecto passou a determinar a escolha do parceiro, na segunda revolução o amor romântico passou a rejeitar a pressão da sociedade próxima, estendendo-se a quase todas as camadas sociais (com excepção da alta burguesia francesa) e aparecendo também a quebra na monogamia vitalícia.

Na década de 1960 pode dizer-se que já estava completamente abolida a intervenção dos pais na escolha dos parceiros dos jovens, acontecendo também nesta década as raparigas passarem a ter mais do que um namorado, embora um de cada vez, e com quem praticavam sexo. Passou a ser aceite socialmente que enquanto solteiros se podia mudar de um grande amor para outro, continuando os sentimentos apaixonados a manifestarem-se pelos novos parceiros sexuais.

Durante as décadas de 1960 e 1970, surgiram em vários países as relações sexuais múltiplas antes do casamento continuando o envolvimento romântico a expressar-se, de acordo com inquéritos efectuados a jovens que em grande percentagem manifestavam que fazer sexo implicava ter sentimentos amorosos. Os resultados de sondagens efectuadas, de que sexo implica amor, vão no sentido de que estes relacionamentos monogâmicos pré-conjugais só são possíveis quando deixa de existir o controlo da família e da comunidade próxima, funcionando muitas vezes o namoro no anonimato.

Em resumo:

- na sociedade tradicional a sexualidade nos solteiros não tinha como finalidade a realização pessoal, tendo as pessoas relações sexuais geralmente só quando o casamento era dado como certo e sendo o sexo visto essencialmente com finalidades de procriação e não como fonte de alegria e de prazer, sendo desprovido de emoção, de paixão e de afecto

- na primeira revolução sexual os desejos libidinais vieram ao de cima, rompendo os homens e as mulheres com as barreiras sociais e passando a viver a intimidade emocional com vista à felicidade e à vivência duma personalidade mais satisfeita e não circunscrita aos deveres sociais

- na segunda revolução sexual a maior intimidade no namoro aliada ao grande desejo de liberdade pessoal, propiciou a que a realização pessoal fosse alcançada com a participação dos prazeres do sexo

- a grande revolução no namoro, com a participação dos elos românticos entre o casal, passou a acontecer quando o namoro se tornou privado e deixou de estar sujeito

ao controlo da comunidade adulta e dos grupos de iguais que se acompanhavam com a mesma finalidade

- considera Shorter que entre os padrões sexuais e os sentimentos existe uma interligação, tendo as mudanças do comportamento pré-conjugal nas duas revoluções sexuais contribuído para o desenvolvimento do sentimento.

As mudanças na relação mãe-bebé

Se amamentar os bebés ao peito era importante, as mães da sociedade tradicional que perdiam os seus filhos começaram a dada altura a ficar abaladas quando, ainda no século XVIII, muitos bebés colocados em amas de leite rurais morreram. Para salvar os seus bebés, muitas mães de classes abastadas começaram a amamentar fazendo-o mesmo em público e escandalizando com essa prática a sociedade. Poucos anos depois, apareceu uma epidemia de sífilis e um aumento de propagação de doenças venéreas nas amas, vindo-se muitas mães obrigadas a amamentar os seus filhos e o que propiciou colocarem-se mais sintónicas com as leis da natureza.

Com o início do século XIX diminuiu a procura das amas de leite mercenárias, primeiro nas classes médias e depois nas classes baixas. Mas, foi entre as classes altas que se iniciou a amamentação feita pelas próprias mães, tendo, em Paris, a difusão das ideias sobre a pedagogia da criança tido o seu efeito junto dessas mães. As mães das classes altas começaram a perceber que amamentar não era só sinónimo de fadiga, mas que daí se retirava prazer e vantagens para a saúde e o bem-estar da criança.

Antes do final do século XVIII as classes mais baixas também já tinham começado a aderir a este processo de mudança na atitude maternal, o que fez diminuir

bastante as taxas de mortalidade infantil, conquistando a amamentação cada vez mais o coração das mães. Durante o século XIX continuou a progredir a amamentação mãe-filho dentro da classe média, indicando, para Shorter, esta nova experiência os primórdios de uma revolução no amor maternal, aliada ao facto de se terem encontrado elementos indicativos de que as amas começavam a mudar de atitude, acarinhando os bebés de peito como se fossem seus filhos e não amamentando apenas pelo dinheiro. De negligentes e indiferentes, as amas começaram a ser responsáveis e afectuosas, chegando mesmo a mostrarem dificuldade e até impossibilidade de se desligarem mais tarde desses bebés, ficando a cuidar de crianças enjeitadas mesmo sem serem pagas. Factos destes são, sem dúvida, significativos do avanço do sentimento e do amor maternal nas classes populares.

Em França, entre as duas Guerras Mundiais, a tendência de deixar os bebés entregues a amas de leite foi diminuindo, aumentando em contrapartida a amamentação ao peito materno e nas amas mercenárias que ainda existiam cada vez se notava mais as suas manifestações amorosas para os bebés, sendo também menos economicistas.

Noutros países da Europa, a tendência em ser a mãe a amamentar o seu bebé também aumentava, havendo umas regiões que o faziam ao peito e outras mais ao biberão, acontecendo nalguns países as mães serem aconselhadas pela saúde pública a tirarem licença do emprego. Contudo, nem em todas as regiões da Europa esta revolução nos cuidados maternos se tinha instalado, havendo mulheres que, por necessidades económicas, continuavam a trabalhar e deixavam os seus filhos em infantários diurnos, embora conhecedoras que a saúde dos bebés corria maiores riscos.

A partir dos finais do século XVIII e durante o século XIX, encontraram-se na classe média outros indicadores, para além da amamentação ao peito materno, que evidenciam a existência de uma mudança nos cuidados maternos concomitante com o aumento do sentimento maternal como sejam, a maior procura de médicos para os seus filhos bem como de literatura sobre puericultura e higiene infantil.

Dados estatísticos indiciam também um crescente sentimento maternal nas mulheres solteiras e casadas nos anos que rodeiam os meados do século XIX, tais como o revelam a diminuição do número de crianças nos internatos e um maior reconhecimento dos filhos ilegítimos, não os enjeitando. As mães de filhos ilegítimos começaram a ter uma atitude menos culposa perante a sociedade, sendo muitas dessas crianças legitimadas e passado a ser aceites e criadas como as legítimas, o que revela que o amor da mãe pelo seu bebé era uma realidade.

No início do século XX já se encontrava praticamente consolidada em quase todos os países esta atitude maternal de características emocionais, não se encontrando em meados deste século situações de excepção a esta regra, e começando a interacção mãe-bebé o seu caminho de descoberta, exploração e desenvolvimento.

Com o surto do sentimento, a relação mãe-bebé fez com que na sociedade moderna a criança passasse a ocupar o primeiro plano das preocupações maternas, proporcionando esta nova relação uma melhor compreensão de como se formou a domesticidade, ou seja, a privacidade e a intimidade no seio da família. Foi o amor maternal pelos bebés que fez com que se estabelecesse uma nova base emocional em toda a família e que esta se afastasse da vida da comunidade como fulcro da vida.

As mudanças no lar

Na sociedade tradicional, os membros da família viviam muito afastados do lar e uns dos outros, juntando-se mais, pela idade e sexo, a grupos de iguais. Entre estes grupos, os de jovens rapazes tiveram grande implementação em vários países, constituindo-se em sociedades religiosas e organizações militares locais que mais tarde, na época moderna, se fundiram e passaram a ter outras funções, como seja por exemplo na organização das festas das aldeias. Também as jovens raparigas se juntavam, geralmente em reuniões ligadas a acções da Igreja, mas também fazendo parte de grupos da comunidade. Depois de casarem, deixavam de pertencer a essas organizações, mas a comunidade de adultos encarregava-se de ter locais públicos nas aldeias e vilas onde se juntavam os homens - tabernas e cafés onde bebiam, jogavam às cartas e falavam uns com os outros -, afastando-os das suas famílias fora das horas de trabalho. Nas cidades também existiam, além dos cafés, um género de clubes onde se reuniam os homens, comendo, bebendo, fumando, conversando e jogando, nas horas de ócio da noite e do dia. As mulheres casadas e as suas filhas casadouras, apenas se reuniam de vez em quando aos serões em celeiros, tendo estas reuniões nocturnas um misto de trabalho e de festa, como já vimos atrás, e onde por vezes os homens também participavam. Na Europa tradicional, as pessoas passavam mais tempo fora de casa do que viria a acontecer nos tempos modernos.

No modelo tradicional, a comunidade estava naturalmente envolvida e participante nos acontecimentos fulcrais da vida do indivíduo: o nascimento com o inerente baptizado, o casamento com os seus festejos característicos e a morte onde havia uma refeição após o enterro. Não eram só os familiares próximos e os vizinhos mas toda a comunidade que participava das cerimónias e festejos de cada uma destas

situações, colaborando e trabalhando para os acontecimentos que caracterizavam e definiam estas celebrações sociais.

A comunidade tradicional funcionava como uma autoridade, levando as pessoas a submeterem-se às regras colectivas mediante uma técnica disciplinar denominada assuada. Esta consistia em humilhar publicamente, e de forma geralmente barulhenta acompanhada de manifestações do tipo carnavalesco, os indivíduos que cometiam transgressões às normas socialmente aceites, podendo dar lugar também a pagamento de qualquer forma de tributo (pagar uma festa, por exemplo). De entre as transgressões contam-se as de ordem sexual - homens casados que engravidam mulheres solteiras, mães solteiras -, não sendo os adultérios entre casados de um modo geral punidos, mas já sendo alvo de assuada: o casamento entre pessoas díspares (com grande diferença de idades e viúvos casarem com solteiros, por exemplo); o não cumprimento de certas obrigações dos costumes sociais (por exemplo, não abrir ao público o baile de casamento e noivas grávidas casarem de vestido branco); a inversão dos papéis sexuais dentro do lar (homens fazerem trabalhos domésticos reservados às mulheres) e sobre a autoridade patriarcal (como era o caso dos maridos batidos pelas mulheres, sendo a sociedade mais tolerante quando eram os maridos a baterem nas mulheres). Nas cidades da sociedade tradicional também se praticou a assuada até perto do século XIX, embora com menor incidência, encontrando-se esta prática punitiva difundida por vários países mas com algumas diferenças uns para os outros. A assuada tinha, pois, como função a manutenção da ordem dentro da família, sendo aplicada pela comunidade que assim interferia na privacidade e na intimidade do lar. A comunidade contribuía desta forma para uma vigilância constante do comportamento dos indivíduos, fazendo-os lembrar o cumprimento do respeito pelas normas sociais.

Toda esta relação família-comunidade se modificou quando o sentimento se fez anunciar nos tempos modernos, através de três grandes manifestações: o amor romântico, que permitiu ao casal viver o afecto e desligar-se do controlo sexual da comunidade; o amor materno, que permitiu através do envolvimento com o bebé e sua extensão aos outros membros da família nuclear que a mulher se afastasse da comunidade; a domesticidade, que conferiu à família consciência da sua unidade emocional e da sua necessidade de preservação face à intrusividade da comunidade exterior, passando os membros da família a sentirem mais solidariedade entre si do que sentiam antes entre os grupos de iguais.

A domesticidade começou no início do século XIX e, tal como o amor materno, apareceu primeiro na classe média e só depois se estendeu à classe baixa (acontecendo o inverso com o romantismo), encontrando-se já enraizada em muitas regiões perto do final do século XIX. Entre as duas guerras mundiais o lema do lar doce lar tinha conseguido vencer os focos de luta entre a comunidade e a domesticidade, tendo esta saído vitoriosa da conquista da privacidade familiar em toda a sociedade tradicional.

Na sociedade tradicional os familiares próximos pouca importância tinham nos aspectos emocionais da família, servindo mais como apoio material em caso de necessidade, passando na família contemporânea a serem importantes os laços afectivos mantidos com os pais do casal, irmãos, sobrinhos, tios e primos mais chegados. Em vários países as pesquisas de Shorter sobre as diferenças entre a sociedade tradicional e a contemporânea, em relação aos parentes e à comunidade, mostram a mudança nas relações, das características instrumentais para as afectivas, a par do desligamento dos conhecidos e vizinhos na sociedade moderna onde, os laços

de parentesco têm grande importância e a família nuclear se isolou e distanciou da sociedade à sua volta.

A família nuclear do mundo contemporâneo organizou-se a partir da emergência da relação mãe-bebê, expandindo-se este desenvolvimento emocional aos outros filhos mais crescidos e ao marido e caracteriza-se por um estado de espírito vivido num clima de unidade doméstica privada desligada da comunidade.

A última das três grandes manifestações do sentimento, a domesticidade, tornou o lar confortável e expandiu-se para a comunidade, começando pela classe média e alcançando depois a classe baixa.

3. O PAPEL DO CAPITALISMO NAS MUDANÇAS DA SOCIEDADE TRADICIONAL PARA A SOCIEDADE MODERNA

Como vimos, foi o amor romântico que passou a unir o casal em vez dos bens materiais através da propriedade, deu-se importância ao bebê e ao amor materno na sociedade moderna após ultrapassadas as enormes dificuldades de subsistência dos tempos difíceis da sociedade tradicional e a família passou a ser apreciada mais pelos laços emocionais que unem os esposos e os filhos do que pela unidade de reprodução económica que antes representava.

A primeira revolução do sentimento entre os solteiros, ocorrida no século XVIII, deu-se na mesma altura em que o capitalismo irrompeu nas classes trabalhadoras, tendo esta nova economia de mercado estado na base da alteração dos valores e do comportamento das pessoas quando do salto da mentalidade tradicional para a moderna. O sistema de produção no mercado livre capitalista baseava-se na lei do individualismo, procurando cada pessoa o seu interesse pessoal, comprando barato

e vendendo caro e entrando na competição económica com os seus semelhantes. Esta mentalidade egoísta das pessoas contracenava com a anterior, onde o comportamento económico envolvia considerações de ordem humanitária mas que tornavam o mercado ineficaz.

A aprendizagem desta forma de egoísmo económico fez com com se estendessem estas mesmas ideias a outras esferas da vida comunitária, reflectindo-se particularmente na mudança do comportamento familiar e sexual, entendendo Shorter que, nos finais do século XVIII, o desejo de liberdade sexual e emocional dos jovens se originou com as ideias do sistema de mercado capitalista. Nas relações homens-mulheres o desejo de ser livre manifestou-se no amor romântico (aumentando os filhos ilegítimos), aparecendo aqui também o capitalismo a envolver as pessoas na força do trabalho de mercado, ganhando maior importância a gratificação individual do que o bem-estar colectivo.

O desejo de ser livre foi mais notório nas mulheres do que nos homens, explicando-o Shorter com o facto de as jovens raparigas terem começado a ter emprego, o que lhes conferia independência económica e possibilitava poderem sair da alçada das restrições sexuais dos pais e da comunidade. Foi principalmente nas cidades do século XVIII que, fruto da vida mais livre das mulheres, subiram os nascimentos ilegítimos, rompendo com a cultura tradicional da repressão da sexualidade.

Nas classes mais baixas, que não possuíam propriedades para zelar e transmitir às gerações futuras, surgiram os primeiros trabalhadores proletários da economia de mercado capitalista, sendo nas raparigas solteiras deste grupo que as experiências sexuais do namoro conseguiram ultrapassar as barreiras do controlo da comunidade para darem liberdade às suas vidas íntimas. Os capitalistas propriamente ditos não

fizeram parte desta revolução sexual, mantendo-se fiéis à tradição dos seus valores familiares.

Como também vimos, foi entre a classe média que se iniciou a revolução em relação ao amor materno. Ora, foi precisamente a classe pequeno burguesa da sociedade tradicional que, possuindo alguma produção própria e investimento de algum capital, por pequeno que fosse, passou a crescer economicamente com as leis do capitalismo, em detrimento dos trabalhadores que nada tinham para investir. A prosperidade material permitiu que as mães deste grupo social se libertassem das tarefas tradicionais femininas, podendo aplicar o tempo no investimento afectivo dos filhos visto não terem de se preocupar com a produção económica.

O capitalismo, com as suas noções de que o bem-estar individual era prioritário à submissão à comunidade, fez com que a família se aninhasse na proximidade das relações com as pessoas do seu lar, rompendo com a intromissão da comunidade no seu espaço próprio, aparecendo a família nuclear a substituir a família tradicional. Foi também na classe média que se iniciou a formação da família nuclear, devido a ter sido o bebé o primeiro alvo da intimidade emocional.

4. A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA - QUE CARACTERÍSTICAS ?

Nas décadas de 1960 e 1970 a família nuclear começou a desabar, dando lugar à família contemporânea que se encontra ainda em mudança e a caminhar para algo de desconhecido.

A instabilidade da família actual tem como consequência a subida dos divórcios e é o resultado de que, depois de se substituir a propriedade pelo sentimento passou a

ser o sexo o vínculo que liga homem e mulher. Lembra Shorter, que o afecto e o amor romântico ao terem origens no inconsciente estão sujeitos a características imprevisíveis e transitórias, dissolvendo-se a família quando o amor desaparece. Os casamentos deixaram de ser para toda a vida e começaram a reorganizar-se com novos cônjuges outras famílias, o que se deve, segundo Shorter à importância atribuída à vida erótica entre o casal e à maior independência económica das mulheres que, ao poderem auto-sustentar-se, também alcançaram mais liberdade.

Enquanto que na família nuclear era dada grande importância às relações entre gerações, os adolescentes das décadas de 60 e de 70 começaram a desligar-se dos valores dos pais e da influência da família, voltando-se mais para o grupo dos seus iguais que passou a ter cada vez mais influência na socialização dos jovens na Europa.

Na família pós-moderna, o papel de educadores que os pais desempenhavam na família nuclear moderna começou a sofrer alterações, transferindo-se em grande parte esta tarefa para o grupo dos iguais. De um modo geral, os pais deixaram de ser os representantes funcionais da linhagem da família e passaram a ter um papel de amigos dos seus filhos numa relação que se mantém afectiva.

Enquanto que a família nuclear assentava na relação mãe-bebé, estendendo-se emocionalmente esta relação aos outros filhos e ao marido, a família pós-moderna ao apoiar-se nos valores eróticos da sexualidade veio tornar o casamento instável, rumando em novas direcções toda a estrutura da família contemporânea. Ao considerar que a crise da família pós-moderna é uma crise da emoção (do apego e da rejeição), entende Shorter que o papel do historiador da família pode ser o de recuperar a narrativa dos sentimentos.

Capítulo II

CULPABILIDADE

A PSICANÁLISE E OS SENTIMENTOS DE CULPA INCONSCIENTES

No segundo eixo deste estudo, a *culpabilidade*, baseamo-nos no estudo psicanalítico da culpa levado a cabo por L. Grinberg em *Culpa e Depressão*, (1994) e para o qual se apoiou numa extensa revisão bibliográfica, começando por desenvolver a origem dos sentimentos de culpa inconscientes, expressos ao longo da evolução histórica do homem através das manifestações da Religião, da Moral e da Ética.

Salienta a importância da relação da mãe com o bebé relativamente às ansiedades dos primeiros tempos de vida e o papel decisivo da mãe na organização da personalidade do bebé, explicando também a influência dos sentimentos de culpa no adoecer mental e físico, os quais considera serem uma expressão do conflito entre o instinto de vida e algumas manifestações do instinto de morte. É a partir destes conceitos, e da sua dualidade, que considera existirem duas qualidades diferentes de culpa, a persecutória e a depressiva, explicando predominar uma ou outra na personalidade do indivíduo, e correspondendo a culpabilidade à qualidade depressiva dos sentimentos de culpa.

1. A ORIGEM HISTÓRICA DO SENTIMENTO DE CULPA

Mito e Religião

A fim de estudar a origem do sentimento de culpa, Grinberg começa por se basear em S. Freud e na sua obra *Totem e Tabu*, focando o papel que representam o Mito e a Religião na vida do homem, ao longo de toda sua existência histórica.

De acordo com as teorias evolucionistas, o homem primitivo vivia em pequenas hordas sob o domínio de um chefe que exercia de forma despótica e ilimitada o seu poder, sendo todas as mulheres sua propriedade exclusiva e quando os varões manifestavam ciúmes e inveja, eram sacrificados, castrados ou expulsos da horda.

Este tipo de organização social alterou-se quando os irmãos que viviam na mesma comunidade se associaram para matar o pai e o devoraram logo de seguida, tendo este canibalismo sido interpretado como o desejo de se identificar com o pai incorporando uma parte dele. Após o ódio dos filhos ter sido satisfeito matando o pai, surgiram os sentimentos amorosos, que se encontravam reprimidos, mas dando lugar ao remorso e ao sentimento de culpa. O pai morto veio a adquirir um poder ainda maior do que aquele que tinha tido em vida, muito embora os irmãos renunciassem a recolher os frutos do seu crime, abstendo-se de ter contacto sexual com as mulheres da horda. Daqui procedeu o tabu do incesto e a instituição da exogamia, sendo deste modo que a partir do sentimento de culpa surgiram os dois principais tabus do totemismo: o parricídio e o incesto.

O pai foi depois substituído por um forte e terrível animal que constituiu o totem e para o qual transferiram a ambivalência dos sentimentos que tinham experimentado para com ele, existindo no entanto o medo da retaliação através da vingança do

fantasma do morto. O desejo de libertação desse fantasma impulsionou à destruição total do totem, levando ao canibalismo, ou seja, comê-lo para o aniquilar e fazê-lo desaparecer completamente. Existia em certos rituais a obrigação de ingerir completamente a vítima, havendo periodicamente uma festa onde era sacrificada uma vítima e comida por todos os assistentes. A orgia que frequentemente se seguia à morte do deus totem, prova que a destruição do mesmo libertava os seus adoradores da sua influência, pelo menos durante um certo tempo.

Mas, para além do ódio inconsciente para com o pai existia também amor e veneração para com ele pelo que, depois de o perderem procuravam introjectá-lo psíquica e fisicamente a fim de que o Eu do sujeito se pudesse transformar no do objecto.

Para Money-Kyrle, referido por Grinberg, a repetição simbólica do parricídio através do sacrifício e da comida de um animal totémico, não obedece simplesmente a uma compulsão de repetição como entendia Freud, mas tem a ver com o facto de o pai actual suscitar os mesmos afectos ambivalentes que o pai primitivo, estando presente através dos tempos o ódio inconsciente para com os pais. A adoração do totem como um substituto do pai primitivo constituíu, segundo Freud, a primeira forma de religião através da realização de festas comemorativas e de proibições, cujas transgressões eram castigadas com a morte.

Nas religiões primitivas o pai era frequentemente personificado com o céu e a mãe identificava-se com a terra, projectando-se de um modo geral na família celestial e não na terrena os sentimentos e tendências implicados no complexo de Édipo. A tendência para o filho ocupar o lugar do pai foi um processo que adquiriu cada vez maior força ao longo da evolução humana, tendo o aparecimento da agricultura

determinado um aumento da importância do filho na família, ocasionando a que surgissem novas manifestações da sua libido incestuosa relativamente à satisfação simbólica do cultivo da terra-mãe. Foi então que nasceram as divindades juvenis da vegetação - Atis, Adonis, Osiris, Dioniso, entre outras - que disfrutavam os favores amorosos das divindades maternas e realizavam o incesto desafiando o pai.

Mas a consciência de culpa manifesta-se também nos mitos, visto que as jovens divindades costumavam ter uma vida curta, ou então eram castigadas com a castração pela cólera da divindade paterna ofendida, representada sob a forma de um animal - é o caso de Adonis que é morto por um javali (animal sagrado de Afrodite), o caso de Atis, amante de Cibele, que morre castrado, e ainda Dioniso que é representado nos mitos como tendo sido morto violentamente pelos Titãs enviados por Juno e depois comido.

Por outro lado, um dos aspectos importantes do culto das religiões tem a ver com o culto dos mortos que existiu em muitas religiões da antiguidade e que se manifesta, de forma indirecta, em algumas religiões actuais. Entre os povos primitivos, existia uma série de rituais tendentes a evitar os perigos vindos da pessoa morta, a qual suscitava horror, encontrando-se implícito no culto dos antepassados o medo para com eles, o que é resultado duma consciência de culpa da pessoa viva devido a sentimentos ambivalentes que experimentou para com a pessoa morta e o que se expressa frequentemente de forma persecutória.

É a ambivalência da afectividade humana, explicada por Freud, e segundo a qual por detrás de um sentimento amoroso existe uma hostilidade inconsciente que faz com que a pessoa se sinta culpada pela morte do seu ente familiar, o que conduzirá às práticas religiosas do culto dos mortos. A ambivalência experimentada para com os

pais pode ter diversas formas de expressão, sendo uma atitude frequente e que se pode observar nas religiões recorrer-se à dissociação entre os aspectos negativos e maus do pai e aos seus aspectos poderosos e protectores, podendo encontrar-se as raízes das primeiras dissociações quando o bebé se confronta, de acordo com M. Klein, com os objectos persecutórios e os objectos idealizados.

No inconsciente subsiste um sentimento de culpa de carácter infantil e irracional, podendo dizer-se que as crenças e os sentimentos religiosos ficam a dever muito à necessidade de apaziguamento da culpa moral inconsciente, baseando-se qualquer religião na ideia de pecado, ou seja no sentimento de culpa que se experimenta por não se cumprirem as normas prescritas.

Existe uma certa semelhança entre a atitude da criança pequena face aos pais e a dos adultos para com os poderes personificados por um deus, dependendo deste na fantasia do indivíduo, a sua saúde, a sua felicidade e até a sua própria existência.

Nas religiões da antiguidade bem como nas religiões posteriores encontra-se latente o complexo de Édipo, tendo o animal totémico sido substituído por um deus que representa o pai primitivo.

Na base de qualquer religião existe a necessidade de apaziguar o sentimento de culpa e apelar a um substituto paterno, implícito na imagem de deus, com características superegoicas, e perante o qual se experimenta uma forte ambivalência, tentando-se obter a reconciliação com o Pai, e o que originou dois tipos distintos de religião: enquanto que na religião judaica as relações são estabelecidas directamente com o pai, na religião cristã é por intermédio do Filho de Deus, que sobre si carrega os pecados da humanidade e que se oferece a si próprio como vítima expiatória perante a ira do Pai, que se obtém o perdão, a reconciliação e o amor para a salvação da

humanidade, tendo esta por finalidade o restabelecimento da harmonia da situação familiar original, e a supressão dos ciúmes, da rivalidade e da hostilidade nela latentes. Mas, enquanto que o povo judeu nega a morte do pai, o que segundo Freud, determinou que expiassem com um aumento da sua culpa ao longo dos anos, os cristãos aceitam e confessam a sua culpa da morte violenta de Deus através do oferecimento do seu Filho como sacrifício.

T. Reik, citado por Grinberg, em *Mito e Culpa*, refere que um dos mais antigos conceitos da humanidade estabelecia que o crime não era um facto individual, devendo a culpa e a consequente responsabilidade do crime ser suportada por toda a comunidade apesar de só uma pessoa o ter cometido, estabelecendo os teólogos, tal como referem as Sagradas Escrituras, que a origem do sentimento de culpa da humanidade advém do “pecado original” devido à “fraqueza do homem”. Reik, refere também que a origem da culpa no “pecado original” tem a ver principalmente com a agressão e não com os componentes eróticos da transgressão sexual. Concordando com Freud, em *Totem e Tabu*, Grinberg assinala que no mito do cristianismo o pecado original se refere ao pecado contra Deus Pai, redimindo o sacrifício de Cristo o crime realizado pelos seus irmãos contra o Pai, colocando-se ao mesmo tempo em lugar do Pai.

Expressando a religião as tendências superegoicas e repressivas da mente, Grinberg refere Freud quando, em *O Futuro de uma Ilusão*, escreve que o homem coloca nas forças da natureza um carácter paterno convertendo-as em deuses de acordo com um protótipo infantil e filogenético, constituindo as ideias religiosas ilusões e tentativas de realização dos desejos mais antigos e prementes da humanidade, mecanismos defensivos perante as angústias mais intensas. Do ponto de vista da

psicanálise a busca de crenças religiosas pelo ser humano tem a ver com defesas contra essas angústias e, principalmente, contra o sentimento de culpa existente em cada indivíduo.

2. ORIGEM DOS SENTIMENTOS DE CULPA INCONSCIENTES

Tabu e Magia

O Tabu representa o mais antigo código não escrito da humanidade, remontando a uma época anterior à existência de deuses ou de qualquer religião, significando algo de inatingível e que se manifesta através de proibições ou interdições, tendo simultaneamente “(...) dois significados opostos: por um lado «sagrado» e por outro «impuro, proibido, perigoso»”(p. 30).

As duas proibições mais antigas do tabu dizem respeito às do totem: não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com as mulheres do mesmo totem, tendo deste modo a função de inibir a agressão e o amor incestuoso.

Freud, ao falar das características do tabu entre os povos primitivos, assinalou o seu carácter de proibição imposto pelo exterior e dirigido contra os desejos mais intensos do homem, repetindo-se ao longo dos tempos na fantasia inconsciente de todas as pessoas e, desencadeando uma atitude ambivalente de respeito para quem lhe obedece através da renúncia. O tabu tem pois a ver com um mandamento da consciência moral dos primitivos e a cuja transgressão se seguiria um enorme sentimento de culpa acompanhado de remorso.

Por outro lado, a noção de tabu tão difundida entre os povos primitivos encontrava-se relacionada com o animismo e a crença na magia e na onipotência.

Para os povos primitivos o mundo estaria povoado de seres espirituais, uns benéficos e outros maléficos, aos quais atribuíam a causa de todos os fenómenos naturais. Freud considerou que este animismo constituiu as bases das religiões que posteriormente foram surgindo, o qual se teria socorrido da magia enquanto forma de subordinar os fenómenos da natureza à vontade do homem por forma a protegê-lo dos inimigos e dos perigos e conferir-lhe um poder especial para prejudicar os outros. Por aqui se vê que por detrás da magia se encontram os desejos humanos, tendo os primitivos uma confiança exagerada relativamente ao poder dos seus desejos e dos pensamentos em geral e o que lhes confere um sentimento de onipotência.

Os processos mágicos estudados por Melanie Klein e outros investigadores da escola psicanalítica inglesa relativamente aos primeiros períodos de vida da criança são considerados de grande importância, pois, consideram-nos factores essenciais das fantasias básicas inconscientes, precursoras dos sentimentos de culpa inconscientes.

Nos primeiros tempos do desenvolvimento o bebé experimenta toda uma série de sensações corporais e afectivas aprendendo a distinguir as coisas que dão prazer das que produzem dor, dividindo com isto o mundo em bons e maus objectos. Confundindo neste período inicial de vida as causas físicas com os efeitos psicológicos, devido a funcionar num sistema de identificação à mãe, o bebé vai sentir raiva e agressão contra os maus objectos que o frustam, sentindo que foi a sua raiva que provocou a sua maldade e o que origina os sentimentos de culpa inconscientes. É nesta etapa primitiva do desenvolvimento que a criança se sente onipotente, supondo que pode controlar de forma mágica tudo o que está fora de si, experimentando isso através das fantasias ao satisfazer o seu desejo de forma alucinatória quando não é alcançado na realidade.

Como a criança não distingue a fantasia da realidade (tal como acontecia com o homem primitivo) e porque tem ainda poucos recursos para expressar o amor e o ódio, vai servir-se das funções ligadas ao seu corpo para expressar os seus desejos e emoções contidos nas suas fantasias. Deste modo, os actos de incorporação (relacionados com a alimentação) e os de expulsão (relacionados com a urina e as fezes), vão ser “bons” ou “maus” consoante as fantasias correspondentes e que na sua experiência vão ser equivalentes aos reais. Se na fantasia inconsciente predominar o mau objecto, a criança pode ter a convicção que destruiu a sua mãe, o que lhe vai provocar culpa e o sentimento de ser perseguido pela sua própria agressão projectada e situada no objecto.

Relativamente à relação existente entre a magia, a onipotência do pensamento e a criminologia, Grinberg vai referir-se à obra de T. Reik, *O Assassino Desconhecido*, no que respeita aos pequenos indícios da investigação criminológica e à sua relação com os procedimentos mágicos dos povos primitivos onde o acento psíquico se deslocava para pequenos objectos, muito afastados dos objectos mágicos originais. Nessa obra, Reik descreve o princípio mágico em que se baseavam os primitivos para descobrirem a verdade, originando-se deste modo o aparecimento dos oráculos e das ordálias.

Nos oráculos religiosos, perguntava-se a um deus (sucessor de um chefe morto) quem era o culpado, aparecendo o indício através de sinais no corpo do morto ou então em objectos que tivessem estado em contacto com ele. Nas ordálias, e a fim de determinar a culpabilidade ou a inocência das pessoas sobre quem recaíam as suspeitas do crime, eram os efeitos de comida ou bebida envenenadas dadas a essas pessoas que

definiam uma ou outra: se a pessoa fosse culpada, adoecia ou morria depois de ter ingerido o veneno; se fosse inocente, não lhe acontecia nada.

A ordália oral constituía, de acordo com Reik, uma repetição do crime primitivo ao recordar a matança e a comida do animal totémico e o que era imposto de forma repetida e colectiva pela humanidade. O veneno ou a substância ingerida relacionava-se de forma inconsciente com o crime que se pretendia esclarecer, podendo a substância mágica provir de uma parte do corpo da vítima ou do seu sangue. Deste modo, se a pessoa fosse culpada a vítima podia vingar-se provocando-lhe a morte, se fosse inocente vomitaria o veneno, pois, nada tinha a ver consigo.

Ainda de acordo com Reik, a função de repetição do crime primitivo modificou-se parcialmente com a cultura, passando a sua repetição a ser efectuada através da produção de provas realizadas pela palavra, tendo o efeito psicológico dessa confissão o sentido duma anulação do acto, num sentido mágico, existindo em qualquer repetição de um facto a tendência inconsciente para o anular e o que desta forma responde a uma necessidade de expiação da culpa.

O mecanismo da compulsão de repetição estudado por Freud e segundo o qual se tendem a reproduzir ao longo da vida os conflitos mais precoces do desenvolvimento infantil, tem a ver, para Grinberg, com os sentimentos de culpa relacionados com as angústias persecutórias e depressivas, de que adiante se falará, obrigando a repetir-se determinada conduta, quer em relação a si próprio quer para com os outros, a fim de a pessoa se defender dos perigos fantasiados do começo da vida.

Grinberg afirma que devido aos sentimentos inconscientes de culpa uma grande parte das pessoas se sente impossibilitada de lutar pelos seus direitos, podendo mesmo

agir de forma prejudicial em relação aos seus direitos, encontrando-se na história judicial muitos casos de pessoas inocentes que se “fizeram” condenar por não demonstrarem a sua inocência, adoptando uma conduta e atitudes contraditórias no julgamento. Citando Grinberg: “«O inconsciente de um acusado pode desejar o mesmo que conscientemente recusa com todas as suas forças»” (p. 38).

3. SENTIMENTO DE CULPA

A Ética e a Moral

Nos povos da antiguidade, nomeadamente na Grécia, os males que afligiam os povos eram vistos como relacionados com a expiação de uma culpa, o que dava lugar à celebração de festas rituais onde as vítimas expiatórias (ao princípio homens e mais tarde animais) eram mortas ou expulsas, a fim de livrar a comunidade de uma possível contaminação com a culpa.

Uma das questões mais antigas da filosofia e relacionada com o conceito de sentimento de culpa tem a ver com a pergunta sobre o que é um indivíduo bom e uma sociedade boa, o que do ponto de vista da ética se encontra ligado de forma indirecta ao dualismo do bem e do mal, tendo vários filósofos, citados por Grinberg, debruçado-se sobre este problema.

Entre eles, R. Mondolfo, terá salientado que uma das preocupações dos historiadores da ética foi descobrir quando é que chegou ao pensamento ocidental da antiguidade a concepção de responsabilidade atribuída aos homens, em vez de se atribuírem aos deuses a responsabilidade pelas acções e pelo destino dos mortais. Deste modo, a passagem mais antiga foi encontrada na Odisseia, onde Zeus

comentaria: “«Ai de mim! De que coisas acusam os mortais os Deuses, quando dizem que de nós vem o mal e eles próprios o procuram contra o destino, com as suas próprias insolências (...)»” (p. 43).

Vai ser, pois, através desta modificação do conceito de sanção divina que o juízo moral se transforma, deixando de vir do exterior e passando a ser interior ao homem, o que está bem patente com a máxima socrática “conhece-te a ti mesmo”.

Um outro filósofo, A. Hesnard, considera o homem como sendo essencialmente um ser moral, dando ênfase ao estudo do significado da doença mental no respeitante à sua relação com a moral. Considera que “(...) a doença mental (...) «é uma existência de significação humana da culpabilidade»” (p. 46), encarando as doenças mentais não apenas como um distúrbio da actividade psíquica mas também como uma perturbação da conduta moral que faz parte da conduta do ser humano.

Para N. Berdiaev, a ética tem a ver com um critério entre o bem e o mal, sugerindo que a doutrina do livre arbítrio (longe de corresponder à doutrina da liberdade) indica uma eleição entre o bem e o mal e a possibilidade de executar uma lei ou uma norma que se imponha ao homem. A doutrina do livre arbítrio teria sido criada com a finalidade de exibir um culpado, a fim de que alguém carregasse com a responsabilidade e justificasse a existência de castigo tanto na vida terrena como na vida eterna. O homem seria então louvado por ter optado em favor do bem, cumprindo a norma, sendo condenado se escolhesse o mal e desrespeitasse a norma.

Numa perspectiva psicanalítica, H. Racker, referido por Grinberg, ter-se-á pronunciado sobre o “bom” enquanto valor que rege a ética da ciência e a própria psicanálise, a qual, enquanto ciência, procura “(...) a descoberta da verdade, a sua

afirmação e a sua defesa” (p. 46), devendo o analista procurar tornar “(...) consciente tanto ‘o bom’ reprimido como o ‘mau’ reprimido»” (p. 47).

Mas porque se reprime o bom?, pergunta Racker. Explica então que a necessidade de castigo inerente ao sentimento de culpa faz não só com que ele se mantenha mas que adquira uma maior intensidade, afirmando que “(...) sentimo-nos maus e afastamos da nossa consciência a percepção de que também somos bons devido à necessidade de castigo” (p. 47). Acrescenta que um outro motivo que leva a que se reprima a bondade tem a ver com um desejo de defesa face ao sentimento de culpa, visto que a bondade das pessoas entra em choque com a sua própria maldade (devido à existência simultânea de amor e ódio para com os objectos de relação) o que, origina a dôr que constitui o sentimento de culpa.

Racker, diz existir uma lei da natureza que faz com que o homem se una consigo próprio, actuando o Eros a favor do Eu, existindo também o querer-se o próximo, que permite que o Eros actue a favor dos objectos e com eles se identifique, sendo esta força do Eros que impulsiona e ajuda a luta contra Tanatos.

Freud, em *O Mal Estar da Cultura*, referiu-se à ética ao falar da existência de um Supereu da comunidade que, tal como o Supereu individual, se baseia na impressão que os grandes líderes, grandes figuras paternas, deixam em determinada época cultural. Esse Supereu cultural estabeleceria exigências ideais e cujo não cumprimento era castigado pelo que denominou uma “angústia de consciência”. Essas exigências ideais do Supereu cultural referidas às relações dos homens entre si é que constituiriam a ética.

Por sua vez, R. E. Money-Kyrle, vai considerar na sua obra, *Psicanálise e Ética*, que, enquanto conhecimento que é, a ética tem a ver com a aquisição da verdade. Esta

diz respeito à necessidade de se encarar e admitir as verdades que são penosas e angustiantes e que, por esse facto, deixaram de pertencer ao campo da consciência.

Este aspecto ético da psicanálise que Racker e Money-Kyrle enfatizam tem, pois, por objectivo a descoberta da verdade por mais dolorosa que ela seja. Concordando com Grinberg, uma das situações mais dolorosas para a pessoa tem a ver com o facto de se confrontar com as verdades que estão relacionadas com o seu sentimento de culpa. Daí, o mecanismo de negação utilizado de modo particularmente intenso por forma a iludir toda a verdade que possa provocar angústia.

No processo terapêutico psicanalítico, à medida que o paciente se fôr dando conta que afinal não é tão onnipotentemente destrutivo como se julgava ser através das suas fantasias, é que vai poder ocorrer uma modificação na qualidade da sua culpa, permitindo que se estabeleça uma mudança na sua atitude emocional e na sua conduta.

4. CULPA E CONFLITO EDIPIANO

De acordo com Grinberg, a noção de culpa é de um modo geral considerada como estando relacionada com o complexo de Édipo, assumindo grande importância a relação entre o sentimento de culpa e o conflito edipiano, relação esta que entende ser uma das questões fundamentais ao longo da evolução do indivíduo. Contudo, geralmente este sentimento de culpa encontra-se reprimido, a um nível inconsciente, manifestando-se através de sintomas (irritabilidade, mau humor, apatia, depressão, alterações psicossomáticas, por exemplo).

Em *O Eu e o Id*, Freud explica a culpa como sendo expressão duma tensão entre o Eu e o Supereu devido ao aparecimento, durante a fase fálica, de fantasias agressivas

contra o pai, no caso do rapaz. Para Freud, o Supereu surge a partir do complexo de Édipo como consequência da internalização da autoridade paterna que impede os desejos genitais do rapaz para com a mãe, e o que culmina com o complexo de castração. A rapariga também sofre de um complexo de castração ao descobrir que não tem um pénis, ligando-se então ao pai pelo desejo de receber dele um pénis e, secundariamente, ter dele um filho. Estas fantasias fazem-se acompanhar de ansiedade e culpa pelo receio da perda do amor da mãe e o medo da morte.

Do ponto de vista Freudiano, o sentimento de culpa manifesta-se numa necessidade de castigo, provindo grande parte da tensão entre o Eu e o Supereu das forças instintivas inconscientes que compõem o Id. Na sua concepção do aparelho psíquico, Freud considera o Eu como sendo a parte do Id modificada pela influência do mundo externo e que pode permitir que algumas tendências instintivas do Id se tornem conscientes, pertencendo o sentimento de culpa à parte inconsciente do Eu.

Freud ao explicar o sentimento de culpa relacionado com o aparecimento do Supereu e a correspondente internalização da autoridade externa, tornou possível a compreensão da sua origem, a qual tanto pode advir de um acto de violência realizado efectivamente, como também de uma simples intenção.

Grinberg concorda com Freud quando este distinguíu duas origens para o sentimento de culpa: a primeira é o medo à autoridade e que obriga a renunciar à satisfação dos instintos, a segunda é o receio do Supereu e que impulsiona ao castigo, visto que não é possível esconder do Supereu a persistência dos desejos proibidos.

Entende Grinberg que com a internalização da autoridade paterna se estabelece um ponto de partida do Supereu através da sua função de vigiar e julgar as actuações do Eu perante a chamada consciência moral. O Eu, sob a influência do sentimento de

culpa, submete-se às determinações do Supereu pelo receio de perder o seu carinho e protecção, existindo na culpa uma ligação em relação com o objecto perdido ou mau. O sentimento inconsciente de culpa provoca, através da compulsão de repetição, situações que lhe são adversas, renunciando-se à satisfação dos instintos devido ao receio da autoridade exterior e para não se perder o seu amor.

Entende também que a severidade do Supereu nem sempre se relaciona apenas com o tratamento que se recebeu na infância, contribuindo para a sua formação e para o desenvolvimento da consciência moral factores constitucionais inatos e influências do meio ambiente. Refere a propósito M. Klein, em *A Psicanálise de Crianças*, quando esta descreve a existência de um Supereu muito severo e cruel em crianças dos dois aos quatro anos e que não se coaduna com a imagem apresentada pelos pais reais, explicando-o pela projecção dos próprios impulsos sádicos da criança. Grinberg acrescenta que, face à severidade do Supereu, a criança repete um modelo filogenético, dado o pai pré-histórico dever ter sido terrível e assim atribuir-se-lhe uma enorme severidade.

M. Klein, num seu trabalho referido por Grinberg intitulado *O Complexo de Édipo à Luz das Ansiedades Primitivas*, considera a culpa como um dos factores que desde muito cedo afectam o desenvolvimento do complexo de Édipo. M. Klein situa a origem do complexo de Édipo nos primeiros meses de vida quando os impulsos sádico-orais de devorar e destruir a mãe, e sobretudo o seu peito, vão originar intensos sentimentos de ansiedade e de culpa. No seu trabalho analítico com crianças pequenas ao encontrar a existência de um Supereu muito primitivo e cruel, explicou-o com a existência do sadismo e este se encontrar no seu auge. Defende que o Supereu tem início, para ambos os sexos, na fase oral, sendo o primeiro objecto introjectado o peito

materno, o qual permite a incorporação de características predominantemente protectoras ou predominante persecutórias e o que constitui a base do Supereu.

Tal como Freud, Klein também considera que a ansiedade de castração é a ansiedade que maior predominância tem no rapaz, embora não a considere o único factor responsável pela repressão do complexo de Édipo, pois, atribui um papel importante às ansiedades primitivas ao longo de todo o desenvolvimento. Seriam os sentimentos de culpa da criança aliados aos impulsos agressivos para com o pai que aumentam a tendência para reprimir os seus desejos genitais. A rivalidade do filho para com o pai e a morte deste, daria o sentimento de perigo para a mãe e da perda irreparável do pai, com o aumento da intensidade do sentimento de culpa da criança e a consequente repressão dos seus desejos edipianos.

Como é que se experimenta o sentimento de culpa? Grinberg, encontra em Freud uma primeira resposta quando este escreveu em *Delinquentes Devido a Sentimentos de Culpa* que a culpa reside na fantasia inconsciente, sendo o crime um resultado da culpa e não a sua causa, sentindo-se culpa quando se comete algo que se considera como “mal” ou que exista apenas a intenção de o fazer.

Embora Freud sustentasse que só podia aplicar-se o termo culpa a manifestações da consciência resultantes da actuação e desenvolvimento do Supereu (organizando-se este com o Complexo de Édipo), em *O Mal Estar da Cultura* Grinberg encontra afirmações que evidenciam a ideia que o sentimento de culpa apareceria num estadio mais precoce da vida, não duvidando Freud que existia uma relação entre culpa e ansiedade. Mais tarde, Freud viria a reconhecer que a génese do sentimento de culpa não podia originar-se apenas dos instintos agressivos e da força do Supereu, estando implicados na sua formação muitos outros processos psíquicos.

Em *O Mal Estar da Cultura* Freud escreveria em relação à neurose que existem alguns sentimentos de culpa inconscientes na formação dos sintomas, explicando que “quando um impulso instintivo sofre repressão, os seus elementos libidinais convertem-se em sintomas e os seus componentes agressivos em sentimentos de culpa” (p. 65).

5. A PSICANÁLISE E O PROBLEMA DA CULPA

Grinberg considera que o problema da origem, natureza e participação da culpa na evolução do indivíduo, não está ainda esclarecido na investigação psicanalítica (tendo anteriormente o próprio Freud, em *Mito e Culpa* numa carta dirigida a Reik, expressado o mesmo). Entende, no entanto, que o sentimento de culpa desempenha enorme influência no desenvolvimento psíquico do indivíduo, bem como na etiologia das neuroses e das psicoses, e distingue a existência de dois grupos conceptuais diferentes na explicação psicanalítica do problema da culpa:

- para uns, a culpa tem a ver com a internalização do conflito entre o Supereu e o Eu, submetendo-se o Eu de forma masoquista à culpa que é imposta de modo severo pelas imagens superegóicas; a função da análise é a de esclarecer que essa culpa conduz a uma repressão da vida instintiva (erótica e agressiva) com uma inerente procura masoquista de auto-castigos e privações

- para outros, existe em todo o conflito neurótico uma negação da culpa que foi sentida nas próprias fantasias agressivas contra os objectos; o objectivo terapêutico deve centrar-se na superação da negação e na tomada de consciência das fantasias e do sentimento de culpa subjacente.

Para Grinberg, a compreensão do conceito da dualidade instintiva é de grande importância no estabelecimento da natureza dos diversos mecanismos e sentimentos, entre eles o da culpa, determinando a qualidade saudável ou patológica dos mesmos.

A descoberta de Freud da existência do instinto de morte, em *Para Além do Princípio do Prazer*, levou-o a admitir que os instintos de vida e de morte (Eros e Tanatos) actuam simultâneamente desde o nascimento, concordando Grinberg com Freud no que respeita ao sentimento de culpa ser a expressão do conflito de ambivalência e da luta entre o instinto de vida e o instinto de morte.

Mais adiante Grinberg explicará como os sentimentos de culpa expressam uma relação que existe entre a agressividade que caracteriza o Supereu sob a dependência do instinto de morte e a necessidade de castigo que manifesta o Eu ao submeter-se ao Supereu.

P. Heimann, referida por Grinberg, assinala no seu trabalho *Notas Sobre a Teoria dos Instintos de Vida e de Morte*, que o estudo do comportamento humano obriga a reconhecer uma fonte dualista de forças nas profundezas da personalidade e referencia Freud quando estabeleceu que os dois instintos básicos - o de vida e o de morte - se fundem sempre um no outro.

Defende Grinberg que as diferentes funções, mecanismos e sentimentos do Eu dependem da qualidade e intensidade da fusão dos instintos. O instinto de vida - Eros - tende para a união e a procriação, tendo como expressão psicológica o amor; o instinto de morte - Tanatos - expressa-se pelo sentimento de ódio ou, como diz P. Heimann, citada por Grinberg, “«por todas as tendências negativas ou formas de comportamento que são antagónicas para criar ou manter conexões tanto psíquica como socialmente»” (p. 88).

Em relação ao instinto de vida e ao instinto de morte, refere-se Grinberg a M. Klein, no que respeita a considerar que as primeiras angústias experimentadas pelo Eu têm a ver com a ameaça de destruição proveniente do instinto de morte, acrescentando também que é o receio de ser aniquilado que impele o Eu para a acção e cria as primeiras defesas, as quais provêm da actuação do instinto de vida. Refere-a também em *Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides*, quando afirma que o mecanismo da projecção é que permite à criança afastar o instinto de morte a fim de não ficar invadida pelos seus impulsos destrutivos.

6. TIPOS DE CULPA : DEPRESSIVA E PERSECUTÓRIA

M. Klein ao debruçar-se sobre o problema da culpa na sua obra *Inveja e Gratidão*, referida por Grinberg, considera que existe uma culpa que pode surgir muito cedo na criança devido ao aparecimento de sentimentos de inveja excessivos, numa fase em que o Eu ainda não consegue suportar essa culpa. É então vivida como persecutória e o objecto que a desencadeia sentido como perseguidor. Explica que esta culpa prematura que aparece durante a posição esquizo-paranoide vai aumentar os sentimentos de perseguição e contribuir para a desintegração, com o consequente fracasso da elaboração da posição depressiva, dado o bebé não poder ainda elaborar a ansiedade depressiva e a persecutória porque ambas se encontram confundidas. Só na posição depressiva o Eu consegue ter maior capacidade para suportar a dor da culpa, dado estar mais integrado e mais forte para desenvolver as defesas que lhe permitam a reparação dessa culpa.

Esta teoria conduz, de acordo com Grinberg, à existência de dois tipos de culpa: a culpa persecutória que aparece precocemente e coexiste com a angústia persecutória dos primeiros tempos de vida, onde o Eu ainda é frágil e imaturo e a culpa depressiva que requer um Eu mais integrado para permitir os efeitos reparadores das ameaças de perseguição e de desintegração da posição esquizo-paranóide.

Baseando-se na classificação de M. Klein sobre a angústia, Grinberg postula a existência de uma culpa persecutória e de uma culpa depressiva, assinalando que se devem ter em conta estas diferentes qualidades contidas no sentimento de culpa.

Embora a angústia persecutória coexista com a culpa persecutória desde o início da vida, Grinberg esclarece a sua diferença: a angústia persecutória tem a ver com a ameaça de um perigo que pode cair sobre o Eu, e que M. Klein relaciona com a percepção da actuação do instinto de morte no organismo; a culpa persecutória refere-se sobretudo ao sentimento de um dano que na realidade ou em fantasia já aconteceu, ou ao Eu ou ao objecto, o que para além de produzir principalmente temor de uma represália, também desencadeia desespero, dor e alguma pena.

Entende Grinberg que, quer a culpa persecutória, que depende do instinto de morte, quer a culpa depressiva, que está ligada ao instinto de vida, se encontram de um modo geral fundidas tal como as duas classes de instintos, e que a culpa persecutória aparece nos períodos mais regressivos onde a intensidade do instinto de morte é maior.

Acrescenta que as pessoas com predomínio da culpa persecutória se regem, em geral, pelas características do processo primário (inconsciente), com confusão entre o passado e o presente, manifestando as emoções que acompanham a culpa persecutória principalmente através de ressentimento, dor, desespero, medo, auto-censura.

Considera que os casos mais graves da culpa persecutória são a esquizofrenia e a melancolia (luto patológico), e cuja característica é a actuação masoquista do Eu que está sob o predomínio do instinto de morte.

Nas pessoas com predomínio da culpa depressiva, o tempo rege-se de acordo com as leis do processo secundário (consciente), com diferenciação entre o passado e o presente, e a existência de perspectiva do futuro. Os principais sentimentos da culpa depressiva têm a ver com a preocupação pelo objecto e pelo Eu, a pena, a nostalgia e a responsabilidade. Manifesta-se especialmente no luto normal com actividades sublimatórias e de reparação, estando o Eu sob o domínio do instinto de vida.

M. Klein, considera que a essência da culpa advém dos impulsos agressivos do sujeito para com o objecto amado e da sensação de que lhe fez mal, aparecendo o sentimento de culpa como forma de reparação do prejuízo causado ao objecto. Na sua obra *Sobre a Teoria da Ansiedade e da Culpa*, referida por Grinberg, escreve que o objecto amado se pode transformar em perseguidor devido aos danos sobre ele causados, havendo a necessidade de reparar ou fazê-lo reviver. Grinberg não encontra em M. Klein esclarecimento sobre se a culpa é uma componente da ansiedade depressiva e se a culpa e a ansiedade são dois aspectos de um mesmo processo ou se uma é consequência da outra.

Baseando-se nesta última versão de Klein, Grinberg considera que esta classe de culpa que não tende a reparar o objecto amado, mas sim a apaziguar um objecto temido e perseguidor, é a que corresponde à culpa persecutória.

Entende que também faz parte da culpa persecutória o que Freud explica como sendo uma "consciência de culpa inconsciente" ao falar do masoquismo moral em *O Problema Económico do Masoquismo*.

Grinberg atribui grande importância ao trauma do nascimento ao longo da vida, dado poder desencadear o aparecimento de ansiedades persecutórias e de uma culpa muito precoce com características persecutórias. Defende que a situação persecutória-depressiva primária, onde intervêm sentimentos de angústia e de medo, sentimentos de desespero, de dor e da vivência de perda representada pela separação da mãe, é o que condiciona o aparecimento da culpa persecutória.

Grinberg encontra em *O Eu e o Id*, menção à relação que Freud estabelece entre a situação da angústia do nascimento e, mais propriamente, a angústia de separação da mãe, quando escreve, a propósito da melancolia, que o componente destrutivo contido no Supereu se volta contra o Eu, considerando assim o Supereu como sendo um perseguidor mortal e que perante esta severidade do Supereu o Eu se entrega, sentindo-se odiado e não querido pelo Supereu.

Encontra em M. Klein uma perspectiva semelhante à de Freud, quando considera que a primeira causa externa de angústia é a experiência do nascimento, experiência esta que determina todas as reacções posteriores de angústia e marca todas as relações do bebé com o mundo exterior.

Para Grinberg, existe um Eu muito precoce capaz de perceber e experimentar a angústia perante a emergência do instinto de morte e capaz de pôr em funcionamento mecanismos de defesa primários contra essa ameaça, acreditando existir também um Eu que sente a perda ou a dor sofridas pelo self ou pelo objecto.

Defende também que os sentimentos de culpa transformam-se de persecutórios em depressivos, acompanhando as características descritas por M. Klein, à medida que o instinto de vida se vai desenvolvendo e o Eu se vai fortalecendo, permanecendo no

entanto reminiscências da culpa persecutória que, em circunstâncias traumáticas, como as de perda, se reactivam.

Culpa persecutória

“O próprio acto de nascer produz culpa (...)” (p. 94), diz Grinberg, considerando que esta primeira e tão importante experiência de perda provocada pelo nascimento tem relação com o aparecimento de um sentimento de culpa precoce.

Defende que, o trauma do nascimento para além de provocar o aparecimento de ansiedades persecutórias também desencadeia uma culpa precoce, com características intensamente persecutórias e, referida primariamente ao Eu, a qual tem grande influência no percurso posterior da vida. O aparecimento dessa culpa precoce tem como uma das causas principais o estado de privação e déficit desencadeado pelo próprio trauma do nascimento. Esse sentimento de déficit corresponde não apenas à vivência de perda representada pela separação da mãe através do corte do cordão umbilical, mas também o efeito que inconscientemente representa para o Eu a perda de partes próprias entre as quais se encontram incluídas as membranas fetais, o cordão umbilical, os elementos nutritivos e, em última análise, a própria mãe.

Para poder compreender esta primeira experiência de perda e a sua relação com a culpa precoce, Grinberg apoia-se na fantasia inconsciente de onipotência que predomina nos primeiros tempos de vida do bebé. Para além de se basear em vários autores, menciona dois trabalhos seus - *Omnipotência, Magia e Despersonalização na Transferência* (apresentado no XIX Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Genebra, Julho 1955) e, *Revisão Sobre os Conceitos de Magia e Omnipotência* (Rev. Psicanál., XIV, 3) -, onde procurou desenvolver o conceito de onipotência na

sua relação com as práticas mágicas. Aí, postulou como definição que a onnipotência é um sistema inconsciente constituído pelos mecanismos e concepções do tipo do pensamento mágico animista e cuja finalidade é estabelecer a fantasia de indiferenciação entre o Eu e o não-Eu com uma finalidade essencialmente defensiva.

Posteriormente, Grinberg chegou à conclusão de que as práticas e mecanismos mágicos são técnicas defensivas, conscientes e/ou inconscientes, que se encontram subordinadas à onnipotência que é um estado psíquico mais hierarquizado. Considerou então que a onnipotência era um estado primitivo do psiquismo inconsciente e se encontrava relacionada com a fusão e a separação dos instintos. Como tal, pode surgir como consequência da separação do instinto de morte, participando das fantasias sadomasoquistas, mas também pode aparecer como resultado de uma integração instintiva com predomínio de Eros e servindo de base às fantasias de reparação. Postula, também que a onnipotência se encontra vinculada com os dois tipos de culpa, a persecutória e a depressiva.

De acordo com as fantasias de onnipotência, baseadas no conceito da indiferenciação entre o Eu e o Não-Eu, explica Grinberg que toda a perda é vivida como algo correspondente à perda duma parte do próprio self (personalidade) e que o bebé ao alucinar o peito da mãe fá-lo pela sua necessidade de conservar a sua relação com o objecto. Com isto, procura negar a separação provocada pelo nascimento, utilizando todos os mecanismos que a sua vivência mágica lhe proporciona, a fim de manter a "ilusão da unidade" (Isaacs, S., *Natureza e Função da Fantasia*) com o objecto, e o que se baseia tanto na experiência fantasiada como na real. O bebé tenta assegurar-se não apenas de que o objecto existe, mas também de que continua a existir como uma parte de si próprio.

Por outro lado, Grinberg considera que toda a experiência de perda contém uma certa dose de culpa, dependendo a sua qualidade, persecutória ou depressiva e a proporção com que intervém esta culpa, da intensidade da reacção que se experimenta perante a perda. Perder algo significa uma privação, continuando Grinberg a explicar que o Eu do indivíduo se sente em déficit, frustrado, e que experimenta ao mesmo tempo culpa. Esta forma de culpa aparece perante a perda do objecto pelo facto de o ter atacado e em fantasia o ter destruído. Para além desta, considera existir uma outra forma de culpa que se encontra directamente ligada com o que acontece no self: é uma culpa face a si próprio, por ter em fantasia provocado essa perda que prejudica o self, ou então por não a ter podido evitar. Perante isto, o Eu sente-se empobrecido na sua relação com o objecto e, porque na sua relação com o objecto existe a relação com os aspectos do próprio self ali depositados, sucede que em cada perda objectal se sofre simultaneamente a perda das partes do self que por identificação projectiva tinham sido colocadas no objecto.

Refere-se de seguida a M. Klein quando, em vários trabalhos, escreve sobre a dissociação do self em partes boas e más e à sua afirmação, em *Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides*, de que “(...) quando estes processos são excessivos «o self fragiliza-se e empobrece e isso pode conduzi-lo a ser dominado pelos seus objectos internos e a uma excessiva dependência do self dos objectos externos»” (p. 93). Grinberg crê que “(...) essa fragilidade do self e o seu estado de dependência externa, (...), fazem parte da culpa persecutória que o Eu experimenta perante si mesmo devido a ter chegado a essa situação” (p. 93), concordando que é algo semelhante ao que M. Klein escreve no trabalho acima enunciado: “«os sentimentos de culpa por ter

descuidado e abandonado os componentes preciosos da própria personalidade»” (p. 94).

Considera Grinberg que a culpa persecutória se encontra estreitamente relacionada com os mecanismos da posição esquizo-paranóide descritos por M. Klein, sendo esta forma de culpa que funciona nos estados mais regressivos quando o instinto de morte actua com toda a sua intensidade; é então que a angústia e a perseguição são experimentadas ao máximo, provenientes das fantasias inconscientes relacionadas com as experiências de perda e frustração. Devido à força com que essa culpa inunda o Eu, este sente necessidade de recorrer às defesas mais primitivas, tais como a dissociação, a onipotência, a idealização ou a negação.

Continuando a referir-se a M. Klein e ao facto de ter assinalado que uma das principais defesas contra o instinto de morte é a projecção, entende Grinberg que a projecção das pulsões destrutivas sobre um objecto determinam que este se converta num perseguidor. Como tal, o facto de se utilizar o objecto como depósito do instinto de morte, provoca também uma culpa persecutória devido à utilização ou aproveitamento que se fez do objecto e porque este ameaça com retaliação.

Grinberg repete que se sente culpa não apenas perante o objecto, mas que também se experimenta culpa para com as partes do self utilizadas para projectar o instinto de morte. É como se o Eu se sinta culpado por sacrificar partes do ego que se perdem durante essa projecção; o Eu teme também a vingança retaliativa dessas partes do self.

Refere que M. Abadi considera a existência duma proto-culpa do nascimento proveniente do prejuízo que se sente ter causado à mãe ao nascer.

Finalmente, Grinberg menciona a existência de um factor constitucional na culpa, ou seja, a culpa antepassada, herdada, e que corresponde a uma das protofantasias primitivas, lembrando que o sentimento de culpa provém, em grande parte, do complexo edipiano, resultante do assassinato do pai primitivo.

Culpa depressiva

Em *Aprendendo com a Experiência*, Bion, referido por Grinberg, assinala que a criança pequena pode superar os seus problemas de culpa através da atitude da mãe. Esta, pela relação íntima de amor permite que a destrutividade da criança seja absorvida, o que faz com que a culpa seja posta ao serviço de Eros e se transforme em reparação. Dá como exemplo ilustrativo da mitologia o caso de Orestes que, por ter morto a sua mãe, é perseguido pelas Erínias (culpa persecutória) e julgado no Areópago de Atenas; metade dos juizes absolve-o e outra metade condena-o, sendo depois o voto de Atenas (símbolo maternal da graça) que transforma as Erínias (culpa persecutória) em Euménides (culpa depressiva), a instância reparadora.

O que caracteriza essencialmente a culpa depressiva é a necessidade de reparar o objecto que se sente ter sido destruído pelos impulsos destrutivos. Grinberg diz não ter dúvidas de que os sentimentos de culpa suscitam uma experiência indispensável para se alcançar a capacidade de amor e que esses sentimentos correspondem aos da culpa depressiva; entende que são eles que permitem a reparação do objecto amado, denominando-os de sentimentos de responsabilidade, mas que só à medida que os processos de integração vão progredindo é que a culpa depressiva se vai instalando com maior estabilidade.

Concorda Grinberg com D. W. Winnicott quando, em *A Psicanálise e o Sentimento de Culpa*, ele relaciona o estudo do sentimento de culpa com o estudo do crescimento emocional do indivíduo, considerando que, em termos do Eu-Id, o sentimento de culpa mais não é do que uma ansiedade que se experimenta devido ao conflito entre o amor e o ódio; acrescenta que a culpa implica tolerância da ambivalência. Ao relacionar o sentimento de culpabilidade com o complexo de Édipo, Winnicott assinala que a culpa implica que a criança seja capaz de tolerar o conflito que, de facto, diz ser um conflito inerente à vida normal e acrescenta que o sentimento de culpa significa que o Eu começou a estabelecer relações com o Supereu, explicando que a ansiedade amadureceu em culpa. Citando Winnicott quando este diz que "O sentimento de culpa, embora inconsciente e aparentemente irracional, implica um certo grau de crescimento emocional, saúde do Eu e esperança" (p. 128), Grinberg considera tratar-se da culpa depressiva, principalmente quando Winnicott relaciona a culpa com a "saúde do Eu e o crescimento emocional".

Grinberg refere ainda que no mesmo trabalho, Winnicott salienta o mérito de M. Klein ao assinalar a origem da capacidade de sentir culpa principalmente devida aos componentes agressivos dos impulsos amorosos primitivos, entendendo que a criança ao ir descobrindo que a mãe sobrevive e aceita o seu gesto de restituição, isto lhe permite tornar-se capaz de aceitar a responsabilidade por toda a fantasia do impulso instintivo.

No que respeita à falta de capacidade para sentir culpa continua Grinberg a referir o mesmo trabalho de Winnicott, concordando que tal se deve não apenas a razões constitucionais mas ao processo de integração efectuado nos primeiros tempos do desenvolvimento emocional. Deste modo, se existir uma evolução satisfatória nos

primeiros períodos sobrevém uma boa integração do Eu, que possibilita começar a sentir-se culpa. Esta capacidade, ao fortalecer-se e estabilizar-se gradualmente, permite que o indivíduo sinta que está com mais capacidade para enfrentar os seus conflitos, o seu complexo de Édipo e a ambivalência em geral.

Segundo Grinberg, alguns dos conceitos enunciados por M. Klein sobre o que denominou de “posição depressiva”, contém basicamente os afectos mais importantes que configuram a culpa depressiva. Já vimos a importância que M. Klein encontrou na sua observação das crianças sobre a origem psicótica das ansiedades por elas vividas durante o seu desenvolvimento, vendo-se invadidas por medos persecutórios em relação a objectos terríficos e dos quais se defendem refugiando-se em objectos idealizados, ou então recorrendo à negação e à onnipotência que, juntamente com a dissociação, formam os mecanismos específicos da “posição esquizo-paranoide”. Para Grinberg existe na “posição depressiva” um grupo de ansiedades relacionadas com o medo de perder os objectos amados e que incluem sentimentos depressivos que culminam com o desmame. O objecto de perda é o peito da mãe e tudo o que o peito e o leite representaram para a mente da criança: amor, bondade, segurança. A criança ao sentir que o perdeu supõe que essa perda é o resultado da sua incontrolável voracidade e das suas próprias fantasias e impulsos destrutivos contra o peito da mãe; amplia depois o círculo dos objectos atacados na sua fantasia (pais e irmãos), constituindo estes sentimentos depressivos a fonte mais profunda dos conflitos dolorosos da situação edipiana.

Concorda Grinberg que o sentimento de dor por ter destruído os seus objectos na sua fantasia, e a ansiedade para os preservar, com as defesas correspondentes, constituem o que existe de mais essencial da posição depressiva, citando a propósito

M. Klein no seu trabalho *O Luto e a sua Relação com os Estados Maníaco-Depressivos*: “«pena e inquietação pelos objectos amados, pelo receio de os perder e ânsia de os reconquistar»” (p. 130). A capacidade do bebé para entrar na posição depressiva e estabelecer o objecto total dentro de si implica que já não está tão dominado pelas pulsões destrutivas e pela angústia persecutória como estava antes. Assinala também M. Klein que com o começo da posição depressiva e o aparecimento da angústia depressiva, o Eu é levado a projectar, desviar e distribuir os desejos e emoções, bem como a culpa e a necessidade de reparar, para novos objectos e interesses. Este deslocamento para outros objectos reforça o processo que incrementa as sublimações e as novas relações objectais, constituindo a principal origem das sublimações ao longo de toda a vida.

Refere Grinberg, que os desejos genitais para com o pai e a mãe que iniciam os primórdios do complexo de Édipo (que para M. Klein surge por volta de metade do primeiro ano de vida), estão no princípio misturados com fantasias orais, anais e uretrais de características libidinais e agressivas, mas a angústia e a culpa e a consequente tendência à reparação (um dos objectivos da posição depressiva), estimulam os desejos libidinosos e levam ao seu progresso e evolução desde que não sejam excessivos. Continua Grinberg a referir-se a M. Klein e ao seu trabalho acima enunciado, quando entende que “reparar” implica um processo interno através do qual o indivíduo procura compor “«o prejuízo causado aos objectos internos e externos através dos seus próprios impulsos destrutivos»” (p. 134) e quando acrescenta que “«... a tendência a reparar deriva do instinto de vida e toma parte de todas as sublimações» (...)” (p. 134). Grinberg, concorda também com M. Klein, quando esta escreve que “«certo grau e tipo de culpa (...) e ansiedade estimulam a reparação e

alimentam a sublimação»” (p. 134), mas entende que seja a culpa depressiva que faz parte deste processo.

Insiste Grinberg na importância de considerar o sentimento de culpa como um dos afectos que tem maior importância na evolução psíquica do indivíduo. Entende que os sentimentos de culpa persecutórios e depressivos podem coexistir simultaneamente, embora em diferentes proporções, durante quase toda a vida, predominando uma ou outra forma de culpa consoante predomine o instinto de amor ou o destrutivo e consoante tenham sido as circunstâncias em que se desenvolveu a existência.

7. A FAMÍLIA E A SOCIEDADE

Atribuição da culpa persecutória à pessoa doente

O ser humano sempre viveu inserido num grupo pertencendo, entre outros, a um grupo familiar, escolar e de trabalho, e identificando-se ao longo da sua vida com algumas das atitudes, formas de conduta ou sentimentos das diferentes pessoas com quem entra em contacto. No entanto, o vínculo estabelecido com o primeiro grupo de pertença, a família, vai continuar a influenciar as suas relações posteriores, tendo as primeiras relações de identificação com o objecto de amor primário e as sucessivas identificações com outros objectos privilegiados da relação, um papel crucial no desenvolvimento da personalidade.

M. Klein, referida por Grinberg, criou o termo “identificação projectiva”, explicando-o, em *Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides*, como um processo segundo o qual o indivíduo atribui aspectos ou partes suas a outra pessoa através da

projectação. Para Grinberg, este mecanismo encontra-se em toda a forma de relação humana e constitui a base da comunicação, considerando importante poder conhecer-se como foram as identificações projectivas do indivíduo face aos seus primeiros objectos de relação - mãe, pai, irmãos - e o efeito que nele produziram, bem como a forma como elas funcionam, atendendo às fantasias inconscientes de cada um, por forma a possibilitar a compreensão da saúde e da doença na pessoa.

Entende que a relação do indivíduo com o meio que o rodeia é fundamental, podendo, muitas vezes, a pessoa doente funcionar como uma vítima expiatória do grupo familiar ou da comunidade a que pertence, embora o paciente apresente na sua personalidade as características que permitem o desencadear da doença.

Grinberg refere Pichon-Rivière quando este postula que o membro doente dum família representa ser um depositário das ansiedades e tensões do seu grupo familiar, assumindo com a carga do desequilíbrio grupal e sendo segregado pelo grupo. Para este autor, existe segregação intragrupal quando predomina a culpa, e segregação extragrupal quando predomina a perseguição e o medo da contaminação. Grinberg considera que essa culpa é de tipo persecutório, funcionando a segregação intra ou extragrupal consoante a intensidade da culpa, defendendo-se o grupo da reintrojecção do projectado através dum reforço dos mecanismos da identificação projectiva.

Esta explicação da doença do indivíduo enquanto pertencente a um grupo, pode, para Grinberg, aplicar-se não só aos esquizofrénicos, mas também aos depressivos, aos psicopatas, aos delinquentes juvenis, aos toxicodependentes e a outras formas de doença, explicando de modo idêntico a rebeldia dos jovens que, ao atacarem as estruturas sociais utilizando a violência, actuam desesperadamente a violência que antes lhes fora transmitida. Considera que, na maioria dos casos, o desencadeamento

da doença tem a ver com uma culpa persecutória intolerável proveniente do grupo familiar ou social, a qual o indivíduo doente assume como um depositário, e a que se alia uma comunicação paradoxal de “duplo vínculo” estabelecida com os pais, ou os seus substitutos na comunidade.

Para Grinberg, os sintomas esquizofrénicos tanto podem entender-se como defesas contra ideias inaceitáveis para o doente, como se podem compreender como uma forma de perpetuar determinado tipo de sistema familiar. A compreensão da esquizofrenia, baseada na relação do doente com a interacção familiar e o modo de comunicação existente na família, teve um contributo importante nos estudos realizados por Bateson e colaboradores sobre o grupo familiar, que postularam a existência de uma comunicação incongruente, ou em “duplo vínculo”, entre os membros da família que contribuía para a génese deste distúrbio.

Consideram que neste tipo de famílias, a criança com esquizofrenia desempenha uma função homeostática familiar, na medida em que os seus membros ao centrarem a sua atenção sobre o problema da criança evitam enfrentar as dificuldades que existem entre eles, unindo-se a família através da preocupação para com o seu membro doente.

Em relação à psicopatologia dos delinquentes juvenis, Grinberg refere que diversos estudos comprovam que muitos dos actos delituosos dos jovens se relacionam com aspectos inconscientes provenientes de áreas delituosas internalizadas dos seus pais, mas que também podem ter a ver com defesas contra a ansiedade de separação e a ameaça de destruição, tendo vivido muitos deles, quando crianças, repetidas experiências de abandono e maltrato por parte dos seus pais. Nalgumas situações, onde a perda objectal constitui o problema predominante, em lugar de incorporarem o objecto perdido essas crianças tendem a projectá-lo no mundo externo

com raiva e desilusão constituindo a sua conduta anti-social uma forma de atacar o objecto exterior como uma espécie de vingança do objecto perdido.

Sendo muitas das tendências delituosas dos jovens consequência de identificações projectivas recebidas dos seus pais durante a infância, considera Grinberg ser natural que as suas personalidades não possam sentir pena, responsabilidade ou necessidade de reparação, dada a incapacidade de poderem experimentar culpa depressiva e funcionarem com as características da sua própria culpa persecutória, bem como com a culpa depositada neles pela projecção dos seus familiares. Deste modo, entende que o jovem delinquente pode representar a delinquência latente da sua família, ou então, a sua passagem ao acto anti-social pode constituir a única saída encontrada perante familiares que lhe impuseram normas contraditórias através duma relação de "duplo vínculo", podendo ainda a conduta delituosa servir de reacção face à conduta doentia do grupo familiar ou do meio social que representa.

Grinberg explica o fenómeno da rebeldia juvenil, manifestado por meio da violência e de atitudes revolucionárias, atacando os sistemas sociais identificados com a opressão e a submissão, como um meio de certos jovens se tentarem libertar da culpa persecutória e da ansiedade que os domina, repelindo dessa forma da sociedade os representantes do conformismo e do despotismo que, segundo eles, caracterizava a burguesia vigente. Esses movimentos foram particularmente intensos entre os jovens universitários e atingiram maior expressão nos países de grande desenvolvimento sócio-cultural e industrial.

Reconhece Grinberg que nestas situações de revolta a sociedade desempenha muitas vezes uma função de "mãe-continente" que, nem sempre tem sabido conter

nem metabolizar o acumular crescente de angústia que subjaz a todas as expressões de protesto da juventude, quando repele de forma rígida e violenta as suas manifestações de rebeldia.

A conduta dos toxicodependentes também é explicada por Grinberg como uma forma de luta que esses pacientes estabelecem com o ambiente que os rodeia, se bem que por vezes manifestem a sua revolta com uma atitude passiva e aparentemente não violenta. Dado a posse de drogas ser ilegal e o seu consumo ser perseguido pelas leis, sendo frequente estes indivíduos actuarem como delinquentes ou criminosos quando, confrontados com o desespero da abstinência, procuram conseguir por qualquer meio a droga e o dinheiro para a obter, eles convertem a maioria das vezes a sua conduta em delito.

Em *Alcoolismo e Adição*, Simmel, referido por Grinberg, assinalou que muitas das dependências constituem defesas contra depressões severas, e que o toxicodependente (tal como o melancólico) terá introjectado um objecto primário de amor frustrante. Como tal, tenta atacá-lo ou destruí-lo dentro de si ou então, projecta os aspectos persecutórios do objecto no mundo externo reagindo com forte hostilidade contra o ambiente social, representante-substituto da sua mãe ou da sua família.

De acordo com Grinberg, de um modo geral estas personalidades não se sentem amadas, representando a droga um objecto mau que o toxicodependente se sente compelido a incorporar devido à sua culpa persecutória, mas a qual também se relaciona com fantasias inconscientes de incorporação de um peito idealizado que aumente a sua onnipotência e o ajude a negar as suas ansiedades persecutórias e depressivas. Estas pessoas mantêm uma relação masoquista com a droga, fazendo-se

autocastigar através de enormes sofrimentos desencadeados com a abstinência - automutilações, hospitalizações, prisão, etc. -, reflectindo-se as suas intoxicações não só no próprio como nas pessoas que os rodeiam.

Nestes pacientes, a dificuldade de metabolizarem a intensidade dos conteúdos angustiantes e destrutivos provenientes das identificações projectivas da sua infância, contribui para que se tornem psicóticos ou psicopáticos, descarregando nos objectos do exterior as suas violentas identificações projectivas ao procurarem aliviar a tensão insuportável do seu psiquismo através da passagem ao acto.

8. O PAPEL DA CULPA PERSECUTÓRIA NA NEUROSE E NA PSICOSE

Segundo Grinberg, na origem e na evolução de todos os quadros de neurose ou de psicose encontra-se a culpa persecutória, dependendo organizar-se uma ou outra consoante os mecanismos de defesa utilizados para fazer face a tais ansiedades.

Nas personalidades esquizóides, vários mecanismos defensivos são utilizados contra a culpa persecutória. Assim, através da dissociação, a pessoa separa o objecto bom do objecto considerado perigoso, características estas provenientes da primitiva clivagem entre o peito bom e o peito mau, protegendo-se das fantasias agressivas sádico-orais que experimentou, por ter medo da represália do objecto. Mas, esta dissociação do objecto produz uma dissociação dentro do próprio Eu do sujeito, explicando M. Klein em *Notas Sobre Alguns Mecanismos Esquizóides* que a parte destrutiva e odiada de si mesmo que se dissociou e foi projectada no objecto amado, é sentida por este como um perigo, dando lugar à culpa, mas a qual por sua vez é projectada no outro. Porém, o sujeito não consegue libertar-se completamente da

culpa ficando antes esta aumentada devido à responsabilidade inconsciente sentida para com o objecto sobre o qual se projectou a culpa, objecto que passou a ser o representante da parte agressiva do sujeito. A dissociação juntamente com a projecção constitui o mecanismo de identificação projectiva, que é característico das personalidades esquizóides, entendendo Grinberg que quando excessivamente utilizado debilita ainda mais o Eu, impossibilitando-o de suportar a culpa e a perseguição e o que pode conduzir à psicose esquizofrénica.

Nos pacientes esquizofrénicos, a intensidade com que neles actua o ódio e a destrutividade provocam a intensificação da culpa persecutória determinando um aumento do receio de aniquilação. Concorde Grinberg com Bion, quando este escreve, em *Desenvolvimento do Pensamento Esquizofrénico*, que o grande predomínio de impulsos destrutivos invade até as tendências amorosas convertendo-as em sadismo, produzindo-se ódio, quer para a realidade externa quer para a interna, o que determina uma necessidade de atacar constantemente todo o vínculo amoroso, bem como cada um dos elementos que intervêm no mesmo.

No que respeita às personalidades melancólicas ou depressivas, diz Grinberg que a culpa persecutória se manifesta com bastante evidência, enumerando algumas das manifestações deste sentimento de culpa nestas personalidades: auto-censura, estados de apatia, ressentimento, indiferença, abatimento, humilhação, pesar, angústia, tristeza, perda de auto-estima, desvalorização, irritabilidade, mau-humor, atitudes auto-punitivas, conduta masoquista. No que respeita à auto-censura, refere que esta tem por principal função apaziguar o perseguido, através da confissão de uma qualquer culpa, embora isto sirva para encobrir a culpa persecutória proveniente das raízes conflitivas da infância.

Em relação às personalidades paranóides, Grinberg entende que o sentimento de culpa se manifesta com características muito particulares, dado sistematicamente negarem a sua culpa e a projectarem no exterior. Estes indivíduos preocupam-se em descobrir e apontar a culpa nos outros, controlando minuciosamente as atitudes e condutas daqueles que as rodeiam. Tentam iludir a sua culpa utilizando o delírio de serem perseguidos como forma de negar os seus sentimentos ambivalentes de amor e ódio para com o objecto do delírio e quando admitem ter ódio contra os seus perseguidores, expressam-no com tantas argumentações que não necessitam sentir culpa. Os mecanismos paranóides mantêm a negação e o afastamento da sua culpa persecutória à custa de uma grande restrição das suas actividades intelectuais, visto terem o seu pensamento absorvido pelas preocupações defensivas e pelos receios persecutórios.

Os quadros maníacos e hipomaníacos, caracterizam-se pelo predomínio de euforia, excitação e hiperactividade, existindo nestas pessoas uma negação absoluta da culpa persecutória que é projectada nos outros, revestindo-se de fortes sentimentos de onnipotência e de idealização do vínculo com o objecto. A sua onnipotência é levada ao máximo como forma de controlar todas as situações e todas as pessoas, dado não poderem admitir a responsabilidade. A mania, enquanto um estado regressivo do Eu na sua relação com o objecto, serve como defesa face às ansiedades das culpas persecutória e depressiva através dos mecanismos da negação, da onnipotência e da idealização.

Nos neuróticos obsessivos, as obsessões surgem impostas por uma necessidade interna, sentindo-se por vezes forçados a respeitá-las sob a imposição de uma angústia incontida, experimentando estas pessoas uma culpa persecutória que desempenha um

papel importante na manifestação das suas preocupações e dúvidas. Para poderem controlar até ao mínimo detalhe tudo o que possa relacionar-se directa ou indirectamente com os seus problemas e com a origem da sua culpa, preocupam-se em serem extremamente ordenados e meticolosos na execução de quaisquer tarefas.

Entre os mecanismos de defesa utilizados conta-se como um dos mais importantes o da formação reactiva, e com o qual procuram contrariar a sua culpa, as suas hostilidades e as suas agressões inconscientes, podendo manifestar-se a sua personalidade por uma conduta permanente de exagerada amabilidade e cortesia. Através do mecanismo do isolamento estes indivíduos tendem a separar ou distanciar das pessoas o pensamento ou objectos que, por motivos inconscientes, acham não poder estar juntos nem tocar-se. O mecanismo da anulação é um dos mais comuns e tem como finalidade anular uma acção real ou fantasiada vivida como uma "porcaria", ou seja, tende a reparar mediante a "lavagem compulsiva" a culpa persecutória por ter realizado ou fantasiado uma má acção. A sintomatologia destes pacientes encontra-se cheia de superstições mágicas, provenientes do período da onipotência e magia infantis, com as quais tenta combater o seu sentimento de culpa persecutória e os seus receios de castigos através de rituais de encantamento e anulação.

No que respeita à doença psicossomática, Grinberg considera que a actuação da culpa persecutória nestes doentes manifesta-se com bastante evidência através da tendência auto-destrutiva exercida no órgão afectado, manifestando-se neste o conflito entre o Supereu e o Eu. Estas pessoas vivem fantasias agressivas inconscientes para com familiares e outras pessoas significativas, geradoras do sentimento de culpa, o qual é atenuado pela preocupação e ansiedade centradas no órgão doente, satisfazendo por esta via a necessidade de castigo contida na culpa inconsciente. Nestes doentes, o

orgão é identificado com o objecto e o conflito inconsciente para com este ao ser transposto para o órgão doente, leva a que se experimente culpa persecutória para com o objecto incorporado no órgão, convertendo-se este objecto-órgão em perseguidor e provocando sofrimento. Por vezes, manifesta-se uma doença psicossomática pouco depois da morte de um ente querido, o que é consequência da identificação, por culpa, com a doença que sofria a pessoa morta.

Nos pacientes psicopatas ou impulsivos, existe uma impulsividade patológica que é sintónica com a labilidade do seu Eu, actuando no exterior a sua culpa dada a dificuldade de a manejar no plano mental. Caracterizam-se por uma conduta inconstante, sem possibilidade de esperar e adiar pela satisfação dos seus desejos, com enorme falta de responsabilidade e de sentido ético e uma acentuada desconsideração para com as normas do grupo social. Através da passagem ao acto tentam alcançar uma securização ilusória, através da confirmação da sua onipotência, negando deste modo a frustração e a ameaça de serem afastados e castigados pelos seus objectos queridos, devido ao sentimento de culpa. Ao agir, tentam negar a própria culpa, a qual não podem suportar, fazendo-a recair por identificação projectiva entre as pessoas que os rodeiam, servindo também a acção como um meio de racionalizar a sua vingança para com a família e a sociedade perante as quais se sentem vítimas e credores, não mostrando culpa nem angústia pelos seus actos. A sua desadaptação social e a sua conduta acaba por se virar contra si próprios, encontrando o afastamento e o desprezo em vez da compreensão e do amor desejados.

Dada a fragilidade do seu Eu, não toleram experimentar os sentimentos da culpa depressiva (pena, responsabilidade e necessidade de reparação), regredindo à culpa persecutória e actuando de forma masoquista esta culpa. Como se disse atrás, Freud

também já entendera que a procura de castigo para o sentimento de culpa dos psicopatas era a causa dos seus delitos, não sendo o sentimento de culpa consequência do acto criminal.

Na sua infância, estas personalidades estabeleceram com objectos idealizados vínculos ambivalentes de admiração, avidez e inveja, reforçando a atitude dos seus pais estes conflitos por não terem conseguido tolerar as suas ansiedades e culpa persecutória e colocarem nos seus filhos as suas próprias e violentas identificações projectivas. Entre as defesas surge a mania - organizada através da identificação a um objecto-seio idealizado e onnipotente - e a clivagem - entre a parte do Self identificada com o aspecto onnipotente e agressivo e a parte do Self mais adaptada à realidade.

Quando confrontados com experiências de perda e frustração dá-se nestes indivíduos um aumento da ansiedade persecutória geradora de uma enorme tensão intrapsíquica entre as partes do Self que tinham sido dissociadas, adoptando uma o papel tirânico da imagem superegógica primitiva e a outra o aspecto egóico de submissão. Através de violentas identificações projectivas descarregam a tensão dessa relação tirânica no objecto, incitando-o por sua vez à passagem ao acto.

Capítulo III

CULPA

PERSPECTIVA HISTÓRICA DA CULPA JURÍDICO-PENAL

A *culpa*, terceiro eixo deste estudo, levou-nos a uma pesquisa bibliográfica mais extensa do que a dos capítulos precedentes, dado desconhecermos uma compilação que abarcasse este tema, mas também devido à necessidade de nos debruçarmos, como quase leigos, sobre este termo que é reconhecido pelos juristas como vasto e complexo, respeitando ele aqui apenas ao campo do Direito Penal, vertente deste trabalho.

Traçamos em linhas gerais o significado histórico que lhe foi sendo atribuído, desde a antiguidade até aos tempos actuais, verificando-se a enorme controvérsia que o significado da culpa tem suscitado no Direito, e as diversas correntes que o têm explicado e aplicado nos juízos sobre o acto de julgar o outro - o que comete actos delinquentes, ou seja, à margem da ordem estabelecida socialmente e definida nas leis do Direito Penal.

1. ORIGEM DO TERMO “CULPA”

No contexto jurídico-penal, o termo “culpa” é considerado como um dos mais ambíguos, tanto no seu emprego corrente como ao longo da sua evolução histórica.

De acordo com A. Ripollés (1958), na língua latina foi utilizado na literatura clássica como equivalente a “vício”, “falta” ou “responsabilidade” de qualquer tipo, tendo-se confundido este vocábulo com o de “culpabilidade”, confusão esta que continua a encontrar-se na língua castelhana literária e popular e o que, etimologicamente, pode ser explicado pela sua procedência sanscrita em “*Kalp*” e “*Sankalp*”, que significou “acto” e “realizar” sem diferenciação alguma entre “intencionalidade” e “não intencionalidade”.

Por seu lado, F. Conde e M. Arán (1996), definem a “culpabilidade” em Direito Penal como sendo “(...) o conjunto de condições que permite declarar alguém como culpável ou responsável de um delito” (p.366), entendendo que o termo “culpa” foi empregue tradicionalmente devido à terminologia proveniente do Direito romano, que o utilizava como equivalente a “imprudência” ou “negligência”.

Referem também estes autores que, fora do Direito Penal também se empregam expressões como “ter a culpa”, ou “sentir-se culpado”, as quais reflectem um sentido parecido ao que se dá ao conceito de “culpabilidade” em Direito Penal e que, quando se diz que alguém “tem a culpa” ou que “é culpado” de alguma coisa tal refere-se à responsabilidade pela realização de um facto desaprovado. Nesta perspectiva, consideram que do ponto de vista psicológico a culpa é um sentimento, representando este uma mágoa pelo mal cometido, e existindo uma desaprovação prévia em relação a

algo que se realizou e que não se deveria ter realizado, ou de algo que não se realizou devendo ter-se realizado, ainda antes da culpa ser objectiva ou subjectiva.

Segundo Ripollés, o emprego do termo “culpa” enquanto forma reduzida do termo “culpabilidade” foi efectuado pelos juristas, considerando este autor que a diferença do seu uso e do seu significado nunca foi possível vigorar, encontrando-se, por exemplo, o termo “culpa” na Roma clássica e na moderna referido à conduta “não maliciosa”, à “descuidada” e à “negligente”, e encontrando-se no Código Penal português o termo “negligência”, apesar do seu uso científico corrente empregar também o termo “culpa”.

2. HISTÓRIA DA CULPA DELITUOSA

Considera Ripollés que a história das formas culposas de delinquir é uma das mais preciosas e difíceis aquisições da dogmática penal, vindo o conceito de culpa a sofrer uma contínua evolução ao longo dos tempos. Refere que a história da culpa aparece de modo fragmentado nos tratados históricos do direito penal, tendo sido com o Renascimento que o conceito de culposo se começou a aclarar, pois, ao contrário do dolo, cuja origem penal considera ser clara, a origem da culpa no direito privado é o que permite explicar as suas insuficiências na dogmática penal actual, em virtude de não ter conseguido separar-se totalmente das suas amarras originárias.

A culpa no Direito pré-helénico: semita, ariano e oriental

Segundo Ripollés, nos povos arianos não terá existido confusão entre o acto doloso e o culposo, encontrando-se no seu mais antigo paradigma legal, o Código de

de Manú, a tendência em desvalorizar a culpa em favor de um resultado objectivo. Pelo contrário, nos textos remotos dos povos orientais, aparece uma valoração diversa da responsabilidade nas triplas hipóteses de dolo, culpa e caso fortuito, nomeadamente nos povos semitas, babilónicos e hebreus.

Em contraste com o objectivismo hindú do Código de Manú, no mais famoso dos códigos semitas, o babilónico de Hamurabi, situa Ripollés o aparecimento da diferenciação entre dolo e culpa, com uma diferente valoração do delito culposo ao lado do doloso, referindo por exemplo em relação ao aborto que se castigava com a morte da filha do culpado se o acto fosse malicioso, e com simples composição pecuniária se fosse involuntário.

Refere, que também nas leis assírias se encontrava a mesma distinção hamurabiana entre aborto voluntário e involuntário, reservando-se ao primeiro a horrível pena assíria do empalamento, aparecendo nessas leis uma mais clara distinção entre culpa e caso fortuito, a qual não aparecia na Lei babilónica quando configurada nos danos de pastoreio. No primeiro caso acordava-se pela impunidade se se tratasse, de “«golpe de Deus ou assalto de leão»” (p. 26), suportando o dono o dano, mas no segundo estimava-se a culpa incumbindo ao pastor o pagamento.

Nos textos hititas dos povos da Ásia Menor anteriores aos fenícios, a distinção entre dolo e culpa terá sido tão precisa como nos babilónicos e nos assírios aparecendo, por exemplo, na diferença entre homicídio e lesões intencionais e imprudentes, uma penalização menor destes últimos e penalizando-se também aqui o aborto doloso com uma multa maior do que o accidental.

As normas penais do antigo Israel, nascidas num ambiente cultural semelhante às dos outros povos semitas da Ásia Menor considera, o mesmo autor, terem grande

interesse, não só pelo seu valor humano mas, sobretudo, pela sua influência no Direito Cristão europeu.

Assim, e no que respeita à valoração do doloso e do culposos, diz encontrar nos livros do Antigo Testamento vestígios evidentes de ter existido responsabilidade objectiva sem consideração pela vontade do autor, a qual era por vezes extensível à família e à comunidade, e o que documenta com as conhecidas passagens bíblicas onde a pena passava de pais para filhos, como era o caso da sanção do pecado original efectuada até à terceira ou quarta geração.

Acrescenta ainda, que noutros livros mais modernos da Bíblia não parece que se tivesse em conta o elemento subjectivo e pessoal da responsabilidade, e o que exemplifica com as frequentes sanções colectivas de famílias ou povos inteiros como foi a do povo de David que morreu dizimado pela peste por ele ter ousado fazer o censo do seu povo. Salienta, contudo, que nas sanções bíblicas nem sempre se tratava de medidas de carácter criminal, como aconteceu no conhecido caso de Noé e seus familiares que foram salvos das sanções divinas devido às suas próprias virtudes, explicando que os castigos da Divindade não podiam ser julgados com a igualdade do Direito humano em virtude de obedecerem a desígnios ou considerações teológicas estranhas ao jurídico.

Considera então, que vai ser nos livros santos hebreus do Direito humano, e não nos de raiz teológica, onde aparecem preceitos que diferenciam melhor do que nas fontes babilónicas a culpa do dolo. Assim, refere a dura pena de Talião como uma característica semita, e a qual só valia, em princípio, para as acções equivalentes ao dolo e não para as geradas por erro ou imprudência, entendendo, no entanto, que

apesar da distinção da culpa frente ao dolo ser clara, que o mesmo não acontecia em relação ao caso fortuito, onde só se chegava através de subtis presunções.

Esclarece por último, que à semelhança do Direito hebreu, o Direito islâmico também conheceu o elemento intencional nos delitos, embora não deixasse impunes na sua ausência as hipóteses culposas, nomeadamente as homicidas.

A culpa na legislação helénica

Escreve Ripollés (1958), que no espírito helénico clássico existia uma interna contradição entre a liberdade do homem e a submissão aos deuses, dominando no pensamento arcaico grego a ideia funesta da Fatalidade referida quase sempre aos deuses. Entende que tal ideia pressupunha que não se isentava de responsabilidades a pessoa que com um seu acto originasse um mal, mesmo que este fosse executado contra a vontade, aparecendo então a cólera dos deuses, personificada em Némesis (deusa grega da vingança e da justiça distributiva, que reprovava todos os excessos). Refere também que nos conhecidos e fatais encadeamentos das tragédias gregas, onde crimes e castigos se sucediam a um ritmo quase natural e sem intervenção do elemento volitivo, o dolo e a culpa não existiam, sendo equiparados ao caso fortuito que era considerado obra do Destino, sobrepondo-se a vontade deste à dos mortais. Deste modo eram explicados os actos e responsabilidades, como acontecia com os conhecidos parricídios e incestos assim como com os castigos implacáveis, porventura herança duma barbárie ancestral .

Apesar desta, e tal como em Israel, entende o mesmo autor que terá existido uma distinta dimensão do humano e do teológico, sendo os deuses maus que castigavam duramente o acusado, tal como o personificam as Euménides ou Erínias

(as deusas gregas que tinham por missão punir os crimes dos homens), que perseguiam na forma de aves agoirentas e monstruosas Orestes (filho de Agamémnon, que vingou a morte de seu pai, matando sua mãe Clitemnestra) e que sugeriram a Édipo a auto-desorbitação. Considera, no entanto, que os poetas já pareciam compreender o injusto de tal procedimento, ao situarem nessa fatalidade o sentido sublime e misterioso das tragédias, fazendo o Coro as vezes do sentimento popular ao clamar por uma justiça mais humana. Explica, então, que nas tragédias mitológicas os parricídios de Orestes e Édipo eram lamentados e os seus castigos valorados como injustos ou excessivos por se referirem a casos fortuitos ou culpas e não a crimes intencionais.

Para este autor, foi na filosofia e com Aristóteles que se distinguíu entre o azar propriamente dito e o automatismo, quando este considerou que o primeiro constituía parte integrante do segundo. Assim, o *Tuké* de que Aristóteles falava na *Física*, viria a ser, de acordo com Ripollés, um conceito afim da culpa, dado que o fazer incide acidentalmente em seres dotados de vontade livre, que o podiam ter desejado ou temido querendo-se ou não impedi-lo. Considera como tal que é aqui que se pode encontrar a noção do azar valorado mediante o factor da previsibilidade e inevitabilidade, o qual viria a desempenhar um papel decisivo no jurídico-penal.

É também em Aristóteles, na sua *Moral a Nicomaco*, que vai encontrar a primeira distinção clara para as três classes básicas de acções do Direito Penal - as voluntárias, as involuntárias e as premeditadas -, ao considerar que destacou o factor da previsão quando escreveu: "Quando o mal foi produzido contra toda a previsão razoável, trata-se de uma mera desgraça; quando não é contra toda a previsão, mas sem malícia, é uma imprudência, e quando se executa com plenitude de conhecimento,

é um acto perverso” (p. 33). Terá sido, pois, um filósofo, Aristóteles, e não um jurista, quem esboçou a tripla caracterização do caso fortuito, da culpa e do dolo.

A culpa no Direito romano

Na língua latina o termo culpa foi empregue não só para designar a imprudência mas também a culpabilidade em geral, devido a ter existido uma confusão terminológica deste termo na língua latina. Segundo a interpretação de Ferrini, referido por Ripollés (1958), no Direito clássico de Roma a imprudência não se referia à imprudência criminal mas ao delito em geral, estando a culpa aliada ao dolo.

Embora não se saiba ao certo quando surgiu a responsabilidade culposa no Direito romano antigo, é na interpretação da Lei Aquília, sancionadora da chamada “culpa aquiliana” que diz que se concentra a melhor doutrina legal romana sobre o culposo, citando a propósito Orfeo Cecchi quando escreveu que a Lei Aquília foi a “acta de nascimento do delito culposo” (p. 35). Por isto, defende o mesmo autor, que a formulação da culpa faz parte da jurisprudência romana.

Por outro lado, supõe que no tempo da Lei Aquília ainda não se tinha alcançado uma separação clara entre o Direito público e o privado, existindo reminiscências de um regime de justiça familiar prepotente, como acontecia, por exemplo, em relação ao incêndio e ao homicídio que durante muito tempo pertenceram ao domínio do Direito Privado.

As primeiras referências da existência de uma doutrina da culpa no Direito Penal romano encontram-se, para este autor, em rescritos imperiais referenciados a casos concretos, como seja num rescrito dos tempos de Adriano que acordava a punição do

homicídio culposo com sansão menor que o doloso, o que lhe permite considerar que o culposo era penalmente irrelevante.

A sua incorporação no âmbito do criminal só terá aparecido muito mais tarde, encontrando Ripollés referências ao culposo na Lei Cornélia, quando da regulação do homicídio, sendo excluídos desta lei os actos não determinados pela malícia do dolo os quais obrigavam à absolvição.

Considera terem sido os juristas romanos que, ao trabalharem sobre o Direito Privado, construíram as bases sobre as quais viria a basear-se o Direito Penal, e o que só terá sido possível quando este se conseguiu desligar das fortes amarras que o ligavam àquele tal como o estudo da culpa o comprova.

A culpa no Direito germânico

A ideia de culpa penal foi alheia ao sentido jurídico dos germânicos, tal como o foi, como vimos, a todos os povos arianos, onde prevaleceu a responsabilidade objectiva (escrita nas Leis de Manú, manteve-se na Grécia, reaparecendo posteriormente nas compilações germânicas da Alta Idade Média) com a consequente indeterminação das formas de dolo, de culpa e de caso fortuito.

Defende Ripollés (1958) que a teoria da culpa é uma das mais delicadas e laboriosas instituições do Direito punitivo e que requer um aprofundamento de conceitos psicológicos e morais que ainda não existiam nos povos de nível cultural rudimentar, nem no Direito arcaico grego nem no romano, concordando e citando Brunner quando este escreve que “«uma teoria desenvolvida da culpa não existe no antigo direito germânico»”(p. 40).

Nas antigas fontes germânicas a delinquência culposa era pura e simplesmente assimilada ao dolo, ou então era uma matéria intrascendente ao penal, pois, tal como na Roma antiga, refere que também na Alemanha era mais fácil distinguir entre o voluntário e o não voluntário (englobando-se a culpa no dolo), do que entre o não voluntário culposo e o fortuito, entendendo que será esta diferenciação o que permite perceber a exacta delimitação das fronteiras da culpa.

De acordo com este autor, nas fontes do Direito germânico o aparecimento da culpa separada do dolo coincidiu sempre com os momentos de maior influência do Direito romano e do canónico, sendo tal coincidência um sinal de progressiva maturidade, enquanto que o fenómeno contrário (o da culpa englobada no dolo), um sinal do primitivismo bárbaro, podendo encontrar-se exemplos sobre a culpa nas compilações germânicas mais intensamente romanizadas, tal como aconteceu na lei dos borgonheses.

A Lei dos Burgundios, que regeu o povo borgonhês durante grande parte da Idade Média, constitui um paradigma da romanização das leis germânicas, pois nela se podem encontrar não apenas os supostos da culpa separada do dolo, mas também a influência canónica, que se fez sentir a partir da conversão dos borgonheses arianos ao catolicismo. Para Ripollés, o aparecimento do que se considerava ser o delito culposo no Direito borgonhês não se limitava aos casos de homicídio ou incêndio consagrados na tradição romana, mas estendia-se a outras modalidades delituosas e o que revelava a existência de um sentido de responsabilidade e de segurança jurídica. Nele se distinguía com clareza não apenas o dolo da culpa mas aparecia também a distinção das fronteiras entre o caso fortuito e a culpa, e a que correspondiam castigos diferentes, valorando-se a culpa até considerações de perigosidade.

A culpa no Direito eclesiástico

Ao longo dos séculos obscuros da Idade Média, volta a aparecer no Direito Penal canónico a confusão terminológica e ambígua do vocábulo “culpa”, bem como da separação entre o voluntário e o não-voluntário (que às vezes se traduz por caso fortuito), sem deixar lugar à compreensão do culposo. Reaparece, pois, no Direito eclesiástico a estrita responsabilidade pessoal na sua dupla dimensão de dolo e de culpa, inserindo-se nesta o impunismo do caso fortuito, e para o que contribuiu a doutrina cristã com os seus postulados da estrita responsabilidade pessoal que culminou no defendido por Santo Agostinho de que não existe pecado se não foi voluntário.

Entende Ripollés (1958) que esta confusão, própria dos regimes jurídico-penais pouco evoluídos, é o que permite explicar as falhas em relação ao princípio da culpabilidade estrita, continuando a fazer parte do Direito Penal canónico a proximidade da culpa ao dolo, ou seja, considera-se no penal canónico que o dolo indirecto e a culpa são uma única e mesma coisa.

A culpa no Direito europeu da Idade Média e do Renascimento

Devido à influência romana e canónica, (oposta à germânica em admitir a singularidade penal do culposo), os penalistas da Baixa Idade Média e do Renascimento consideraram não terem dúvidas de que a doutrina da culpa pertencia ao campo do criminal. Para isto, terão contribuído alguns historiadores da Itália de então que adaptaram ao penal as construções dos privatistas romanos em relação à culpa, traduzindo também para a técnica jurídica os ensinamentos dos grandes teólogos escolásticos, como foi o caso de São Tomás de Aquino.

Foi com base nesta dupla influência que Alberto Gandino, referido por Ripollés, considerou que a pena do delito culposo era mais benigna que a do delito doloso, reconhecendo no entanto com isto a necessidade da pessoa sofrer a culpa, não a protegendo do impunismo do caso fortuito, e o que passou a ser um princípio do Direito em todos os sistemas modernos.

No Direito comum europeu do Renascimento, à atenuação das penas dos delitos por culpa corresponde um pesado agravamento das penas aplicadas aos delitos dolosos, o que contrastava com a benignidade geral dos ordenamentos penais da Alta Idade Média e com a tradição germânica de compensação e quase-impunismo, sobretudo nos delitos de sangue.

Para este mesmo autor, até à entrada da Idade Moderna o problema da culpa resolvia-se casuisticamente, com base nos clássicos exemplos dos profissionais (arquitecto, corredor de cavalos, cocheiro, lenhador, médico, farmacêutico) que, pela sua imperícia, eram causadores de morte ou de lesões a alguém, e o que era tratado no homicídio. Embora o estudo da culpa se circunscrevesse ao homicídio, considerou-se a necessidade de ela ser estimada aos outros delitos, imperando então o tópico da “previsibilidade” até que, no século XVIII Jousse, referido por Ripollés, lhe iguala o da “prevenibilidade”, ao dizer que o homicídio imprudente é “«o perpetrado por quem podia evitá-lo de ter feito prudente ou com previsão»”(p. 51).

Refere também, que nos casos em que se supunha existirem elementos dolosos na culpa predominava o critério da sua assimilação ao dolo, denominando-a frequentemente “*culpa lata*”, e que apesar dos práticos italianos terem abusado ao tentar distinguir cinco, seis e até doze espécies de culpa, ao querê-la adaptar ao penal, predominou o tripartismo romano de culpa “*lata*”, “*levis*” e “*levissima*”.

Na Alemanha pré-renascentista, a evolução da estimativa criminal da culpa foi lenta, só aparecendo nos alvares do Renascimento a diferenciação tripartida entre o dolo, a culpa e caso fortuito. De um modo geral considerava-se a culpa penal como uma causa de atenuação da pena, tal como o era naquele tempo a tentativa e, tanto Carpzovius como Bohemerus, referidos por Ripollés, defendiam a sua maior benignidade frente ao dolo. A maior preocupação dos penalistas desta época terá sido a de definir em que casos e delitos era factível ou não a incriminação culposa, e no que Carpzovius se terá distinguido.

De acordo com o mesmo autor, Bohemero teve um papel fundamental na formulação da natureza da culpa penal na Alemanha, devido a ter chamado à atenção para a importância do elemento da vontade e para o que se baseou nos ensinamentos de São Tomás. Encontrou, então, na vontade duas formas diferentes de ela se manifestar: a que se refere a um acto e resultado criminais, (a dolosa), e a que é simplesmente causante desse resultado, (a culposa, ou culpa de imprudência).

3. O CONCEITO TRADICIONAL DE CULPABILIDADE

Para outro autor G. Bettiol (1970), a “culpabilidade” é um dos elementos do crime, sendo este elemento o que precisamente “(...) exprime a base humana e moral sobre a qual se radica a noção do crime” (p. 281-282), entendendo, por sua vez, F., M., Conde & M., G., Arán (1996) que só se pode aplicar uma pena ao agente de uma acção quando este, para além de realizar um facto típico e antijurídico, o pratique culpavelmente. Segundo definem estes autores, “Actua antijuridicamente quem, sem estar autorizado, realiza um tipo jurídico-penal e ataca com ele um bem jurídico-

penalmente protegido. Actua culpavelmente quem comete um acto anti-jurídico tipificado na lei penal como delito, podendo actuar de um modo distinto, quer dizer, conforme ao direito” (p. 366).

O conceito tradicional de culpabilidade, atendia unicamente ao facto singular cometido, constituindo objecto de censura apenas a parcela da vida de um homem relacionada com o facto.

Nesta concepção tradicional, para realizar um juízo de reprovação ou censura a uma pessoa por ter podido actuar de modo distinto do que realmente fez, apenas se tomava em consideração o fenómeno individual da culpabilidade, não se atendendo à culpabilidade em referência aos outros, como viria a considerar-se mais tarde.

De acordo com Conde & Arán (1996), a culpabilidade, ao ser originariamente entendida como uma relação psicológica entre o autor e o seu acto, constituiu primeiro o que se designa de “*concepção psicológica da culpabilidade*”, diferenciando a relação dolosa da imprudente, surgindo depois uma “*concepção normativa*” que via na culpabilidade uma “*reprovação*” que se fazia ao autor do delito por ter actuado da forma que actuou, podendo actuar de forma diferente.

Concepção psicológica e concepção normativa da culpa jurídico-penal

Relativamente a este elemento da culpabilidade, uma concepção que predominou durante séculos, e que, segundo Bettiol (1970), ainda tem seguidores, é a chamada “*concepção psicológica*”.

A concepção psicológica da culpabilidade baseia-se numa ligação de carácter subjectivo que une o facto ao seu autor, tendo-a definido Bellavista, citado por Bettiol, como um termo genérico que abrange tanto o dolo como a culpa e na qual

existe “«a relação psicológica entre o agente e a acção que ocasiona um evento querido, ou não querido, ainda que previsto, mas previsível»” (p. 287-288), o que o leva a defender que toda a doutrina que vê na culpabilidade um conteúdo psicológico circula em torno desta definição.

De acordo com este autor, o laço psicológico que une um determinado acontecimento a um sujeito activo poderá ser considerado doloso ou culposo, sendo doloso quando é previsto e querido, e culposo quando o acontecimento embora não fosse querido era previsto ou, pelo menos, era previsível. Deste modo, considera que o dolo e a culpa são sempre noções jurídicas que pressupõem uma dada relação psicológica entre o acontecimento e o agente.

Ainda segundo o mesmo autor, a verdadeira revolução na noção de culpabilidade só aconteceu quando a doutrina se apercebeu de que a culpabilidade não era apenas uma vontade referida a um facto que não se devia ocasionar, mas também uma vontade que não se devia ter, não sendo apenas voluntariedade do ilícito, mas também vontade ilícita. Deste modo, entende que o juízo de culpabilidade não pode encarar apenas o facto externo praticado, mas também a vontade que realizou o mesmo facto.

Considera ainda, que o mérito de vários autores na Alemanha e de Musotto na Itália, se deve ao facto de terem esclarecido o conceito normativo de culpabilidade, o qual só pode ser entendido com base numa relação de contradição entre a vontade da norma e a vontade individual. Deste modo, diz, é-se chamado a responder culpavelmente porque se quis de maneira diferente do que se deveria ter querido, dadas as condições concretas em que se agiu. É com base nisto que define a culpabilidade como uma “desobediência”, ou seja, uma “vontade culpável”,

concordando com Musotto quando este escreve que “«Culpabilidade é um comportamento psicológico contrário ao dever e, por isso, reprovável. A actividade contrária ao dever implica reprovabilidade, censura por ter agido assim e não diversamente»” (nota 209, p. 292).

Apesar deste aspecto normativo, isto é, a consciência da antijuridicidade do facto ou da contrariedade ao dever, entende Bettiol que a ligação psicológica que une o facto ao seu autor será sempre necessária, devendo ser considerada como um elemento sobre o qual se apoia o juízo de culpabilidade. Afirma e defende que a culpabilidade deixa de ser um dado “psicológico-naturalístico” para passar a ser um “juízo” e o que supõe a presença de vários elementos, entre os quais o nexó psicológico entre o acontecimento e o autor.

Contudo, considera que o elemento normativo não pode por si só deslocar a culpabilidade de um plano naturalístico para um plano valorativo, em virtude de a consciência da antijuridicidade do facto andar sempre ligada ao elemento psicológico-subjectivo.

Mas, ao lado de cada norma jurídica, que exige do indivíduo uma certa acção exterior, encontra-se subentendida uma outra norma, a que Goldsmidt chama “norma do dever”, considerando Bettiol ser esta que impõe ao indivíduo a orientação da sua actividade interna, ou seja, da vontade, de modo a que ela possa corresponder às exigências que o ordenamento jurídico tem em vista quando regula as actividades exteriores. Para Goldsmidt é essa norma do dever que manifesta a sua eficácia em relação aos fins da formação da vontade individual, devendo esta deixar-se determinar pelo comando daquela. Deste modo, considera que a norma penal tem dois aspectos: o valorativo e o imperativo.

Porém, e por entender que o cometimento de um facto censurável só é considerado crime na medida em que a vontade que se manifestou é uma vontade que não deveria existir, ou seja, é uma vontade reprovável, explica que será apenas face ao aspecto de reprovabilidade, enquanto elemento subjectivo, que o crime adquire esse carácter, pois, se faltar a culpabilidade o facto lesivo não pode considerar-se um facto reprovável.

Com base no anteriormente dito, Bettiol (1970) passa a “(...) definir a culpabilidade, sob o aspecto normativo, como «um juízo de reprovação pessoal pela efectivação de um facto lesivo de um interesse penalmente protegido»” (p. 299), considerando que constituem elementos do juízo de culpabilidade:

- a capacidade de entender e de querer (a imputabilidade)
- a voluntariedade do facto (dentro dos limites respectivos do dolo ou da culpa)
- a possibilidade de uma normal motivação da vontade

e o que o leva a considerar que a responsabilidade penal tem carácter pessoal.

Explicando melhor esta sua concepção, refere que o conteúdo do querer faz parte da teoria da culpabilidade, sendo o dolo e a culpa elementos da culpabilidade e que pertencem ao conteúdo da vontade e da acção. Sobre esta, acrescenta que são capazes de acção mesmo aqueles que não têm capacidade de entender e de querer, (como sejam, os menores e os doentes mentais), apesar de não poderem querer culpavelmente. Como tal, entende que não pode dizer-se que a sua acção é uma acção culpável e o que faz com que não sejam passíveis de um juízo de desaprovação em relação ao conteúdo e às modalidades do acto de vontade.

A propósito desta teoria da culpabilidade que temos vindo a referir, J. Wessels (1980), salienta que a “«concepção psicológica da culpabilidade»” reconheceu a

essência da culpabilidade na relação psico-subjectiva do autor frente ao facto, e que ao identificar esse conceito com a situação psíquica de saber ou não saber e de querer ou não querer, desconsiderou como “«formas de culpabilidade»” o dolo e a culpa (da teoria de Mezner), esquecendo estes elementos essenciais da culpabilidade.

Em relação à “*teoria normativa da culpabilidade*” (fundada por Frank), entende este autor, que a essência da culpabilidade residia, para o seu fundador, “na *censurabilidade da formação da vontade e da sua actuação*”, e o que terá a ver com uma valoração normativa de uma situação psíquica. Acrescenta ainda que apesar de se admitir, de um modo geral, a existência deste conceito normativo da culpabilidade, que as opiniões diferem no que respeita aos elementos que o compõem.

É ainda Wessels (1980) quem escreve que, para a maioria dos autores, o conceito de culpabilidade é “complexo” no Direito Penal, entendendo que dele fazem parte os seguintes elementos:

- a capacidade de culpabilidade, (*imputabilidade* no momento do cometimento do facto)
- *as características especiais da culpabilidade*, previstas em determinados casos
- *a forma da culpabilidade* (culpabilidade por dolo ou por culpa)
- *a consciência do injusto* (possibilidade de compreender o injusto)
- a ausência de *causas de desculpação* (a sua existência atenua o conteúdo do injusto e da culpabilidade do facto).

4. O CONCEITO DIALECTICO DE CULPABILIDADE

De acordo com Conde & Arán (1984), o conceito tradicional de culpabilidade apenas via nesta um fenómeno individual e isolado, concretizado numa acção típica e anti-jurídica, e que apenas afectava o seu agente. Discordando dessa perspectiva, entendem estes autores que a culpabilidade não é um fenómeno individual, mas social, dado considerarem que “(...) realmente não há uma culpabilidade em si, mas uma culpabilidade em referência aos demais” (p. 369), sendo o Estado, enquanto representante da sociedade, “(...) quem define os limites do culpável e do inculpável, da liberdade e da não-liberdade” (p. 370), de acordo com cada momento histórico.

Defendem então, que o conceito de culpabilidade tem primariamente um fundamento nos factores sociais, e não nos psicológicos, não sendo uma categoria abstracta, mas concretizada e situada historicamente, representando a pena o meio a que se tem de recorrer para prevenção geral e defesa dos interesses da sociedade. Consideram, deste modo, que existe uma correlação por demais evidente, entre culpabilidade e prevenção geral.

É nesta perspectiva, que entendem que compete ao Estado, enquanto Estado social e democrático de Direito, definir a que pessoas se aplica a pena e por que motivos se tem de recorrer a ela, de modo a “(...) proteger de modo eficaz e racional uma sociedade que, se não é plenamente justa, tem no seu âmago e na sua configuração jurídica, a possibilidade de chegar a sê-lo” (p. 371), acrescentando que só com base nestes pressupostos se pode falar de culpabilidade e exigir que sejam cumpridas as regras normativas.

Entendem ainda, que não se pode falar de culpabilidade em relação às pessoas que, por razões de imaturidade, de doença mental, ou outras, não estejam em condições de cumprir as normas, o que seria em tais casos, uma infracção do próprio Estado social e democrático de Direito, sendo por isto que consideram que a culpabilidade tem também um fundamento material, baseado nesta ideia democrática.

Nesta mesma perspectiva, define Bettiol (1970) a sua “concepção teleológica” do Direito Penal como a que significa que não deve submeter-se a exame, principalmente, o sujeito, para compreender o crime, mas sim o bem jurídico contra o qual ele se dirige, considerando, pois, que “(...) é, no entanto, sempre a lesão do bem jurídico que toma a prevalência e a função de critério directivo, porque a culpabilidade só adquire um conteúdo e um significado quando seja posta em contacto com o mundo dos valores tutelados” (p. 285). Contudo, não considera que a culpabilidade seja vazia de conteúdo dado que, por ser um juízo de reprovação, postula sempre algo para que está orientada a vontade, sendo esta que se considera reprovável, afirmando no entanto, que no Direito Penal o primado pertence sempre à antijuridicidade e não à culpabilidade.

5. O CONCEITO MATERIAL DE CULPABILIDADE

No entender de Conde & Arán (1996), o fundamento material da culpabilidade não pode encontrar-se na possibilidade de actuar de um modo distinto, por tal ser indemonstrável, devendo antes procurá-lo na “*função motivadora da norma penal*” que, juntamente com a função de protecção atrás referida, constitui a especificidade da norma penal.

Consideram então, que não é o facto de o indivíduo poder decidir entre várias realizações possíveis que é importante, mas antes que “(...) a norma penal o motive com as suas ordens e proibições para que se abstenha de realizar uma dessas várias realizações possíveis que é precisamente a que a norma proíbe com a ameaça de uma pena” (p. 372), dirigindo-se esta aos indivíduos que sejam capazes de motivar (ou orientar) o seu comportamento pelas regras normativas em virtude de possuírem um determinado desenvolvimento mental, biológico e cultural.

Estes critérios, que se encontram definidos na legislação dos vários países advêm, segundo explicam os mesmos autores, da evolução cultural e do desenvolvimento dos conhecimentos sociológicos, psicológicos e biológicos, entendendo ser possível, com base nestes, atribuir-se ao indivíduo a acção cometida (típica e antijurídica) e fazê-lo responsável da mesma, englobando neste fundamento material o conceito de culpabilidade.

A culpabilidade é, deste modo, entendida por estes autores como fazendo parte das “(...) faculdades que permitem ao ser humano participar com os seus semelhantes, em condições de igualdade, numa vida em comum pacífica e justamente organizada (...)”, definindo a “motivabilidade”, ou “a capacidade para reagir frente às exigências normativas”, como “(...) a faculdade humana fundamental que, unida a outras (inteligência, afectividade, etc.), permite a atribuição de uma acção a um sujeito e, em consequência, a exigência de responsabilidade pela acção por ele cometida” (p. 373). Acrescentam ainda que, quando existir uma alteração desta faculdade, qualquer que seja a sua origem, que a culpabilidade deve ser excluída ou pelo menos atenuada, consoante seja a importância da alteração em causa.

Salientam, por último, que este fundamento material só tem razão de ser quando inserido na história e de acordo com as necessidades preventivas entendidas por uma determinada sociedade, reflectindo-se na legislação penal vigente, constituindo a culpabilidade uma categoria que respeita os princípios político-criminais mínimos de um Estado de direito democrático e os torna compatíveis com “(...) a maior e melhor protecção possível dos valores fundamentais da sociedade bem como com o mínimo custo de repressão e sacrifício da liberdade individual” (p. 374).

6. CULPA E DIREITO PENAL

Finalidade do Direito Penal na perspectiva duma culpa da personalidade

Considerando a enorme controvérsia que existe à volta da doutrina da culpa jurídico-penal e que não cabe, no meu entender, desenvolver neste trabalho, passo a basear-me em J. Figueiredo Dias (1995) e nalguns aspectos da sua “tese sobre a culpa da personalidade”, defendida no ano de 1969, relacionados com o que considera serem as mais importantes implicações da doutrina da culpa na problemática do Direito Penal.

Pretendeu Figueiredo Dias que esta sua tese não constituísse uma tomada de “(...) posição sobre a legitimidade ou a conveniência da constituição de um «direito penal da atitude interior»(...)” (p. 217), idêntico ao que fora proposto por Bettiol, tendo sido antes seu propósito efectuar “(...) uma *re-objectivação* da doutrina da culpa jurídico-penal.” (p. 218), por considerar que esta também é uma “*personalização* da censura”. Deste modo, entende que é na perspectiva desta dupla vertente que se pode procurar opôr a culpa jurídico-penal quer ao subjectivismo da

doutrina alemã-ocidental - que fazia cair a culpa no juízo de censura do agente em virtude de ele ter agido do modo que agiu quando podia ter agido de outra maneira -, quer ao objectivismo da doutrina alemã-oriental - que voltara a considerar a culpa como sendo uma noção exclusivamente “social” e de “pura responsabilidade objectiva”.

Para tal, parte da aceitação do pressuposto de que o “*princípio da culpa*” não se encontra ligado a nenhuma ideia retributiva ou expiatória da pena, visto que o fim retributivo ou expiatório não tem de ser, contrariamente ao que defende Bettiol, “o fim *único* ou *primário* da pena”, embora considere que ele tenha “*também* de estar presente”, dado ser a culpa o “*limite* irrenunciável da aplicação de uma pena e da sua medida máxima”. Por isto, considera que “(...) todo o direito penal há-de ser um «direito penal de culpa», no sentido de que esta constitui (...) o *limite* da pena e da sua medida.” (p. 17), além de ser o seu “*pressuposto*” e o seu “*fundamento*”.

Partindo da afirmação de que o que compete ao Direito Penal é, sobretudo, “(...) uma função de protecção de bens e valores fundamentais da comunidade social, a fim de proporcionar as condições indispensáveis ao livre desenvolvimento e realização da personalidade ética do homem; (...)” (p. 17), define então que o que fundamenta a intervenção do Direito Penal é o facto de este ter como objectivo a “protecção de *bens jurídicos*”, considerando-os como “interesses *socialmente* relevantes”. Refere, porém, que a personalidade, enquanto “(...) «função de exterioridade» (...) tem sempre de ser limitada pela ideia e princípio da culpa (...)” (p. 17), desde que nela se consigam conjugar as necessidades de defesa da liberdade a que cada pessoa tem direito, com a defesa dos interesses que a sociedade considera serem importantes do ponto de vista ético.

Dado entender que nem a concepção psicológica nem a normativa explicam qual o conteúdo da culpa - preocupando-se a primeira em determinar os pressupostos a partir dos quais aquela pode ou deve ser afirmada, ignorando conscientemente o significado do conteúdo da relação psicológica abrangida, e a segunda porque não consegue definir “o que é” que se censura (se um acto exterior e objectivo, se a vontade do seu autor, se a sua perigosidade, ou defeitos da formação da personalidade ou do carácter que se manifestam no facto) -, defende que importa compreender qual o conteúdo material da culpa jurídico-penal. Considera então que o pressuposto que pode esclarecer este conteúdo tem a ver com “a liberdade do homem que age”, sem o que não se pode falar de responsabilidade ou de culpa.

De acordo com este autor, se se considerar que o agente do acto delituoso deve responder “a título de culpa” pela sua personalidade e modo de pensar, sem se tomar em conta a “(...) forma como recebeu ou adquiriu as respectivas qualidades do carácter (...)”, dá aso a que ele possa “(...) vir a ser considerado culpado também da sua raça, da sua filiação, da sua cor (...)”, bem como das “(...) suas convicções políticas, religiosas ou sociais (...)”; mas, se se considerar que “(...) a culpa é uma pura desconformação entre a personalidade do agente e a personalidade suposta pela ordem jurídica (...)”, isto pode dar aso à interpretação de o indivíduo “(...) vir a ser coagido a conformar-se, no que tem de mais seu (o pensamento e a acção), com os comandos que lhe sejam dirigidos pelo Estado onipotente” (p. 219).

Entende todavia, que tais exigências não podem fazer parte de um “Estado-de-Direito” em virtude de o direito ser “uma obra da liberdade” e que como tal, não pode fazer essas exigências, devido a: não serem “eticamente legítimas”, não fazerem parte da “construção da personalidade suposta pela ordem jurídica” e, não poder a culpa

“(...) entrar em conta com as respectivas qualidades do carácter ou da personalidade (...)” relacionadas com “(...) a raça, a cor, o puro modo de pensar, a constituição corporal, (...) o próprio intelecto ou a perigosidade naturalística”, por não serem “eticamente relevantes” (p. 220).

Como consequência, defende na sua concepção sobre a culpa da personalidade, a necessidade de “*respeito e amor pela pessoa do homem*” salvaguardando-se a sua “liberdade”, em vez de se lhe aplicar uma medida de “tratamento, segregação ou eliminação” invocada por razões da sua perigosidade, mesmo que a culpa referida ao facto seja inexistente. Defende então, que o homem deve ser responsabilizado de um ponto de vista ético-jurídico, mas que a avaliação da sua culpa se deve basear na “compreensão” e no “amor à pessoa”, de que falam Binswanger e Jescheck por ele citados, fazendo parte estes actos da concretização da Lei Penal, e não apenas de uma forma abstracta, e existirem também de um modo concreto na pessoa do juiz a fim deste poder compreender a personalidade ética do delinquente.

Como tal, defende e afirma ser esta a ligação que deve existir entre “o dever-ser ético e o jurídico” e a qual deve estar presente na concepção da culpa da personalidade, como forma de defender o “respeito e amor pela pessoa do homem”.

Papel da personalidade na culpa jurídico-penal

Numa conferência proferida em 1981, intitulada “Culpa e Personalidade”, começa por referir este autor, a dificuldade de o princípio da culpa ser reconhecido e aceite, oscilando entre avanços e recuos, e encontrando-se mais uma vez em crise no que respeita a ser considerado como um “instrumento dogmático e político-criminal indispensável”. Deste modo, entende que o conceito de culpa só se poderá manter se

conseguir corresponder às principais exigências dos conhecimentos mais recentes da política criminal, considerando ser necessário demonstrar-se a sua “*fundamentação axiológica*”, passo essencial para poder argumentar a sua validade como “*princípio jurídico*”.

Explica que um dos principais motivos da crise do pensamento da culpa resultou da cisão entre culpa e pena retributiva, a qual teve como consequência fazer desaparecer a necessidade do momento ético na culpa e da ligação deste à liberdade do agente. Como tal, supõe que deve ser “(...) à luz de pontos de vista de prevenção, geral e individual, que deverá encontrar-se fundamento para a rejeição ou para a reconstrução do conceito de culpa”, dado considerar que “(...) o fundamento último de imposição da pena é a necessidade social (...)” (p. 235), e que é a partir desta que se poderão encontrar os conceitos da doutrina geral do crime. Deste modo, defende que à essência da culpa só compete a “imputabilidade objectiva do comportamento”, conjugando esta com a “responsabilidade do seu autor”, responsabilidade que entende ter sobretudo um carácter social contido na pena, a qual encerra não só uma função positiva mas também finalidades preventivas.

Para esta crise do pensamento da culpa, Dias encontra também explicação em dois outros factores: um, proveniente do conceito tradicional de culpa que dava maior prevalência aos critérios subjectivos do poder individual do que aos critérios objectivos do dever social, o outro, relaciona-o com o aparecimento duma nova compreensão nas relações entre a política criminal, a dogmática e o sistema jurídico-penal, diversa da tradicional onde, as exigências político-criminais se ajustavam à definição dos requisitos constitutivos dos elementos do crime. Defende então, que

para se manter o conceito de culpa, este terá de se conciliar com os novos conhecimentos da política criminal.

Desenvolve também nesse seu trabalho, os pressupostos filosófico-jurídicos em que se apoia para poder defender a sua concepção da culpa jurídico-penal, pretendendo que esta ao integrar em si uma fundamentação axiológica e algum rigor dogmático possa vir a dar resposta às exigências da política criminal, sendo também este, no seu entender, o futuro do Direito Penal da Culpa.

Partindo da afirmação de que “A justificação da pena arranca da função do direito penal de protecção de bens jurídicos (...)” (nota 16, p. 239), entende, contrariamente ao que se defendeu durante muito tempo, que o fundamento axiológico do princípio da culpa não implica uma concepção retributiva da pena, mas antes implica valores que integram o consenso comunitário, permitindo este fundamentar o aspecto normativo do Direito. Para Dias, são esses valores ético-culturais vigentes num dado momento histórico duma comunidade, que se objectivam através do que denomina “consciência jurídica comunitária” ou “consciência jurídica geral”. Neste aspecto concorda com G. Canotilho, em relação a considerar que se assim não fôr reinará um “subjectivismo incontrolável”, e que o fundamento da validade da ordem jurídico-penal, expressão do consenso comunitário, se encontra na Constituição democrática do Estado, sendo nesta que se fundamenta axiológicamente o princípio da culpa e a validade da ordem jurídico-penal.

A fundamentação axiológica do princípio da culpa, expressa-a Dias ao afirmar que “Todas as relações humanas em sociedade (...)” se baseiam na ideia de que “(...) nas relações sociais cada pessoa é um fim em si mesma, não é objecto mas sujeito, possui uma dignidade intocável” (p. 240), considerando que é esta última, enquanto

delimitadora da responsabilidade do homem, o que fundamenta as exigências do Estado de Direito e permite determinar o conteúdo material do conceito de culpa.

Considera então, que entre a dignidade do homem e a pena não existe uma diferença de grandezas mas uma relação entre um meio e um fim, discordando quer da posição dos críticos mais radicais que defendem a sua abolição do Direito Penal e a sua substituição por um sistema de medidas profiláticas, de tratamento ou de ajuda social, quer dos que renunciam à culpa como fundamento e como limite da pena.

Baseando-se no raciocínio acima mencionado, relativo à fundamentação da garantia da dignidade da pessoa, Dias conclui ser necessário que a aplicação da pena seja mediada pela culpa e que a existência desta implica que se conserve o elemento ético-pessoal, limitador das exigências relacionadas com a responsabilização do agente.

A fim de explicar o “valor da garantia da dignidade da pessoa”, refere as “ideias da liberdade, da igualdade e da solidariedade” como sendo os atributos mais frequentemente utilizados para demonstrar a “disciplina de todas as relações sociais”, entendendo ser a ideia de liberdade a que desempenha maior relevo na culpa. Ao conceber a liberdade “(...) como autodeterminação da pessoa na sociedade, e, assim, como expressão da autonomia e inviolabilidade na regência da sua conduta pessoal” (p. 244), entende que a controvérsia gerada tradicionalmente em torno da culpa provém do conceito de liberdade, sendo também através dela que se pode exprimir a ligação da culpa com a ideologia “liberal” e do seu papel na limitação da responsabilidade, afirmando que é também a liberdade que permite que “a culpa se torne em censura ético-pessoal”.

O dogma da culpa da vontade

A afirmação anterior considera-a importante para poder esclarecer o conceito material da culpa jurídico-penal, em virtude desta integrar o que denomina de “*dogma da culpa da vontade*”. Entende que ao definir-se a culpa como “(...) censurabilidade do comportamento humano, por o culpado ter actuado contra o dever quando podia ter actuado «de outra maneira», isto é, de acordo com o dever” (p. 244), que é a liberdade do agente que está em causa no “*conteúdo*” deste conceito do “poder agir de outra maneira”, sendo na liberdade que reside a concepção “ética” da culpa.

Defende então que, o “poder de agir de outra maneira” não pode ser comprovado quer numa perspectiva de saber “*se*” um tal poder acontece, quer de saber “*quando e em que medida*” ele existe enquanto capacidade duma determinada pessoa perante uma situação específica, visto não ser possível esclarecê-lo, nem por uma análise psicológica dos factos nem por outro ramo da ciência experimental, dado ter a ver com a totalidade do ser humano.

Nesta perspectiva, refere que o poder agir de outra maneira, (ou “capacidade de autodeterminação”), ao ser tomado como uma “capacidade *moral*”, que faz parte da pessoa enquanto “(...) postulado do dever-ser (...) não basta para viabilizar uma culpa da vontade, a qual exigirá sempre que a capacidade de autodeterminação seja também comprovável na situação concreta” (nota 39, p. 246), não podendo ninguém afirmar nem verificar se existe ou não uma capacidade de escolha na situação que origina o facto. Entende que não são apenas os elementos cognitivos a serem passíveis de avaliação pois os volitivos e os emocionais têm igual relevância, concordando com Armin Kaufmann quando este acentua que quer uns quer outros constituem os “(...) componentes não autónomos do único elemento verdadeiramente decisivo: a unitária e

global capacidade do agente para se motivar de acordo com a norma ou o dever” (p. 247).

Defende ainda, que esta concepção de culpa baseada no critério do poder de agir de outra maneira, torna incompatível o poder individual e o dever social, por não ser capaz de responder às exigências político-criminais nem permitir que o conceito dogmático de culpa se desenvolva de forma coerente, e o que justifica com a análise das seguintes figuras do Direito Penal:

- a “*inimputabilidade*”, a qual entende não ser um critério decisivo da culpa, não só por não permitir uma compreensão entre a exigência legal e o fundamento biopsicológico da inimputabilidade, (achando que deveria aqui ser tomado em conta a incapacidade do agente para se motivar de acordo com a norma), mas também por a lei não estabelecer uma atenuação obrigatória da pena face à diminuição da imputabilidade, em virtude de não existir uma atenuação quando da aplicação da pena a certos imputáveis diminuídos

- a “*falta não censurável de consciência do ilícito*”, por considerar não existirem argumentos conciliáveis com este conceito de culpa da vontade, que permitam afirmar que existe uma censura do erro sobre a proibição mesmo nas situações em que este adveio de um acto incompatível com os princípios sobre o lícito e o ilícito

- a “*inexigibilidade*”, por entender que ao falar-se de um poder de agir de outra maneira na situação, deveria ter-se em conta a possibilidade de ele poder ser excluído não apenas devido à inimputabilidade e à não compreensão do ilícito, mas também devido à inexigibilidade, uma vez que podem existir circunstâncias externas à própria

pessoa que a podem impedir de ter um comportamento adequado às suas intenções e às exigências jurídico-penais.

- “o *dolo* e a *negligência*”, onde diz também não existir conciliação com esta perspectiva da culpa, visto entender que para caber ao dolo uma culpa mais grave que a da negligência seria preciso demonstrar que é sempre mais fácil naquele do que nesta o agente poder actuar de outra maneira, ou seja, de acordo com a norma, o que considera impossível de ser demonstrado por ser contrário à experiência psicológica mais elementar.

Menciona também vários autores, que tentaram sair deste impasse da tese da culpa da vontade mas para o que não foram bem sucedidos, citando a este propósito E. Correia quando escreve que “(...) o fundamento e o próprio critério da culpa do agente não deverão tanto encontrar-se na má utilização do *poder* de agir de outra maneira (...), quanto na violação de um *dever* de conformação da personalidade do agente às exigências do direito” (p. 255). Considera que nessas diligências se continuou a perder “a legitimação *ética* da culpa”, ou seja, “a sua ligação à liberdade do agente”, sugerindo então que “(...) tudo dependerá agora de ser ou não possível pensar a liberdade do homem em plano diverso do da vontade e do consequente poder de agir de outra maneira” (p. 255).

Liberdade pessoal e culpa da pessoa

Para este autor, para se alcançar um conceito de “culpa da pessoa ou da personalidade”, possível de ser posto em prática do ponto de vista dogmático e aceite na política criminal, torna-se necessário ultrapassar o conceito duma liberdade de cariz indeterminista.

Para defender este ponto de vista, baseia-se na concepção da antropologia filosófica do pensamento contemporâneo quando, ao vislumbrar o homem como um ser livre no seu existir (anulando a anterior imagem do homem visto como um sujeito abstracto e um indivíduo isolado encarado numa perspectiva “inteligível da liberdade”), alcança uma nova compreensão do “eu da consciência”, ao reconhecer que “(...) o homem real, no seu concreto existir, só pode ser apreendido como homem «socializado», concreto e situado, no sentido de que vive em um mundo e de que é, por isso, a unidade daquilo que através da acção objectiva no mundo e que o mundo subjectiva nele” (p. 258). Passa então a considerar, que é esta transição que permite a mudança do Estado de Direito formal para o Estado de Direito material de intenção social, sendo através dela que se pode vislumbrar que a liberdade concreta e pessoal do homem reside no “*existir humano*”.

Defende ainda, que qualquer que seja a concepção sobre o homem (filosófica, psicofenomenológica, antropológica), que o que está sempre implícito é a afirmação da sua responsabilidade pelo existir, dado que o homem não está nas coisas como um simples ser vivo pelo facto de o seu existir ser dotado de um sentido que o leva a participar na vida. É por isto que entende que “o homem tem de se decidir *a si e sobre si*, sem que possa furtar-se a tal decisão”, existindo enquanto ser que age, e que é no plano da acção que se lhe deparam as possibilidades de opção. Afirma também, que a escolha da acção concreta, “através da qual *o homem se decide a si mesmo*”, tem de ser criada com “o seu próprio ser ou afirmando a sua própria essência”, determinando o homem a sua acção através da sua própria e “*livre* decisão”.

Salienta que é esta ideia de liberdade do homem que permite fundamentar a questão da culpa em geral e da culpa jurídico-penal pelas consequências que dela

resultam para a vida comunitária. Entende que a liberdade de decisão só se pode realizar numa acção concreta e que nesta se encontram uma multiplicidade de factores e de condições externas que são aceites ou recusados ao homem pela sociedade. Considera, pois, que a tomada de decisão ao ser “conformada ou mediada pela sociedade” faz com que a acção do homem “se aceite em dever” quando escolhe através da sua própria decisão qual a finalidade a dar à acção.

Partindo do anterior conceito de liberdade pessoal chega ao tema da culpa através dum raciocínio lógico-dedutivo e no qual introduz a “*responsabilidade*” como sendo o elemento que permite que ao homem, enquanto ser-livre que é, lhe possa ser imputado o seu comportamento, seja pela acção ou pela omissão do mesmo. Entende então, que o comportamento se constitui em culpa quando viola as determinações de um dever-ser, que mais não são do que condições da existência do homem. Considera estar aí implicado o que chama de “dever-ser ético-social”, o qual “(...) radica na realização, desenvolvimento e promoção do ser-livre, do «meu» e do dos «outros», e a culpa reside na violação desse dever” (p. 260).

Ao conceber o homem nesta perspectiva de que por existir é um ser-livre, fundamenta também aqui a sua capacidade de ter culpa, e o que considera ter como consequência poder falar-se de uma culpa jurídica e jurídico-penal, e ser esta que por sua vez justifica que o direito penal se apoie na responsabilidade do homem pelo seu comportamento. Deste modo, entende que o Direito, e particularmente o Direito Penal, é realização da liberdade, referindo-se as suas exigências à protecção de bens jurídicos específicos que fazem parte do dever-ser ético-social, sendo a culpa jurídico-penal violação deste.

Estes construtos, permitem-lhe afirmar que toda a culpa jurídico-penal deve referir-se ao concreto ilícito-típico considerado num triplo sentido:

- no do Direito Penal arrancar da protecção de bens jurídicos, ou seja, “da exterioridade”

- no da liberdade da pessoa só se realizar na acção concreta

- e no de que a personalidade do agente só importa para a culpa quando se exprime num ilícito-típico e o fundamenta

Entende ainda que à decisão do homem sobre si mesmo se chama personalidade, sendo esta o comportamento através do qual o ser-livre se realiza no mundo.

Com estas condições, crê existirem as condições para poder afirmar que, do ponto de vista do conteúdo material, a culpa jurídico-penal se define como “(...) o *ter que responder pela personalidade que fundamenta um ilícito-típico*” (p. 261).

A fim de definir um pouco melhor este conceito de culpa, explica de seguida que não importa que seja determinado o seu “desvalor moral”, mas apenas o “(...) desvalor jurídico-penal da personalidade manifestada no facto, por referência ao tipo de personalidade suposto pela ordem jurídica” (p. 262), advindo essa determinação da circunstância da “exterioridade”, por esta se ligar à necessidade de defesa de bens jurídicos e, consequentemente, a uma política criminal que tem por finalidade a prevenção.

Considera, por isso, que a culpa jurídico-penal não constitui o único fundamento para a aplicação da pena, em virtude de que nem toda a culpa é relevante, só o sendo a que se manifesta nos factos considerados ilícitos-típicos, não dependendo a determinação destes de aspectos da “moral”, pois, embora a culpa jurídico-penal e a

culpa moral façam ambas parte da “culpa ética” elas têm perspectivas estrutural e funcionalmente diferentes.

Considera também importante que não se confunda a personalidade, enquanto “expressão da decisão do homem sobre si mesmo, com o carácter naturalístico”, distinguindo-se deste por ela conter em si não apenas os elementos que constituem o carácter, mas porque através do ser-livre, engloba os actos concretos do decurso de uma vida. Apesar de na personalidade existirem características inalteráveis, entende este autor que através da “opção fundamental”, existe também algo que se pode alterar, sendo a atitude da pessoa o que permite que ela mude de rumo em relação a determinados valores. É este «poder *ser* de outra maneira», que ao ser diferente do «poder de agir de outra maneira», que lhe permite afirmar ser este o *fundamento ético* da culpa e não um *critério* ou uma *medida* da culpa.

Considera por último, que o agente que pratica um ilícito-típico é considerado culpado se manifestar no facto em causa qualidades pessoais que sejam jurídico-penalmente desvaliosas, tendo neste sentido uma personalidade censurável. Acrescenta que “é a medida da desconformação entre o valor da personalidade documentada no facto e a essência de valor da personalidade suposta pela ordem jurídico-penal que dá a *medida* da censura pessoal de que é passível”.

7. A CRISE CONTEMPORÂNEA DA CULPA JURÍDICO-PENAL

Num artigo de 1992 intitulado “*Sobre o Estado Actual da Doutrina da Culpa Jurídico-Penal*”, refere Figueiredo Dias (1995) que o pensamento da doutrina da culpa jurídico-penal voltou a estar em crise, devido ao facto de a pena ter deixado de

ser entendida como uma finalidade retributiva (onde a culpa constituía o elemento essencial para que um facto constituísse crime), apoiando-se esta doutrina no pressuposto que culpa é retribuição se baseavam na crença da liberdade da pessoa, contrariamente às concepções preventivas que sustentavam a negação dessa liberdade.

Face a esta crise, argumenta que do ponto de vista da filosofia jurídico-penal, bem como da perspectiva político-criminal, “(...) a liberdade, como característica da pessoa, é o *pressuposto* irrenunciável de toda a culpa jurídico-penal e do modelo político-criminal próprio de um Estado de Direito democrático” (p. 285), sendo a dignidade da pessoa o valor principal a ser protegido pela ordem jurídica constitucional.

Defende então que, ao terem as penas uma finalidade exclusivamente preventiva, esta só funcionará na medida em que o “*princípio da culpa*” seja o elemento que limite o poder e a intervenção do Estado, devido a este ter de respeitar a “dignidade pessoal”. Embora entenda que “(...) a exigência da culpa não é a *única* forma pensável de defesa da dignidade da pessoa (...)”, afirma que ela é “(...) *a mais perfeita* e a mais forte com que o pensamento jurídico-penal próprio do Estado de Direito até hoje operou (...)” (p. 282), considerando-a por isso como a garantia mais segura na legitimação da aplicação da pena ao delinquente por necessidades preventivas, acentuando que o princípio da culpa é o elemento fundamental da civilização e da humanidade.

Em relação ao “*conteúdo material* do conceito de culpa jurídico-penal”, volta a referir-se-lhe no mesmo artigo acima mencionado, reafirmando a sua rejeição da “(...) tese da culpa da vontade que queria ver no poder de agir de outra maneira em situação o conteúdo da culpa jurídico-penal (...)”, acrescentando a isto que “(...) condenada

fica qualquer concepção de culpa que teime em divisar nela um substrato *ético-individual*, para o qual só relevasse o condicionalismo efectivamente existente na pessoa do agente e no momento do facto e em nada relevassem as exigências ético-sociais da comunidade e da sua ordem jurídica (...)" (p. 285-286).

Salienta então que, no seu ponto de vista, "Toda a culpa jurídico-penal é (...) uma culpa *ético-social*, comandada por critérios *pessoais-objectivos*, vale dizer, pelas exigências de conformação que a comunidade e a sua ordem jurídica podem ainda legitimamente fazer à pessoa da agente sem com isto pôr em causa a sua dignidade pessoal, mas antes justamente em nome dela" (p. 286), escrevendo mais à frente que "(...) a essência e o critério da culpa são entidades pessoais objectivo-socialmente (e não subjectivo-individualmente) determinadas" (p. 287), concordando aqui com Roxin quando afirma que o conceito de culpa se baseia numa "justificação social da pena".

Explica a propósito que continua a pensar que a melhor forma de compreender o conteúdo material da culpa jurídico-penal consiste em relacioná-lo com a ideia de que "(...) toda a culpa é culpa da atitude interior (...) e, do mesmo passo, ter que responder pela personalidade documentada no facto e que o fundamenta" (p. 287). Entende que juntando esta concepção com a de que a culpa jurídico-penal também existe "(...) através de tipos de culpa, dá claramente a perceber que o que se censura em direito penal é a circunstância de o agente ter documentado no facto - no facto que é «expressão da personalidade» - uma atitude de contrariedade ou de indiferença (no tipo-de-culpa doloso) ou de descuido ou de leviandade (no tipo-de-culpa negligente) perante a violação do bem jurídico-protegido. E que o agente responde, na base desta atitude interior, pelas qualidades jurídico-penalmente desvaliosas da sua personalidade que se exprimem no facto e o fundamentam" (p. 287-288).

A conclusão que o autor retira nesse seu artigo é a de que, os esforços da doutrina mais recente para aprofundar a temática relativa à culpa jurídico-penal devem ser homenageados, defendendo, no entanto, que por razões de ordem teleológica, funcional e racional, a concepção tradicional da culpa jurídico-penal se deve manter no Direito Penal.

8. A PSICOLOGIA E O PARADIGMA DO TRATAMENTO

Uma perspectiva que engloba a compreensão da atitude interior dos comportamentos delinquentes, é-nos dada recentemente por C. A. Poiares (1999) na sua Tese de Doutoramento sobre *A Análise Psicocriminal das Drogas*, onde, em dada altura, expõe o contributo prestado pela Psicologia ao Direito Penal no que diz respeito à necessidade de se compreender a personalidade do infractor, como forma de se poderem entender os seus comportamentos associativos. Salienta, então, que a análise do fenómeno criminal deverá processar-se sob um prisma mais abrangente do que o jurídico, dado implicar uma concepção pluridisciplinar, onde o Direito aparece apenas como um dos subsistemas utilizados para a valoração dos comportamentos.

De acordo com este autor, compete ao Direito a punição dos comportamentos humanos que se manifestam divergentes das normas jurídicas, estabelecidas em determinada sociedade e determinadas pelo imperativo dos princípios morais e políticos dominantes, tendo-lhe desde sempre cabido a gestão das regras de conduta que definem e estabelecem as fronteiras entre o “normal-lícito” e o “anormal-ilícito”, surgindo, deste modo, “(...) como o poder interventivo sobre os comportamentos, vocacionado para o controlo da associabilidade (...)” (p. 52).

Baseando-se em L. Rocha e F. De Figueiredo, acrescenta que a ordem jurídico-penal, ao necessitar da explicação prestada pela Psicologia para a interpretação dos comportamentos, deixou de ver “o Homem apenas como um sujeito jurídico” (p. 54), passando a interessar-se pela explicação da sua personalidade. Esta “noção singularizadora do delinquente”, terá aparecido com os neoclássicos, em especial R. Saleilles, autor do tratado *Individualização da Pena*, mas também, e sobretudo, com os positivistas - Lombroso e, em particular, Ferri e Garófalo -, a par do desenvolvimento da Biologia, da Psicologia e da Psiquiatria, tendo sido os técnicos destas ciências que, ao contactarem no terreno prisional “com o homem-criminoso concreto”, o passaram a considerar como um “(...) homem reclamando tratamento, o qual deveria ser individualizado em função do sujeito passivo e não em relação ao crime” (p. 54).

Para A. Pingarron-Hernandez, referido por este mesmo autor, foi nesta fase da evolução do Direito em geral e do Penal em particular, que se iniciou a sua permeabilidade às Ciências Sociais e Humanas, existindo uma influência “(...) científica na matriz jurídica que não dispensa já os contributos prestados por outros ramos do conhecimento”(p. 55). Entende, pois, que foi deste modo que o campo de colaboração da Psicologia no Direito se alargou, saltando para além do espaço que até aí lhe era reservado “(...) no âmbito do testemunho ou das incapacidades civis, tendo penetrado de modo mais amplo em zonas sensíveis, como a motivação de comportamentos, a culpa do arguido ou a formação da personalidade” (p. 55). Idêntico alargamento se verificou entre outras áreas do Direito (Família, Civil e Trabalho, por exemplo) e a pluridisciplinaridade de algumas ciências (Sociologia, Economia, Política), o qual, e concordando com vários autores, só se torna científico a partir do saber

interdisciplinar em permanente evolução e pelo seu alicerce nas Ciências Sociais e Humanas.

Entre os finais do século XIX e o nosso tempo, o Direito Penal foi, gradualmente, assimilando os saberes do psiquismo, transferindo a apreciação dos factos criminais considerados através do acto em si mesmo (o tipo de crime) para a esfera do actor. Estas inovações terão sido iniciadas com Ducpecio e Prinz em 1910, englobando esta mudança “(...) não só a ideia da culpa enquanto alicerce e suporte da pena, como também a utilização de critérios biopsicológicos na definição de estados de inimputabilidade” (p. 57), segundo H. De Vabres, ou, mais recentemente, de “imputabilidade atenuada” de acordo com Spirolazzo e J. Silveira, referidos por Poiares (1999), que entende que “«a culpa, partindo da dignidade humana, terá, antes, que ser sempre fundamento, ou, ao menos, limite da pena»” (p. 58), tal como E. Correia defende, citando-o.

É a partir de então, e pela incorporação desses conceitos no Direito Penal, que os comportamentos deixam de ser encarados apenas como delitos, colaborando para isso os novos instrumentos jurídicos na procura “(...) das razões que levaram a que *aquele crime* fosse perpetrado por *aquele sujeito*. Esta avaliação espraia-se, nas componentes de personalidade do transgressor, percorrendo-se uma trajectória complexa desde o início do processo até ao seu termo, preenchido por sucessivas perícias médicas e psicossociais. Julgar já não é só punir, é também procurar compreender o autor da infracção (...)” (p. 58), escreve Poiares (1999). Terá sido esta a forma pela qual considera que a penalidade dominante na Idade Clássica cedeu lugar a uma concepção clínico-social, compreendendo primeiro e valorando depois, originando uma nova concepção penal que evoluiu para “um Direito assente na cura

ou tratamento - a «um Direito de defesa social»” (p. 58), como realçou E. Correia, por este autor citado. Passou-se, pois, da penalidade do facto delituoso, que dominou na Idade Clássica, para uma concepção clínico-social de compreensão do transgressor, que, no entender de C. Da Agra, referido pelo mesmo autor, de “inimigo da comunidade” passou a ser entendido como um “sujeito anti-social”.

Nesta perspectiva, já H. Eysenk terá insistido que a cura com vista à ressocialização devia substituir o castigo, referindo posteriormente L. Dourado que “a punição traduz ainda a vingança da comunidade contra o delincente competindo-lhe uma função coactiva e estigmatizadora do infractor: «apenas coage pelo medo e isola o criminoso, ou melhor, o arquiva com um número na penitenciária pelo tempo da pena imposta, soltando-o novamente no meio social, cumprida a sentença, irregenerado, mas seguramente revoltado contra a engrenagem que o privou da liberdade, sem o curar do crime. Prender sem corrigir é o mesmo que hospitalizar sem curar»” (p. 58), concepção também elaborada por Foucault, que designou “a cadeia como *fábrica de delinquência* (...)”, defendendo a propósito Poiares (1999) que “A pena deve ser substituída por medidas de terapia do comportamento segundo o princípio da prioridade do tratamento” (p. 58).

Esta posição sobre o tratamento da pessoa-delincente é também partilhada e posta em acção por psicoterapeutas de formação psicanalítica, através da Associação Internacional de Psicoterapias Forenses (I.A.F.P.), com sede em Londres. Fundada em 1991 por E. Welldon e colaboradores, esta associação tem vindo a organizar anualmente encontros científicos em vários países e a promover cursos de formação em Psicoterapias Forenses e Grupanálise, apoiando-se na formação teórica e na prática clínica de psicanalistas e grupanalistas da Portman Clinic. De acordo com Welldon

(1993), o suporte teórico deste modelo de intervenção psicoterapêutica, assenta na compreensão psicodinâmica do inconsciente bem como nas motivações conscientes dos criminosos e, em particular, dos seus comportamentos delinquentes, tendo por objectivo psicoterapêutico não o perdoar o crime ou dele desculpar o criminoso, mas, pelo contrário, ajudar as pessoas delinquentes a reconhecerem a responsabilidade pelos seus actos e, com isso, proteger quer os delinquentes quer a sociedade de continuação de mais crimes. Para tal, defende, esta autora, que o tratamento da população de doentes forenses deve ser levado a cabo pelo Serviço Nacional de Saúde, visto que a psicoterapia forense deve ser considerada no contexto geral dos cuidados de saúde das pessoas envolvidas em processo de justiça criminal.

Tal como escreve Poiares (1999) referindo-se a A. De Andrade, "Trata-se por consequência do redimensionamento do Direito Penal à medida do Homem, não em termos abstractos ou difusos, mas do *homem-personagem* do caso", tendo de se "ter presente que, para se cometer um crime, que seja subjectivamente crime, é preciso que o agente o tenha desejado, mais ainda que se tenha conformado com o resultado". Na mesma linha, refere-se a E. Correia quando este escreve sobre a necessidade de o Legislador ter "«... um suporte relacionado com a personalidade do delincente, integrado pelas necessidades de protecção e defesa da sociedade»" (p. 59), e a R. Resten quando refere a reeducação e reinserção dos reclusos como um "meio preventivo das recaídas criminais" (p. 59). Enfatiza ainda o facto de a penalidade vir a acolher de modo crescente os conhecimentos dos foros psicológico e sócio-cultural, tratando-se, "não já, de mera perserveração de patrimónios, como nos termos do Direito Civil, (...)" mas de um "campo em que se tem de gerir vidas humanas, o que implica compreender características de personalidade, (...)" sendo que, "O objectivo

consiste agora na compreensão do actor social que transgride as normas, conjugando o acto com o sujeito que, em cada caso o corporiza” (p. 59), por forma a que se tente uma individualização da pena no sentido da recuperação e tratamento do delinquente, com vista à sua reinserção na sociedade e não reincidência na criminalidade.

É esta a ideologia do tratamento e da ressocialização na qual o Direito se tem vindo a empenhar nos tempos mais recentes, adaptando as penas aos casos concretos mas sem desrespeitar o princípio da igualdade dos cidadãos perante a Lei, tal como é consignado no Estado material de Direito. Como diz Poiares (1999), “(...) percorrendo-se um trajecto cada vez mais elaborado em ordem a que os tribunais se sintam vocacionados para o prazer sincero de compreender. Compreensão que, como referimos, envolve as componentes psicológica e sociológica do transgressor, perspectivado não como um criminoso a anatematizar ou eliminar, mas como uma pessoa a recuperar e ressocializar, dotando-a de valor numa vida útil. (...) elevando a produção e singularização do Direito a um nível de pluridisciplinaridade. (...) a interligação e interpenetração entre o conhecimento jurídico e os saberes do psiquismo” (p. 63), acrescentando adiante, e de acordo com Pingarron-Hernandez, que o delito revela “(...) a instabilidade e a emotividade, a ansiedade e as frustrações de cada cidadão” (p. 64). Refere, contudo, que esta perspectiva clínico-social de tratamento não dispõe ainda dos necessários instrumentos judiciais e para-judiciais de intervenção.

PARTE II

ESTUDO DE CAMPO

METODOLOGIA

1. MODELO DE ESTUDO

Este trabalho tem o carácter de um **estudo clínico exploratório** e nele pretendemos investigar sobre a importância da representação da *família interna* na organização da *culpabilidade*, o que admitimos ter como efeito a protecção de *comportamentos delinquentes*.

Tal como referimos na introdução, precisamos aqui o **objecto** deste estudo: a *culpabilidade* psicológica e a *culpa* jurídico-penal. Precisamos também o seu **objectivo**: o papel da *família interna* na protecção da delinquência.

Para esta investigação, procederemos à comparação dos resultados obtidos com testes psicológicos administrados a dois grupos de sujeitos - *adolescentes delinquentes* e *adolescentes não-delinquentes* -, os quais constituem a **população** das duas amostras constituídas:

Grupo D - rapazes adolescentes *com comportamentos delinquentes* - de acordo com a Organização Tutelar de Menores (O.T.M.).

Grupo ND - rapazes adolescentes *sem comportamentos delinquentes*.

2. SELECÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para a selecção dos sujeitos que constituem as nossas amostras, atendemos aos seguintes critérios:

Grupo D

- Possuir idade compreendida entre os 12 anos e os 18 anos - grupo etário que abrange os adolescentes que cumprem medidas de internamento aplicadas pelos tribunais de menores

- Ter praticado algum tipo de infracção criminal - de acordo com o disposto no artigo 13º alínea c) e no artigo 16º da O.T.M.

- Pertencer ao sexo masculino - grupo este escolhido por ser o que apresenta maior número de incidência de comportamentos delinquentes

Grupo ND

- Possuir idade compreendida entre os 12 anos e os 18 anos

- Não ter praticado nenhuma infracção criminal

- Pertencer ao sexo masculino

Para ambos os grupos não foram controladas variáveis parasitas respeitantes ao grau de escolaridade, à nacionalidade, à presença ou ausência de internamento actual e à residência com a família de origem ou outra desde o nascimento até à idade actual.

A *recolha da amostra* foi efectuada nos três locais seguintes:

Para o **Grupo D**

- no Colégio de Acolhimento Educação e Formação de São Bernardino, do Instituto de Reinserção Social.

Para o **Grupo ND**

- na Escola Básica 2, 3 de Pedro de Santarém e no Centro de Saúde de Benfica, em Lisboa.

A *dimensão da amostra* é constituída por:

Grupo D - 15 sujeitos

Grupo ND - 15 sujeitos

3. HIPÓTESES

Considerando que o objectivo deste trabalho consiste em investigar sobre a importância da *família interna* na organização de sentimentos de *culpabilidade*, os quais consideramos essenciais para a protecção de *comportamentos delinquentes*, colocamos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 - A *família interna* organiza a noção de *culpabilidade*

Hipótese 2 - A ausência de uma *família interna* tem como efeito *comportamentos delinquentes*

- Definimos *família interna* como um grupo de pessoas que estão emocionalmente ligadas, a ela pertencendo não apenas as que estão unidas por laços biológicos, mas também outras pessoas que sejam significativas no contexto relacional do sujeito e que estão interiorizadas no seu funcionamento mental.

- Definimos *culpabilidade* como o sentimento que se organiza na Posição Depressiva e que consiste no receio de perder o objecto de amor que se sente ter destruído, desencadeando-se ansiedade que leva à necessidade de reparar e preservar o objecto.

- Definimos por *comportamentos delinquentes* os actos praticados pelos menores que se encontram qualificados como crime ou contravenção pela lei penal (artigo 13º alínea c) e artigo 16º da O.T.M.) e aos quais foram decretadas medidas de internamento pelos tribunais de menores.

Para ambas as Hipóteses a **variável independente** é a *família interna* - analisada através dos desenhos do Método do Círculo Familiar.

Para a Hipótese 1 a **variável dependente** é a *culpabilidade* - analisada a partir das histórias do Teste de Relações de Objecto.

Para a Hipótese 2 a **variável dependente** é a existência de *comportamentos delinquentes*

Relativamente às nossas hipóteses, **esperamos** que o grupo dos delinquentes tenha organizado em número significativamente menor do que o grupo dos não-delinquentes a noção de *família interna* e os sentimentos de *culpabilidade*.

4. INSTRUMENTOS

Foram utilizados dois instrumentos de pesquisa:

- O *Método do Círculo Familiar* (Anexo I)
- O *Teste de Relações de Objecto* (Anexo II)

O Método do Círculo Familiar

É este um teste projectivo simples que se baseia na Teoria Sistémica da Família, a qual entende a família como sendo um sistema de interações mútuas, onde cada parte afecta as outras e cada uma é afectada pelo conjunto.

Este método, permite que o indivíduo represente através do desenho os relacionamentos entre os membros da família, ilustrando de forma gráfica e esquemática o sistema da sua família tal como ele o vê - com os padrões de proximidade e de distância, com as hierarquias de poder e as alianças e fronteiras existentes dentro da sua família -, sendo considerado pelos seus autores, S. Trower, W. Bruce & R. Walton (1982), como uma boa fonte de informação sobre as interações da dinâmica familiar.

Este teste tem instruções breves, é de fácil compreensão e aplicação e a sua execução é rápida, consistindo no desenho de pequenos círculos e representando cada círculo uma pessoa: o sujeito e as pessoas que para ele são mais significativas, sendo o

tamanho dos círculos de acordo com a maior ou menor importância que as pessoas representam para ele. Ao incorporar a Teoria Sistémica da Família, a interpretação permite-nos compreender e perceber o sujeito como fazendo parte de um sistema de interacções mútuas nas relações entre as pessoas.

De acordo com os seus autores, pode ser avaliado numa base intuitiva, embora o seu uso mais enriquecido num contexto clínico requeira compreensão da Teoria Sistémica Familiar. Nesta, o termo “família” é usado com o significado de uma rede de relações humanas importantes para o indivíduo, incluindo não só o tradicional grupo mãe-pai-filhos, mas os vários sistemas familiares que existem: os pais solteiros e filho, pais separados ou divorciados que constituíram novas famílias e os respectivos filhos, etc.

No que respeita a este trabalho, permite-nos este teste saber, relativamente à *família interna*, se o sujeito tem interiorizadas figuras de relação significativas, o que nos será dado pela análise estrutural dos círculos desenhados, segundo o modelo da Teoria Sistémica Familiar. Baseamo-nos, para o efeito, na teoria da estrutura do funcionamento familiar desenvolvida por S. Minuchin (1982), que “ (...) parte do pressuposto de que a vida psíquica do indivíduo não é apenas um fenómeno interno, mas também um processo que se modifica na interacção com o mundo que o circunda. Apoia o seu trabalho na relação dinâmica entre a individuação e a mutualidade na família.” (p. 9).

Para além deste teste, a existência de uma *família interna* no funcionamento mental do indivíduo, também nos vai ser possível conhecer através da reacção a alguns cartões do Teste das Relações de Objecto (T.R.O.), o que especificamos na análise dos resultados (pela projecção da presença de um *sentimento de grupo familiar*).

O Teste de Relações de Objecto

Como prova projectiva, este teste foi construído por H. Phillipson (1981), de acordo com o modelo operativo do Teste de Aperceção Temática (T.A.T.) e integrando as características de estímulo deste e do teste de Rorschach, sendo ambos testes projectivos da personalidade.

Consiste na apresentação pictórica de situações psicossociais para relato de histórias e tem por objectivo a exploração da personalidade fundamentada na Teoria das Relações de Objecto. Esta teoria, baseada nos conceitos teóricos da Psicanálise, explica as principais expressões e conflitos do indivíduo em função das suas necessidades internas de impôr sobre as pessoas e as coisas do seu mundo externo as diversas relações inconscientes vividas entre ele próprio e as figuras do seu mundo interno (os objectos de relação), relações estas oriundas das suas experiências mais precoces com as pessoas do seu contexto familiar e, principalmente, com a relação estabelecida e sentida com o primeiro objecto de amor - a mãe -, depois sucessivamente alargada às outras pessoas da família - pai, irmãos, avós, tios, etc.

De acordo com o descrito por M. Ocampo e M. Arzeno (1995), num estudo que efectuaram sobre o T.R.O. e que passamos a citar, "Phillipson utilizou, para fundamentar este teste, a teoria kleiniana e fairbaniana das relações objectais. A pessoa se conduz com outra de acordo com uma longa aprendizagem, produto das relações com seus objectos mais arcaicos (os pais), de quem depende para a satisfação de suas necessidades primárias (...) O modo de se relacionar com pessoas e coisas e a maneira de perceber respondem a uma tentativa de conciliar dois sistemas de objectos muito amplos e, em diferentes graus, sobrepostos (...)" e que são: "Formas inconscientes reprimidas de se relacionar que foram fantasiadas como maneiras gratificantes ou de

ataque quando o indivíduo era frustrado além do seu grau de tolerância possível nos primeiros anos (...)” (p. 111) e, “A experiência de relações mais conscientes acumuladas depois de um longo período, durante o qual as repetidas provas de sua consistência e validade têm como resultado uma consolidação dos padrões de interacção e dos valores ligados a eles” (p. 112), determinando as tentativas de conciliar ambos os sistemas o “comportamento típico”.

É, pois, com base nesta teoria, e na qual nos vamos apoiar, que vamos poder ter acesso à forma como os objectos internos estão organizados e existem na personalidade dos sujeitos das nossas amostras, sendo através da análise do conteúdo das histórias, contadas pela reacção projectiva às figuras dos cartões, que teremos acesso à compreensão do modo como organizam o seu comportamento face às pessoas com quem interagem nas suas relações com o exterior.

O material deste teste é constituído por treze cartões, organizados em três séries - A, B e C - com quatro cartões em cada série e com figuras em cada um deles, sendo o último um cartão em branco. Em cada série existem situações de objecto básicas: com uma pessoa, com duas pessoas, com três pessoas e de grupo. Em todas as situações as pessoas são ambíguas quanto ao sexo e idade, sendo os detalhes das figuras e dos rostos imprecisos e nada sugerindo acerca dos sentimentos, atitudes ou relações entre elas.

As figuras da série A estão desenhadas com sombreado a carvão, existindo uma textura de luz e sombreado que se presta a várias interpretações dos sujeitos. Pretendem-se mobilizar nesta série, os conteúdos vinculados com as necessidades primitivas de dependência e de afecto e securização, bem como as ansiedades que lhes

estão ligadas, ajudando o carácter indefinido da situação a pôr em evidência a maneira como o sujeito enfrenta esses sistemas pulsionais primitivos.

As figuras da série B estão também desenhadas a carvão mas com sombreado mais escuro, estando as figuras em ambientes comuns mas ambíguos: dois em interiores e dois em exteriores. Pretendem-se mobilizar nesta série, as relações de fantasia com objectos ameaçadores e intransigentes e evocar a experiência e expressão de ansiedades relacionadas com o controle das forças internas e do mundo externo.

As figuras da série C estão desenhadas com linhas brandas, suaves ou medianas permitindo organizá-las com aparências de vida, embora também sejam ambíguas. Os cartões desta série apresentam umas pequenas áreas cromáticas, tendentes a estimular um forte desafio emocional, pretendendo-se com o aparente calor ou frieza da atmosfera da situação mobilizar a ameaça e os apoios em função da participação emocional real. As figuras e o ambiente físico apresentam aqui um maior detalhe mas de um modo indefinido, por forma a permitir ao sujeito diversas interpretações.

No cartão em branco, a história pode mostrar a relação transferencial que se foi processando ao longo do teste, podendo o sujeito resumir aqui o seu sentir face aos problemas actuais e as soluções que para ele são aceitáveis. Este cartão oferece um quadro do mundo que o sujeito criaria para si próprio para gratificar as suas necessidades, evitando simultâneamente as ameaças e as consequências que na realidade teme.

Como dissemos acima, o T.R.O. dar-nos-á a conhecer a forma como se processaram as relações de objecto, pelo apelo que este teste faz ao inconsciente induzindo a projecção. As histórias podem ser analisadas e interpretadas seguindo a metodologia para os testes de apercepção temática, podendo também, e de acordo

com exemplos dados pelo seu autor, proceder-se a métodos alternativos e mais económicos de análise e interpretação baseados na experiência que se possua sobre os processos dinâmicos originados na situação de psicoterapia analítica.

Uma vez que este teste explora a dinâmica das relações interpessoais da pessoa, recolhendo os comportamentos projectados através da percepção e da fantasia, a análise do conteúdo das histórias vai permitir-nos identificar quais as características das relações de objecto que integram a personalidade, objectos internos esses que determinam o modo como o indivíduo estabelece as relações com as pessoas do mundo externo, ou seja, os seus comportamentos. Pretendemos, deste modo, compreender os comportamentos através da manifestação dos sentimentos desencadeados pelo T.R.O. (afecto, ódio, protecção, tensão, etc.) e de como estão organizadas as relações interpessoais com o mundo, determinadas pela forma como as pessoas são sentidas: se com características positivas e em relação às quais se podem aproximar e estabelecer laços de amizade e partilha de amor, se com características negativas e das quais se têm de defender atacando-as e destruindo-as para evitar serem por elas frustrados e decepcionados.

5. PROCEDIMENTO

Depois de obtidas as autorizações por parte dos responsáveis dos estabelecimentos onde se fez a recolha das amostras utilizadas para esta investigação, foram contactados os directores do Colégio de Acolhimento Educação e Formação de São Bernardino, do Instituto de Reinserção Social, no caso do Grupo D e, a psicóloga da Escola Básica 2, 3 de Pedro de Santarém, no caso do grupo ND, para a selecção

dos adolescentes que reunissem os critérios pré-definidos acima para cada um dos grupos. Relativamente aos adolescentes do grupo ND, alunos dessa escola, foi-lhes primeiro solicitado pelos seus directores de turma, a colaboração voluntária para este trabalho, tendo sido posteriormente contactados os seus pais a fim de obtermos a autorização para a participação dos filhos na presente investigação. Para os adolescentes do grupo ND que não frequentavam essa escola, o pedido de colaboração foi primeiro efectuado através dos seus pais, utentes do Centro de Saúde de Benfica, obtendo-se a sua concordância e, posteriormente a anuência dos adolescentes em colaborarem.

- A recolha dos dados decorreu em salas com privacidade
- A aplicação dos instrumentos foi feita individualmente e numa única vez
- Explicou-se a cada sujeito que se tratava de um trabalho de investigação para o qual se pedia a sua colaboração através de um desenho com círculos sobre a família e, depois, contarem histórias imaginadas a partir de várias gravuras que lhe seriam mostradas
- Informou-se cada sujeito que o seu nome não constaria no presente trabalho, garantindo-se assim o anonimato e a confidencialidade
- Obteve-se a concordância de cada sujeito para colaborar nesta investigação
- Inicialmente procedeu-se a uma breve entrevista não-directiva com vista a um estabelecimento de relação, obtendo-se dados relativos à idade, frequência escolar, tempo de internamento (no caso do Grupo D), posição na fratria e meio familiar onde vive.
- Passou-se depois à aplicação dos instrumentos, tendo sido solicitado primeiro

o *Desenho do Círculo Familiar* e a seguir o *Teste de Relações de Objecto*, sempre com o cuidado de observar a constância de instruções com todos os sujeitos e de acordo com as orientações expressas nos respectivos manuais.

6. CONFIGURAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo, partimos do pressuposto de que é a presença de uma *família interna* que permite que se formem sentimentos de *culpabilidade*, funcionando a presença destes como protecção de passagens ao acto delinquentes.

Para a análise dos resultados dos testes aplicados, construímos grelhas de análise com as variáveis que considerámos fundamentais para o objectivo que aqui pretendemos investigar: a *família interna* e as características dos *objectos internos* que fazem parte da personalidade dos sujeitos deste estudo, manifestando-se os sentimentos de *culpabilidade* essencialmente através da expressão da necessidade de reparação da destruição infligida aos objectos de relação por receio de os perder. Para tal, baseámo-nos em bibliografia para o efeito existente, e que iremos mencionando, apresentando, por uma questão prática, a sequência das grelhas de análise das histórias do T.R.O., de acordo com a interpretação de conteúdo sugerida pelos autores argentinos.

Assim, a presença de uma *família interna* no funcionamento mental dos sujeitos das duas amostras, é-nos dada a conhecer através de:

- a representação de uma *família interna*, efectuada nos desenhos do M.C.F.
- a projecção da existência de um *sentimento de grupo familiar*, nas histórias das pranchas de três pessoas do T.R.O. (índice B52)
- a verbalização de *figuras familiares identificadas*, na globalidade das histórias

do T.R.O. (índice B6).

Para a variável *culpabilidade*, todos os restantes ítems do T.R.O. que considerámos possibilitam-nos conhecer a qualidade dos objectos internos, as ansiedades e as angústias desencadeadas bem como as defesas utilizadas para lidar com elas. Apoiamo-nos para o efeito na teoria atrás exposta (cap. III), tendo presente que os sentimentos de *culpabilidade* são possíveis de alcançar pela evolução satisfatória da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva, permitindo, neste caso, que o funcionamento mental se desenvolva de acordo com as características do processo secundário - com redução da tensão do desprazer através de um comportamento adaptado, tolerando a frustração; funcionamento de acordo com o princípio da realidade, através da lógica e da coerência; desenvolvimento da imaginação e da criatividade, com possibilidade de representação das emoções pela verbalização; expressão de sentimentos inerentes à culpa depressiva: preocupação pelo outro, pena, nostalgia e sentimentos de responsabilidade e moralidade -, em vez de permanecer ligado às características do processo primário - funcionamento segundo o princípio do prazer, reduzindo a insatisfação através da alucinação do objecto, fonte de satisfação primitiva; necessidade de descarga e satisfação imediata dos desejos; confusão entre o passado e o presente; perturbação das relações de espaço e de tempo; compulsão de repetição, fazendo passagens ao acto por dificuldade de manejar a culpa no plano mental.

Os resultados encontrados são tratados estatisticamente (constando em anexo) e deles apresentamos gráficos para uma leitura mais directa e global, efectuando-se a seguir sua discussão e interpretação para, no final, retirarmos as conclusões deste estudo.

II

RESULTADOS

1. ANÁLISE DOS DESENHOS DO MÉTODO DO CÍRCULO FAMILIAR

Para a análise dos desenhos apoiamo-nos nas concepções de Minuchin (1982) sobre a estrutura do funcionamento familiar, particularmente no que respeita à diferenciação de “fronteiras” e à existência de “subsistemas” dentro do “sistema” familiar do qual o sujeito faz parte, sendo que “Os subsistemas podem ser formados por geração, sexo, interesse ou por função” (p. 58).

GRUPO D

Presença de *família interna* - surgem fronteiras nítidas e subsistemas bem definidos (parental, conjugal, fraternal, famílias de origem, amigos, etc.) e definição de um esquema com hierarquia e figuras de poder dentro da família, o que pressupõe que exista interiorização de um esquema familiar em termos estruturais.

A ausência de interiorização de um esquema familiar revelou-se através de: ausência de subsistemas com emaranhamento ou desligamento das pessoas representadas, sendo as fronteiras inadequadamente rígidas ou difusas, ausência de figuras de poder e autoridade e, inversão da hierarquia familiar.

	FAMÍLIA INTERNA	
	Presente	Ausente
D1		x
D2	x	
D3		x
D4		x
D5		x
D6		x
D7		x
D8		x
D9		x
D10		x
D11	x	
D12		x
D13		x
D14		x
D15		x
Total	2	13

GRUPO ND

Presença de *família interna* - surgem fronteiras nítidas e subsistemas bem definidos (parental, conjugal, fraternal, famílias de origem, amigos, etc.) e definição de um esquema com hierarquia e figuras de poder dentro da família, o que pressupõe que exista interiorização de um esquema familiar em termos estruturais.

A ausência de interiorização de um esquema familiar revelou-se através de: ausência de subsistemas com emaranhamento ou desligamento das pessoas representadas, sendo as fronteiras inadequadamente rígidas ou difusas, ausência de figuras de poder e autoridade e, esquema familiar apenas parcialmente interiorizado como por exemplo no caso de haver figuras com hierarquia de poder mas sem definição de subsistemas claros.

	FAMÍLIA INTERNA	
	Presente	Ausente
ND1		x
ND2	x	
ND3	x	
ND4	x	
ND5		x
ND6		x
ND7	x	
ND8		x
ND9	x	
ND10		x
ND11	x	
ND12	x	
ND13	x	
ND14	x	
ND15	x	
Total	10	5

2. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO

Para a análise das histórias, baseamo-nos essencialmente nos estudos feitos por Ocampo e Arzeno (1995) no que respeita às respostas mais frequentes e à solicitação latente de cada cartão, seguindo também a análise proposta no manual por Phillipson (1981) e conciliando ainda alguns aspectos com o que é comum aos testes do Rorschach e do T.A.T., dado o *Teste de Relações de Objecto* integrar aspectos desses dois, tal como referimos atrás na metodologia.

GRUPO D

A) PERCEPÇÃO DA SITUAÇÃO DA PRANCHA

A1) Distorção perceptiva dos objectos - alteração das características do objecto não percebendo pessoas quando estas aparecem bem definidas e em vez delas perceber "estátua", "fotografia", "espírito", etc., ou desumanizar as pessoas percebendo-as como "plantas", "pedras", "animais" ou "objectos", ou perceber a poltrona ou a mesa como uma "cama" na prancha C3, de acordo com exemplos de Ocampo e Arzeno. Exemplos na nossa amostra (onde também foram encontrados alguns dos exemplos acima mencionados): "moldura" e "fantasmas" na prancha A1, "árvore de Natal" e "nuvens" na prancha A2, na prancha B3 "santo" nas duas figuras e "sombra" na terceira figura, "quadro" na prancha C2, "cama" na prancha C3, etc.

	Série A				Série B				Série C			
	A1	A2	A3	AG	B1	B2	B3	BG	C1	C2	C3	CG
D1												
D2							x			x		
D3	x										x	
D4						x						
D5		x								x		
D6												
D7							x			x		x
D8							x					
D9												
D10	x											
D11												
D12	x						x	x				
D13		x										
D14												
D15		x										
Tot.	3	3	0	0	0	1	4	1	0	3	1	1

Total A1): 17

A2) Aparecimento do conflito da história - existe adaptação entre o conteúdo da história e a solicitação latente da imagem não aparecendo negação ou distorção da prancha. Consideramos aqui também as histórias onde o conflito é abordado, embora não seja resolvido, mas onde exista alguma ressonância fantasmática em relação à solicitação latente da prancha, tal como o descrito para o índice C/P2 e C/P5 do T.A.T. (in Shentoub, V. (1990). Manuel d'Utilisation du T.A.T. (Approche Psychanalytique). Paris: Dunot, 96-99). Segundo Ocampo e Arzeno, é o caso de ver festas na prancha AG a qual apela à projecção de ansiedades depressivas, não aparecendo temas de situações de perda ou alusão por exemplo a enterros ou cemitério ou, por intolerância à dôr da culpa, negar a separação ou a destruição dos objectos como por exemplo na prancha A3 e na prancha AG não aparecerem alusões à perda; não manifestar sentimentos agressivos competitivos do id e do ego face ao superego, ou seja, a reacção do grupo face à autoridade externa e interna representada pelo indivíduo que se encontra representado mais acima e distanciado do grupo na prancha CG, etc. Exemplos na nossa amostra (para além dos acima mencionados e que também foram encontrados): na prancha A1 não aparecer a situação de solidão numa situação regressiva de dependência, na prancha A3 não aparecerem situações irreversíveis de separação, na prancha BG não aparecer a situação de exclusão em relação a um grupo de pares, etc.

	Série A				Série B				Série C			
	A1	A2	A3	AG	B1	B2	B3	BG	C1	C2	C3	CG
D1	x	x		x	x	x		x	x	x	x	x
D2	x				x	x			x	x		x
D3		x					x	x			x	
D4					x				x			
D5					x	x	x	x				
D6	x	x		x	x	x			x		x	
D7	x	x							x			
D8		x			x	x		x	x	x		
D9	x				x	x	x					x
D10					x	x						x
D11	x	x						x		x		
D12												
D13										x		
D14	x			x			x	x				
D15												
Tot.	7	6	0	3	8	7	3	6	6	5	3	4

Total A2): 58

A3) Paralisação da fantasia - incapacidade de dramatizar, de relacionar dinamicamente os personagens, aparecendo a enumeração dos elementos objectivos da prancha e com apego ao conteúdo manifesto (tal como o descrito para o índice C/F1 do T.A.T. - ob. cit., 107) ou, a descrição de factos, personagens e acontecimentos quotidianos e concretos, ou o recurso ao agir e ao fazer, não existindo construção de histórias com uma dimensão imaginária e fantasmática (à semelhança dos índices C/F2 e C/F3 do T.A.T. - ob. cit., 107-108) - exemplos na nossa amostra: "pessoas a ver o mar! E mais nada!", "estão a conversar e (...) depois vão passear, (...) comer bolos (...) pintar a casa (...) fazer o almoço (...)", "amigos, deve ser que tão a cantar ou a jogar", "grupo de pessoas em reunião", etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1							x	x		x	x	
D2							x			x		x
D3	x	x	x	x	x	x						
D4	x							x	x			
D5			x	x					x	x		
D6										x		x
D7												
D8												
D9			x	x			x			x	x	
D10	x		x	x				x	x	x	x	
D11			x		x			x				
D12	x	x	x	x	x			x	x	x	x	x
D13	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x
D14		x							x			
D15	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x
Tot.	6	5	8	7	5	2	5	7	7	8	6	5

Total A3): 71

Ausência de história na prancha em branco - Total: 8

A4) Reacção ao sombreado e à côr (baseámo-nos para esta análise em Rausch de Traubenberg, N. (1975). *A Prática do Rorschach*. S. Paulo: Editora Cultrix, 88-122)

A41) Reacção ao sombreado - de acordo com Ocampo e Arzeno, é interpretada de modo semelhante ao Rorschach no que respeita às respostas de textura e de claro-escuro: na série A, pela reacção ao cinza esbatido - exemplos na nossa amostra: “beco escuro”, “isto é preto!” (assinalamos com * as respostas de “preto” e “escuro”); na série B, pela reacção ao contraste claro-escuro - exemplo na nossa amostra: “a luz do sol a iluminar para dentro da casa” (assinalamos com * uma resposta “preto (...) é a parede” na prancha B3).

A42) Reacção à côr - na série C, Ocampo e Arzeno também consideram que a reacção à côr é interpretada segundo critérios idênticos aos do Rorschach, podendo no caso do vermelho da prancha C3 aparecer a integração da côr no conteúdo da história, ou não aparecer a sua integração (assinalamos com * as respostas equivalentes ao C puro e ao Cn do Rorschach - exemplos na nossa amostra: “já está pintado!”, “luzes às côres” e “rosa, vermelho” na prancha C3, “sangue” na prancha C1 e “a sangrar” na prancha CG), considerando também ser apreciada a influência da côr vermelha nesta prancha por reacções qualitativas como o aumento do tempo de latência ou pausas longas no decurso da história (estas reacções ou outras afins não apareceram nesta nossa amostra). Exemplo de inclusão da côr vermelha na história da prancha C3 na nossa amostra: “uma maçã que (...) amandou para o ar”.

	Série A				Série B				Série C			
	A1	A2	A3	AG	B1	B2	B3	BG	C1	C2	C3	CG
D1		x*								x	x*	
D2	x*											
D3	x*		x*	x	x*		x*					x
D4												
D5	x											
D6	x					x*					x	x*
D7											x*	x
D8	x	x*					x		x*			
D9	x											
D10								x		x		
D11												
D12						x					x*	
D13	x	x*									x	
D14	x					x						
D15												
Tot.	8	3	1	1	1	3	2	1	1	2	6	2

Total A41): 20 (inclui 9*)

Total A42): 11 (inclui 5*)

B) PESSOAS NAS HISTÓRIAS E SUAS RELAÇÕES

B1) Diferenciação dos personagens - é atribuída uma identidade sexual às pessoas das histórias - ("homem", "mulher", "senhor"(a), "rapaz", etc.), podendo também aparecer a diferenciação através de um estatuto ou papel social - ("pai", "filho", "padre", "dono da casa", "professora", "jogador", etc, não aparecendo com anonimato (de acordo com o índice C/P3 do T.A.T. - ob. cit., 96-97) - ("eles", "pessoas", "senhores", etc.).

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
D2	x	x		x			x		x			x
D3	x	x		x		x	x	x	x	x		x
D4	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x
D5	x	x	x		x	x	x	x	x			
D6	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	
D7	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
D8	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
D9	x	x		x	x	x		x	x			x
D10				x	x	x	x		x		x	
D11	x	x		x		x		x	x		x	
D12	x			x		x	x					x
D13		x				x		x	x			
D14	x	x	x			x	x	x	x		x	x
D15		x				x		x				
Tot.	12	13	6	11	8	14	11	12	13	6	9	10

Total C): 125

B2) Movimento dos personagens - segundo Ocampo e Arzeno e à semelhança do Rorschach, o movimento pode ser projectado em figuras humanas, animais ou seres inanimados, consistindo deste modo na atribuição de "(...) uma acção, uma intenção ou, simplesmente, uma presença sentida (...)" (ob. cit., 67). Exemplos na nossa amostra: "estão a conversar", "a namorar", "a apanhar flores", "a passear", "a limpar", "fugir", "descer", "subir", "jogar", "nadar", "roubar", "agredir", "lutar", "matar" (sendo as acções violentas e os conteúdos da ordem da passagem ao acto anti-social analisados mais adiante), etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
D2	x	x		x	x		x		x	x		x
D3		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
D4	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x
D5	x	x	x		x	x	x	x	x	x		x
D6	x	x	x			x	x	x	x	x		x
D7	x	x	x	x		x	x	x	x	x		x
D8	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
D9	x	x		x	x	x		x	x	x	x	x
D10		x			x			x	x			
D11		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
D12		x		x	x		x		x			
D13		x			x	x	x		x			
D14		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
D15	x	x			x	x	x	x	x	x	x	
Tot.	9	15	5	10	13	12	13	12	12	11	10	12

Total B2): 134

B3) Interação - definimos interação como o estabelecimento de relações dinâmicas entre as pessoas, estando expresso na história o tipo de interação, não considerando as relações de pessoas com animais, santos, fantasmas, feiticeiros ou mágicos, por ex., visto indicarem uma defesa no estabelecimento de relações humanas. Para Ocampo e Arzeno, no T.R.O não é frequente o aparecimento de respostas de conteúdo animal (referindo que podem aparecer na prancha AG), as quais pressupõem a existência de uma conduta perceptiva patológica. Incluímos nesta análise as situações de uma pessoa, dado o sujeito poder acrescentar mais pessoas ao percepto (assim como pode omitir pessoas noutras situações). Exemplos na nossa amostra: “dois amigos a conversar”, “meninos a brincar”, “pai chateou-se com o filho”, “homens a jogarem a batota”, “pessoas à luta”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
D2	x	x		x	x	x	x		x			x
D3				x					x	x		
D4				x			x	x	x	x	x	x
D5		x			x		x	x			x	
D6		x		x					x			x
D7		x		x			x	x			x	
D8	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x
D9	x			x	x	x		x	x	x	x	x
D10					x			x				x
D11					x		x		x		x	x
D12				x	x	x	x		x		x	
D13					x	x	x	x	x			
D14			x	x				x	x	x	x	x
D15					x			x			x	
Tot.	4	5	2	10	10	6	9	10	11	6	10	9

Total B3): 92

B41) Relação dual - analisamos a relação dual através do reconhecimento da relação interna com um par nas pranchas de situações de duas pessoas, percebendo: um par heterossexual (analisada a seguir), - ou a relação entre um par mais primitivo, com um vínculo materno ou paterno-filial - exemplo na nossa amostra: "um monitor e um aluno", ou a projecção de um par interno relacionado através de um vínculo fraternal, de amizade, etc.

A ausência de relação dual surgiu através das seguintes defesas contra o reconhecimento da relação com um par: denegação da relação dual percebendo várias pessoas, ou ausência de percepção do par junto - exemplos na nossa amostra: "homem a ver os meninos a brincar", "mãe que vê filhos a dormir", "um senhor (...) senhores"-, percepção de um único personagem, distorção perceptiva, que apareceu pela percepção de relação entre uma pessoa e um animal e, pela ausência de percepção de pessoas na prancha A2, com inversão da figura-fundo e a percepção de "nuvens" e "árvore".

B42) Relação anaclítica - Reconhecimento da relação heterossexual entre as duas pessoas da prancha, com ligação entre ternura e sexualidade, percepção esta mais frequente na prancha A2, segundo Ocampo e Arzeno, e o que também foi encontrado na nossa amostra - exemplos na nossa amostra: "namorados", "apaixonados", homem e mulher "a conversar", ou "abraçados", ou "de mão dada", etc. Exemplos de defesas contra o reconhecimento da relação anaclítica: "dois idosos (...) o senhor e a senhora arranjaram um menino que tinham adoptado na rua", "um quadro, este desenho todo (...)", "eles agora vão para casa (...) pintar o quarto deles", "um senhor (...) e parece que está outro, ou senhor ou senhora", etc.

	Relação dual			Relação anaclítica		
	A2	B2	C2	A2	B2	C2
D1	x	x	x	x		
D2	x	x	x			
D3	x	x		x		
D4						
D5						
D6	x	x		x	x	
D7	x	x		x		
D8	x	x	x	x		
D9	x	x	x	x		x
D10	x	x	x			
D11	x	x	x	x		
D12	x	x		x		
D13		x	x			
D14	x	x				
D15		x				
Total	11	13	7	8	1	1

Total B4): 31

Total B52): 10

B51) Relação triangular - nas pranchas de situações de três pessoas, analisamos a relação triangular através da diferenciação de uma terceira pessoa face a outras duas. De acordo com Ocampo e Arzeno, na prancha A3 deve ser evocada a situação de separação de um terceiro perante o par, na prancha B3 deve ser percebida a presença de um terceiro frente a um par unido e na prancha C3 um dos personagens adultos deve ser percebido como uma mulher.

A ausência de relação triangular manifestou-se através das seguintes defesas contra o reconhecimento da triangulação: percepção de dois ou mais do que os três personagens que fazem parte do conteúdo da prancha, colocar as figuras em quadro, percepção de “santo” ou “sombra de pessoas” (em vez de pessoas) não percebendo as duas pessoas juntas como um par unido (é o caso de respostas dadas na prancha B3), relação pai-filho(a) ou mãe-filho(a) (com ausência de um terceiro), denegação da diferença dos sexos e gerações com percepção de pessoas de igual identidade ou estatuto, ou com anonimato (como é o caso de “amigos”, “homens”, “pessoas”, “bandidos”, etc.) o que apareceu com frequência na prancha C3, fabulação fora da imagem e, recusa de história.

B52) Sentimento de grupo familiar - de acordo com Ocampo e Arzeno, analisamos o sentimento de grupo familiar através da percepção de três pessoas nestas pranchas, podendo neste caso aparecer com igual identidade ou estatuto, mas apenas consideramos quando expressa uma relação ou interação entre as pessoas. Não consideramos as situações de várias pessoas que aparecem desprovidas de identidade e com anonimato.

	Relação triangular			Sentimento de grupo familiar		
	A3	B3	C3	A3	B3	C3
D1				x	x	x
D2				x		x
D3		x		x	x	
D4						
D5		x		x	x	
D6			x	x		x
D7				x		x
D8	x				x	x
D9		x				x
D10						
D11		x		x	x	x
D12	x					
D13		x		x	x	
D14		x		x	x	
D15				x		x
Total	2	6	1	11	7	8

Total B51): 9

Total B52): 26

B6) Figuras familiares identificadas - consideramos aqui a referência nas histórias a pessoas que sejam identificadas um parentesco familiar, tendo aparecido nesta nossa amostra as seguintes: “pai”, “mãe”, “filho”, “marido”, “mulher”, “esposa”, “casal”. Consideramos também a menção a “pessoas da família” (o que assinalamos com ') e a “amigos” (que assinalamos com*).

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
D2		x		x*	x*	x*	x*		x*			
D3									x			
D4		x*		x							x	x
D5												
D6		x						x	x			
D7		x										
D8												
D9				x		x		x		x*	x*	
D10												
D11						x'						
D12						x						
D13												
D14							x			x*		
D15												
Tot.	1	5	1	4	2	5	3	3	4	3	2	1

Total B6): 34 (inclui 1' e 9*)

C) TIPO DE VÍNCULO AFECTIVO COM OS OBJECTOS

Consideramos os vínculos pessoais explicitados na relação entre as pessoas e os vínculos estabelecidos com elementos não humanos da prancha, pois, a natureza destes vínculos estabelecidos com o mundo - amorosos, destrutivos - tem a ver com a qualidade das relações de objecto internas.

C1) Amorosos - expressão de sentimentos de características positivas: amizade, amor, felicidade, namoro, paixão, simpatia, sociabilidade, sendo os objectos sentidos como bons - exemplos na nossa amostra: “a namorar, estão a conversar”, “uma senhora e um senhor a namorar”, “a falar, de braços dados”, “amigos (...) a cantar ou a jogar”, na prancha B2 a casa ser reconhecida como um objecto que acolhe as pessoas, na prancha C1 a cozinha contém alimentos bons que as pessoas comem, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1								x				
D2				x		x			x			
D3				x								
D4				x		x						
D5								x				
D6			x	x	x			x	x		x	
D7			x									
D8					x		x	x	x			
D9				x		x		x	x	x	x	
D10												
D11		x		x				x	x			x
D12												
D13								x				
D14		x		x				x				x
D15								x				
Tot.	0	2	2	7	2	3	1	9	5	1	2	2

Total C1): 36

C2) Destrutivos - Expressão de sentimentos de características negativas: infelicidade, agressividade, destruição, auto-destruição, ódio, violência; os objectos são sentidos como maus, rejeitantes, abandonantes, frustrantes, persecutórios - exemplos na nossa amostra: um casal infeliz, "dois homens (...) à porrada!", "o mundo ia acabar no ano 2000 (...) as pessoas, com medo, fugiram", "pai (...) a bater e o rapaz, com raiva do pai, saiu de casa", "o vento levou; depois afogaram", "gato arranhou o senhor na cara", etc. A resolução da história em relação a sentimentos de destruição dos objectos, ou face a ameaças persecutórias, não é aqui incluída (ou seja, se existe ou não reparação do dano causado aos objectos, ou como reage face a sentimentos persecutórios), sendo esta análise feita noutros quadros. De notar que algumas pranchas suscitam o aparecimento de ansiedades persecutórias e de destruição.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x			x			x	x	x	x
D2		x										x
D3												
D4							x					x
D5						x						x
D6	x	x					x			x		x
D7		x	x			x	x				x	
D8		x	x			x						
D9	x	x			x							x
D10												
D11										x	x	
D12												
D13												
D14												
D15												
Tot.	3	6	3	0	1	4	3	0	1	3	3	6

Total C2): 33

C3) Apoio e suporte do objecto - evocação de uma relação onde pessoas, ou animais, dependem doutrém, tal como o definido em relação ao índice C/M1 do T.A.T. (ob. cit., 104) - aparecendo com frequência nesta amostra temas ligados à privação e à oralidade -, ou evocação de uma relação de dependência entre pai-filho ou mãe-filho - exemplos na nossa amostra: “eles comiam a refeição que o padre ía sempre levar”, “pedinte pede ao senhor (...) uma esmola”, “uma sala de jantar (...) um banquete para pessoas pobres e idosos!”, “mãe a ver se os filhos estão a dormir”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1				x	x		x					
D2	x		x									
D3									x		x	
D4			x		x			x	x			
D5		x			x		x					
D6						x						
D7	x											
D8				x								
D9												
D10						x						
D11												
D12						x						
D13						x						
D14			x			x	x					
D15												
Tot.	2	1	3	2	3	5	3	1	2	0	1	0

Total C3): 23

C4) Vínculos simbióticos ou narcisistas - os objectos são partes do sujeito não sendo bem diferenciados e não podem ser percebidos com qualidades estáveis e definidas. Consideramos aqui as características referidas aos índices C/N do T.A.T. (ob. cit., 100-103) - exemplos na nossa amostra: "é uma moldura (...) o homem está a ver quem passa (...)", "homens na praia a apnhar sol (...) cheios de frio porque o sol já se abaixou", "uma sombra de um homem em cima de um barrote e que reflectia na água. O homem estava a olhar para o riacho", etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1												
D2												
D3	x							x		x		
D4												
D5												
D6												x
D7										x		
D8												
D9												
D10												
D11					x						x	
D12	x							x				
D13												
D14												
D15												
Tot.	2	0	0	0	1	0	0	2	0	2	1	1

Total C4): 9

C5) Ausentes - não existe expressão do tipo de vínculo afectivo estabelecido com os objectos, ou de uma relação entre eles. Consideramos também aqui a percepção de objectos aos quais não é atribuída uma constância da sua permanência e a percepção do mau objecto ou de temas de perseguição (pertencentes aos índices E12 e E14 do T.A.T. - ob. cit., 119) - exemplos na nossa amostra: "homem a passear (...). Mais nada", "pessoas a ver o mar", "pessoas a subir numa procissão", "duas pessoas (...) um objecto, uma estátua ou o que é (...) ou são pessoas ou fantasmas", "eles fugiram (...) a família nunca mais soube deles", "parece pessoas (...) Não! Parece também golfinhos! Não! (...) Pinguins (...) focas", "Parece um monstro, a senhora!" etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1					x		x	x		x	x	
D2					x	x	x					x
D3		x	x		x					x	x	
D4	x	x							x	x	x	
D5	x		x	x								
D6								x	x	x		
D7					x						x	x
D8	x											
D9			x				x					
D10	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x
D11	x		x			x	x					x
D12		x	x	x	x		x		x	x	x	x
D13	x	x	x	x	x		x		x	x	x	
D14	x				x				x	x	x	x
D15	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x
Tot.	8	6	8	5	8	3	8	3	7	9	8	6

Total C5): 79

D) CONTEÚDOS DAS HISTÓRIAS

D1) Processo primário do pensamento - para esta análise, baseamo-nos nos procedimentos da série E do T. A. T. (ob. cit., 109-124), como sejam: escotomas de objectos, falsas percepções, fabulação fora da imagem, expressão de pulsões agressivas de carácter maciço e isolado e com ausência de expressão de afectos, perseveração, instabilidade dos objectos, percepção de maus objectos persecutórios, etc. Não consideramos aqui a percepção de "personagens doentes" pertencente ao índice E6 do T. A. T., dado esta ser uma percepção considerada frequente, particularmente no cartão C2 do T. R. O., segundo Ocampo e Arzeno. Não incluímos aqui exemplos da nossa amostra pelo facto de se tornarem extensos.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x
D2		x			x		x	x				x
D3				x	x	x	x	x		x	x	x
D4		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
D5		x		x		x						x
D6	x	x					x	x	x			x
D7	x	x		x	x	x	x	x	x		x	x
D8						x						
D9		x										x
D10	x						x		x	x		
D11							x					
D12	x	x							x			
D13				x								
D14	x		x	x		x				x		x
D15				x						x		x
Tot.	6	8	2	8	4	7	8	6	6	6	4	10

Total D1): 75

D2) Comportamentos anti-sociais - consideramos as histórias onde aparecem passagens ao acto anti-sociais, podendo as figuras do cartão serem reconhecidas como autores ou como vítimas. Assinalamos com * as histórias onde aparece punição após o crime (expresso através de prisão ou internamento em colégio de Reinserção Social), não existindo nas outras situações qualquer menção a castigo nem qualquer tipo de crítica do acto efectuado - exemplos na nossa amostra: "(...) tentaram matá-lo.", "homem mau, alcoólico e bandido (...) esposa a dormir numa noite, esfaqueou-a", "O rapaz, com raiva do pai, saiu de casa e nunca mais foi para casa. (...) começou a roubar e isso", "(...) fugiram, (...) a família nunca mais soube deles.", "Um ladrão foi assaltar uma casa duma senhora que era muito rica e matou os filhos (...)", "Quando aparecem ladrões o segurança chama reforços e os ladrões fogem", etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1			x			x*			x			x*
D2		x*			x							
D3												
D4							x*					
D5												x
D6		x					x					
D7		x	x								x	
D8		x										x*
D9		x			x							
D10												
D11												
D12												
D13											x	
D14								x				
D15												
Tot.	0	5	2	0	2	1	2	1	1	0	2	3

Total D2): 19 (inclui 5 *)

Comportamentos anti-sociais na prancha em branco - Total: 4 (inclui 2 *)

D3) Ausência de *reparação e inibição da agressividade* - não aparecem nas histórias esforços reparatórios face a fantasias agressivas de destruição do objecto. O aparecimento destas fantasias com fracasso destas defesas dá lugar a que se manifestem defesas maníacas, actuação da agressividade, ou ausência de afecto depressivo e sentimento de pena pela perda ou dano do objecto. (Assinalamos com * o aparecimento destas defesas face à destruição ou doença do objecto) - exemplos na nossa amostra: “veio um filho ajudar a levantar do chão (...) o vento levou, depois afogaram. (...) nadador-salvador, foi-lhe ajudar para não se morrer” (*), “deu um tiro no outro homem (...). Depois a mulher ficou a tratar do homem que levou o tiro” (*), “Os pais tinham falecido (...) deixaram-lhe a fortuna porque era o único filho.”, “o feiticeiro fez um feitiço para destruir o paraíso (...) Morreram todos. (...) o feiticeiro sobreviveu (...) ficou com o paraíso para ele.”, “um homem que estava na igreja a rezar para a morte do pai (...) fazer uma festa”, “uns gajos que estão num funeral (...) a enterrar o amigo da guerra; o amigo levou um tiro”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
D1	x	x	x		x	x			x	x*	x	x
D2						x*						x
D3											x	x*
D4												
D5		x								x		
D6		x					x				x	
D7	x*	x*										
D8				x*		x						
D9												
D10											x	
D11												
D12												
D13						x*						
D14										x		
D15												
Tot.	2	4	1	1	1	4	1	0	1	3	4	3

Total D3): 18 (7*)

GRUPO ND

A) PERCEPÇÃO DA SITUAÇÃO DA PRANCHA

A1) Distorção perceptiva dos objectos - alteração das características do objecto não percepcionando pessoas quando estas aparecem bem definidas e em vez delas perceber "estátua", "fotografia", "espírito", etc., ou desumanizar as pessoas percebendo-as como "plantas", "pedras", "animais" ou "objectos", ou perceber a poltrona ou a mesa como uma cama na prancha C3, de acordo com exemplos de Ocampo e Arzeno. Exemplos na nossa amostra (onde também foram encontrados alguns dos exemplos acima mencionados): "casal a reflectir no espelho" na prancha B3, perceber uma "casa", "montanhas" ou "escuridão" no grupo de pessoas da prancha CG, etc.

	Série A				Série B				Série C			
	A1	A2	A3	AG	B1	B2	B3	BG	C1	C2	C3	CG
ND1												
ND2							x					
ND3												x
ND4												
ND5												
ND6												
ND7												
ND8												x
ND9											x	
ND10												
ND11		x										x
ND12												x
ND13												x
ND14												
ND15												
Tot.	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	5

Total A1): 8

A2) Aparecimento do *conflito da história* - existe adaptação entre o conteúdo da história e a solicitação latente da imagem não aparecendo negação ou distorção da prancha. Consideramos aqui também as histórias onde o conflito é abordado, embora não seja resolvido, mas onde exista alguma ressonância fantasmática em relação à solicitação latente da prancha, tal como o descrito para o índice C/P2 e C/P5 do T.A.T. (ob. cit., 96-99). Segundo Ocampo e Arzeno, é o caso de ver festas na prancha AG a qual apela à projecção de ansiedades depressivas, não aparecendo temas de situações de perda ou alusão por exemplo a enterros ou cemitério ou, por intolerância à dôr da culpa, negar a separação ou a destruição dos objectos como por exemplo na prancha A3 e na prancha AG não aparecerem alusões à perda; não manifestar sentimentos agressivos competitivos do id e do ego face ao superego, ou seja, a reacção do grupo face à autoridade externa e interna representada pelo indivíduo que se encontra representado mais acima e distanciado do grupo na prancha CG, etc. Na nossa amostra encontrámos os exemplos acima mencionados, tendo-nos baseado nos mesmos critérios desses autores.

	Série A				Série B				Série C			
	A1	A2	A3	AG	B1	B2	B3	BG	C1	C2	C3	CG
ND1			x			x	x	x				x
ND2	x	x				x		x	x			x
ND3	x	x			x	x		x	x	x	x	x
ND4	x	x	x			x		x	x			
ND5		x	x		x	x	x	x	x	x		x
ND6	x	x	x			x	x	x			x	x
ND7	x	x	x		x	x		x	x	x		x
ND8		x	x			x	x	x				
ND9	x	x	x		x	x	x	x	x		x	
ND10	x	x	x	x		x	x	x	x		x	x
ND11	x		x			x	x	x				
ND12		x		x				x				
ND13		x	x			x	x	x	x			
ND14	x	x	x		x	x	x	x	x			
ND15	x	x	x		x	x	x	x	x			
Tot.	10	13	12	2	6	14	10	15	10	3	4	7

Total A2): 106

A3) Paralisação da fantasia - incapacidade de dramatizar, de relacionar dinamicamente os personagens, aparecendo a enumeração dos elementos objectivos da prancha e o apego ao conteúdo manifesto (tal como o descrito para o índice C/F1 do T.A.T. - ob. cit., 107) ou, a descrição de factos, personagens e acontecimento quotidianos e concretos, ou o recurso ao agir e ao fazer, não existindo construção de histórias com uma dimensão imaginária e fantasmática (à semelhança dos índices C/F2 e C/F3 do T.A.T. - ob. cit., 107-108) - exemplos na nossa amostra: “uma pessoa de braços cruzados (...) um homem e uma mulher”, pessoas a ver um jogo de futebol, “amigos (?) Não acontece nada (...) vão-se embora para casa, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1	x								x			
ND2		x	x									
ND3												
ND4												
ND5	x									x		
ND6			x									
ND7												
ND8		x	x									
ND9												
ND10		x										
ND11		x	x		x		x				x	
ND12		x	x		x		x	x	x			x
ND13			x		x							
ND14												
ND15												
Tot.	2	5	6	0	3	0	2	1	2	1	1	1

Total A3): 24

Ausência de história na prancha em branco - Total: 1

A4) Reacção ao sombreado e à côr (baseámo-nos para esta análise em Rausch de Trautenberg, ob. cit., 88-122)

A41) Reacção ao sombreado - de acordo com Ocampo e Arzeno, é interpretada de modo semelhante ao Rorschach no que respeita às respostas de textura e de claro-escuro: na série A, pela reacção ao cinza esbatido - exemplos na nossa amostra: "estes cinzentos e estas sombras", "dia de Inverno... aqui o cinzento!", "nevoeiro", "ambiente enevoadado", "dia nublado", "em cima mais escuro, aqui mais claro", "noite escura (...) muito escuro", etc. (assinalamos com * as respostas "escuro"); na série B, pela reacção ao contraste claro-escuro - exemplos na nossa amostra: "a reflectir no espelho", "o quarto não tem muita luz", "projecta a sombra", etc.

A42) Reacção à côr - na série C, a reacção à côr é interpretada segundo critérios idênticos aos do Rorschach, podendo no caso do vermelho da prancha C3 aparecer a integração da côr no conteúdo da história, ou não aparecer a sua integração (assinalamos com * as respostas equivalentes ao C puro e ao Cn do Rorschach - uma única resposta na nossa amostra: "Ah! Este já tem côres!"), considerando também ser apreciada a influência da côr vermelha nesta prancha por reacções qualitativas (que assinalamos com ') como o aumento do tempo de latência ou pausas longas no decurso da história. Exemplos de reacção ao vermelho na nossa amostra: comentários iniciais "Ai Jesus!", "Eh lá!", "Aqui não sei o que é" (aponta no vermelho), rotações ou olhar fixamente a prancha, piscar muito os olhos no final da história, etc. Exemplo de inclusão da côr vermelha na história da prancha C3 da nossa amostra: "uma luz vermelha a iluminar a sala".

	Série A				Série B				Série C			
	A1	A2	A3	AG	B1	B2	B3	BG	C1	C2	C3	CG
ND1						x						
ND2										x		
ND3						x	x				x'	
ND4	x	x			x						x'	
ND5	x										x'	
ND6	x		x	x	x	x	x	x	x		x'	x
ND7	x		x			x*					x*	
ND8			x		x*						x'	
ND9	x*			x		x					x	x*
ND10	x	x			x	x				x	x'	x
ND11	x	x		x	x*		x				x'	
ND12	x				x						x	
ND13	x	x			x			x	x	x	x	
ND14	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x
ND15						x						
Tot.	10	5	4	4	8	8	4	3	2	3	11	5

Total A41): 46 (inclui 4*)

Total A42): 21 (inclui 7' e 2*)

B) PESSOAS NAS HISTÓRIAS E SUAS RELAÇÕES

B1) Diferenciação dos personagens - é atribuída uma identidade sexual às pessoas das histórias - ("homem", "mulher", "menina", etc.), podendo também aparecer a diferenciação através de um estatuto ou papel social - ("pais", "irmão", "avô", "grupo de amigos", "homens da burguesia", "grupo de estudantes", "um casal", "vizinho", "dono da casa", "senhor idoso", "presidente da empresa", "empregados", "sargento", "soldado", etc.), não aparecendo com anonimato (de acordo com o índice C/P3 do T.A.T. - ob. cit., 96-97) - ("pessoas", "este", "ele", etc.).

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1	x		x	x	x	x		x			x	x
ND2	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
ND3	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND4	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x
ND5	x			x		x			x			x
ND6	x	x		x		x	x	x	x			x
ND7	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND8	x	x	x	x		x		x		x		x
ND9	x	x	x	x	x	x		x	x	x		x
ND10	x	x		x	x	x		x	x			x
ND11	x					x	x					
ND12				x								
ND13	x	x			x			x	x	x		
ND14	x	x	x	x	x		x	x	x			x
ND15	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	
Tot.	14	11	8	13	10	12	7	12	11	7	7	11

Total B1): 123

B2) Movimento dos personagens - segundo Ocampo e Arzeno e à semelhança do Rorschach, o movimento pode ser projectado em figuras humanas, animais ou seres inanimados, consistindo deste modo na atribuição de "(...) uma acção, uma intenção ou, simplesmente, uma presença sentida (...)" (ob. cit., 67). Exemplos na nossa amostra: "estão a conversar", "a entrar em casa", "a fazer um pic-nic", "professora a dar aulas", "pessoas a rezar o terço", "duas pessoas em gestos de amizade", "ladrões que arrombam porta para roubar", "homens a assaltar um rapaz" (sendo as acções violentas e os conteúdos da ordem da passagem ao acto anti-social analisados mais adiante), etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND2	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND3	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND4		x	x	x		x	x	x	x	x	x	x
ND5	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND6		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND7	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x
ND8	x	x	x	x	x	x	x		x	x	x	x
ND9	x	x	x		x	x			x	x	x	x
ND10		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND11	x	x			x	x		x	x			
ND12	x			x	x	x		x	x			
ND13		x		x	x	x	x	x	x	x	x	
ND14	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x
ND15		x	x		x	x		x	x	x	x	x
Tot.	10	14	11	12	13	15	12	13	15	14	13	13

Total B2): 155

B3) Interação - definimos interação como o estabelecimento de relações dinâmicas entre as pessoas, estando expresso na história o tipo de interação, não considerando as relações de pessoas com animais, santos, fantasmas, feiticeiros ou mágicos, por ex., visto indicarem uma defesa no estabelecimento de relações humanas. Para Ocampo e Arzeno, no T.R.O não é frequente o aparecimento de respostas de conteúdo animal (referindo que podem aparecer na prancha AG), as quais pressupõem a existência de uma conduta perceptiva patológica. Incluímos nesta análise as situações de uma pessoa, dado o sujeito poder acrescentar mais pessoas ao percepto (assim como pode omitir pessoas noutras situações). Exemplos na nossa amostra: “grupo de rapazes conversam”, “fazer companhia ao marido”, “uma pessoa (...) doente e o médico (...) auscultou-a”, “uma amiga e um amigo encontram-se num bar (...) começaram a conversar”, “três pessoas (...) a coscuvilhar”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1				x	x	x	x	x	x		x	x
ND2	x			x	x	x	x		x	x	x	x
ND3		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND4			x	x			x	x	x		x	
ND5	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND6				x	x		x	x	x	x	x	x
ND7				x	x	x	x	x	x	x	x	x
ND8	x			x	x	x	x		x	x		
ND9					x			x	x	x		
ND10				x	x	x		x	x	x	x	x
ND11	x				x		x	x	x	x	x	
ND12	x				x			x	x	x	x	
ND13				x	x		x	x	x	x	x	
ND14				x			x	x	x	x	x	
ND15		x		x	x	x	x	x	x	x	x	x
Tot.	5	2	3	12	13	8	12	13	15	13	14	9

Total B3): 119

B41) Relação dual - analisamos a relação dual através do reconhecimento da relação interna com um par nas pranchas de situações de duas pessoas, percebendo: um par heterossexual (analisada a seguir), a relação entre um par mais primitivo com um vínculo materno ou paterno-filial - como é o caso do exemplo: "avô (...) contou uma velha história (...) o João adormeceu" - ou, a projecção de um par interno relacionado através de um vínculo fraternal, de amizade, etc.

A ausência de relação dual surgiu através das seguintes defesas contra o reconhecimento da relação com um par: denegação da relação dual percebendo várias pessoas, ausência de percepção do par junto - apareceu duas vezes na nossa amostra: "mãe a (...) ver se eu e o meu irmão (...)" e "vizinha doente (...) outra vizinha (...) e juntou-se às duas", percepção de um único personagem em vez dos dois que fazem parte do conteúdo da prancha - apareceu também duas vezes - e, ausência de percepção de pessoas na prancha A2, com inversão da figura-fundo e a percepção de: - "nuvens pretas a cobrir o céu e esta parte branca é o pouco de luz".

B42) Relação anaclítica - Reconhecimento da relação heterossexual entre as duas pessoas da prancha, com ligação entre ternura e sexualidade, percepção esta mais frequente na prancha A2, segundo Ocampo e Arzeno, e o que também foi encontrado na nossa amostra - exemplos na nossa amostra: "um casal", "namorados", "apaixonados", "homem e mulher a olharem um para o outro", etc. Exemplos de defesas contra a relação anaclítica: "duas pessoas, com uma certa fixação em algum objecto", "duas pessoa (...) Amigos, conhecidos.", "duas figuras humanas (...). Não posso determinar se são sexo masculino ou feminino, não vejo o cabelo nem largura dos ombros nem nada.", etc.

	Relação dual			Relação anaclítica		
	A2	B2	C2	A2	B2	C2
ND1	x	x			x	
ND2	x	x		x	x	
ND3	x	x	x	x	x	
ND4	x	x	x			
ND5	x	x	x	x		
ND6	x	x	x	x		x
ND7	x	x		x		
ND8	x	x	x	x		
ND9	x	x	x	x	x	
ND10	x	x	x	x		
ND11		x	x		x	x
ND12	x	x	x			
ND13	x	x	x		x	
ND14	x	x		x	x	
ND15	x	x	x	x	x	x
Total	14	15	11	10	8	3

Total B41): 40

Total B42): 21

B51) Relação triangular - nas pranchas de situações de três pessoas, analisamos a relação triangular através da diferenciação de uma terceira pessoa face a outras duas. De acordo com Ocampo e Arzeno, na prancha A3 deve ser evocada a situação de separação de um terceiro perante o par, na prancha B3 deve ser percebida a presença de um terceiro frente a um par unido e na prancha C3 um dos personagens adultos deve ser percebido como uma mulher.

A ausência de relação triangular manifestou-se através das seguintes defesas contra o reconhecimento da triangulação: percepção de dois personagens em vez dos três que fazem parte do conteúdo da prancha, percepção de "sombra" ou "reflexo" das duas pessoas do par na terceira figura da prancha B3, relação pai-filho no par percebendo a mãe na terceira pessoa da prancha B3, denegação da diferença dos sexos e gerações com percepção de pessoas de igual identidade ou estatuto ou com anonimato (como é o caso de "amigos", "senhores", "homens", etc.) o que apareceu com frequência na prancha C3 e, recusa de história.

B52) Sentimento de grupo familiar - de acordo com Ocampo e Arzeno, analisamos o sentimento de grupo familiar através da percepção de três pessoas nestas pranchas, podendo neste caso aparecer com igual identidade ou estatuto, mas apenas consideramos quando expressa uma relação ou interação entre as pessoas. Não consideramos as situações de várias pessoas que aparecem desprovidas de identidade e com anonimato.

	Relação triangular			Sentimento de grupo familiar		
	A3	B3	C3	A3	B3	C3
ND1	x	x		x	x	x
ND2	x			x		x
ND3	x		x	x		x
ND4	x			x		x
ND5	x			x	x	x
ND6	x	x	x	x	x	x
ND7	x			x		x
ND8	x	x		x	x	x
ND9	x	x	x	x	x	x
ND10	x	x	x	x	x	x
ND11	x	x		x	x	x
ND12				x		x
ND13	x	x		x	x	
ND14	x	x		x	x	x
ND15	x	x		x	x	x
Total	14	9	4	15	10	13

Total B52): 27

Total B53): 38

B6) Figuras familiares identificadas - consideramos aqui a referência nas histórias a pessoas que sejam identificadas com um parentesco familiar, tendo aparecido nesta nossa amostra as seguintes: “pais”, “pai”, “mãe”, “casal”, “marido”, “mulher”, “irmão”, “tia”, “prima”, “avó”, “avô” e “avós”. Consideramos também a menção a “pessoas de família” e “familiar(es)” (que assinalamos com ') e a “amigos” e “vizinha” (que assinalamos com *).

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1					x						x	x
ND2			x	x	x	x		x	x*	x	x*	
ND3		x	x		x	x		x	x			
ND4			x	x*	x	x		x			x*	
ND5			x'		x*	x		x*	x	x'	x	
ND6			x'		x*	x	x*	x				
ND7				x	x*	x*		x*	x*		x*	
ND8				x	x*	x		x		x*	x*	
ND9								x	x*			x
ND10					x*	x		x	x	x*		
ND11						x						
ND12				x	x*			x'	x'	x'		
ND13												
ND14								x		x*		
ND15		x'	x'	x		x	x	x	x*		x*	
Tot.	0	2	6	6	10	10	2	12	8	6	7	2

Total B6): 71 (inclui 8' e 23*)

C) TIPO DE VÍNCULO AFECTIVO COM OS OBJECTOS

Consideramos os vínculos pessoais explicitados na relação entre as pessoas e os vínculos estabelecidos com elementos não humanos da prancha, pois, a natureza destes vínculos estabelecidos com o mundo - amorosos, destrutivos, ou outros - tem a ver com a qualidade das relações de objecto internas.

C1) Amorosos - expressão de sentimentos de características positivas: amizade, amor, felicidade, namoro, paixão, simpatia, sociabilidade, sendo os objectos sentidos como bons - exemplos na nossa amostra: "Uma reunião de amigos para lancharem e conversarem", "homem (...) à procura de terrenos bons para cultivar", "homem e mulher (...) reencontraram-se e ainda sentiam amor um pelo outro", "avô sentou-se ao seu lado e contou uma velha história", na prancha B2 a casa ser reconhecida como um objecto que acolhe as pessoas, na prancha C1 a cozinha conter alimentos bons que as pessoas comem, ou ser um local de convívio e bem-estar, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1	x		x	x	x		x	x	x		x	x
ND2			x	x	x		x	x	x	x	x	x
ND3	x	x	x	x	x	x	x	x	x		x	x
ND4	x	x	x	x		x		x	x			x
ND5		x	x	x			x	x	x	x	x	x
ND6			x	x	x	x	x		x	x	x	x
ND7	x		x	x	x			x	x	x	x	
ND8	x		x	x	x			x	x	x	x	x
ND9	x				x			x				
ND10	x		x		x	x		x	x	x	x	x
ND11					x			x	x			
ND12	x		x		x			x	x	x		
ND13		x	x	x	x		x	x	x		x	
ND14		x	x	x		x		x	x	x	x	x
ND15		x	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Tot.	8	6	13	11	12	6	6	14	14	9	12	10

Total C1): 121

C2) Destrutivos - Expressão de sentimentos de características negativas: infelicidade, agressividade, destruição, auto-destruição, ódio, violência; os objectos são sentidos como maus, rejeitantes, abandonantes, frustrantes, persecutórios - exemplos na nossa amostra: “senhor idoso (...) quando chegou a casa (...) ladrões que a tinham arrombado”, “ marinheiro a remar (...) tempestade, mas os capitães não quiseram saber (...) caíram no oceano”, “dois homens (...) à espera para assaltar o rapazito”, etc. A resolução da história em relação a sentimentos de destruição dos objectos, ou face a ameaças persecutórias, não é aqui incluída (ou seja, se existe ou não reparação do dano causado aos objectos, ou como reage face a sentimentos persecutórios), sendo esta análise feita noutros quadros. De notar que algumas pranchas suscitam o aparecimento de ansiedades persecutórias e de destruição.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1						x						
ND2										x		
ND3												
ND4					x		x				x	
ND5					x							
ND6												x
ND7							x					
ND8												
ND9												
ND10												
ND11												
ND12												
ND13												
ND14												
ND15							x					
Tot.	0	0	0	0	2	1	3	0	0	1	1	1

Total C2): 9

C3) Apoio e suporte do objecto - evocação de uma relação onde pessoas dependem doutrém, tal como o definido em relação ao índice C/M do T.A.T. (ob. cit., 104) - não tendo surgido neste grupo temas ligados à privação e à oralidade, o que apareceu no grupo D -, ou evocação de uma relação de dependência entre pai-filho ou mãe-filho - exemplos na nossa amostra: “uma professora (...) uma menina (...) não percebeu (...) a professora explica”, “doente e o médico vai entrar para vê-la (...) mãe foi comprar os medicamentos”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1												
ND2	x					x						
ND3												
ND4												
ND5						x						
ND6												
ND7						x						
ND8						x						
ND9												
ND10												
ND11	x											
ND12												
ND13												
ND14												
ND15												
Tot.	2	0	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0

Total C3): 6

C4) Vínculos simbióticos ou narcisistas - os objectos são partes do sujeito não sendo bem diferenciados e não podem ser percebidos com qualidades estáveis e definidas. Consideramos aqui as características referidas aos índices C/N do T.A.T (ob. cit. 100-103) - exemplos na nossa amostra: “um quarto (...) ambiente não deve ser assim muito alegre (...) as mobílias mostram essa frieza. O homem, se calhar só”, “isto sou eu a vir da escola”, “A solidão!: (...)”, “A escuridão!: (...)” etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1												
ND2												
ND3												
ND4												
ND5												
ND6		x						x				
ND7		x										
ND8		x										
ND9		x	x	x			x				x	
ND10												
ND11										x		
ND12												x
ND13	x									x		
ND14	x				x							
ND15												
Tot.	2	4	1	1	1	0	1	1	0	2	1	1

Total C4): 15

C5) Ausentes - não existe expressão do tipo de vínculo afectivo estabelecido com os objectos, ou de uma relação entre eles. Consideramos também aqui a percepção de objectos aos quais não é atribuída uma constância da sua permanência, não tendo aparecido a percepção do mau objecto ou de temas de perseguição (pertencentes aos índices E12 e E14 do T.A.T. - ob. cit., 119) e que apareceram no grupo D - exemplos na nossa amostra: “pessoas (...) a ver um jogo de futebol e algumas pessoas não estão a tomar atenção”, “Três pessoas quaisquer”, “pessoas na rua, numa bicha, não sei para quê”, “Uma pessoa que está a subir as escadas para entrar para o seu quarto (...) vai dormir um bocadinho. Não tenho mais nada a acrescentar”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1		x								x		
ND2		x										
ND3												
ND4										x		
ND5	x											
ND6	x											
ND7												
ND8							x					
ND9						x			x	x		x
ND10	x	x					x					
ND11		x	x	x		x	x					x
ND12		x		x		x	x				x	
ND13						x						x
ND14							x					
ND15	x											
Tot.	4	5	1	2	0	4	5	0	1	3	1	3

Total C5): 29

D) CONTEÚDOS DAS HISTÓRIAS

D1) *Processo primário do pensamento* - para esta análise, baseamo-nos nos procedimentos da série E do T. A. T. (ob. cit., 109-124), tendo aparecido nesta nossa amostra: falsas percepções, fabulação fora da imagem, escotomas de objectos manifestos, perseveração, representações maciças ligadas a uma problemática de morte e destruição, percepção de maus objectos persecutórios, etc. Não consideramos aqui a percepção de “personagens doentes” pertencente ao índice E6 do T. A. T., dado esta ser uma percepção considerada frequente, particularmente no cartão C2 do T. R. O., segundo Ocampo e Arzeno. Não incluímos aqui exemplos da nossa amostra pelo facto de se tornarem extensos.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1												
ND2												
ND3										x		
ND4			x		x	x	x					x
ND5					x							
ND6												
ND7							x	x				x
ND8												
ND9						x				x		x
ND10												
ND11				x								
ND12												x
ND13												x
ND14												x
ND15												
Tot.	0	0	1	1	2	2	2	1	0	2	0	6

Total D1): 17

D2) Comportamentos anti-sociais - consideramos as histórias onde aparecem passagens ao acto anti-sociais, podendo as figuras do cartão serem reconhecidas como autores ou como vítimas. Assinalamos com * as histórias onde aparece punição após o crime (expresso através de prisão), não existindo nas outras situações qualquer menção a castigo nem qualquer tipo de crítica do acto efectuado - exemplos na nossa amostra:“(…) ladrões que a tinham arrombado para roubarem as coisas de valor”, “os dois assaltam-no”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1						x*						
ND2												
ND3												
ND4							x					
ND5					x							
ND6												
ND7												x
ND8												
ND9												
ND10												
ND11												
ND12												
ND13												
ND14												
ND15												
Tot.	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1

Total D2): 4 (inclui 1 *)

D3) Ausência de *reparação e inibição da agressividade* - não aparecem nas histórias esforços reparatórios face a fantasias agressivas de destruição do objecto. O aparecimento destas fantasias com fracasso destas defesas dá lugar a que se manifestem defesas maníacas, actuação da agressividade, ou ausência de afecto depressivo e sentimento de pena pela perda ou dano do objecto. (Assinalamos com * o aparecimento destas defesas face à destruição ou doença do objecto) - exemplos na nossa amostra: “(...) levam-no para o hospital e ficou melhor. O amigo foi lá visitar (...)”(*), “estão a olhar para uma campã em homenagem ao falecido. Estarão tristes, amarguradas (...) são três homens amigos próximos do falecido” (*), “parece que existe uma desilusão ou uma tristeza (...) Talvez a morte de um familiar”, “dois homens foram condenados à pena de morte (...) o padre em frente a eles começou a rezar, pedir a Deus que os desculpasse (...) foram enforcados”, etc.

	Situações de uma pessoa			Situações de duas pessoas			Situações de três pessoas			Situações de grupo		
	A1	B1	C1	A2	B2	C2	A3	B3	C3	AG	BG	CG
ND1												
ND2												
ND3						x*				x		
ND4					x							
ND5					x*	x*						
ND6							x*					
ND7						x*	x					
ND8												
ND9	x*											
ND10												
ND11												
ND12										x*		
ND13										x		
ND14												
ND15												
Tot.	1	0	0	0	2	3	2	0	0	3	0	0

Total D3): 4 (7*)

3. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS RESULTADOS

FAMÍLIA INTERNA

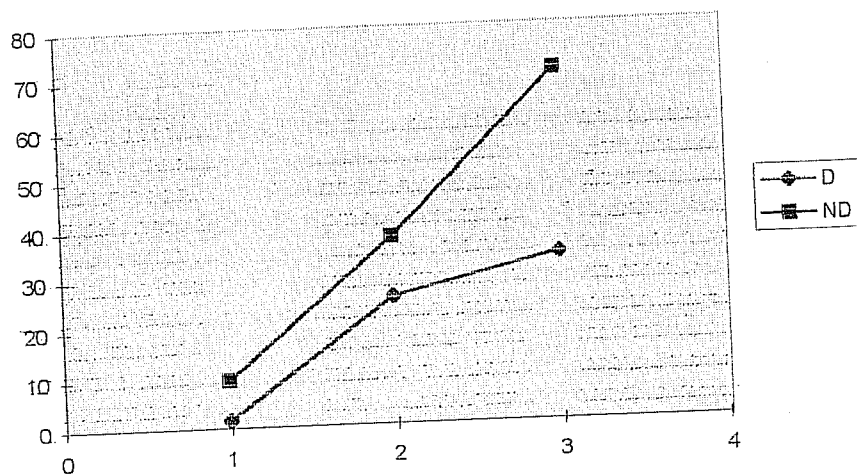


Gráfico 1

CULPABILIDADE

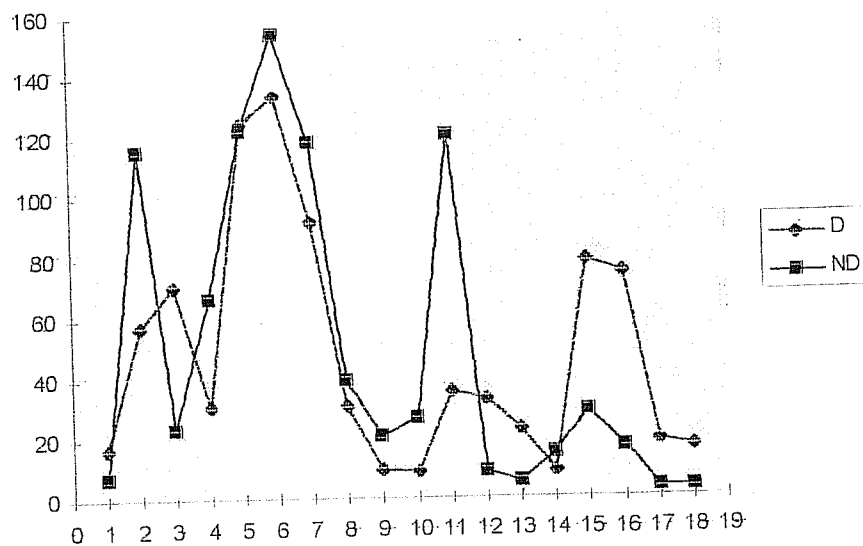


Gráfico 2

PERCEPÇÃO DA SITUAÇÃO DA PRANCHA

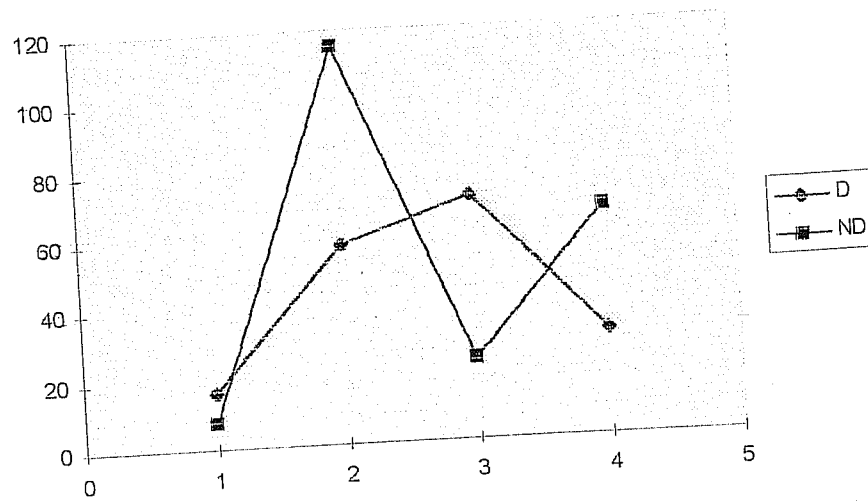


Gráfico 3

PESSOAS NAS HISTÓRIAS E SUAS RELAÇÕES

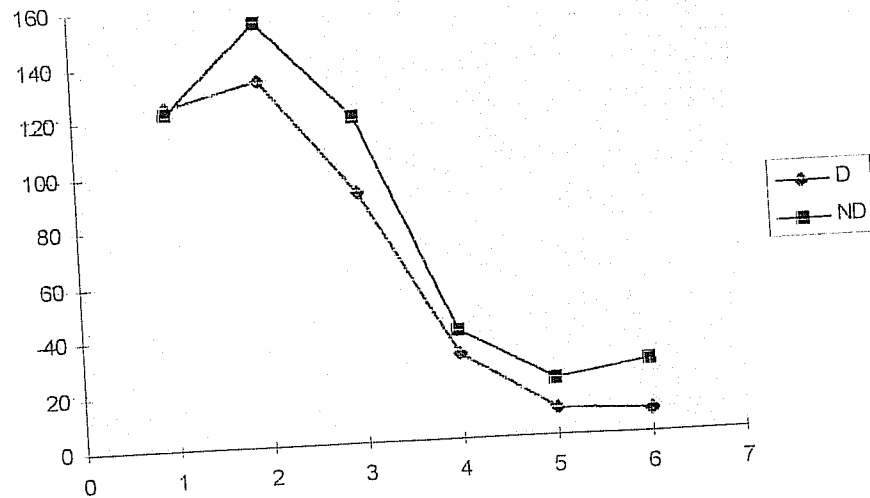


Gráfico 4

TIPO DE VÍNCULO AFECTIVO COM OS OBJECTOS

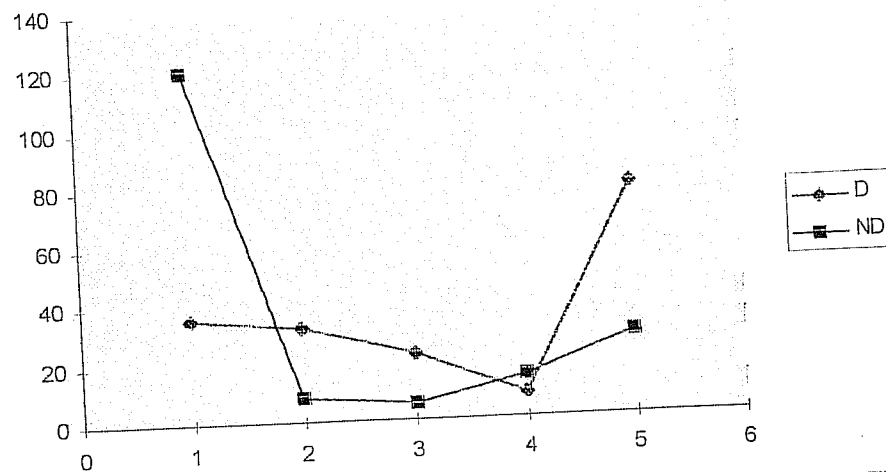


Gráfico 5

CONTEÚDOS DAS HISTÓRIAS

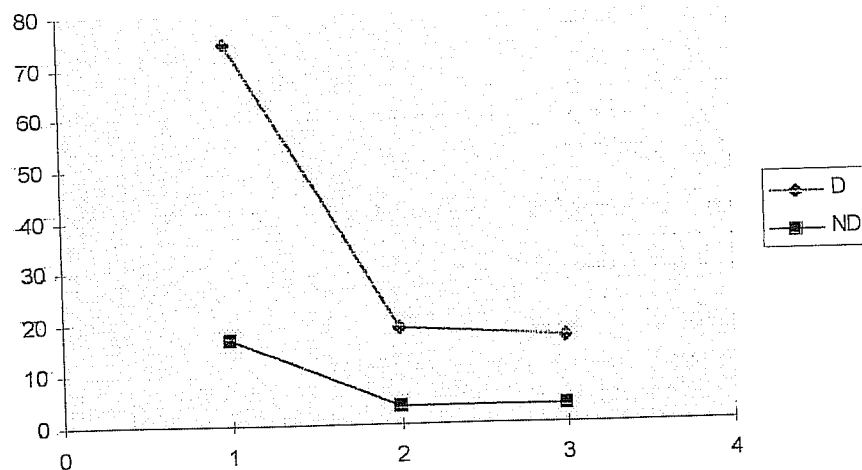


Gráfico 6

4. LEITURA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados encontrados para a primeira variável deste estudo (gráfico 1) - a *FAMÍLIA INTERNA* -, permitem-nos dar a conhecer que existe uma diferença estatisticamente significativa entre os sujeitos do grupo D e do grupo ND para os três índices que operacionalizámos para esta variável: *a família interna, o sentimento de grupo familiar e as figuras familiares identificadas*. Estatisticamente, rejeitámos a Hipótese H0 e aceitámos a Hipótese H1, pelo que **a família interna não é independente dos comportamentos delinquentes**.

Daqui podemos concluir que os dois grupos não são homogéneos, confirmando-se o que esperávamos, ou seja, **que os sujeitos delinquentes não têm organizada a noção de família interna**.

Relativamente à variável *CULPABILIDADE*, esta foi operacionalizada através da análise de conteúdo dos vários índices que construímos para o T.R.O. Assim, a leitura dos resultados encontrados para esta segunda variável (gráfico 2), permite-nos perceber de que existem diferenças entre o grupo D e o grupo ND, impondo-se, contudo, que nos debruçemos de forma detalhada sobre os diversos índices das quatro categorias que organizámos para este estudo.

Será, então, a partir do conhecimento das *características dos objectos internos* que fazem parte da personalidade dos sujeitos das nossas duas amostras que iremos ter acesso ao que definimos por *culpabilidade*: o sentimento que se organiza na Posição Depressiva e que consiste no receio de perder o objecto de amor que se sente ter

destruído, desencadeando-se ansiedade que leva à necessidade de reparar e preservar o objecto.

Explicitámos que a noção de *culpabilidade* se organiza através da evolução satisfatória da posição esquizo-paranoide para a posição depressiva e focámos que as pessoas que têm esta noção organizada na sua personalidade se regem pelas características do processo secundário do pensamento, enquanto que as pessoas em que a *culpabilidade* falha se regem pelas características do processo primário. Definimos ainda, a existência de dois tipos de culpa - a persecutória e a depressiva - e a importância do predomínio dos instintos de morte e de vida, respectivamente, para cada uma dessas angústias correspondentes.

Com base na teoria que expusemos sobre as relações de objecto, passamos então à leitura-interpretação dos resultados do T.R.O., a fim de os podermos discutir de acordo com as nossas hipóteses.

Nos índices da categoria A) - PERCEPÇÃO DA SITUAÇÃO DA PRANCHA - para a *distorção perceptiva dos objectos, o conflito na história, a paralização da fantasia e a reacção ao sombreado e à côr*, só não existe diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos de sujeitos - D e ND - para a *distorção perceptiva dos objectos*. Portanto, rejeitamos a Hipótese H₀ e aceitamos a Hipótese H₁ para estes índices, os quais **não são independentes dos comportamentos delinquentes**, levando-nos a concluir que os dois grupos não são homogêneos.

Para a *distorção perceptiva dos objectos*, aceitamos a Hipótese H₀ e rejeitamos a Hipótese H₁, sendo este índice **independente dos comportamentos delinquentes**.

Importa-nos agora, reter o conteúdo projectado nas histórias e interpretá-lo, a fim de retirarmos as nossas ilacções para a noção de *culpabilidade*.

Assim, e de acordo com a interpretação dos autores argentinos atrás referidos, as *distorções perceptivas dos objectos* constituem defesas no sentido de evitarem identificações projectivas e conteúdos muito persecutórios, como é o caso da desumanização das pessoas transformando-as noutros objectos ou então não as vendo. Esta *defesa*, constitui, assim, uma **necessidade de controlar a intensa angústia persecutória** desencadeada pela representação da prancha, o que apesar de não ser estatisticamente significativo **aparece com maior frequência no grupo D**.

O aparecimento do *conflito da história* revela, por seu lado, a possibilidade de o ego lidar com as fantasias depressivas e persecutórias, com a separação, com as perdas, com a proximidade, com a culpa, etc., não aparecendo defesas como a negação maníaca e a recusa, que revelam uma incapacidade de sofrer perdas e viver lutos, sendo também importante conseguir lidar com a agressão mobilizada por sentimentos agressivos competitivos controlando-os com mecanismos defensivos adequados. Ora, o que encontrámos foi uma diferença significativa entre os dois grupos, aparecendo **no grupo D** precisamente **as defesas maníacas, o não controlo da agressão que, face à invasão destrutiva dos objectos dos quais se defendem atacando-os e destruindo-os, testemunhos do predomínio de maus objectos persecutórios, aparecendo também a intolerância à dôr da culpa pela impossibilidade de lidar com as perdas, com as separações, denegando principalmente os sentimentos depressivos.**

A paralização da fantasia constitui uma defesa face às angústias desencadeadas, defendendo-se delas pela inibição, pela descrição, pelo vazio ideativo, podemos dizer, pela ausência de mentalização reveladora da incapacidade em expressar relações objectais fantaseadas, visualizadas através do material, e que também são experienciadas na relação com o psicólogo. É também no **grupo D** que encontramos em maior número e com diferença significativa em relação ao grupo ND estas **defesas, reveladoras duma actividade fantasmática ausente**, sendo **a realidade interna** desses sujeitos **inexistente, substituindo-a pela realidade externa para preencher esse vazio**. Esta é, pois, uma **inibição não neurótica característica do pensamento concreto**.

A manifestação de *reacção ao sombreado e à côr*, apareceu globalmente com diferença significativa entre os dois grupos. Todavia, a análise em separado destes dois aspectos, revelou maior impacto no que respeita às **angústias desencadeadas pelo sombreado no Grupo D - ao "preto" e ao "escuro"** -, assim como ao **Cpuro e ao Cn das côres** (equivalentes ao teste de Rorschach, ob. cit.). Como sabemos por este teste, estas reacções são próximas das respostas Clob e podem revelar no caso do "preto" o equivalente da passagem ao acto, reflectindo um desejo violento de se desembaraçar da angústia suscitada, podendo as reacções Cpuro estarem próximas das Clob, como acontece no caso em que a angústia e a dissociação apresentam dificuldades nas suas defesas eficazes. O carácter afectivo das emoções impregnantes das respostas Clob, e que pode fazer paralizar as capacidades de adaptação, é entendido como tendo origem muito primitiva e arcaica no desenvolvimento da criança, sendo essa angústia muito perturbadora. Podemos então dizer, que **no grupo**

D os sentimentos que exprimem a integração dos afectos no funcionamento intelectual aparecem perturbados, manifestando estes sujeitos uma invasão emocional massiva dos afectos, com fragilidade das barreiras internas, características do funcionamento do processo primário.

Para a categoria B) - PESSOAS NAS HISTÓRIAS E SUAS RELAÇÕES - , existe diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos de sujeitos - D e ND - para a projecção de *movimento dos personagens, interacção e relação triangular*. Estes índices **não são independentes dos comportamentos delinquentes**, dado que rejeitamos a Hipótese H0 e aceitamos a Hipótese H1, pelo que podemos concluir que os dois grupos não são homogéneos para estes índices.

As respostas de *movimento dos personagens*, indicam, à semelhança do Rorschach, a existência de possibilidades de mentalização e de mobilização interna dos afectos. Contudo, estes aspectos não bastam para a interpretação das características da personalidade, dado se terem de conjugar com as respostas côr e com a qualidade desses movimentos (explicitados a seguir, no tipo de vínculo com os objectos).

Por seu lado, as respostas de *interacção* entre os personagens das histórias definem a existência de uma capacidade de conflitualizar relações intrapsíquicas e interpessoais num sistema de representação, revelando a organização de um cenário mental que permite dramatizar uma vida fantasmática efectiva.

Como vimos, estes dois índices conjugam-se com os três últimos da categoria precedente, e para os quais existe uma diferença estatisticamente significativa, a qual também está presente aqui. Podemos então **reforçar a hipótese de que no grupo D**

os sentimentos que exprimem a integração dos afectos estão perturbados, existindo impossibilidade de mentalização e de mobilização interna dos afectos, funcionando com características do processo primário do pensamento.

No que respeita à *relação triangular*, ela é, como sabemos, a pedra básica angular em que assenta a estruturação da personalidade e a orientação do tipo de escolha de objecto. A sua resolução positiva, permite que se interiorize o interdito pela proibição dos desejos incestuosos, sendo esta instância interditória que organiza a noção de lei e o dever de a cumprir. A estrutura triangular da criança com os pais constitui, pois, o cenário em que se vivem os conflitos perante os desejos amorosos e hostis desencadeados na relação com o primeiro objecto de amor, a mãe, e desta com o seu objecto de relação, o pai, representando este a interdição do desejo incestuoso, ou seja, a lei, entendendo Freud serem estas as bases da formação do supereu (mas o que para Klein existe mais precocemente).

Ora, considera Anna Freud (1975) que o desenvolvimento do supereu se processa em duas fases: uma primeira em que se introjecta a crítica exterior vinda das figuras de autoridade, mas o que não desencadeia de imediato a possibilidade de o indivíduo relacionar o interdito - o acto delituoso - com o medo duma sanção, e uma segunda fase onde essa crítica vai sendo assimilada transformando-se em auto-crítica. Contudo, esta apenas pode ser alcançada pelas pessoas que conseguem tolerar o sofrimento das suas pulsões agressivas e a dor da sua culpabilidade, não a projectando com agressividade no exterior, sendo estes os antecedentes da moralidade propriamente dita.

Os resultados da análise da *relação triangular* revelam existir no grupo D vários mecanismos defensivos negando o reconhecimento da triangulação, por impossibilidade de lidar com o sofrimento da culpabilidade, o que atesta uma deficiência na formação da consciência moral, precursora da lei.

Para a *diferenciação dos personagens*, a *relação dual* e a *relação anaclítica*, não existe diferença estatisticamente significativa, entre os dois grupos de sujeitos. Estes índices são independentes dos comportamentos delinquentes, visto que aceitamos a Hipótese H0 e rejeitamos a Hipótese H1, concluindo-se que os dois grupos são homogêneos.

A não existência de diferença significativa para estes índices, permite-nos concluir que para os dois grupos - D e ND - existe o reconhecimento da identidade das personagens (é-lhes atribuído o sexo, um estatuto ou papel social), está presente a imagem de um par interno e o reconhecimento da relação heterossexual. Contudo, importa-nos perceber qual a natureza dos vínculos estabelecidos com os personagens e com que características afectivas (positivas, negativas, indiferentes) eles são sentidos na relação e interacção com o sujeito, o que interpretamos a seguir.

Na categoria C) - TIPO DE VÍNCULO AFECTIVO COM OS OBJECTOS -, à excepção do índice *vínculos simbióticos ou narcisistas*, existe para todos os outros diferença estatisticamente significativa, entre os dois grupos de sujeitos. Portanto, para os *vínculos amorosos*, *vínculos destrutivos*, *vínculos de apoio e suporte* e, *ausência de vínculos*, rejeitamos a Hipótese H0 e aceitamos a Hipótese H1, pelo que esses

vínculos **não são independentes dos comportamentos delinquentes**, levando-nos a concluir que os dois grupos não são homogêneos.

Podemos então dizer, que **no grupo D predominam os afectos de características positivas, representativos de um bom objecto interno baseado nas primeiras experiências de satisfação** reguladas pelo princípio do prazer e pela satisfação alucinatória do desejo (devido à maior frequência de vínculos amorosos), enquanto que **no grupo ND predominam os maus objectos internos**, fonte de insatisfação por insuficiência ou desadequação na relação de objecto primária, aparecendo **carregados de fortes angústias persecutórias**, dos quais se defendem atacando.

Também **no Grupo D**, aparecem com maior frequência os *vínculos de apoio e suporte*, expressando **fantasias de privação e insuficiência, onde o objecto tem uma função funcional e fornecedora do qual dependem para satisfação imediata** de necessidades ligadas principalmente à oralidade. De acordo com o que é comum ao teste do T.A.T. (índice C/M1, ob. cit.), estas fantasias remetem para **mecanismos de defesa maníaca** entendidas no sentido Kleiniano **como manifestações de luta antidepressiva**. De acordo com H. Segal, referida por Ocampo e Arzeno (ob. cit), são **mecanismos de identificação projectiva** onde existe a identificação do ego com o objecto idealizado, **confundindo o ego com o objecto parcial** - objecto cheio de alimento, de poder, onnipotente -, enchendo-se com a fantasia de devorar o objecto idealizado, aparecendo as características dependentes do seu próprio ego - sofredoras, desprotegidas, necessitadas - depositadas nos objectos externos. Os sentimentos que

fazem parte desta relação maníaca com o objecto tendem a **negar a situação depressiva, afastando a representação e os afectos depressivos** de forma a que não surjam, **pela impossibilidade de poderem lidar com a perda, a tristeza ou a saudade pelo objecto.**

O mesmo acontece em relação à *ausência de vínculos*, actuando esta defesa contra as experiências de perda e a culpa, pois, a não expressão de vínculos pode interpretar-se como equivalente ao **“Desprezo em relação ao objecto”**, objecto esse **que não merece sequer que se sinta culpa em relação a ele, convertendo-se esse desprezo “(...) em justificação para que se continue a atacá-lo”** (p. 253, *idem*).

Para os *vínculos simbióticos ou narcisistas*, aceitámos a Hipótese H0 e rejeitámos a Hipótese H1, sendo este tipo de vínculos **independentes dos comportamentos delinquentes.**

No que respeita aos *vínculos narcisistas*, importa distinguirmos entre o que A. Oppenheimer (1997) designa “valência positiva e a valência negativa do vínculo narcísico” e as defesas, a fim de se entender quando é que o objecto posto ao serviço do narcisismo representa um objecto total de amor ou um objecto parcial da pulsão com uma função narcísica. Como vimos no índice precedente, no grupo D o objecto aparece ligado à satisfação de necessidades alimentares como um objecto parcial, não aparecendo, pelo que vimos até aqui, ligado à satisfação de necessidades narcísicas. Ora, a satisfação objectal vinda do amor do objecto contribui para um aumento do narcisismo, um narcisismo vindo do eu, ou seja, o narcisismo secundário do eu

bom com os seus aspectos libidinais suplante o objecto mau com os seus aspectos destrutivos.

Os resultados encontrados, apesar de não serem estatisticamente significativos, mostram que existe no grupo D uma maior frequência destes vínculos, o que nos permite de qualquer forma dizer que **no grupo ND os vínculos narcísicos são precursores do bom-objecto interno, enquanto que no grupo D a menor frequência destes vínculos deixa perceber a ausência do objecto o qual se transforma num mau objecto persecutório.**

Por último, na categoria D) - CONTEÚDOS DAS HISTÓRIAS -, existe diferença estatisticamente significativa, entre os dois grupos - D e ND - para todos os índices. Portanto, **a projecção de características do processo primário do pensamento, de comportamentos anti-sociais e de ausência de reparação e inibição da agressividade, não é independente dos comportamentos delinquentes**, dado que rejeitamos a hipótese H0 e aceitamos a hipótese H1, pelo que podemos concluir que os dois grupos não são homogéneos.

Apesar de já termos concluído, pela interpretação dos resultados até aqui efectuada, que existem no grupo D vários de mecanismos de funcionamento pertencentes ao *processo primário do pensamento*, estes são aqui também evidenciados através da presença de **conteúdos psicóticos expressos de forma significativa nos sujeitos delinquentes**. Podemos, portanto, dizer que **predominam as angústias persecutórias pertencentes à posição esquizo-paranóide**, onde os objectos são sentidos como ameaçadores e destrutivos, não surgindo defesas eficazes

para lhes fazer frente e que **aparece a identificação projectiva ao agressor de forma maciça e violenta**. A agressão aparece, pois, dirigida para o exterior, revelando que não existe a capacidade de a voltar para si próprio sob a forma de auto-crítica.

Na projecção de *comportamentos anti-sociais*, significativamente mais elevados **no grupo D**, verificámos que é também neste grupo que aparece de forma mais saliente **o apelo a normas exteriores e ao castigo inerente ao crime, revelando o recurso a um supereu externo** face a sentimentos de culpa inconscientes e com consequente necessidade de castigo.

A *ausência de reparação e inibição da agressividade*, ao manifestar-se com maior frequência **no grupo D** revela também **o fracasso da defesa da inibição face às fantasias agressivas de destruir o objecto, evidenciando a não resolução da posição depressiva**. Não aparecem afectos depressivos, sentimentos de pena ou dó pela perda ou dano do objecto, aparecendo com frequência defesas maníacas.

Da interpretação global destes índices do T.R.O., **podemos concluir** que os dois grupos não são homogéneos, confirmando-se o que esperávamos, ou seja, **que os sujeitos delinquentes não têm organizado na sua personalidade os sentimentos de culpabilidade**.

CONCLUSÕES

De toda a discussão dos resultados que efectuámos, importa-nos salientar a enorme falha existente no grupo dos delinquentes relativamente à representação interna de uma família que esteja organizada com figuras de poder e de autoridade parental, com relações e interacções entre os seus membros, bem como sentimentos de pertencerem à família (tendo acontecido com frequência não se representarem a si próprios, fazendo-o apenas posteriormente e na sequência da nossa observação sobre a sua ausência de representação no desenho), o que também foi evidenciado pelas suas dificuldades de representação de um sentimento de grupo familiar.

Importa-nos também salientar, as profundas feridas não cicatrizadas que os delinquentes revelam possuir na estrutura da sua personalidade, sem dúvida oriundas de enormes desencontros e ausência de cuidados adequados às suas necessidades de protecção, segurança e confiança com bons objectos de relação desde a infância mais precoce e, muito provavelmente, acumuladas com experiências posteriores vividas no contexto familiar desorganizado e doente. Disto não deixa dúvidas a sua personalidade caótica e povoada de fantasmas destruidores, do que se defendem através dum enorme vazio do pensar e projecção de agressividade no contexto exterior social, carregando um enorme sentimento de se sentirem maus porque, seguramente, foram mal-amados. Isto podemos aqui inferir, mas também o conhecemos da nossa experiência com delinquentes no contexto prisional, quando nos transmitiam as marcas dos sofrimentos psicológicos vividos durante a infância e, sistematicamente repetidos nas suas vidas de

adolescentes e adultos.

Os resultados deste estudo, levam-nos também a concluir da lacuna existente na personalidade dos delinquentes relativamente à organização de sentimentos de culpabilidade os quais, como comprovámos com a nossa Hipótese 1, se tornam possíveis de alcançar pela presença da noção de uma família interna.

Ora, como referimos na parte teórica, baseia-se o conceito de culpa jurídico-penal na objectivação da culpa em função da protecção de bens jurídicos, entendendo o Direito que um comportamento se constitui em culpa quando através dele se violam as determinações de um dever ser ético-social, devendo a pessoa ser responsabilizada pelas acções praticadas e penalizada pelos valores sócio-culturais lesados e que são objectivados através duma “consciência jurídica comunitária”.

Parece-nos, pois, fundamental, entender que “lesada” está a pessoa delinvente por lhe terem sido vedados os seus direitos de crescer e desenvolver-se num meio familiar estruturado e, consequentemente, estruturante da sua personalidade.

Temos também de salientar, que só conseguem interiorizar a noção de responsabilidade social - a culpa relacionada com o bem jurídico que se protege através da Lei - as pessoas que puderam assimilar na sua personalidade a noção de consciência moral, precursora da Lei, a qual implica o reconhecimento da triangulação através do interdito do incesto, conflito este que implica um ego capaz de lidar com o sofrimento da culpabilidade face aos seus desejos libidinais.

Por seu lado, o superego aparece nos delinquentes com um defeito na capacidade de auto-crítica - precursora da moralidade propriamente dita - por não tolerarem o sofrimento da sua agressividade e a dôr da culpabilidade, projectando a agressividade no exterior.

Podemos pois dizer, que o Direito, ao considerar que um acto delituoso se constitui em crime quando existe a figura da “culpa formada”, proveniente da objectivação de lesão a um bem jurídico protegido pela Lei Penal, deve conciliar o seu saber com o da Psicologia por forma a não serem ignoradas as motivações inconscientes que fazem parte do subjectivo do delinquente, de maneira a que os tribunais, na pessoa dos seus juizes, possam julgar com justiça através da compreensão da pessoa e da sensibilização para a questão da necessidade de tratamento psicológico.

E porque em Saúde Mental faz sentido que se aposte e invista na prevenção, julgamos fundamental pensar e organizar modos de sensibilizar e trabalhar com as diagnosticadas “famílias de risco”, a fim de lhes ser possibilitada a aprendizagem da linguagem do sentir para poderem estar em relação com os seus filhos e funcionar como bons objectos de vinculação.

APENAS COMO REMATE

“(…)

O principezinho bocejou. Estava com pena de não poder ver o seu pôr do Sol, como dantes. E, para além disso, já se sentia um bocadinho farto.

- Não tenho mais nada a fazer aqui - disse, para o rei. - Vou-me embora outra vez.

- Não te vás embora - respondeu o rei, que se sentia muito orgulhoso por ter um súbdito. - Não te vás embora que eu faço-te ministro!

- Ministro de quê?

- De... da Justiça!

- Mas não há ninguém para julgar!

- Nunca se sabe - disse-lhe o rei. - Ainda não percorri o meu reino todo. Estou muito velho e como aqui não há espaço para uma carruagem, tinha de ir a pé. Mas canso-me tanto!

- Mas eu já dei a volta a tudo - disse o principezinho, debruçando-se para dar uma última espreitadela ao outro lado do planeta. - Lá em baixo também não há ninguém...

- Então julgas-te a ti próprio - respondeu o rei. - É o mais difícil de tudo. É bem mais difícil julgarmo-nos a nós próprios do que aos outros. Se te conseguires julgar a ti próprio, és um sábio dos autênticos.

- Mas eu posso julgar-me a mim próprio em qualquer sítio - disse o principezinho. - Não preciso de ficar aqui.

- Bem... bem... - disse o rei. - Tenho a impressão de que há algures por aí uma velha ratazana. Às vezes oiço-a, de noite. Podes julgar essa ratazana. De tempos a tempos condena-la à morte. Assim, a vida dela fica a depender da tua justiça. Mas depois agracia-la sempre. Para a poupar. Como só há uma...

- Mas eu não tenho gosto nenhum em passar o tempo a condenar à morte - respondeu o principezinho. - Acho que me vou mesmo embora.

- Não vás - disse o rei.

Tendo acabado os seus preparativos e não querendo magoar o velho monarca, o principezinho disse:

- Vossa Magestade: se desejais ser pontualmente obedecido, tendes agora uma boa oportunidade de dar uma ordem sensata. Ordenai, por exemplo, que, daqui a um minuto, eu já aqui não esteja. Parece-me que as condições são as mais favoráveis...

Como o rei não respondesse, primeiro, o principezinho ficou hesitante; depois, deu um suspiro e foi-se embora.

- Faça-te meu embaixador! - apressou-se a gritar o rei.

E arvorava uns ares de grande autoridade.

«As pessoas grandes são mesmo muito esquisitas», foi o que o principezinho foi a pensar durante a viagem.”

Antoine de Saint-Exupéry

BIBLIOGRAFIA

- Bettiol, G.(1970). *Direito Penal - Parte Geral*, tomo II. Coimbra: Coimbra Editora, 280 - 325.
- Conde, F., M., & Arán, M., G. (1996). *Derecho Penal - Parte General*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2ª ed., 365-397.
- Figueiredo Dias, J., (1995). *Liberdade-Culpa-Direito Penal*. Coimbra: Coimbra Editora, 3ª ed., 11-19, 217-221, 233-307.
- Freud, A. (1975). *Le Moi et les Mecanismes de Défense*. Paris: PUF, 8e edit., 101-112.
- Grinberg, L. (1994). *Culpa y Depresión, Estudio Psicoanalítico*. Madrid: Alianza Universidad Textos, 13-135.
- Khan, M., M., R. (1994). O Conceito de Trauma Cumulativo. G. Kohon (organiz.), *A Escola Britânica de Psicanálise* (88-100). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Milheiro, J. (1997). Sentimentos de Justiça... Socorro! Lisboa: *Rev. Port. Psicanál.*, 16, 3-17.
- Minuchin, S. (1982). *Familias Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 52-69.
- Ocampo, M., L., S., Arzeno, M., E., G., (1995). O Teste de Relações Objectais de Herbert Phillipson. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*, 103-145. S. Paulo: Editora Martins Fontes.
- Oppenheimer, A. (1997). L'Autre: Object ou Fonction? Paris: *Rev. franç. Psychanal.*, tome LXI, 2, 365-376.

- Organização Tutelar de Menores*. Decreto-lei nº 314/78, de 27 de Outubro de 1978, 2256-2260. Lisboa: Diário da República nº 248 - I Série.
- Phillipson, H. (1981). *Test de Relaciones Objetales*. Barcelona: Ediciones Paidós
- Poiars, C., A., (1999). Da Evolução da Penalidade. *Análise Psicocriminal das Drogas - O Discurso do Legislador*, 49 - 95. Porto: Almeida e Leitão, Lda.
- Ripollés, A., Q. (1958). *Derecho Penal de la Culpa (Imprudencia)*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 5-76, 105-134.
- Shorter, E. (1975). *A Formação da Família Moderna*. Lisboa: Ed. Terramar.
- Trower, S., M., Bruce, W., E., & Walton, R., F. (1982). The Family Circle Method for Integrating Family Systems Concepts. *Family Medicine. The Journal of Family Practice*, Vol.15, 3, 451-457.
- Wellson, E., V., (1993). Forensic Psychotherapy and Group Analysis. *Group Analysis*. SAGE, London, Thousand Oaks and New Delhi, Vol. 26, 487-502.
- Wessels, J. (1980). *Derecho Penal - Parte General*. Buenos Aires: Ediciones Depalma, 107-127.

HERMÍNIA CARVALHO

Família Culpabilidade Culpa

Sentimentos, Psicologia e Direito Penal

- Um Estudo -

ANEXOS

ANEXO I

MÉTODO DO CÍRCULO FAMILIAR

DESENHOS

DADOS PESSOAIS E INQUÉRITO

1. GRUPO D

Sujeito **D1**

Dados pessoais

14 anos; internado há três anos; frequenta o 4º ano de escolaridade; é o segundo duma fratria de cinco (o irmão mais velho vive com a avó e dos irmãos mais novos um está internado num colégio e duas irmãs estão em famílias de adopção); pais separaram-se há cerca de três anos, dizendo que «a família está toda separada»; pai, delinquente reincidente, dizendo ser violento e alcoólico; ambos os pais reorganizaram novas relações conjugais, não tendo outros filhos, sobre o que expressa: - “Mais irmãos? Farto de irmãos estou eu!”

Pessoas representadas no círculo familiar

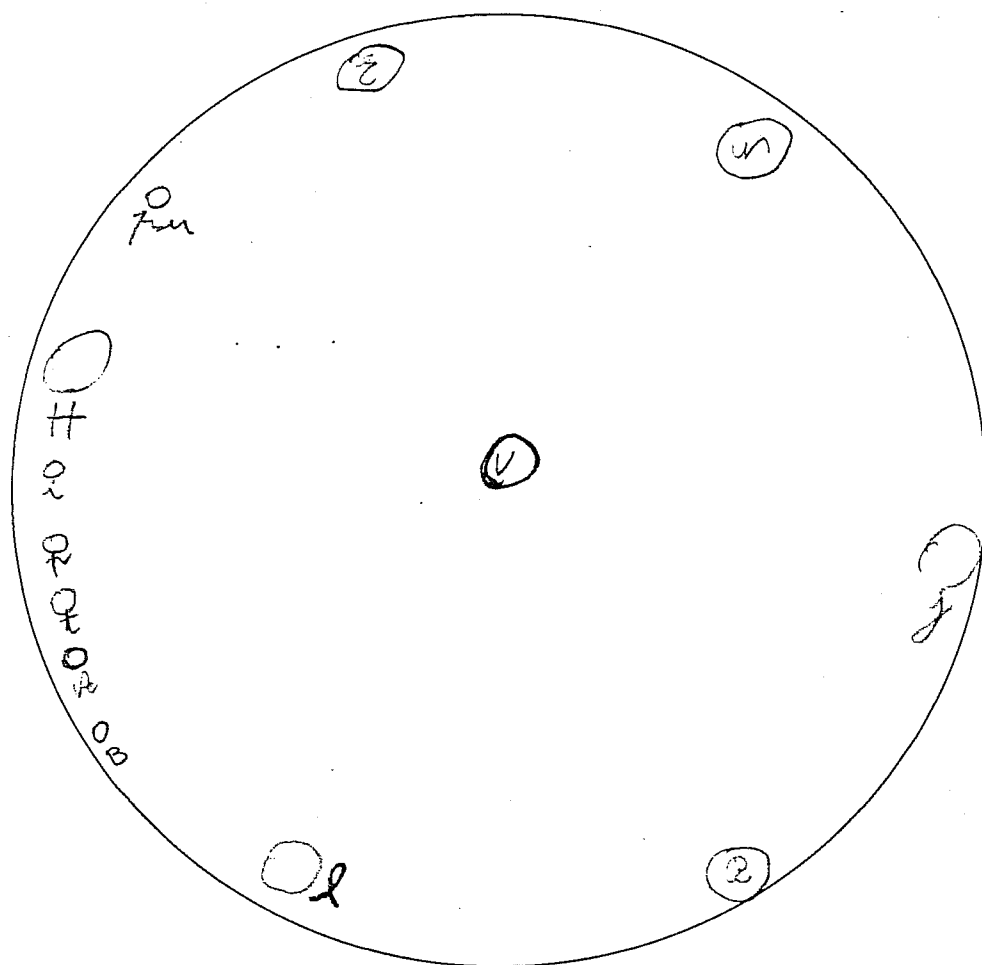
- *E* - a minha mãe; - *N* - o meu irmão N...; - *pu* - é o meu pai que é P...; depois é a minha irmã R... - *R* -; depois é o meu primo H... - *H* -; a minha tia I... - *i* -; depois tem o meu tio - *p* -; depois é o meu tio T... - *t* -; depois é a minha tia A... - *A* -; depois é o meu irmão B... - *B* -; depois tem o meu primo L... - *l* -; depois é a minha irmã J... - *j* -; depois sou eu! - *V* -.

Inquérito

- ‘Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?’: - O meu primo H..., é a minha mãe, o meu primo L... e os meus irmãos: O N..., a J... e a R...; o N... não, porque nunca estive com ele, porque a avó não deixa (vive com a avó).

- ‘Como é que essas pessoas são importantes, para ti?’: - Não sei explicar... porque sempre me trataram bem.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; internado há um ano e meio; frequenta o 6º ano de escolaridade, não tem irmãos; vivia com o pai e madrasta; nunca conheceu a mãe, nem sabe nada a seu respeito a não ser o nome, dizendo que a mãe “(...) nasceu aqui perto do colégio”.

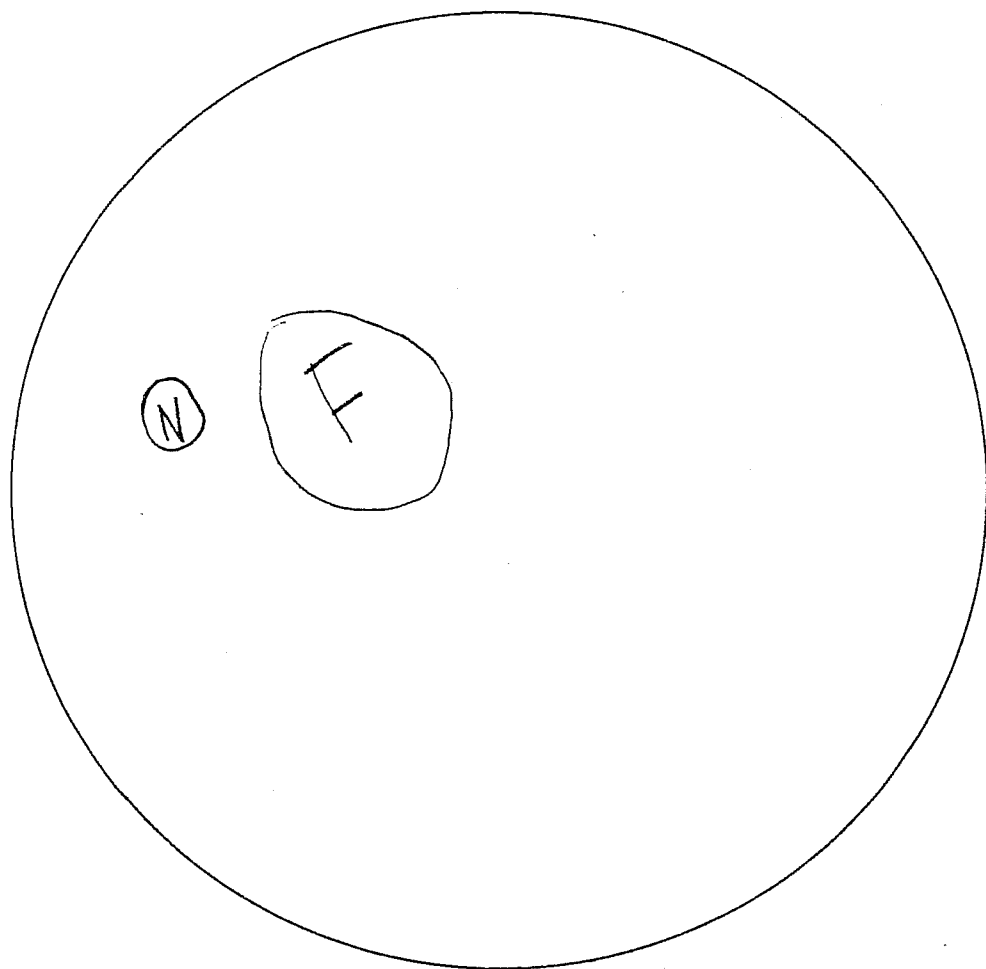
Pessoas representadas no círculo familiar

- N - aqui sou eu; e aqui é o meu tio F... - F -, é irmão da minha madrasta.

Inquérito

- ‘Como é que ele é importante, para ti?’: - Gosto muito dele, converso com ele, faço várias coisas com ele. Ele vem ver-me ao colégio.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

16 anos; internado há cerca de três anos; tem o 4º ano de escolaridade, frequenta um curso de carpintaria; é o mais velho duma fratria de quatro; pai delinquente reincidente; mãe vive com outro companheiro.

Pessoas representadas no círculo familiar

Os meus amigos, alguns estão aqui: A... - *An* -, a D... - *D* -, o C... - *C* -, o R... - *R* -, o F... - *F* -, o J... - *J* -, a S... - *S* -, a A... - *A* - é técnica onde eu trabalho; E... - *E* - a minha irmã; este é o Z... L... - *Z* -, é meu amigo.

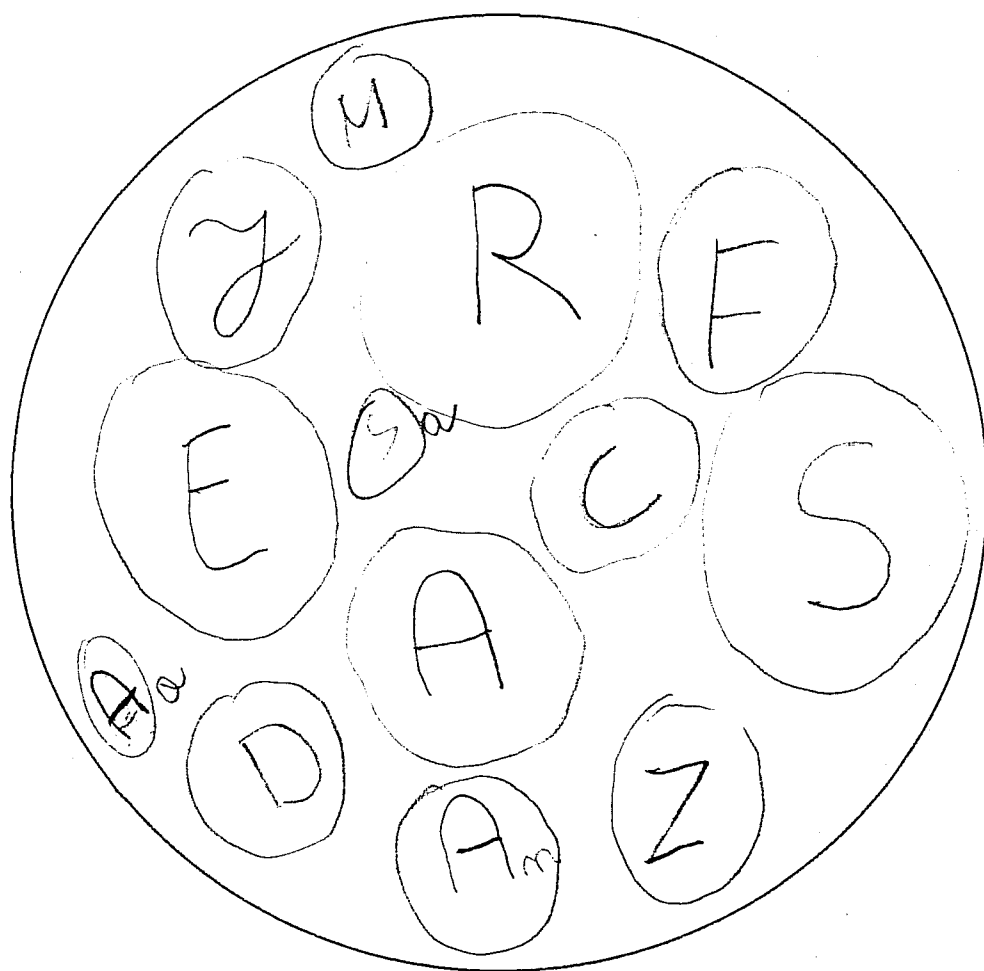
- 'E tu, onde estás?' (representa-se, acrescentando mais um círculo): - Aqui - *M* -, fiz bola pequena.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha irmã, as outras irmãs (representa-as, desenhando novos círculos) - *Aa* - e - *Sa* -, e os meus amigos.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Gosto de brincar com eles (os amigos), gosto de jogar à bola, gosto de correr; com as irmãs eu brinco com elas, elas brincam comigo.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

12 anos; internado há uma semana; frequenta o 4º ano de escolaridade; é o mais novo duma fratria de três; vivia com a mãe e irmãos; o pai deixou de viver com a família há cerca de três anos.

Pessoas representadas no círculo familiar

- *Ri* - este é um amigo meu que é antes da minha sala; - *P* - este é P... um amigo meu que trabalha, que anda nas obras; isto tudo é os amigos: um amigo - *B* -, outro amigo - *Br* - *PA* - *R* -.

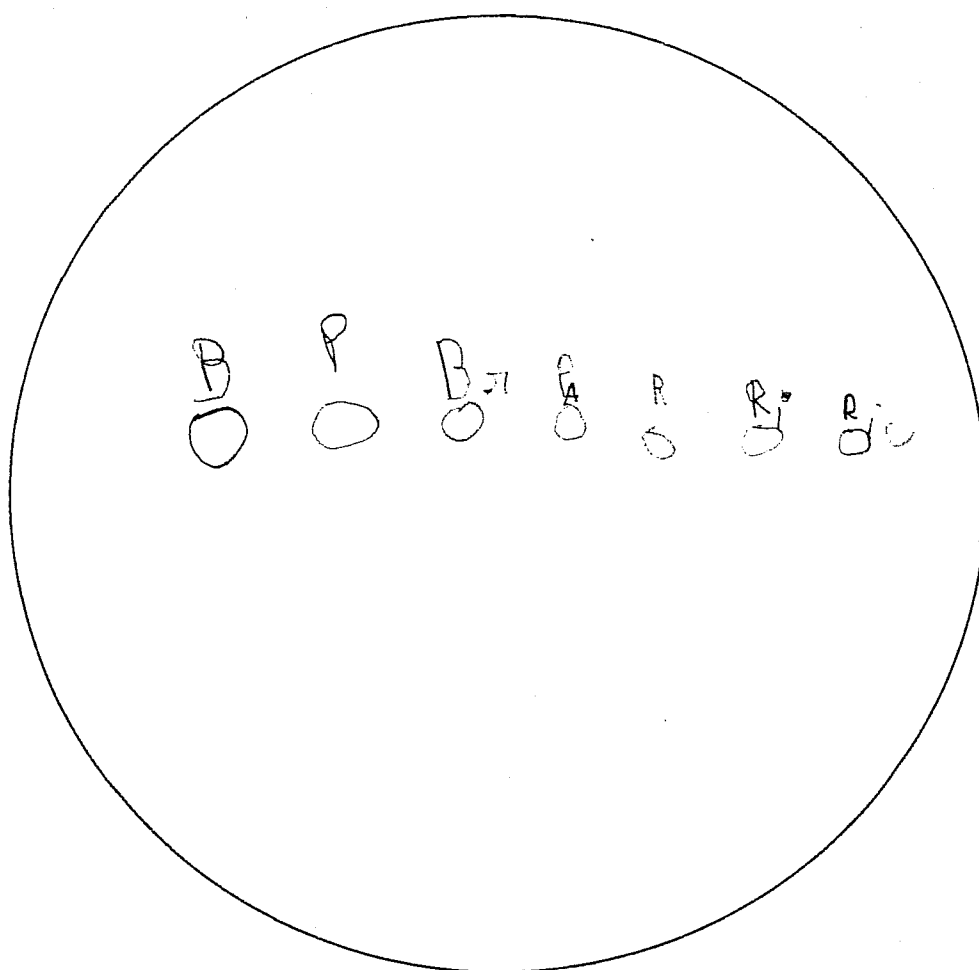
- 'E tu, onde estás?' (representa-se, acrescentando mais um círculo): - *Ric* -.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - O *R*... é o mais importante.

- 'Como é que ele é importante, para ti?': - A gente todos os dias brincamos a jogar guelras (berlindes).

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; internado há dois anos; frequenta o 5º ano de escolaridade; é o segundo duma fratria de quatro; vivia com os pais e irmãos.

Pessoas representadas no círculo familiar

- *N* - é *N*... a minha irmã; *A*... - *A* - é minha mãe; - *j* - *J*... o meu pai; - *jo* - *J*... o meu irmão; *i* - *I*... a minha irmã; e a *B*... - *b* - a minha tia.

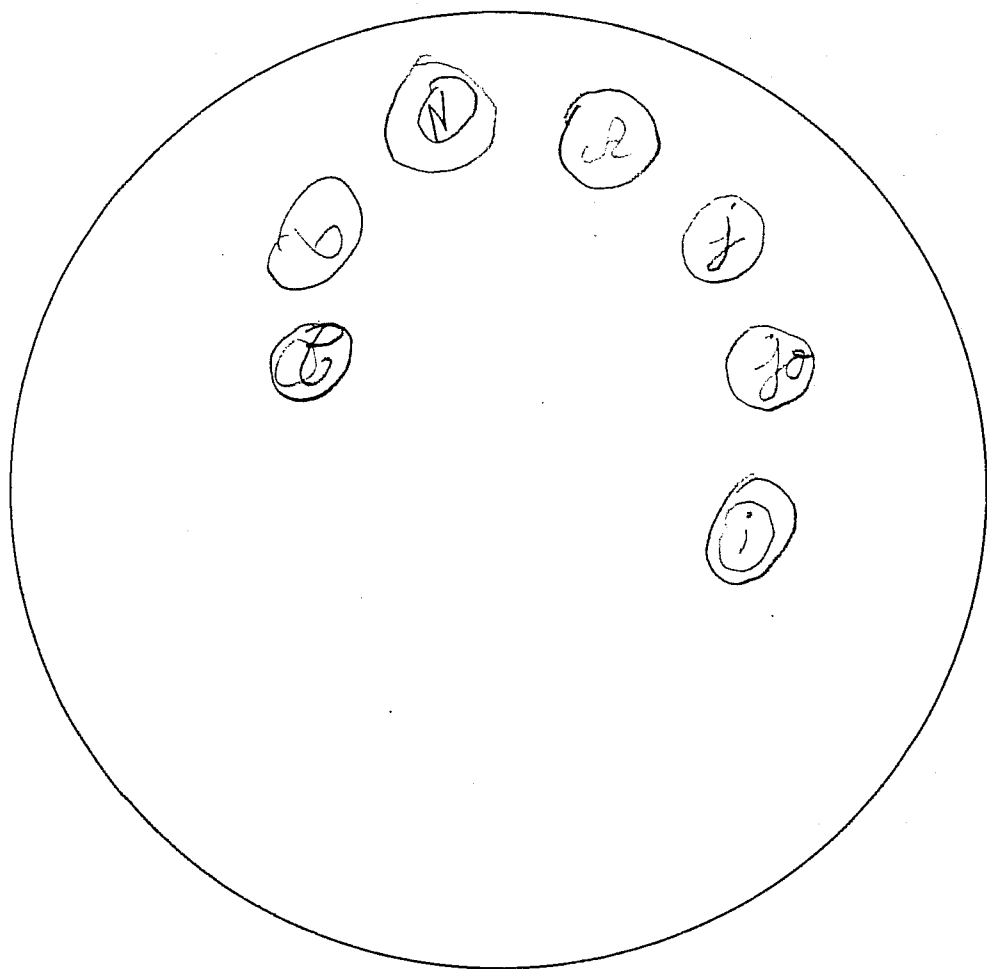
- 'E tu, onde estás?' (representa-se, acrescentando mais um círculo): - *C* - *C*...

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - O meu pai e a minha mãe.

- 'Como é que eles são importantes, para ti?': - Porque eles me tratam bem; porque eles não gostam para eu andar mal acompanhado; porque foi eles que me trouxeram ao mundo.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

12 anos; internado há um dia; diz que não ia à escola mas que fez o 4º ano de escolaridade; é o segundo numa fratria de oito; vivia com os pais e irmãos, dizendo que o pai não sabe que o trouxeram para o colégio.

Pessoas representadas no círculo familiar

- Este posso ser eu? (Pergunta antes de começar a desenhar, apontando o círculo da folha; explica-se novamente as instruções).

- *MC* - minha mãe; - *P* - meu pai; *I* - meu irmão *I*...; - *D* - minha irmã *D*...; - *N* - meu irmão *N*...; - *M* - meu irmão *M*...; *J*... - *J* - irmão e *H*... - *H* - irmã.

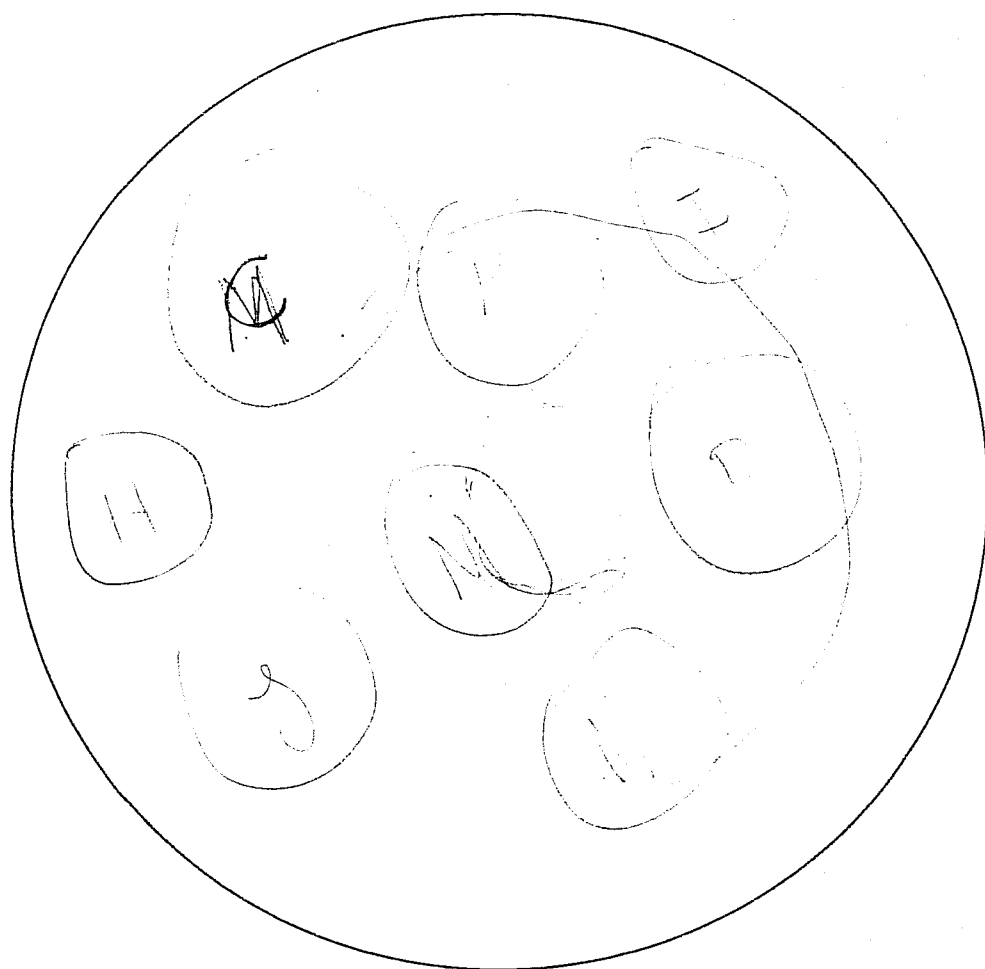
- 'E tu, onde estás?' (representa-se, desenhando mais um círculo): - *C* -.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - Todos

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Não sei...

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; internado há dois anos; frequenta o 6º ano de escolaridade; é o último duma fratria de quatro; vivia com a mãe e irmãos, tendo o pai falecido há cerca de dois anos.

Pessoas representadas no círculo familiar

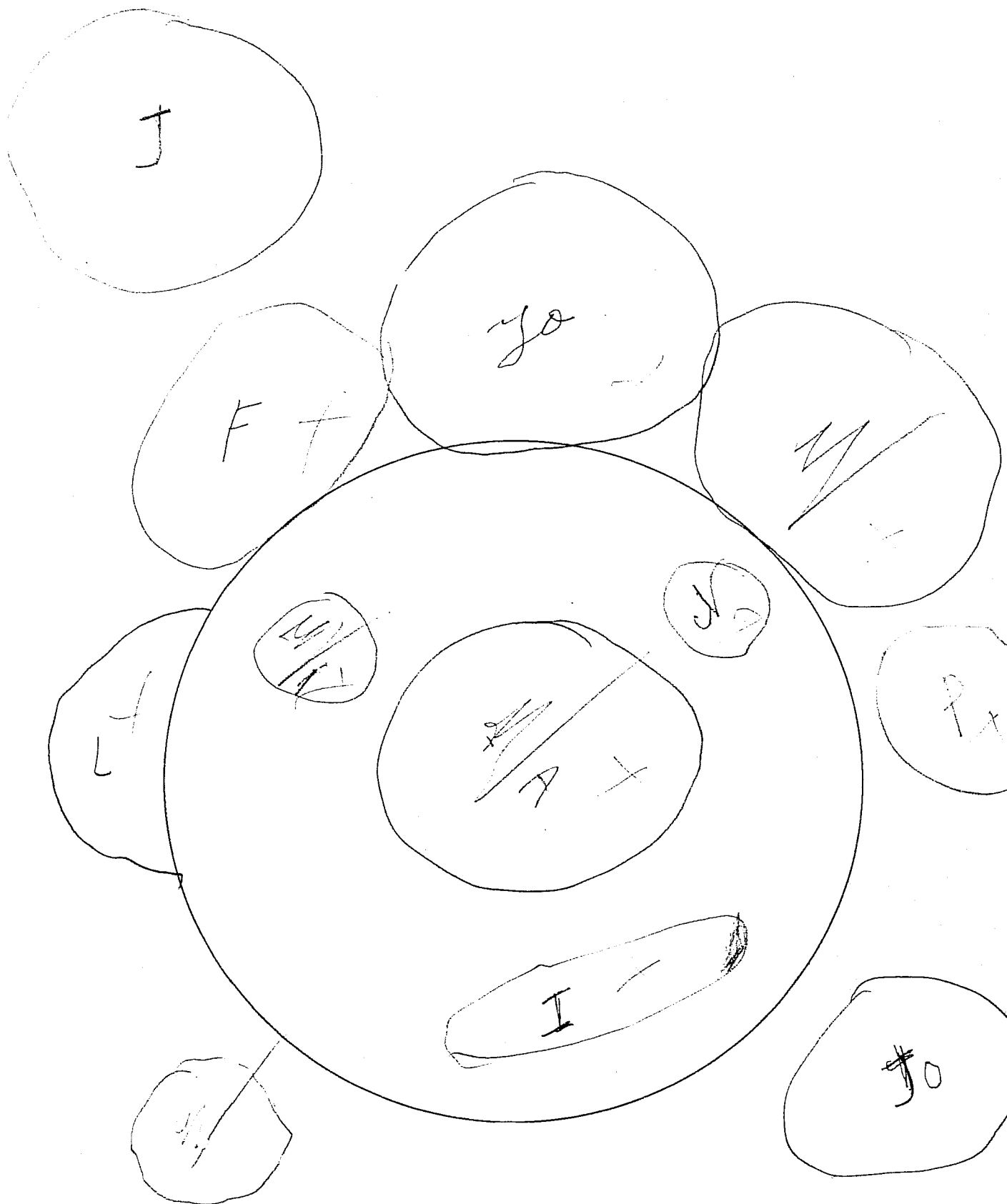
- Eu - *F* -; irmão - *Jo* - *J...* *P...*; - *V* - o *V...* é irmão; - *P* - este é outro irmão, *P...*;
- *L* - mãe, é *L...*; - *J* - esta é a *J...*, é amiga; aqui é o *J...* que é amigo - *Jo* -; aqui é amigos - *V* -, não são da família estes (no exterior do círculo). Aqui é o *N...* - *N* -, já não é da família; *V...* - *VA* - casada com o meu irmão *V...*; aqui é a *V...* - *Vi* - a filha do meu irmão *V...*; - *I* - a minha namorada (no interior do círculo).

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - É esta, *L*, mãe, e o resto da família toda que é os meus irmãos, e a mulher dele (do irmão *V*) e a filha (*Vi*) e a minha namorada. São todos importantes.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Isso é que não sei!... não sei...

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

16 anos; internado há seis meses; frequenta o 6º ano de escolaridade; é o quarto duma fratria de seis; vivia com os pais e uma avó.

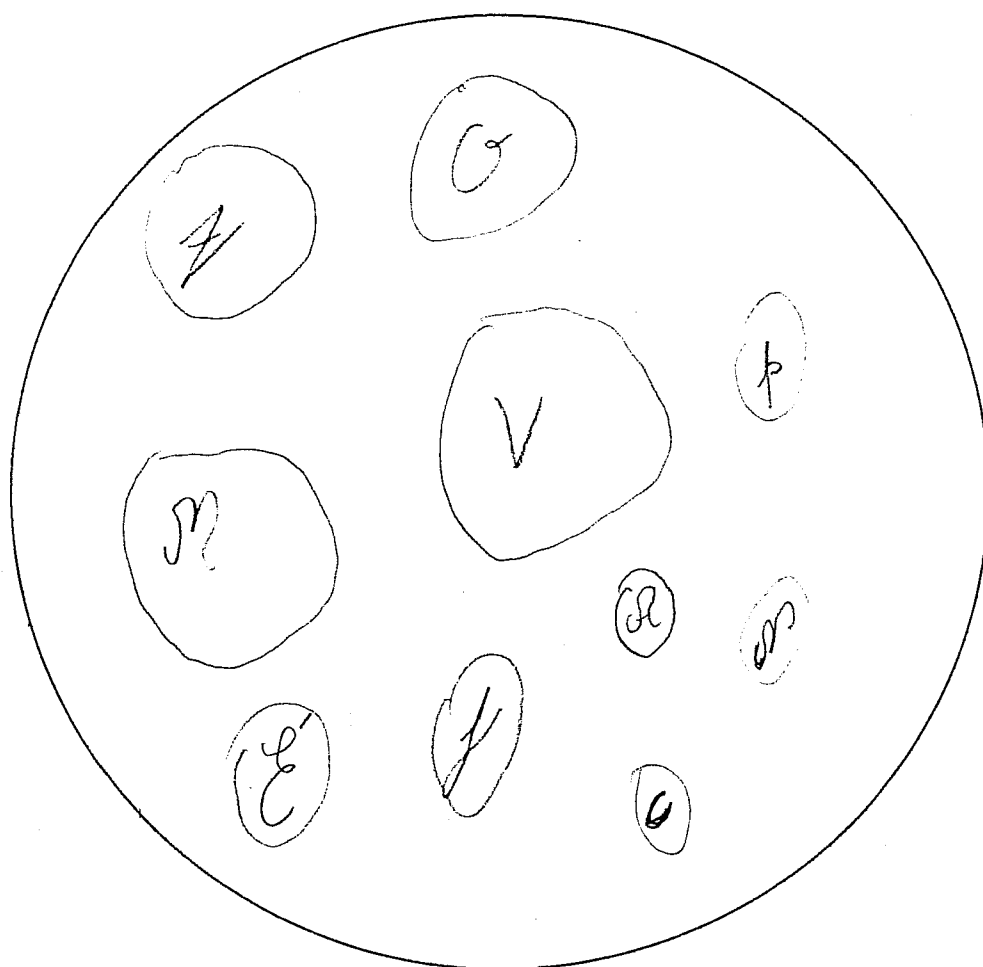
Pessoas representadas no círculo familiar

- *M* - é a minha mãe; - *V* - o meu pai; - *Z* - o meu irmão; - *G* - outro meu irmão; - *E* - outro meu irmão; - *j* - este aqui sou eu; - *c* - este aqui é meu amigo; - *A* - esta aqui também é minha irmã; - *N* - meu amigo; - *p* - também é meu amigo.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha mãe e o meu pai.
- 'Como é que eles são importantes, para ti?': - Eles é que me meteram no mundo. Os meus irmãos é ligados a mim, estão-me sempre a apoiar (apoiar como?), os mais velhos apoiam quando é preciso; a minha irmã porque é a única irmã e mais pequena; com os meus amigos porque estamos sempre juntos.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; internado há quatro meses; frequenta o 5º ano de escolaridade; é o segundo duma fratria de seis; foi criado com os pais.

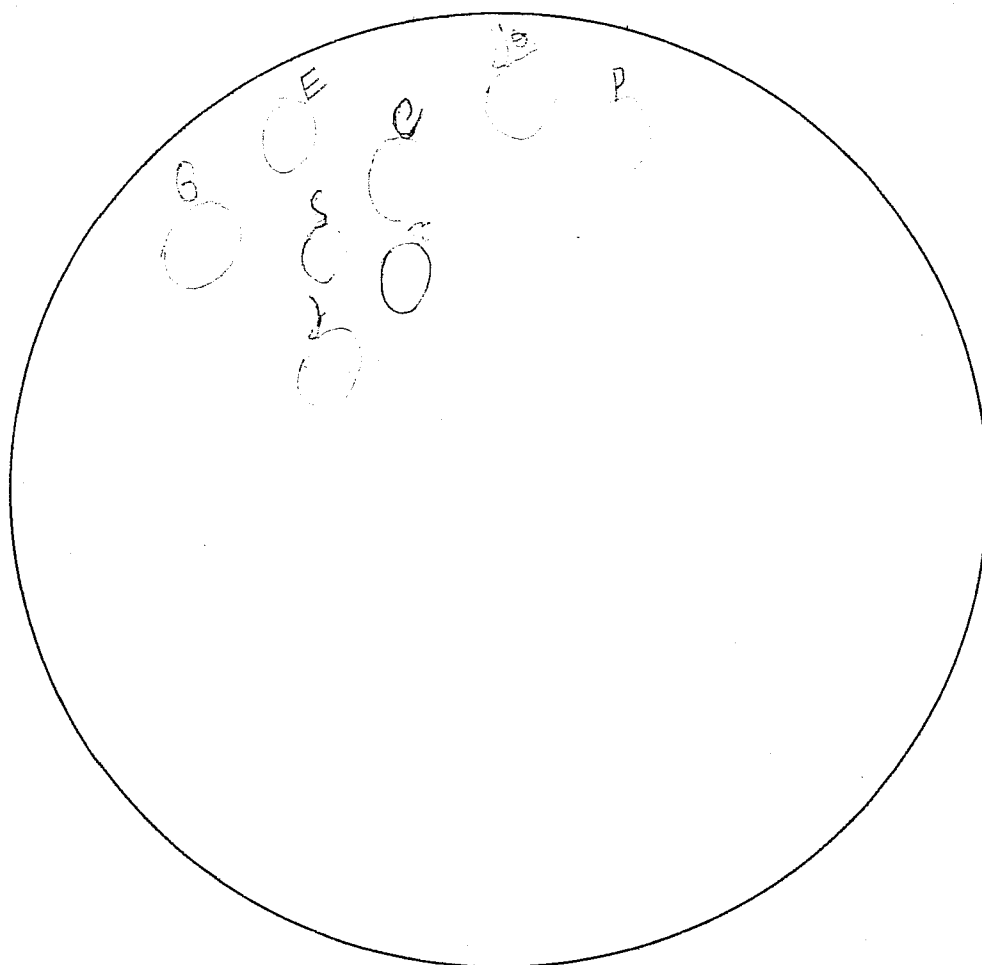
Pessoas representadas no círculo familiar

- *B* - o meu pai B...; - *E* - esta é a minha mãe E...; - *Jo* - o meu irmão J...; este aqui sou eu - *C* -; este aqui é o meu primo - *P* -; - *S* - a minha irmã; - *J* - esta aqui é a minha tia J...; - *j* - este aqui é o meu tio J...

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - O meu pai e a minha mãe.
- 'Como é que eles são importantes, para ti?': - Não sei explicar.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; internado há quatro anos; frequenta o 6º ano de escolaridade; é o nono duma fratria de dez, um irmão mais velho faleceu há dois anos num acidente de trabalho; foi criado com os pais.

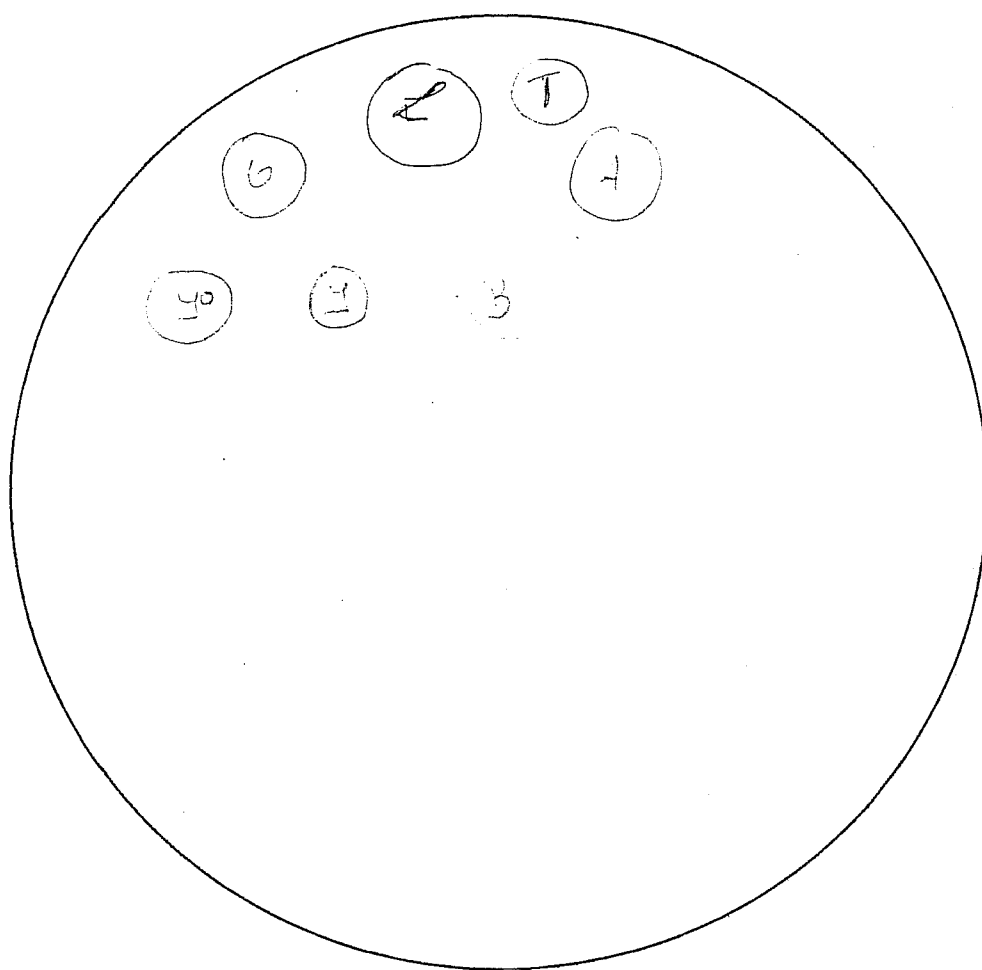
Pessoas representadas no círculo familiar

- *Jo* - o meu pai; eu - *J* -; - *G* - o filho da minha sotôra; - *B* - o meu sotôr; - *L* - a minha sotôra; - *T* - filho da minha sotôra também; - *A* - é o marido da minha sotôra *L*.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha sotôra.
- 'Como é que ela é importante, para ti?': - Sempre me ajudou!... (Queres explicar?) Foi um problema que eu tive.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; internado há cerca de um ano; frequenta o 5º ano de escolaridade; é o sétimo duma fratria de nove; vivia com os pais, irmãos e outros familiares, todos a residir no mesmo bairro.

Pessoas representadas no círculo familiar

- *P* - este é o meu pai; a minha mãe - *A* -; - *AR* - este é um meu amigo; - *CU* - este é um primo meu; - *H* - esta é a minha irmã; - *I* - esta aqui é minha irmã também; - *S* - aqui é uma amiga minha; *AL* - este aqui é o meu irmão.

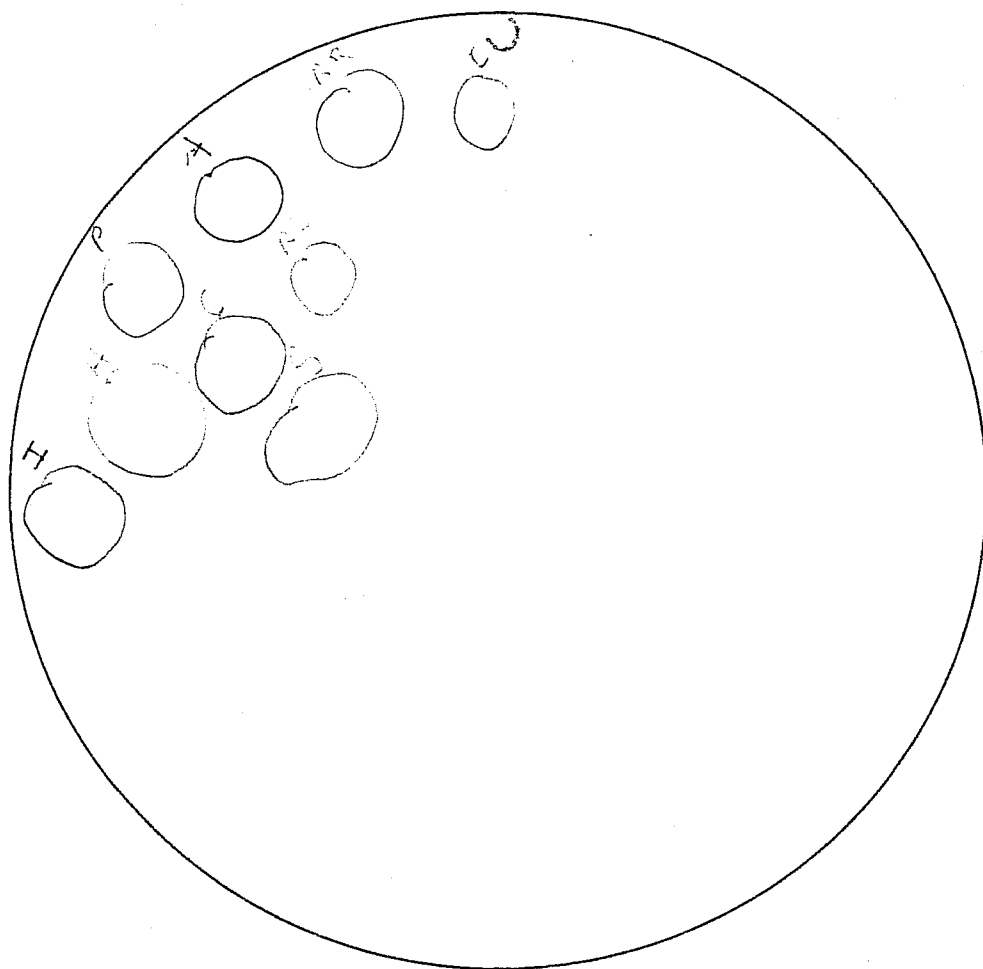
- 'E tu, onde estás?': - Ah! (representa-se, acrescentando mais um círculo) - *C* -, este sou eu.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes': - O meu pai e a minha mãe, e os outros são amigos.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - O meu pai e a minha mãe porque me tratam bem, dão-me carinho e fazem algumas coisas tudo para mim. Os outros são amigos que portam bem comigo e dão bem comigo e quando precisar de alguma coisa é só falar com eles.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; internado há dois anos; frequenta o 5º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de três (duas meias-irmãs); criado com a mãe e padrasto desde um mês de idade; não sabe quem é o pai.

Pessoas representadas no círculo familiar

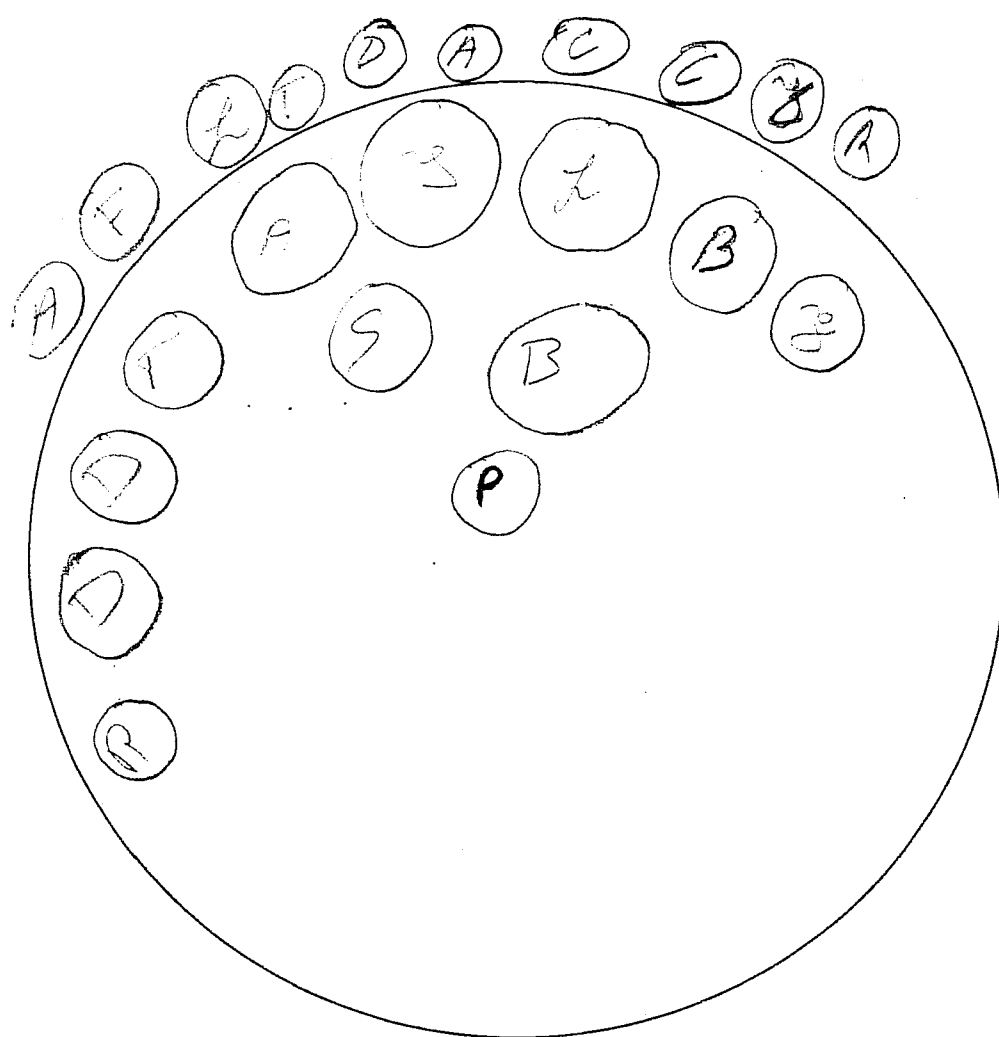
- Eu sou no meio - *P* -; - *R* - *R*... é minha amiga; - *I* - *I*... é a minha mãe; - *A* - o pai (padrasto); este aqui - *L* - é *L*... um amigo que eu andei na escola da 2ª até à 4ª classe; esta aqui - *S* - é a *S*... a minha sotôra; aqui é *B*... - *B* - é minha amiga; esta *B*... também - *B* - é minha amiga, mas gosto mais duma que doutra, uma é maior que a outra; aqui é *D*... e *D*... - *D* - e - *D* - são minhas irmãs; - *T* - *T*... é minha amiga; - *L* - *L*... é minha tia; *J*... - *J* - é minha prima do Brasil. Estes aqui de fora são os que eu não gosto: uns são amigos da minha mãe, outros é o meu primo e a minha prima, outros são amigos que eu não gosto, alguns daqui e outros lá de fora.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha mãe, o meu pai, a minha tia, as minhas irmãs e esta minha amiga *B*...

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Não sei explicar bem!... Não me está a apetecer falar!

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; internado há nove meses; frequenta o 5º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de quatro; criado com os pais e vários familiares.

Pessoas representadas no círculo familiar

- É a minha família toda; é tudo família do meu pai menos o F...; - *FA* - que é amigo, *AM*... *J*... - *MJD* - que é doutora e o senhor *L*... - *LMA* - que é monitor, é amigo mas é monitor.

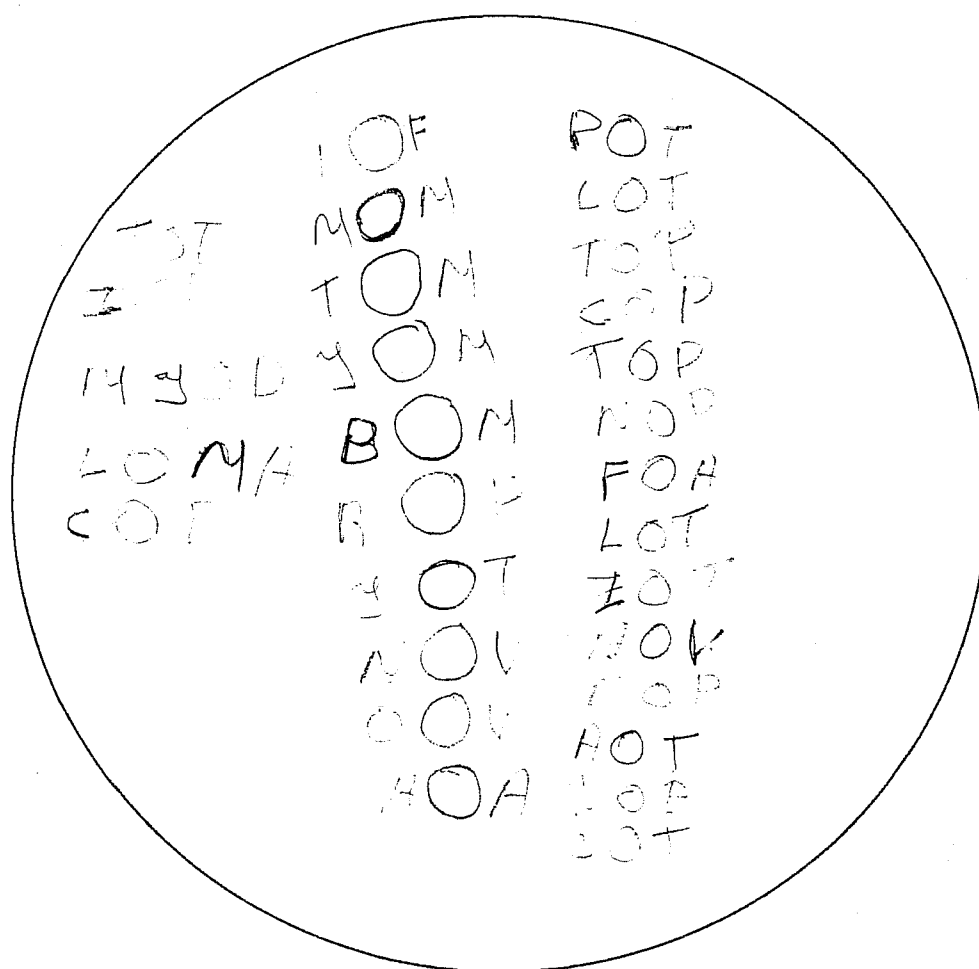
- Para começar: *D* - *DF* - filho da minha mãe e do meu pai ('Filho?'): Sou eu; *MM* - *MM* - irmã; *TM* - *TM* - irmão, é mano; *JM* - *JM* - é mana; *B* *M* é *B*... - *BM* - que é a minha mãe; *R* é o nome do meu pai - *RP* -; *J* é tio - *JT* -; *N* avô - *NV* -; *O* é avô também - *OV* -; *A*... é avô - *AA* -; *P*... tia - *PT* -; *L* tia - *LT* -; *T* primo - *TP* -; *C* é primo também - *CP* -; *T* é primo - *TP* -; *N* é primo - *NP* - a minha tia adoptou-o; *F* amigo - *FA*; *L* é tia - *LT* -; *Z* é tio também - *ZT* -; *N* é avô - *NV* -; *M* é primo - *MP* -; *A* é tia - *AT* -; *J* é primo - *JP* -; e o outro *J* é tio - *JT* -. Agora, *T* é tio - *TT* -; *I* é primo - *IP* - *MJ* é doutora - *MJD* -; *L* é monitor amigo - *LMA* -; *C* é primo - *CP* -.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - Todos, para mim é todos, eu não tenho preferência. Quem eu me dou bem dão-se bem comigo, é todos. Está aqui um rapaz que é aqui do colégio, é meu amigo.

- 'Como é que as pessoas são importantes, para ti?': - Sei lá, isso não consigo explicar... Uns criaram-me desde pequenino: os meus pais que gostaram sempre de mim e fui criado com os meus tios que foram sempre meu amigos e brincávamos desde pequeninos, com tios e primos jogávamos futebol juntos. Os meus pais iam para o Alentejo cortar madeira e eu ficava com a minha avó e as minhas tias. Quando eu precisava de alguma coisa eles davam-me. Esta doutora quando eu vim para cá ajudou-me muito e o sr. *L*... também, e o *F*... (amigo) quando eu vim para cá e chorava ele dáva-me uma grande força!

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

13 anos; internado há dez meses; frequenta o 2º ano de escolaridade; é o segundo duma fratria de seis; vivia com os pais e foi criado por estes e uma bisavó que faleceu há cerca de quatro anos.

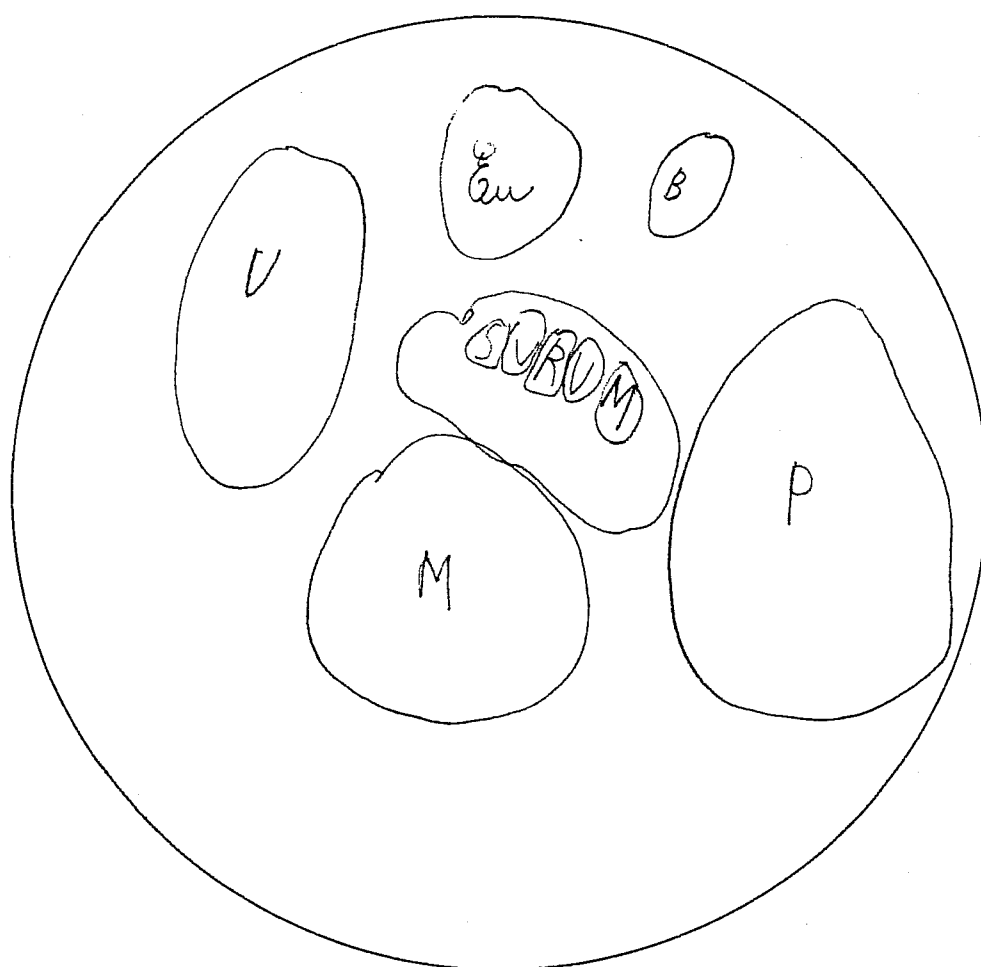
Pessoas representadas no círculo familiar

- Sou eu - *Eu* -; a minha mãe - *M* -; o meu pai - *P* -; a minha bisavó que já morreu mas eu gosto dela - *V* -; os meus irmãos todos - *S, V, R, V, M* -; e um amigo meu lá do bairro, que é fixe - *B* -.

Inquérito

- ‘Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?’: - A minha bisavó
- ‘Como é que ela é importante, para ti?’: - Porque ela dáva-me coisas, no Natal oferecia-me muitas coisas, e quando eu era pequeno oferecia-me carrinhos. Ela ia passear comigo, íamos ao Jardim Zoológico e íamos também dar voltas por Lisboa, andar de metro. Eu ia sempre a casa dela. E os meus irmãos são importantes porque eu gosto deles.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; internado há um ano; frequenta o 5º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de sete (tem seis meios irmãos: dois por parte da mãe e quatro por parte do pai); os pais separaram quando ele tinha um ano, tendo sido criado a partir dessa idade com tios, primeiro, e depois com o pai e madrasta.

Pessoas representadas no círculo familiar

- O meu pai - *D* -; a minha mãe - *M* -; o meu irmão - *Da* - *E*... - *E* - o meu irmão também; esqueci-me de pôr mais os outros! (desenha os 4 irmãos): o *V*... - *V* -; a *N*... - *Na* -; *C*... - *C* -; o *Z*... *A*... - *Z* -; mais o *T*... - *T* -; o meu tio - *Ca* -; *S*... - *S* - é uma miúda que eu gosto!; este aqui não é ninguém (apaga - *N* -); aqui é o *N*... - *N* - que é meu amigo.

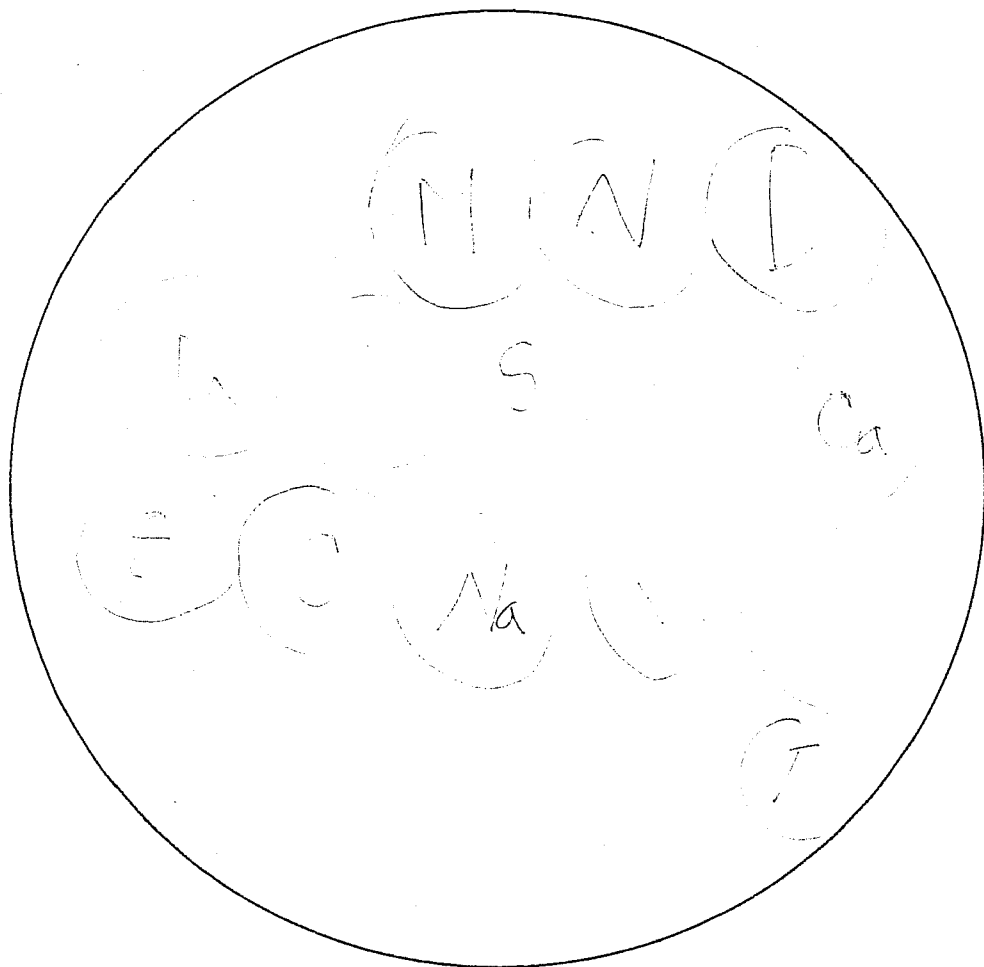
- 'E tu, onde estás?' (representa-se, acrescentando mais um círculo): - Eu - *A* -.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - É este, o meu pai, e a minha mãe também e os meus irmãos também. São todos!

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - São bons para mim porque me compram roupa e isso! Quando eu peço uma coisa eles me compram (eles, quem?) Os meus pais.

Desenho do círculo familiar



2. GRUPO ND

Sujeito **ND1**

Dados pessoais

14 anos; frequenta o 8º ano de escolaridade; é o segundo numa fratria de três; vive com os pais e irmãos.

Pessoas representadas no círculo familiar

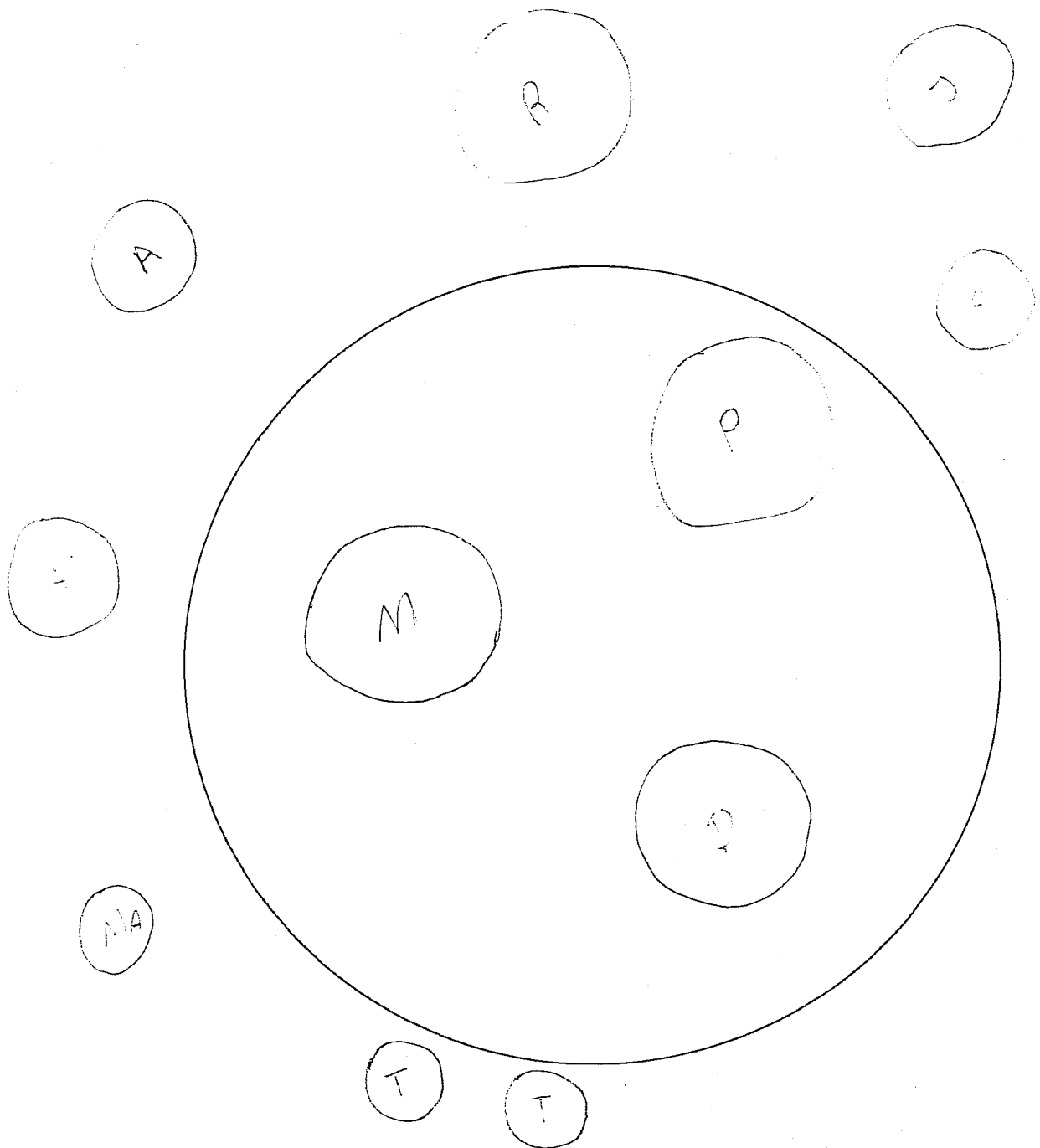
- *M* - este aqui é a minha mãe; - *P* - é o meu pai; - *D* - este é o meu irmão; - *J* - a minha irmã; - *R* - aqui sou eu; - *A*, *A* e *A* - são os meus avós; - *MA* - aqui é a minha madrinha; - *T* e *T* - aqui são os meus tios.

Inquérito

- ‘Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?’: - Sou eu, a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos.

- ‘Como é que essas pessoas são importantes, para ti?’: - Ajudam-me! O meu irmão ajuda-me às vezes na escola, a minha mãe também.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; frequenta o 7º ano de escolaridade; é o mais novo duma fratria de dois; os pais estão separados; vive com a mãe, irmão e avó.

Pessoas representadas no círculo familiar

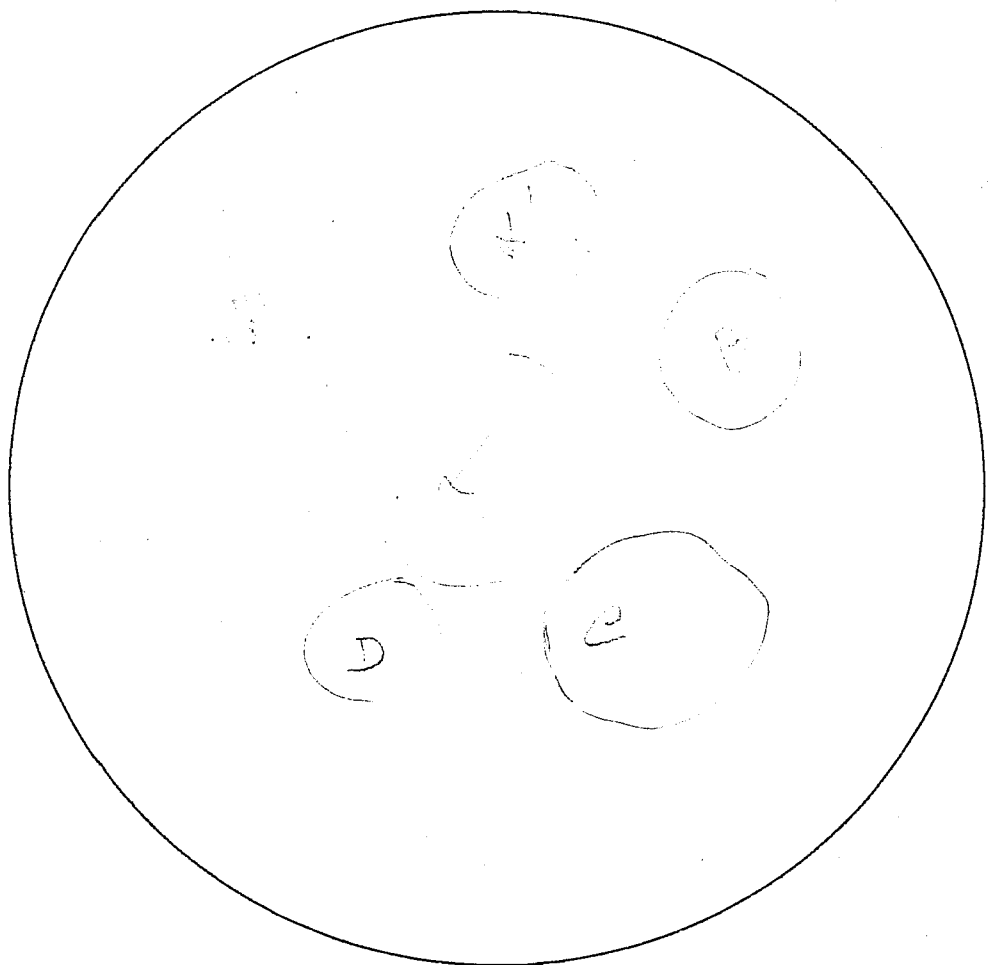
- *L* - esta é a minha mãe; - *C* - o meu irmão; - *D* - sou eu; - *B* - um amigo; - *H* - também é amigo; - *R* - é também amigo.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha mãe e o meu irmão.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - De maneira afectiva. E por vezes são a melhor companhia.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

13 anos; frequenta o 8º ano de escolaridade; é o mais novo duma fratria de três ; vive com os pais e irmãos.

Pessoas representadas no círculo familiar

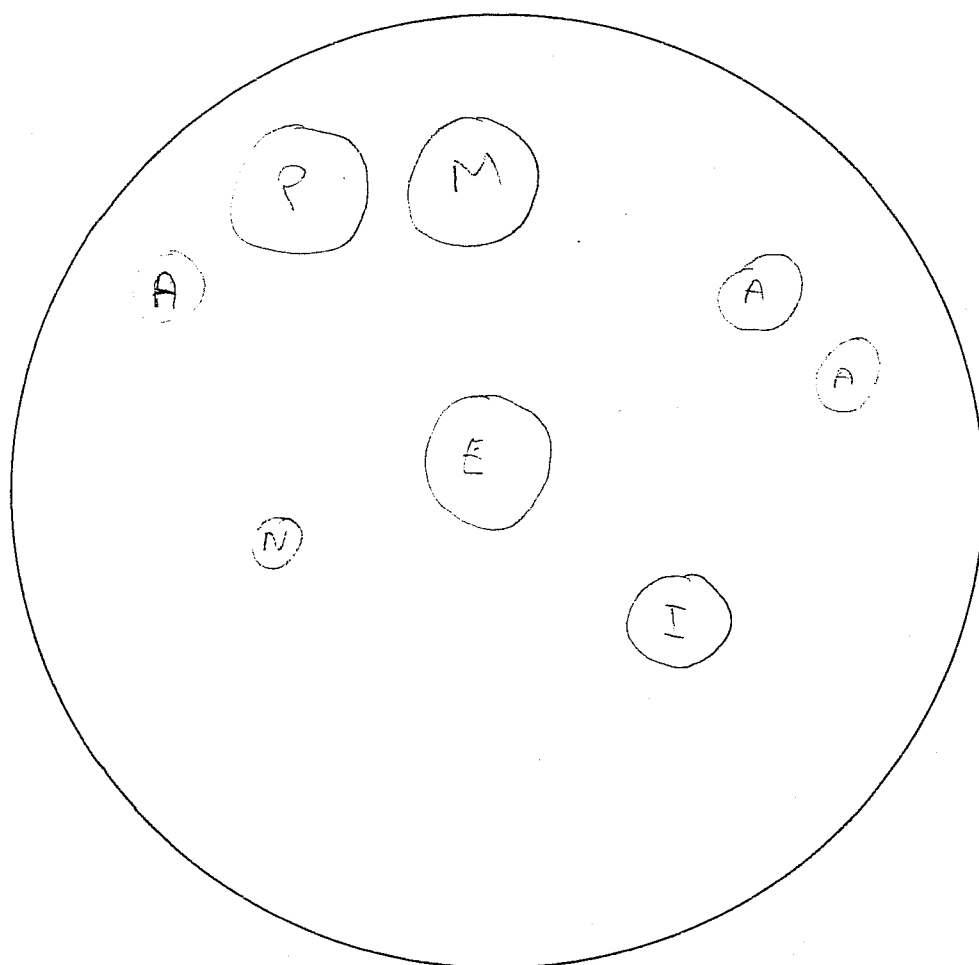
- *P* - é o meu pai; - *M* - é a mãe; - *A e A* - a avó e o avô maternos; - *A* - o avô paterno; - *E* - sou eu; - *I* - os meus irmãos; - *N* - a namorada.

Inquérito

- ‘Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?’; - Os meus pais, e a seguir os meus irmãos, e eu.

- ‘Como é que essas pessoas são importantes, para ti?’: - Os meus pais criaram-me desde pequenino, e os meus irmãos é para ter alguém com quem partilhar os segredos e ser amigo d’alguém durante 24 horas por dia. A namorada também tem importância porque eu gosto dela.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

16 anos; frequenta o 1º ano do curso profissional na Escola Agrícola da Quinta da Paiã; vive com os pais e um tio.

Pessoas representadas no círculo familiar

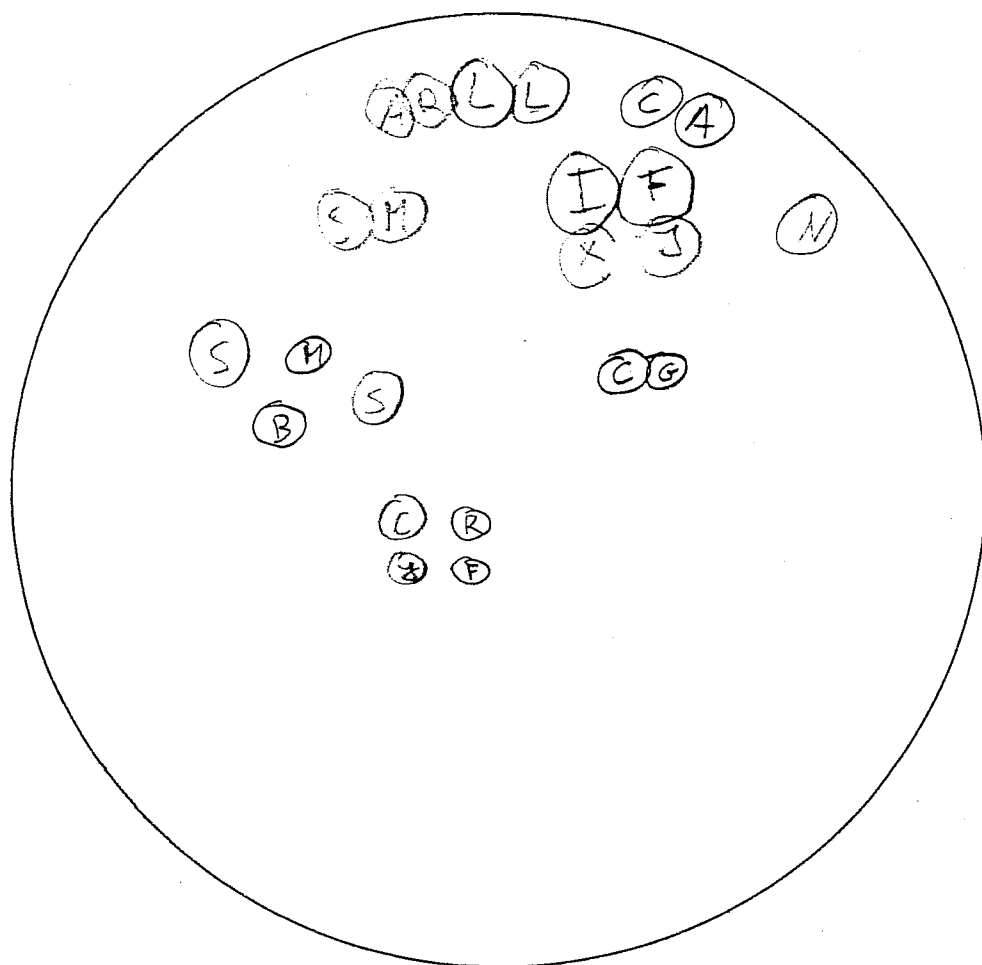
- *A* - a minha namorada; - *R* - eu; - *L* e *L* - a minha mãe e o meu pai; - *C* e *A* - a minha avó e o meu avô; - *N* - a minha tia-avó; - *I* e *F* - a minha tia e o meu tio; - *X* e *J* - a minha prima e o meu primo, são casados; - *C* e *G* - a minha tia e o meu tio, que são irmãos do meu pai; - *S* e *M* - a minha tia e o meu tio, que são casados; - *M* e *B* - são dois amigos; - *S* e *S* - são duas amigas; - *C*, *R*, *J* e *F* - são minhas amigas e da minha prima *X*.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha mãe e o meu pai, as minhas tias e os meus avós.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Não sei explicar... São as pessoas que eu gosto mais e que tenho mais carinho.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; frequenta o 7º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de dois, vive com os pais.

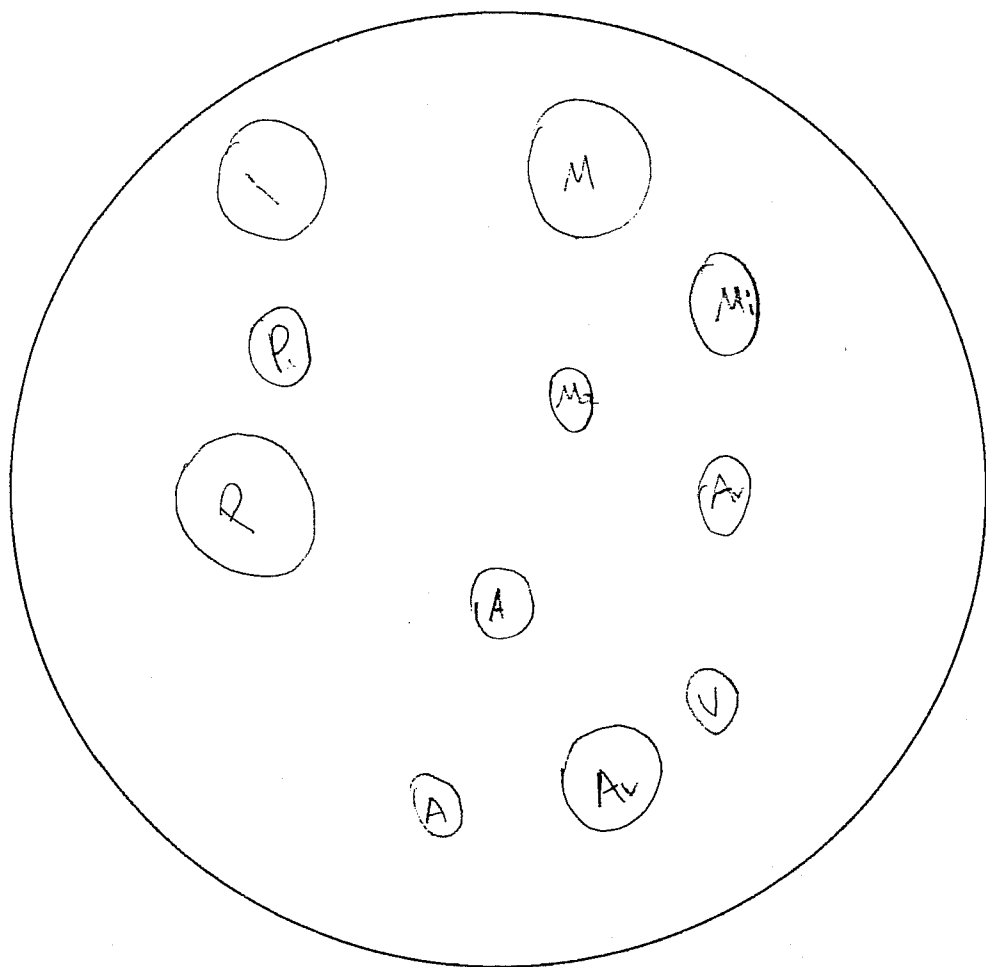
Pessoas representadas no círculo familiar

- *P* - é o meu pai; - *M* - é a minha mãe; - *i* - a minha irmã; - *Mi* - esta é a minha gata Mitcha; - *Av* e *Av* - este é o meu avô e a minha avó; - *A* e *A* - o meu outro avô e a minha avó que já morreram; - *V* - este sou eu; falta-me desenhar mais a minha madrinha e o meu padrinho que vivem na Holanda - *Ma* e *Pa* -.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - São os meus pais.
- 'Como é que eles são importantes, para ti?': - Porque dão-me comida, cuidam de mim e governam-me enquanto eu não acabar a escola e não tiver emprego.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

16 anos; internado no Instituto Militar dos Pupilos do Exército; frequenta o 11º ano; é o segundo duma fratria de dois; foi criado pelos pais e avós; os pais divorciaram-se, tendo o pai já falecido.

Pessoas representadas no círculo familiar

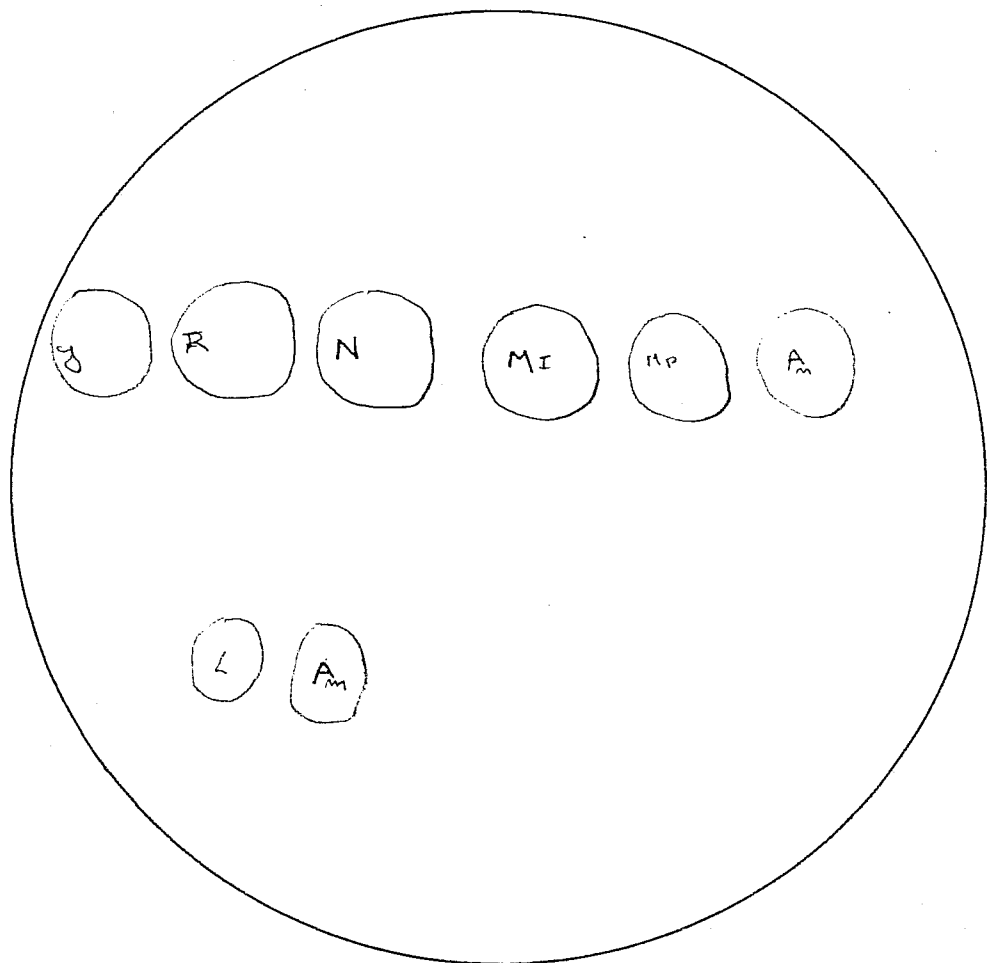
- *J* - sou eu; - *R* - é a minha irmã; - *N* - mãe; - *MI* - uma das avós; - *MP* - outra avó; - *AN* - o avô; - *L* - uma amiga; - *Am* - são os amigos em geral.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - Estes aqui de cima... tudo igual!

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - O *J* porque sou eu! É fundamental gostar de si; o *R* é uma irmã!...; os outros é pelo amor que têm por mim, pelo carinho, pelas atitudes e actos que revelam que se preocupam comigo e que demonstram por mim. Os amigos, não é a importância da família mas outro tipo de relações de amigo, por isso a importância é diferente.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; frequenta o 9º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de dois; vive com os pais.

Pessoas representadas no circulo familiar

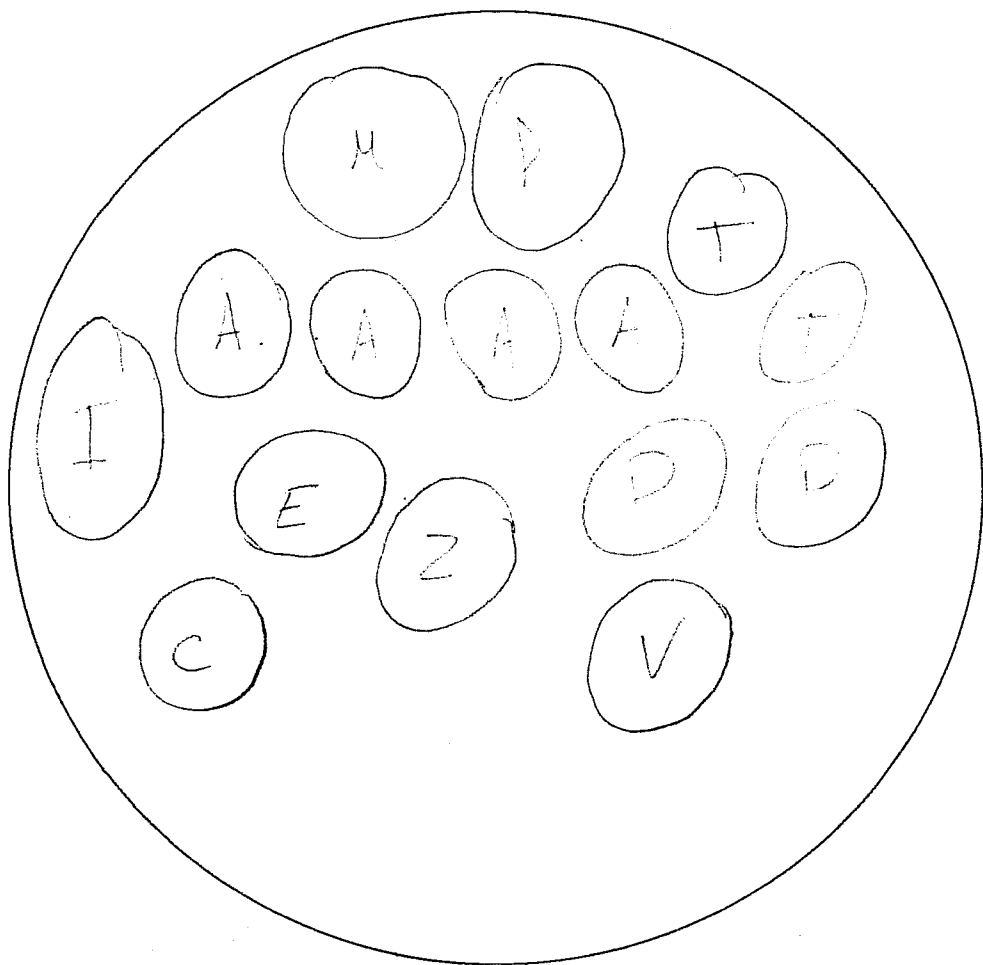
- *M* - a minha mãe; - *P* - o meu pai; - *I* - a minha irmã; - *A*, *A* e *A*, *A* - avô, avó e avô, avó; - *T* e *T* - o meu tio e a minha tia; - *P* e *P* - o meu primo e a minha prima; - *E* - eu; - *C* - a minha amiga C...; - *Z* - o meu amigo Z...; - *V* - é uma miúda por quem eu tive uma pequena paixão.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - Estes três: mãe, pai e a minha irmã.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Porque sem a minha mãe e sem o meu pai eu não tinha aquele apoio moral que eles me dão; e a minha irmã é importante para mim porque durante quatro anos fui eu que tratei dela, os meus pais não podiam porque tinham empregos e eu nas horas vagas é que tratava dela e agora ainda continuo a tratar dela.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; frequenta o 9º ano de escolaridade; é o segundo numa fratria de três; vive com os pais.

Pessoas representadas no círculo familiar

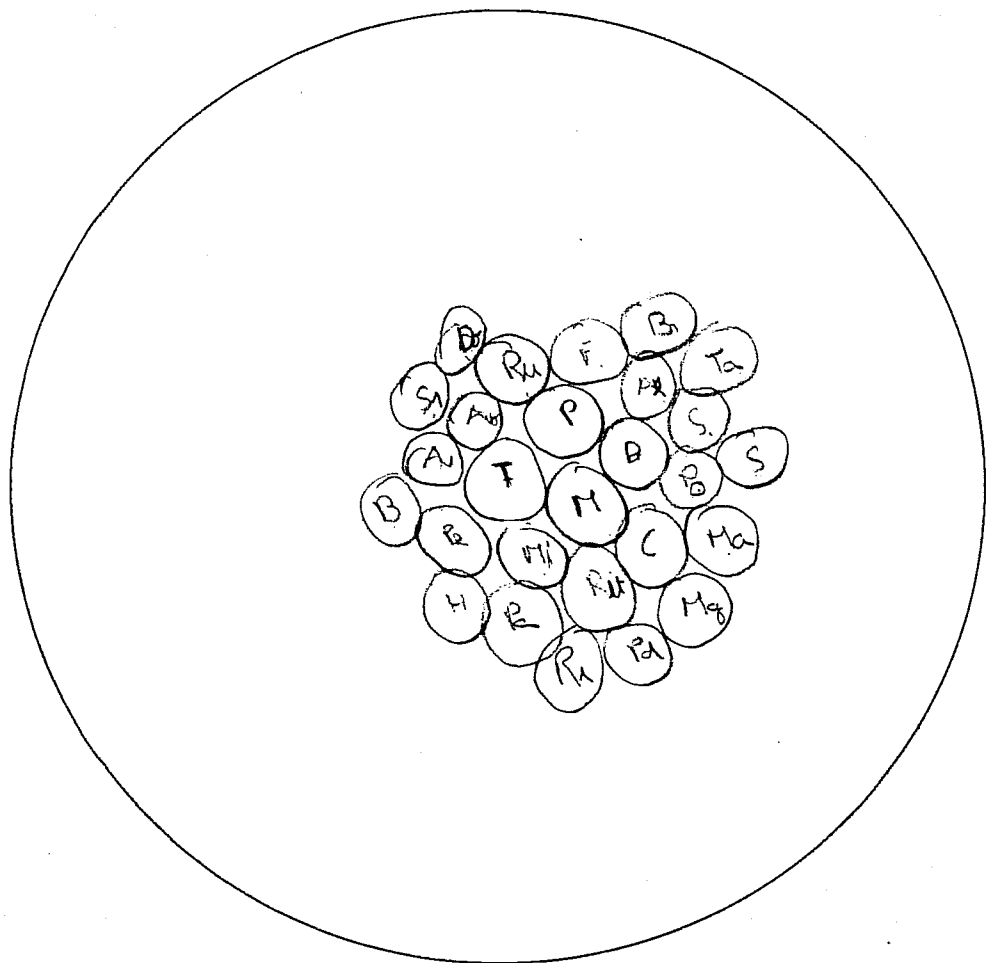
- *T* - eu; - *P* - o meu pai; - *M* - a minha mãe; - *Mi* - o meu irmão; - *Pe* - o meu irmão; - *D* - a minha prima D...; - *Av* e *Avô* - avó e avô; - *F* - este é o F..., meu amigo; - *Al*, *B*, *Ta*, *S*, *S*, *Po*, *Ma*, *Mg*, *Pd*, *Ri*, *Rit*, *Pa*, *H* - são todos amigos; - *B* - B... é primo; - *Do* e *Sr* - são primos; - *Ru* - é meu tio; - *C* - C... é tia.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - O pai, a mãe e os irmãos e os avós.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - A família mais próxima. Por ser os únicos pais e os únicos avós que eu tenho e os irmãos.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; frequenta o 9º ano de escolaridade; é o segundo numa fratria de dois; vive com os pais.

Pessoas representadas no círculo familiar

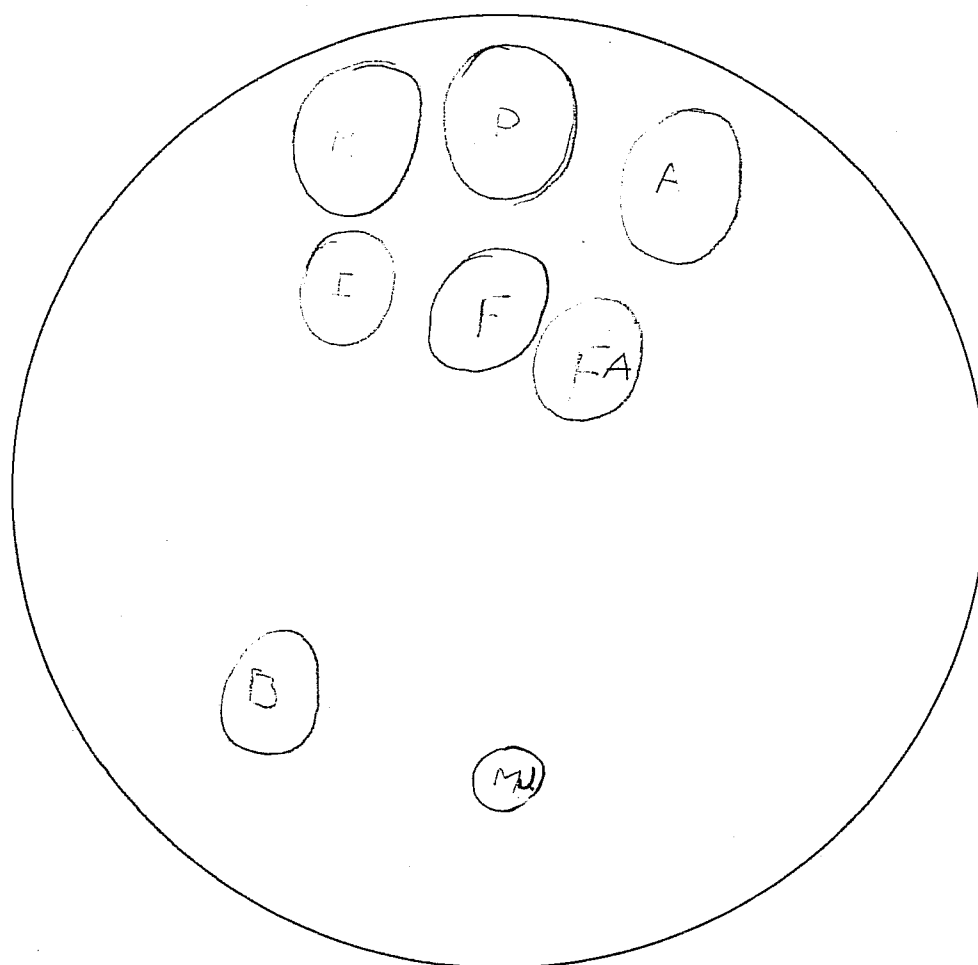
- *M* - é a minha mãe; - *P* - este é o meu pai; - *A* - este é o meu avô; - *I* - este é o meu irmão; - *F* - este sou eu *F*...; - *Fa* - esta é a *F*... uma grande amiga minha; - *B* - *B*... que é um grande amigo meu também; - *MJ* - é a minha professora de (...) que ajudou-me a desenvolver a minha personalidade.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - A minha mãe, o meu pai e o meu avô, e em certa forma o meu irmão porque no fundo eu gosto muito dele.

- 'Como é que essas são importantes, para ti?': - Gosto muita da minha mãe, sempre me ajudou, é sempre aquele instinto de ligação entre mãe e filho! E o meu pai também me ensinou muitas coisas da vida, também me ajudou, ajuda-me doutra forma, sempre a brincar, ajuda-me com a sua maneira de ser, sempre muita força. O meu irmão é a sabedoria que ele tem, ajudou-me muito em Física e também com as raparigas.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

15 anos; frequenta o 9º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de três (duas meias irmãs: uma por parte da mãe e outra por parte do pai); vive com a mãe e padrasto.

Pessoas representadas no círculo familiar

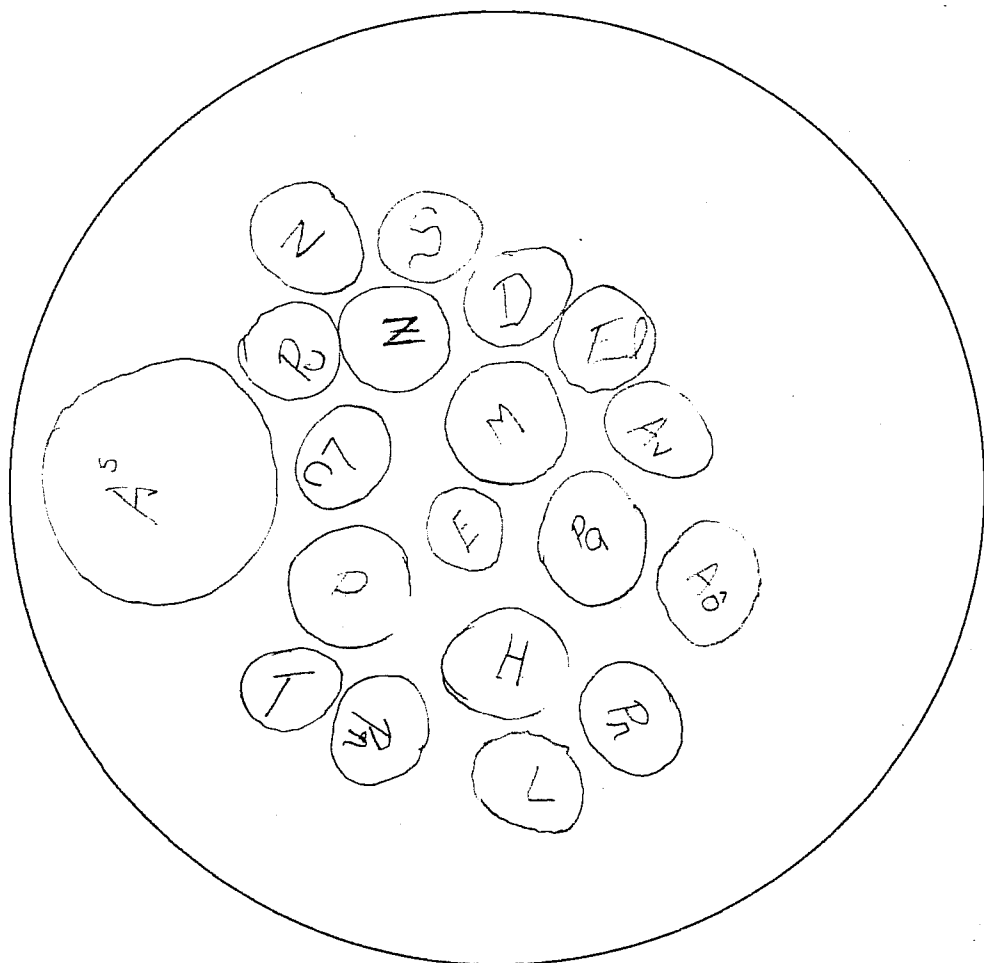
- *E* - Este do meio sou eu; - *Pa* - é o meu pai; - *M* - é a minha mãe; - *P* - é o meu padrasto; - *H* - é o nome da minha madrastra que é H...; - *Lu* - é L... que é mãe do meu padrasto, é avó; - *Pu* - é o meu tio P...; - *As* - é os amigos, são vários amigos; - *T* - é o meu tio T...; - *L* - é a minha tia L...; - *Pr* e *Pr* - é o meu primo e o meu outro primo; - *Z* - é Z..., é o marido da L..., é meu avô; - *N* - é outra avó que é da parte da minha madrastra, chama-se N...; - *S* - é a minha irmãzinha S...; - *D* - esta é outra irmã, D...; - *El* - é a minha tia; - *Av* e *Aô* - são os meus dois avós, avó e avô a dobrar, duas avós e dois avôs (maternos e paternos).

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - São estas duas pessoas aqui ao meu lado, que é a minha mãe, o meu pai e os meus dois padrastos.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - Dão-me todo o apoio de que eu necessito, dão-me bons conselhos. Às vezes um pouco severos! Mas quem é que não gosta das pessoas que nos criaram!

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

16 anos; frequenta o 10º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de dois; vive com a mãe, estando os pais divorciados.

Pessoas representadas no círculo familiar

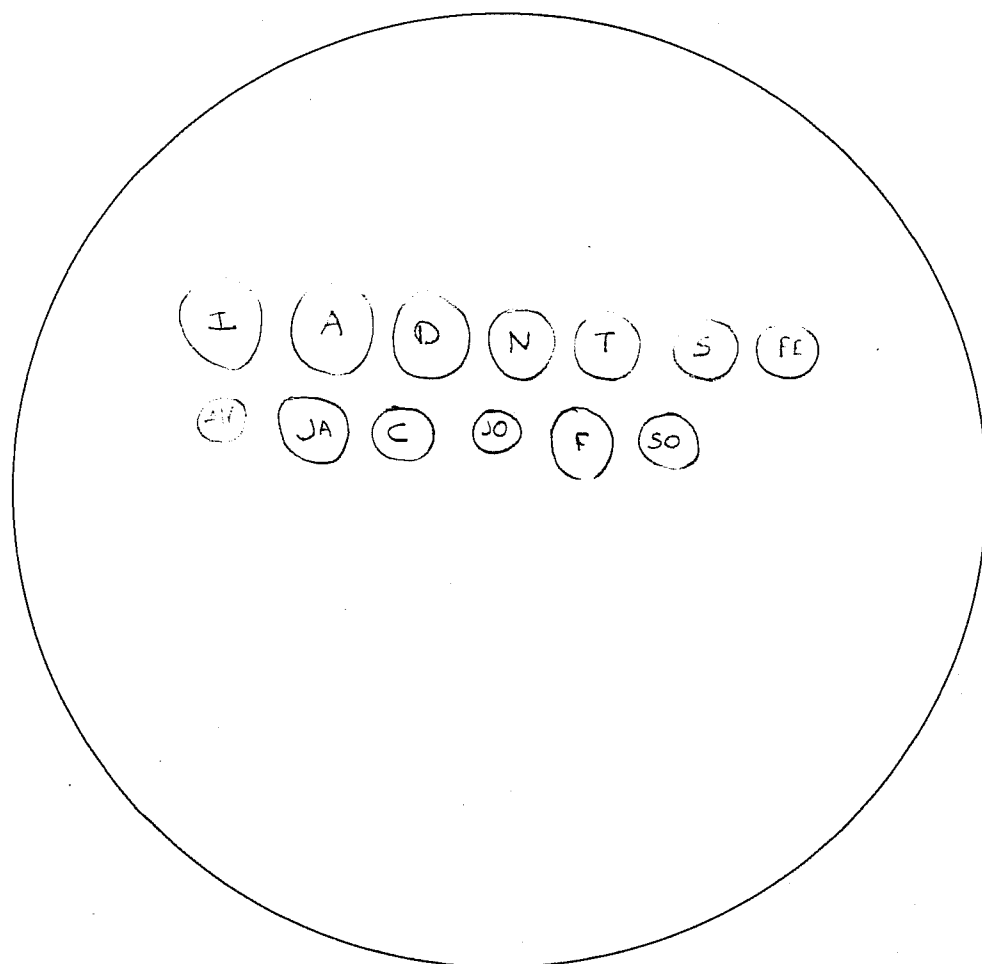
- *I* - *I*..., é mãe; - *A* - *A*..., é pai; - *D* - *D*..., é irmão; - *N* - *N*..., é avó; - *T* - *T*..., também é avó; - *S* - *S*..., é amiga; - *Fe* - *F*..., também é amigo; - *An* - sou eu, o mais pequenino! (o mais pequenino?) Não gosto assim muito de mim; - *J* - *J*..., tia; - *C* - *C*..., o marido da tia; - *Jo* - *J*..., não é bem avô, é padraсто da minha mãe; - *F* - *F*..., é bisavó, morreu há pouco tempo; - *S* - *S*..., que é prima.

Inquérito

- ‘Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?’: Estes aqui: mãe, pai, irmão e avó *N*...

- ‘Como é que essas pessoas são importantes, para ti?’: - Mãe, ensina-me as coisas, dá-me a conhecer novas coisas, tenta-me transmitir os seus gostos, o que para ela é importante, tenta-me moralizar; o pai, faz-me aproveitar os tempos livres, leva-me a passear, convivo com ele; o meu irmão é uma companhia, é uma pessoa com quem se pode falar; a avó, para explicar é complicado! a gente gosta dela mas!... passou muito tempo comigo, educou-me praticamente. Das pessoas vivas são as mais importantes. Os amigos lá da escola também são importantes, são pessoas com quem a gente pode conversar, falar certos assuntos.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

16 anos; frequenta o 9º ano de escolaridade; é o mais novo duma fratria de dois; vive com a mãe, tendo o pai já falecido.

Pessoas representadas no círculo familiar

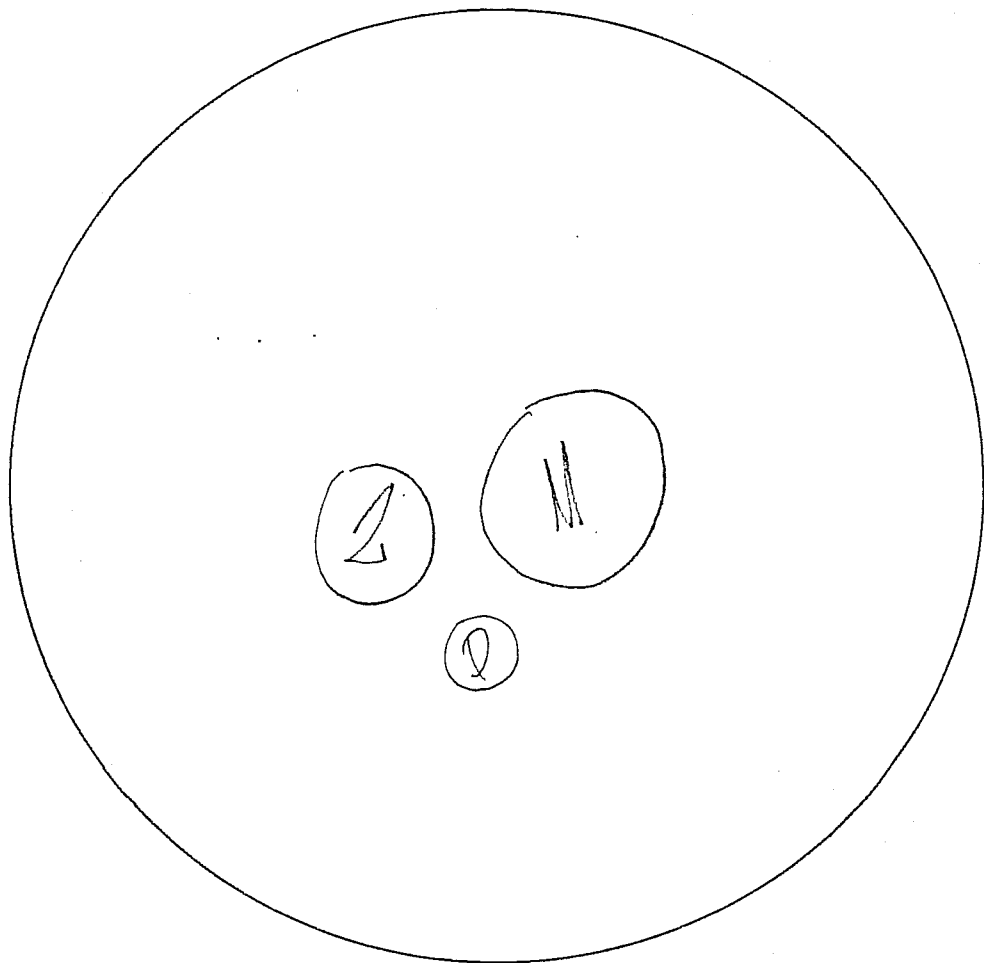
- *P* - sou eu; - *Z* - a minha irmã; - *M* - a minha mãe. São as pessoas com quem eu vivo.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importante?': - Mãe.

- 'Como é que ela é importante, para ti?': - É sempre mãe. A minha mãe já teve mais importância, mas continua a ser importante; quando eu fui mais criança foi sempre uma fonte de orientação. (...) Já sei tomar decisões por mim próprio mas continua a ser importante. A minha irmã foi sempre um apoio em relação ao que a minha mãe é.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

18 anos; frequenta o 12º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de dois; vive com os pais.

Pessoas representadas no círculo familiar

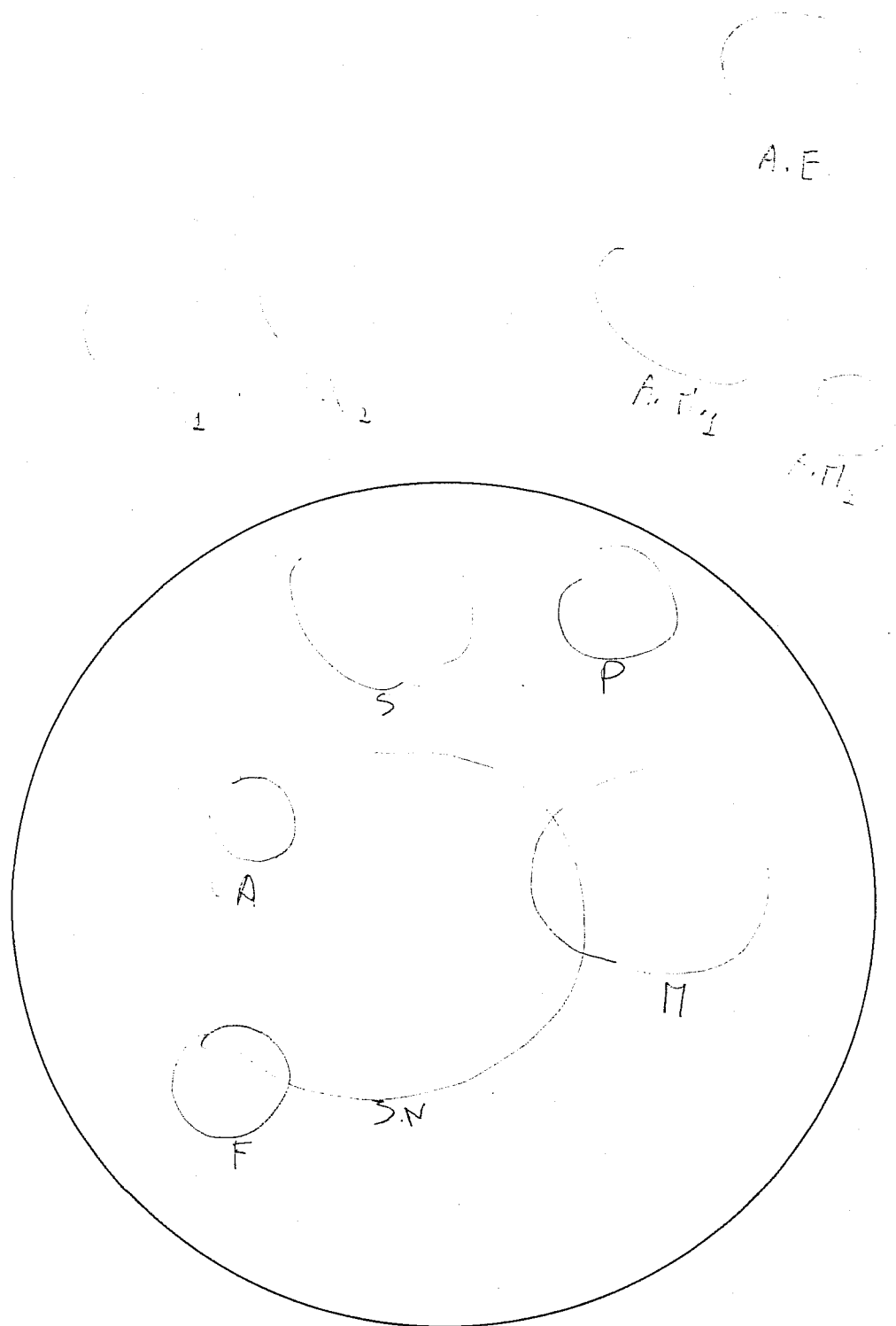
- *JN* - este sou eu, o maior de todos; - *M* - este círculo maior ligado a mim é a minha mãe, sempre esteve e sempre estará ligada a mim; - *F* - a minha namorada, que tem um papel importante na minha vida; - *A* - o círculo de amigos, que têm contacto comigo diariamente..., fazemos todos o mesmo desporto; - *S* - aqui é a minha irmã, que representei fora porque não tem um contacto como as pessoas que estão dentro do círculo, embora também tenha círculo grande mas é completamente diferente de mim!; - *P* - aqui é o meu pai, um bocadinho mais distante, está em contacto comigo mas ainda está dentro do círculo; aqui estão os meus quatro avós: - *AM1* - avó materna, sempre adorei esta avó, embora esteja hoje debilitada, doente, mas tive um contacto óptimo com esta avó; ao contrário do avô materno - *AM2* - com quem tinha uma relação difícil, era muito autoritário; os dois avós paternos - *AP1* - avó, e - *AP2* - avô, que têm os dois mais ou menos o mesmo círculo: sempre me trataram bem. tiveram mais ou menos a mesma atitude para comigo mas não foi assim nada de especial. Podia fazer também os amigos da escola, aqui de fora, aqui mais atrás - *AE* - grupo de amigos que foram colegas do mesmo ano, mas que agora já estão noutra turma ou noutra escola.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - Os que estão em contacto comigo, a minha mãe, a minha namorada e os amigos.

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - A minha mãe dá-me o meu apoio, e sempre deu. Foi ela que me formou intelectualmente. Aqui é mais difícil! (a namorada) uma pessoa gosta doutra, é difícil explicar; não é como a mãe porque dá um apoio diferente, mas igualmente necessário. Depois os amigos é o jogo, é a brincadeira que me resta ainda de criança.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

17 anos; frequenta o 12º ano de escolaridade; é o mais velho duma fratria de dois; vive com os pais.

Pessoas representadas no círculo familiar

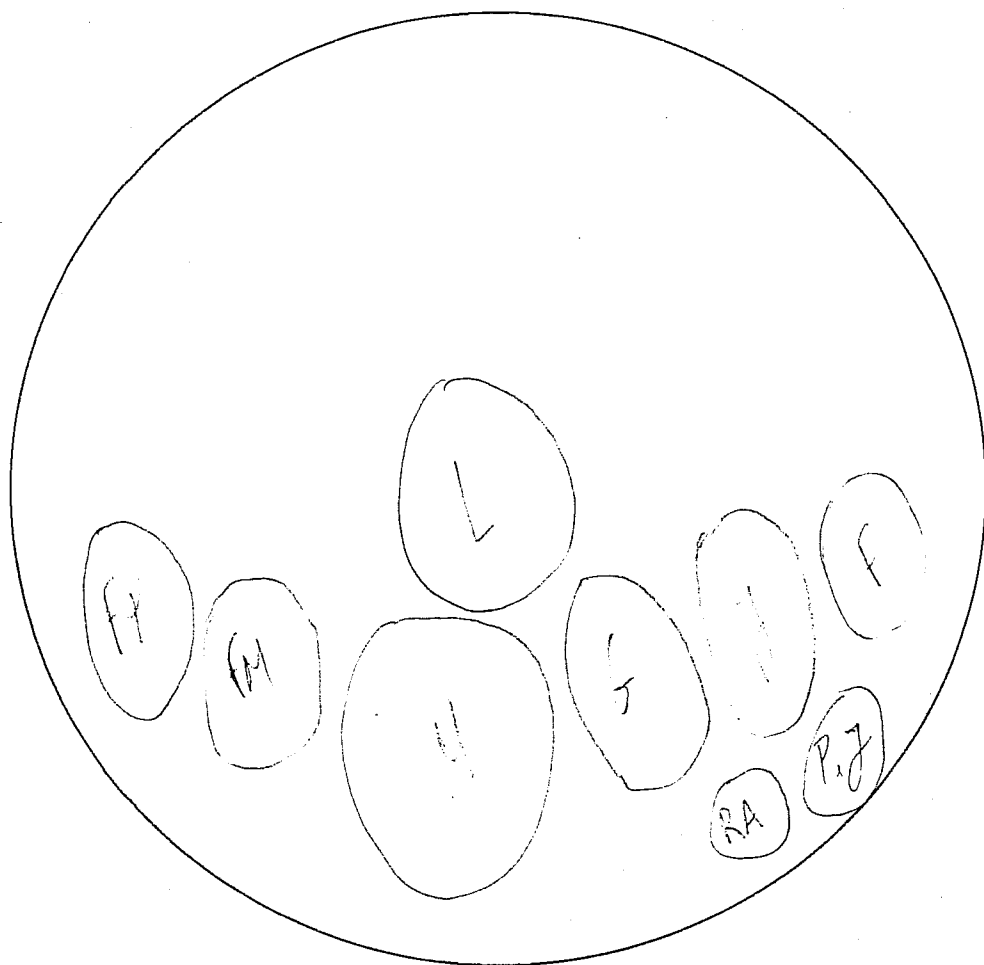
- *FP* - é a família da parte do pai; - *FM* - é a família da parte da mãe; - *M* - é o meu irmão que é *M...*; - *G* - o *G* é a mãe; - *J* - o *J* é o pai; - *F* - é o meu melhor amigo que é *F...*; - *P* e *J* - são outros dois amigos; - *RA* - é o resto dos amigos; - *L* - sou eu que é *L...*

Inquérito

- ‘Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?’: - O meu irmão, a minha mãe, o meu pai e eu.

- ‘Como é que essas pessoas são importantes, para ti?’: - Convivo com eles todos os dias. É claro que fazem sempre muita falta para mim; o meu irmão é sempre meu irmão, apesar de às vezes eu irritar-me assim um bocadinho com ele.

Desenho do círculo familiar



Dados pessoais

14 anos; frequenta o 9º ano de escolaridade; é o mais novo duma fratria de dois; vive com os pais.

Pessoas representadas no círculo familiar

- *M* - é a minha mãe; - *I* - é o meu irmão; - *P* - é o meu pai; - *P D* - o meu amigo *P...*; *J E* - é o meu amigo *J...*; - *J O* - este aqui é o meu amigo *J...*; - *A* - este é o meu primo *A...*; - *J P* - primo *J... P...*; - *T. A* - a minha tia *A...*; - *t. j.* - o meu tio *J...*; - *F* - também é um amigo que é o *F...*; - *P O* - este também é amigo; - *J C* - também amigo.

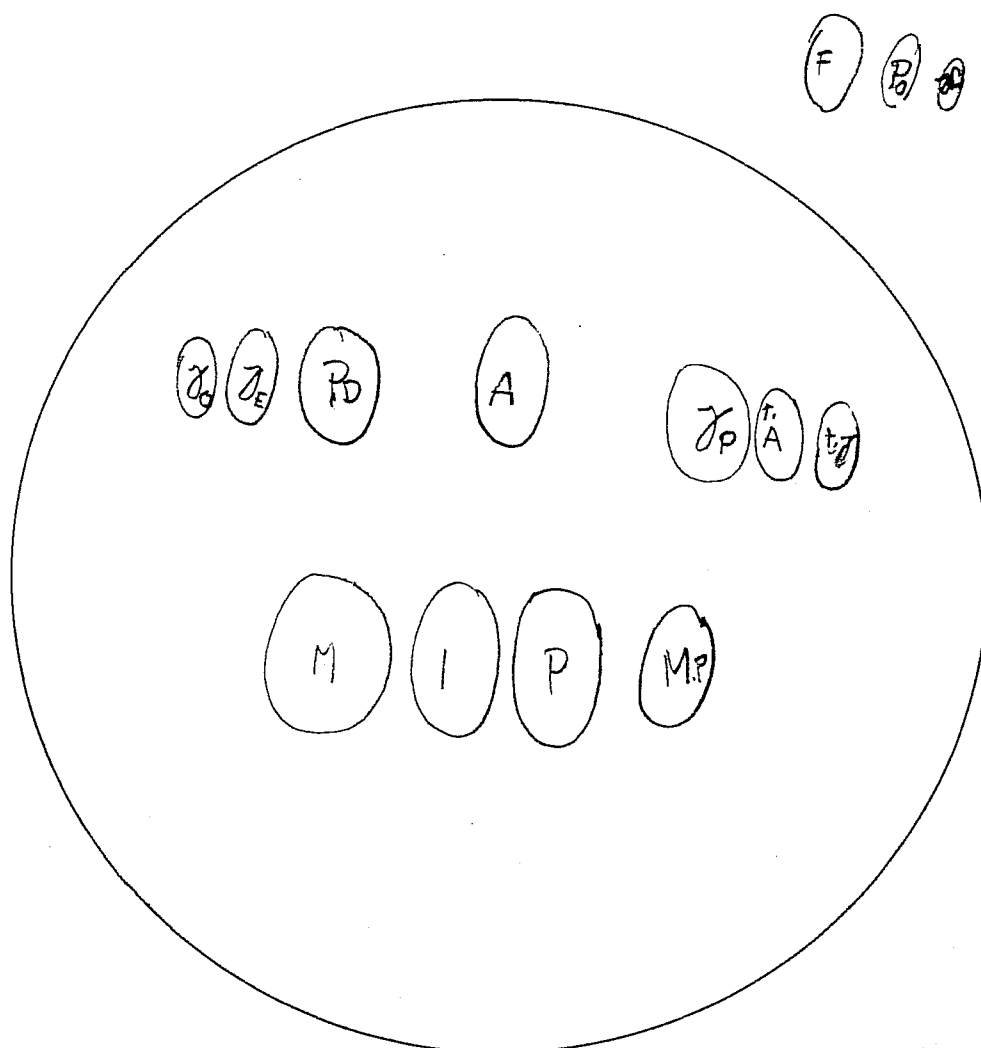
- 'E tu, onde estás?': - (representa-se, acrescentando mais um círculo) - *M P* -.

Inquérito

- 'Quais são, para ti, as pessoas mais importantes?': - É o meu irmão, a minha mãe, o meu pai, o *P...* e o *J...* (- *P D* e *J E* - amigos), também o *A...* que é primo e o *J... P...*

- 'Como é que essas pessoas são importantes, para ti?': - A minha mãe, gosto dela e às vezes também me ajuda; o meu pai também gosto dele..., não sei mais; o meu irmão é amigo de irmão para irmão; e aqui o *P...* é bom colega e conheço-o desde pequenino; e este aqui o *J... P...* é meu primo e divirto-me com ele.

Desenho do círculo familiar



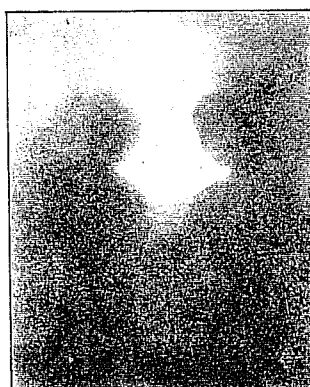
ANEXO II

TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO

PRANCHAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO
(Segundo a ordem de apresentação)



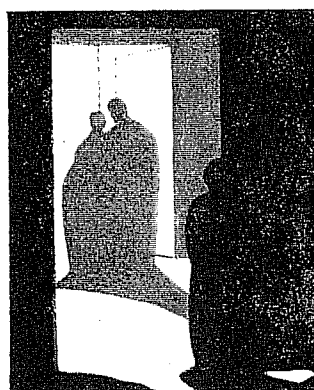
LAMINA 1 (A1)



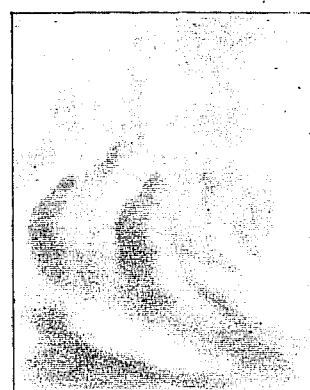
LAMINA 2 (A2)



LAMINA 3 (C3)



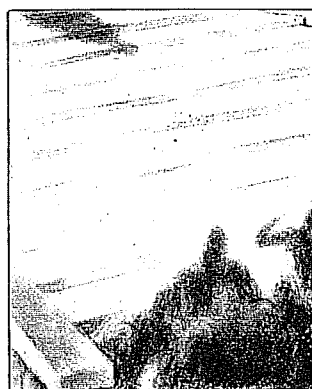
LAMINA 4 (B3)



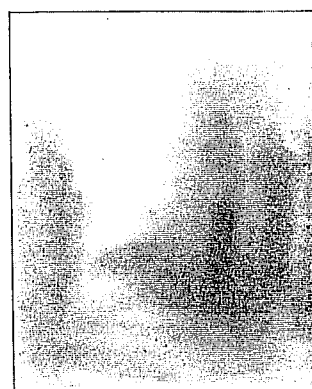
LAMINA 5 (AG)



LAMINA 6 (B1)



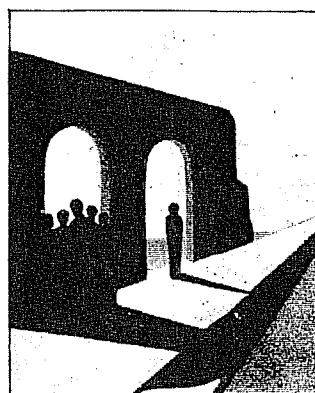
LAMINA 7 (CG)



LAMINA 8 (A3)



LAMINA 9 (B2)



LAMINA 10 (BG)



LAMINA 11 (C2)



LAMINA 12 (C1)

HISTÓRIAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO

1. GRUPO D

Sujeito D1

História A1

5'' - Dizer o que é que parece aqui?

20'' - Uma pessoa, um homem. Quem fez este desenho? E mais outro homem. E não parece mais nada! Parece dois homens. (Podes imaginar alguma coisa sobre esses homens?) Andaram à pêra! Andaram à porrada! Um levou uma pêra e desmaiou. (Podes explicar melhor?) Se calhar por causa da mulher... daquele que está em pé. Depois ele foi-se embora, o que está em pé, e virou-lhe as costas. E quando já estava quase ao pé da porta disse-lhe nunca mais o queria vê-lo lá à porta. E acabou.

História A2

Ai, ai! Isto é, é bravo!

10'' - Uma mulher e um homem. Como é que eu vou fazer isto? Era uma vez um casal que não tinha filhos e eram infelizes. Moravam numa casa escura com uma janela e uma porta. Não trabalhavam..., não tinham comida, eles comiam numa igreja que um padre lá ia levar, e eles comiam a refeição que o padre ia sempre lá levar. E até que um dia, eles foram à igreja e pediram ao padre para o padre os casar. O padre casou-lhes... Isto faz dar a volta à carola! Casou-lhes. Passado uns meses, depois voltaram à igreja e pediram a Deus que tivessem um filho e uma filha. Foram... ena! Agora?!... Pediram uma filha e um filho e depois passado algum tempo, uma noite no quarto (ri), o marido estava na cozinha e ouviu a mulher a gritar. Ele foi ao quarto dela... e viu que ela estava a ter os filhos. Ele correu para a igreja e pediu ao padre que lhe ajudasse. O padre perguntou-lhe... o que é que se passava e o homem respondeu-lhe que os filhos estavam a nascer. Ele correu com o padre rapidamente a caminho de sua casa, entraram no quarto já a sua esposa tinha tido os filhos. Ao certo ninguém sabe como, só ela! E depois foram felizes.

História C3

Ah! Esse já está pintado! Esse já é mais fácil! O que é isto? Estou feito!

10'' - Três pessoas. Era uma vez três amigos, não tinham mulheres, nem filhos, nem família, eram infelizes. Viviam numa casa... numa casa assombrada, dos antigos falecidos reis que já lá tinham vivido. E esses três homens, só um deles é que trabalhava, que era o Paulo: era pintor de construção civil, trabalhava fora numa empresa. E os outros dois eram alcoólicos, batiam no Paulo para dar dinheiro para as bebidas. Isto é difícil!... Até que um dia o Paulo saiu de casa, furioso, e deu de cara com uma rapariga. Ele apaixonou-se, ela também e ele perguntou-lhe se queria vir beber um copo; ela disse que ia. Foram beber um copo a um café aonde tinha uma esplanada; assentaram-se na esplanada, ele pediu um Sumol e ela pediu uma bica. Ele perguntou-lhe de aonde é que ele era, ela disse-lhe que era filha do duque Zara; ele viu logo que era menina de dinheiro. Ela perguntou-lhe quantos anos é que ele tinha e ele disse que tinha 29; ele também lhe perguntou a ela quantos anos é que ela tinha, ela respondeu-lhe que tinha 30. Ele perguntou-lhe rapidamente se eles queriam, se ela queria namorar com ele, ela respondeu-lhe que sim. Passado algum tempo, o duque Zara descobriu que a sua filha andava com um homem pobre. Quando a filha chegou a casa, eram 4 da manhã, o duque Zara perguntou-lhe onde é que ela tinha estado até às 4 da manhã; ela respondeu-lhe que tinha estado com um homem que ela ama. O pai perguntou-lhe que queria conhecer esse tal homem; a filha respondeu-lhe que hoje era impossível... só amanhã... Passou a noite, de dia ela foi à procura do Paulo e disse-lhe que o duque Zara queria-lhe conhecer; o Paulo respondeu-lhe que sim e a menina Ana levou-lhe a casa do pai. O pai tinha armado tudo para falar a esse tal homem, mal a sua filha ia a entrar dentro de casa com o homem, uns guardas agarraram esse homem e tentaram matá-lo. Mas não conseguiu porque os amigos estavam lá para o ajudá-lo; combateram com os guardas do duque Zara e ganharam a batalha. O Paulo ficou com a sua namorada, casaram-se, tiveram filhos, ficaram a viver no palácio do duque Zara mais os dois amigos dele que também tinham arranjado mulher que eram irmãs da Ana. E os três homens foram felizes com as três mulheres. Fim.

História B3

É pá! Essa é já parecida, igual à outra!

25'' - No século XXI uma mulher e um homem que se chamavam Lúcia e Vitor viviam numa casa..., numa casa de pobres, e o Vitor trabalhava à procura de ouro e ela todos os dias descansava, lavava a casa, fazia o comer, passava a ferro, lavava a roupa etcetera. Não tinham filhos, não podiam ter filhos; e um dia saíram os dois e viram um bebé ao lado dum rio. O Vitor correu para ver o que era; quando ele olhou para dentro do cesto chamou a sua esposa Lúcia e amostrou-lhe um bebé, fofinho e bonito. Foram a correr para casa, deram um banho, vestiram-o de roupa lavada, ele fez uma cama de madeira bem feita, comprou a um senhor um colchão de bebé, a mãe..., a senhora, não, a Lúcia comprou-lhe roupa, fraldas, biberons e etcetera. Aprofilharam essa criança como fosse filho deles, meteu-lhe o nome de... que se chamava Hugo, baptizaram a criança numa igreja católica. Agora como é que eu vou arranjar um final?... Depois de ter baptizado a criança foram para casa, meteram a criança a dormir, foram para o jardim, abraçaram-se..., beijaram-se..., quando acabaram de namorar foram para casa dormir, não, descansar a cabeça. E agora fim.

História AG

Ai, ai! Ai, ai! Tanta pessoa!

15'' - Uma vez num cemitério 27 crianças morreram por causa da guerra. Noites e noites a família ficavam ao pé dos filhos que tinham falecido. E uma noite um grande remoinho passou pelo cemitério e levou as campas e as pessoas que lá estavam com os filhos que tinham falecido. O remoinho levou tudo à sua frente, todas as pessoas que lá estavam; só uma é que conseguiu sobreviver e esse homem foi José. Tinha a sua esposa na sua casa, tinha três filhos, era casado, pobre... e bebia um bocado de álcool, nunca tinha abusado no álcool, fumava dois maços de tabaco por dia... E um certo dia ele experimentou ir ver o cemitério como estava. Quando ele olhou já lá não estavam nenhuns corpos, tinha tudo desaparecido. Ele amandou-se para o chão de joelhos e pediu a Deus que lhe trouxesse o seu filho de volta. Foi-se embora para casa... e disse à mulher que o corpo do seu filho já lá não estava. A mulher fartou-se de chorar e passado algum tempo... o homem morreu e a sua esposa quis-se matar também. Isto dá-ma cabo da cabeça! O que é que eu disse atrás, três filhos? Mas não se matou. Os filhos... tinham idade para ir trabalhar com a mãe. Um dos filhos se chamava Miguel, outro Joaquim, outro João. O João era o mais velho e começou a trabalhar para um senhor que era rico. O João apresentou esse tal senhor à sua mãe, a sua mãe ficou toda envergonhada e passado uns dias, o senhor e a mãe dos três filhos começaram-se a dar bem, a namorar. O senhor se chamava David, pediu-lhe a sua mão em casamento; ela respondeu-lhe que não queria casar; ele perguntou-lhe porque é que ela não queria casar; ela disse-lhe que já tinha casado uma vez e não casa mais nenhuma vez. Ficaram apenas namorados. E fim.

História B1

Eh! Esta!

14'' - Era uma vez um rapaz chamado Peter Pan que tinha 15 anos, vivia sózinho numa casa velha. Os pais tinham falecido... em 1993....; nunca tinha tado..., nunca tinha tado numa escola, não trabalhava, não tinha família, etcetera. E uma vez ele estava na cozinha e ouve um barulho estranho no quarto. Alevanta-se, não vê... da cadeira, assobe as escadas que dá ao quarto, aproxima-se à porta do quarto, espreita e vê uma miúda, não, uma rapariga deitada na cama dele. Ele aproxima-se cheio de medo e tira uma velha espingarda do avô dele; aponta para a rapariga sem saber quem era, apontou, a rapariga alevanta-se assustadamente, ele abriu a luz, viu que era uma rapariga e abaixou a caçadeira, espingarda. Ele perguntou-lhe o que ela estava a fazer no quarto dele; ela respondeu-lhe que não tinha onde dormir, nem família, nem casa. Ele aproximou-se dela e perguntou-lhe como é que ela se chamava; ela respondeu que se chamava Isabel; e perguntou-lhe os anos; ela disse que tinha 14; ela perguntou-lhe também o nome; ele disse que se chamava Peter Pan; perguntou-lhe os anos e ele disse que tinha 15. Ele disse que não tinha família, tinham morrido quando ele tinha 7 anos, não,... tinha 13!... E os pais deixaram-lhe a fortuna porque era o único filho. Depois dele ter falado, ele perguntou-lhe quando é que os pais tinham falecido; ela disse que o pai e a mãe tinham falecido tinha ela 1 ano e uma senhora adoptou-a como fosse filha. Era má, tratava mal, não dava comida nem dava roupa. Ele respondeu-lhe se queria ficar na casa dele; ela disse-lhe que queria; ele perguntou-lhe se queria casar; ela respondeu que ainda era nova e que se ele quisesse era só namorado; ele disse-lhe que estava bem. Começaram a namorar. Ele fez os 18 anos passado uns anos e ela fez os

17. Numa noite ela teve um filho, um filho com problemas de saúde. Foi ao médico e o médico disse-lhe o bebé só tinha, como chama aquilo dos olhos? Estrabismo, o meu irmão tinha, a minha irmã tinha, que se ela usasse uns óculos era capaz de ficar melhor; se por acaso ficar pior ou bom ela podia continuar com os óculos, se ficasse pior tinha que fazer uma operação à vista. Ela respondeu ao doutor que queria que o filho fizesse uma operação; o médico respondeu-lhe que o bebé ainda era muito pequeno; então ela disse que o bebé, que o filho podia, ficava com os óculos. A mãe foi para casa, o rapaz tinha chegado do trabalho e foi a correr pelas escadas acima e abraçou... abraçou a namorada e o filho. Ficaram muito felizes para sempre. Fim.

História CG

O que é isto?

12'' - Aqui vejo pessoas, já está a escrever? Não é isso que eu queria dizer senhora!

40'' - Uma vez quase cinco mil pessoas foram ver um jogo de futebol, Benfica - Sporting... E o árbitro começou a dar faltas ao João Pinto; deu-lhe dois cartões amarelos e um vermelho; foi expulso. Continuou o jogo e o árbitro continuava a mandar mais faltas, mais cartões amarelos. As pessoas que estavam sentadas nos bancos não gostaram, começaram a chamar nomes aos jogadores, não, era ao árbitro. Havia 3 - 0, ganhava o Benfica. Passado algum tempo começou o Benfica a perder por 3 - 6 porque o árbitro amandava muitas faltas. Ao último minuto entrou outro árbitro, o Benfica começou a ganhar 8 - 6. Quando esse árbitro (o primeiro) vinha a descer as escadas, já o jogo tinha acabado, o público alevantou-se e agrediu o árbitro. Teve que vir a PSP e a GNR para intervir. Não conseguiram fazer nada, tiveram que chamar reforços. Veio reforços, polícia de choque, agrediu os adeptos do Benfica, alguns foram presos, outras pessoas ficaram feridas, outras levaram tiros, morreram, e o árbitro ficou internado em estado de coma. Muitos homens foram para o hospital, aqueles que estavam feridos, outros foram para a esquadra da PSP e da GNR por terem também agredido a GNR e a PSP. Alguns foram presos e outros absolvidos. E agora para o fim? Passado uns meses o árbitro saiu do hospital numa cadeira de rodas e os adeptos saíram da prisão. Foram todos os adeptos para casa e foi assim que acabou o jogo de futebol. Fim. Não lhe faz mal escrever tanto?

História A3

O que é isto? Três homens? Não escreveu três homens?

30'' - Era uma vez três homens que se chamavam Ricardo, Filipe e Márcio. Eram ricos, tinham mulheres filhos. Um deles foi campeão de luta livre e outro foi campeão de hóquei em patins e outro trabalhava numa empresa de carros. Uma vez foram à igreja, foram pedir a Deus que fossem ainda mais ricos. Saíram da igreja e tava uma criança de 5 anos e uma senhora de 30 anos. O menino perguntou ao Márcio se ele podia comprar um pão; ele virou-se e disse que não; e o menino foi atrás deles sempre a pedir um pão. Ele virou-se e empurrou a criança; a criança foi-se embora. Passado alguns anos ficou pobre, não tinha comida nem casa, nada. Foi para o pé duma porta duma igreja... com os filhos e com a mulher. Passou uns dias e ele continuou na igreja a pedir. Aparece o rapaz que ele tinha dito que não dava-lhe o pão. O rapaz vai a passar, o menino, que já tinha os seus 10 anos, e o Márcio disse-lhe se lhe comprava uns pães. O rapaz virou-se, o menino, disse-lhe que se lembra dele; o Márcio disse que

se lembra. O rapaz disse-lhe, o menino, que viesse com ele. Entram numa padaria comprou-lhe quatro bolos, dez carcaças e um pão grande; deu-lhe. O menino foi ao lado à loja, comprou umas facas, manteiga, fruta, uma caixa de bolos, um queijo, 500 gramas de fiambre e uns yogurtes. Deu-lhe para ele comer. O rapaz perguntou-lhe se ele tinha casa, ele virou-se e disse que não, não tinha casa, que tinham-lhe roubado tudo. E o rapaz agarrou-lhe pela mão, a ele e aos filhos e à mulher e foi viver para um prédio onde tinha tudo o que eles precisavam. Depois, passado um dia, o rapaz disse-lhe que ficassem nessa casa até ele arranjasse um trabalho em condições e disse-lhe também que se ele se lembra quando ele era rico e lhe pedir um pão; e ele disse-lhe que não. Ele virou-se e pediu-lhe perdão. O menino desculpou-lhe e disse que ele podia ficar com a casa; ele disse «muito obrigado». O menino depois foi-se embora para casa dele com a mãe e o Márcio ficou feliz com os filhos e com a mulher. Fim. Ih! Já me doi a cabeça!

História B2

13'' - Era uma vez dois idosos onde viviam debaixo duma árvore e eram cegos. Uma vez apareceu um cão com uma trela e o senhor agarrou no cão e levou para uma casa que estava em frente a essa árvore. O cão tinha a chave dessa casa na coleira e deu ao senhor e o senhor abriu a porta de casa e entrou, onde tinha comida, camas, guarda-vestidos, tinha tudo o que eles precisavam, etcetera, só não tinham dinheiro. O cão correu mais o senhor para um quarto, o senhor alevantou o colchão e tinha lá muito dinheiro. O senhor chamou a gritar a sua esposa; a sua esposa disse para o cão vir-lhe buscar, o cão foi buscar a senhora e levou-a ao quarto. O senhor gostou daquele cão e meteu-lhe um nome que se chamava Bobby. O cão desceu as escadas e começou a ladrar. Veio uma cadela a que o senhor pôs o nome de Lassie. O senhor e a senhora arranjaram um menino que tinham adoptado na rua, porque podiam falecer e passarem aquilo que eles tinham a essa criança. Passado uns anos os senhores morreram quando a criança, o miúdo, já tinha 19 anos. Era escritor, tinha arranjado uma rapariga que tinha-se casado e adoptaram outra criança da rua. E assim o final desta história. Ainda faltam quantas?

História BG

12'' - Eram seis pessoas. Uma das pessoas disse às cinco pessoas que o mundo ia acabar no ano 2000. Acha que acaba?... As pessoas, com medo, fugiram, apanharam o comboio numa estação velha e foram para a Serra da Estrela. Essas cinco pessoas não tinham onde ficar e perguntaram a um senhor se alugava quartos e o senhor disse-lhes que sabia dum sítio. O senhor explicou-lhe o sítio e os cinco rapazes foram alugar cinco quartos. Alugaram os cinco quartos onde era quartos bons. Passado algum tempo mudaram-se para Viseu, compraram uma vivenda com sete quartos. Começaram a trabalhar: um estava a trabalhar em mecânico, outro era carpinteiro, outro era pintor de construção civil, outro era pedreiro e um outro servia mesas num restaurante. Conheceram cinco raparigas, convidaram elas para virem beber uns copos, elas foram, perguntaram o nome deles: um chamava-se Fernando, outro João, outro Luis, outro Carlos e outro Pedro. Eles perguntaram o nome das raparigas: uma era Tânia, outra era Carla, outra era Mara, e Nicole e Vânia. Passou-se uns dias começaram a namorar. A um sábado eles tavam todos numa mesa, num restaurante a jantar, e aparece o rapaz que lhes tinha dito que o mundo ia acabar no ano 2000. Eles

alevantaram-se juntos das mesas e a... a... agrediram o Mário. O Mário pediu-lhes perdão, eles não aceitaram e começaram a a... ai!, a agredir eles. As raparigas meteram-se à frente e os cinco rapazes acalmaram-se. O outro rapaz fugiu e nunca mais apareceu em Viseu. As cinco raparigas e os cinco rapazes ficaram felizes. Moraram todos juntos na mesma casa e foi assim a história dos cinco rapazes, dos seis!

História C2

Este é que devia ser aquele que aponta a espingarda. Só que agora não dá!

45'' - Era uma vez um homem mau, alcoólico e bandido. Apanhou a sua esposa a dormir numa noite, esfaqueou-a. A PSP teve conhecimento do que aconteceu e não conseguiram identificar o corpo. O homem tinha fugido para fora de Portugal. Ao chegar a Espanha arranhou uma casa velha; abriu uma porta e estava lá um homem a dormir numa cama amarela, branca e cinzenta. O homem foi-se embora, viu que a casa estava ocupada. E passou-se anos ele voltou a Portugal. Inesperadamente ele entra na casa onde ele tinha matado a esposa e estava lá a mulher deitada na cama, esfaqueada. Ele começa a gritar; foi direito à cama para esfaquear mais mas não estava lá, foi estilo duma imaginação que ele tinha visto. A PSP entra dentro de casa dele e apanha o homem que tinha matado a esposa e levaram-no para o 50 (a cadeia). 50 era o que a polícia dizia ao meu pai quando ele batia em mim e à minha mãe. Foi preso. Depois de algum tempo foi a Tribunal responder pelo crime que tinha feito e apanhou uma pena de 8 anos. Porque é que ele matou a esposa não se sabe ao certo. Grande mistério! Fim.

História C1

Ih! Esta é uma casa!

5'' - Era uma vez uma casa de luxo aonde muitas crianças gostavam de estar. E uma vez dois rapazes foram viver para uma casa, que eram homossexuais. Essa deve ser mais difícil! É a última! Viviam nessa casa como fosse deles. Esse dois homens morreram envenenados. Ao certo não se soube quem é que os envenenou. Passado uns anos uma rapariga entra naquela casa, por uma janela que viu um copo com líquido vermelho, onde viu seringas e etcetera. Ela agarrou naquilo tudo e meteu no caixote do lixo, limpou a casa como fosse dela, comprou coisas para a sua casa, onde era a sua casa e vivia sózinha, não tinha marido nem filhos. Passado uns dias ela foi ao café e viu um homem; começaram na conversa e depois ela convidou-lhe para ir a casa dela jantar. O homem foi, tiveram a jantar, a seguir de jantar foram beber um café a um café e ele pediu-lhe em casamento. Ela disse que não podia ter filhos e ele disse que não fazia mal. Casaram-se numa igreja e um dia ela teve um filho. Ela gritou de alegria mais o marido e a partir daí ela foi muito feliz. Fim.

História da prancha em branco

Agora não tem nada! Então é já, canja!

5'' - Eram três rapazes, viviam na rua, tinham família só que não queriam eles em casa; eles roubavam, drogavam-se, fumavam droga, bebiam, faziam mal às pessoas. E um dia uma senhora que vinha a passar numa estrada viu um rapaz dos três a passar a passeadeira. A senhora sentiu que eles eram toxicodependentes e adoptou os três,

levou-os para fora de Portugal para se curarem. Curaram-se, ficaram bem na vida, tiveram mulheres, filhos, a família que eles tinham começaram a gostar deles. A mãe dos três rapazes perguntou se eles queriam ir para casa da mãe e eles responderam que não, que queriam ficar em casa dessa senhora que se chamava Maria dos Santos. E a partir dessa altura os três rapazes chamavam de avó. E foi fim desta aventura.

Observação: Durante todo o teste demonstrou enorme prazer, construindo a maioria das histórias sem atender à prancha e andando de um lado para o outro da sala enquanto ia imaginando as histórias. Terminado o teste, sempre que me via solicitava para o chamar novamente perguntando se eu não tinha mais nada para ele fazer.

História A1

Não dá para ver! Só vejo uma pessoa!

15'' - Aqui é um senhor que vai a passar num beco escuro e viu um pedinte. E o pedinte pede ao senhor que lhe arranje qualquer coisa e o senhor arranhou-lhe uma esmola. É só.

História A2

14'' - Aqui são dois amigos a conversar. Este diz para o outro se quer ir à festa de anos dele e o outro responde que sim; e este aqui diz que é num dia qualquer e o outro pergunta-lhe a que horas é que começa a festa; e este responde-lhe as dez e meia da noite. Este diz: «Eu depois apareço lá com um presente para ti». É só.

História C3

10'' - Isto aqui é uma mesa, uma mesa com doces de Natal. Este que está aqui sentado é um amigo destes dois que convidaram para a ceia do Natal. Depois este aqui aceitou ir à ceia do Natal dos amigos. Depois os dois amigos dizem um para o outro: «Feliz Natal»; depois começam a conversar, a brincar. Depois quando este dá por conta pergunta as horas a um dos amigos e um dos amigos diz-lhe que já é muito tarde, são três e meia da manhã. Depois ele diz: «Já não posso ir para casa a esta hora» e pediu aos amigos para o deixarem aí dormir até ao dia seguinte e os amigos deixaram. Depois no dia seguinte este levanta-se e despede-se dos familiares dos amigos e dos amigos e vai-se embora para casa. Já está. Acabou.

História B3

25'' - Isto aqui é um santo (nas duas figuras) à porta duma casa. Não sei mais. Já acabou! (Podes dizer um pouco mais?) Não sei.

História AG

17'' - Isto aqui são pessoas a subir numa procissão, procissão das flores. Depois as pessoas passam por campos e apanham flores para levar à santa das flores e depois metem as flores de volta da santa. Já está.

História B1

2'' - Isto aqui é um quarto todo desarrumado. Isto aqui é um miúdo que queria ir passear com os amigos e o pai disse-lhe para esperar que ia ver como está o quarto dele. Depois encontrou o quarto dele todo desarrumado e disse ao miúdo para ir arrumar o quarto e para depois o miúdo ir falar com o pai. O miúdo entrou no quarto, começou por arrumar a roupa, a cama, os brinquedos e depois foi buscar uma vassoura para varrer o quarto e um balde com uma esfregona, água e detergente para lavar o quarto. Depois o miúdo foi falar com o pai e pediu ao pai para ver se podia ir com os amigos para passearem...; depois o pai disse que sim e para vir para casa antes

do jantar. E o miúdo e os amigos foram passear. Depois o miúdo quando deu por conta já passava da hora do jantar. O miúdo despediu-se dos amigos e começou a correr, a correr, pelo campo fora! Pelo mato! Montanhas! E chegou a casa e bateu à porta. O pai veio, abriu a porta e puxou o rapaz para dentro de casa e perguntou-lhe porque é que ele não veio à hora do jantar; e o rapaz disse-lhe que estava distraído a brincar e a conversar com os amigos. E o pai disse: «Isso não é desculpa» e começou-lhe a bater; e o rapaz, com raiva do pai, saiu de casa e nunca mais foi para casa. Depois para sobreviver lá fora, o rapaz começou a roubar e isso. E os polícias apanharam-no e levaram-no para a esquadra; depois da esquadra levaram-no para um Colégio de Reinserção Social. Já acabou.

História CG

2'' - Isso aí é um paraíso para os animais!, para as plantas!, para as árvores!, para as pessoas!, onde nunca acontece nada de mal a ninguém. Até que um dia apareceu um rapaz misterioso no paraíso, onde começavam a desaparecer as coisas às pessoas. E quando depois as pessoas começaram a revistar todos, o rapaz misterioso e tudo, depois não encontraram ninguém com nada. Depois as pessoas começaram a dizer que isto era muito suspeito porque ninguém não tinha nada e os animais não podia ser. Depois pensaram: «Já sabemos quem foi! Talvez foi o feiticeiro da montanha velha». E depois o rapaz misterioso foi à montanha mais velha que existia lá e encontrou as coisas todas das pessoas dentro duma casa velha!, abandonada! Depois o rapaz agarrou no feiticeiro e nas coisas e levou às pessoas. As pessoas prendiam o feiticeiro. Depois o feiticeiro fez um feitiço para destruir o paraíso. Depois o paraíso foi queimando!, pedras das montanhas a caírem!, os animais matavam-se uns aos outros!, as pessoas matavam-se também umas às outras. Morreram todos. Depois o feiticeiro sobreviveu e fez um feitiço para que o paraíso renascesse, mas sem as pessoas. Depois o feiticeiro ficou com o paraíso para ele. É o fim da história.

História A3

6'' - Isto são três amigos a conversar. Só. Mais nada! Sobre festas!, bailes!, casamentos!, baptizados!, aniversários! e matanças de porcos! e borregos! Mais nada.

História B2

5'' - Isto aqui são dois amigos que estão à espera dum amigo que está na casa, para irem passear ao campo!, à feira!, às festas!, ir aos carrocéis!, aos carrinhos de choque! Depois regressam todos para casa mas um dos amigos disse para os outros dois: «Eu nunca mais vou para casa»; e os outros dois disseram: «Então também não vamos, ficamos por aqui». E depois continuaram a ir todos os dias à festa. Mas no primeiro dia que eles fugiram, dormiram dentro dum prédio, depois no segundo dia arranjaram assim um sítio para dormir, depois no terceiro dia arranjaram um trabalho. Depois iam trabalhar e ficaram assim para sempre e depois a família nunca mais soube deles. É só.

História BG

4'' - Isto aqui são pessoas a ver para o mar! E mais nada! (Tenta imaginar mais um pouco) Não sei!

História C2

6'' - Isto aqui é um quadro, este desenho todo, que um homem comprou para oferecer a um amigo que estava doente no hospital... (E depois?) E o amigo que estava doente no hospital agradeceu-lhe e depois disse que quando ficasse melhor ia ter com ele a casa. E fim. (Boceja..., olha à volta da sala).

História C1

4'' - Isto aqui é uma sala de jantar onde vão muitas pessoas! Organizaram um banquete para pessoas pobres e idosos! Onde os pobres foram e idosos também. Acabou. Não sei mais.

História da prancha em branco

Não consigo... Não sei... Não sei...

História A1

6'' - Isto é um homem... Isto é preto e isto é uma moldura, não é? Há mais coisas? Um desenho! (Podes imaginar uma história?) O homem está numa floresta, está a ver quem passa e está a ver os animais todos. E não está a ver mais nada! Acho que não é mais nada.

História A2

3'' - Ah! Aí estão a namorar; estão na casa deles a namorar, estão a conversar e depois vão andar de carrinho, depois vão passear! Vão ao café!, comer bolos. Mais!?... comer caracóis ao restaurante..., pintar a casa deles, e ele ir à pesca, e ela a fazer o almoço, e ele faz o jantar... Acho que não é mais nada.

História C3

Hum!

7'' - Ah! Aqui estão a beber o café, a tomar o pequeno almoço. O que é isto aqui? (no vermelho). Este senhor está na cama dele a tomar o pequeno almoço e este não sei o que está a fazer. Isto são desenhos, não é? Este deve ser o pai dele, não é? Pode ser o pai: vai dar o pequeno almoço e depois vai para a cozinha fazer o pequeno almoço também. E isto é um sofá. Pronto! Mais nada. Isto aqui é o quê? (no vermelho): uma maçã, não é? Uma maçã que ele amandou para o ar. (Podes explicar melhor?) O pai estava nervoso e amandou para o ar. Isto é um candeeiro, isto é uma mesa de cabeceira. (O que é que aconteceu entre eles na história?) Se calhar chateou-se com ele! (Ele?) Com o filho.

História B3

7'' - O que é que é isto? (duas figuras)

15'' - Aqui vão à missa, à igreja ..., e o senhor está a ver, é o padre, este é o padre; e esta é a porta onde eles saem e este preto que está aqui à volta é a parede. Isto (duas figuras) é um vestido e o homem tem umas calças e um casaco e uma gravata e uma camisa. (Podes explicar melhor?) O homem e a mulher saem de casa para irem para a igreja. Mais nada. Já está.

História AG

1'' - Isto são homens que estão na praia a apanhar sol e a fazerem um pic-nic na praia. E estes convidaram estes para irem comer. E eles estão cheios de frio porque o sol já se abaixou e eles foram-se embora para casa. E depois saíram para ir ao Pingo Doce comprar coisas para casa (baixa a cabeça sobre a mesa e esconde-a nos braços): óleo, champô para lavarem, sabonetes, escova de dentes, pente, mais o quê?: Roupas, batatas, azeite e vinagre, o que mais?: Foram comprar bolos para fazer uma festa, foram comprar velas, mais o quê?: Foram comprar um guarda-chuva para a chuva, umas botas de borracha para a chuva e mais o quê?: Um frigorífico, uma cama, um guarda-vestidos, duas mesas de cabeceira, dois candeeiros, um sofá para a casa de

jantar, um sofá grande e dois sofás pequenos, foram comprar uma televisão e vídeo, mais o quê?: dois candeeiros já disse e duas mesas de cabeceira. E depois já não queriam ir comprar mais nada.

História B1

3'' - Isto é uma cama, isto é o quarto deste rapaz, isto é um espelho. Ele foi à casa de banho e depois foi para o quarto outra vez. Isto é uma toalha. Isto é as escadas aonde ele vai descer, vai à casa de banho e depois vai descer, vai comer qualquer coisa. Isto é para quê? Isto é a parede, este preto aqui, isto é a porta onde ele saiu. Mais nada.

História CG

3'' - Isto é uma piscina onde eles vão nadar (baixa a cabeça sobre a mesa), uma piscina onde eles podem todos nadar. (Podes dizer quem são eles?) São rapazes que vão para a natação, vão para a piscina e depois quando chegar a hora da noite vão saírem, depois vão tomar banho, vestem-se, depois vão para casa, vão almoçar. O Francisco convidou eles para ir a um restaurante (muito irrequieto, mexe a cabeça). (Podes dizer quem é o Francisco?) É amigo. Mais nada. Já chega.

História A3

9'' - Isto são dois homens, são três homens, estão em casa, vão sair ao baile. Depois do baile vão dormir, depois acordam de manhã, tomam o pequeno almoço e depois vão para a escola, estudar. E depois da escola vêm para casa, vão andar de bicicleta e a bicicleta partiu-se e eles tiveram que ir arranjar à oficina de bicicletas. Mais! Deixa lá ver! (Assobia) Deixa lá ver!... Isto não sei o que é que é (cinza sobre as figuras), isto preto que está aqui! Mais nada.

História B2

9'' - Ah! Esta é uma casa, uma árvore, eles agora vão para casa, vão fazer o quê!? Deixa-me lá ver! Vão arrumar a casa toda, vão aspirar a casa toda, vão passar a ferro a roupa, vão arrumar a roupa e vão arrumar as coisas para irem de viagem, para irem para a América... para estarem lá uns dias e para depois voltarem outra vez, para pintarem a casa toda e irem buscar a fruta à árvore. E depois cortar a relva com a máquina e com uma máquina-cantos para cortar os cantos. (Podes dizer quem são 'eles'?) São dois senhores. Mais quê? Deixa-me lá ver agora!... Pintar as janelas, pintar a porta, pintar o quarto deles, e mais quê? Pôr uma alcatifa no chão. Mais nada.

História BG

5'' - Ah! Isto estão a arranjar esta parede com umas obras e estão a imaginar para fazer outro muro, três muros, para fazer a casa deles. Como isto era uma igreja, eles quiseram desmanchar porque estes não tinham casa, dormiam na rua, e depois quem dava comer todos dias era o padre. E pôs o telhado, depois isto é o chão, é a rua aonde eles passam, passam os frades, passam eles todos. Já está.

História C2

1'' - Isto é uma casa, yes! Onde ele agora vai para a cama, vai dormir. Amanhã vai trabalhar, vai a fazer casas e depois vem descansar a casa, vem almoçar e depois entra às duas, pega às duas e sai às seis. Mais o quê? E depois vai passear ao jardim. E depois tentou deixar o trabalho porque tinha que ir à França buscar a família dele toda. E mais o quê? E depois vieram todos para casa, foram ao McDonald, foram comer hamburguer, pão com hamburguer. Já está! (ri). É para despachar mais rápido!

História C1

1'' - O que é isto? É uma casa, isto é uma janela, uma porta, uma mesa, uma cadeira, um prato, um copo com água e isto é uma torneira, isto é a casa de banho, isto é uma cortina, isto é o chão, isto é o tecto, isto é uma cortina, isto é os azulejos, isto é uma toalha que está em cima da mesa, isto é a sanita, isto é um prato com a sopa e isto é um prato com salada e isto são os talheres, isto é uma coisa para matar moscas e isto são portas e isto são vidros que estão na janela e isto é um vidro que está na porta também. Já está. É uma casa.

História da prancha em branco

0'' - Isto é uma casa, uma porta, isto é uma garagem de automóveis. É uma oficina, é onde têm ferramenta e a janela tem grades e isso para ninguém ir assaltar. E aqui é a casa de banho, aqui é a sala de jantar, aqui é o quarto deles, aqui, aqui, aqui é o quê?... Aqui é... não, aqui é o sol, aqui é as nuvens, aqui é os passarinhos, aqui é a água com peixes e com patos, uma árvore com maçã, um lago com patos..., aqui é um armário, aqui há uma cama e aqui é a sala de convívio onde está os livros... e aqui é o futebol onde eles vão jogar à bola, aqui são as balizas; aqui há um risco, no meio há um risco, aqui são os cantos aonde estão as bandeiras para dizerem que é o canto. Prontos já está.

Observação: Sempre muito irrequieto durante todo o teste.

História A1

Isto aqui é o quê?

7'' - Acho que este homem aqui está a passear na floresta. (Podes imaginar mais?) Está-se a passear. Mais nada.

História A2

Isto aqui é o quê?

15'' - O homem está-se assentado no jardim a ver os meninos a brincar e depois disse aos meninos se querem ir comer um gelado; e depois disseram ao senhor «obrigado» e o senhor disse «nada». Depois encontraram o homem noutro dia, depois o homem foi falar com a mãe e disse que este era o amigo dele, e disse-lhe que era meu amigo.

Isso tudo?

História C3

5'' - O homem está na coz..., no café! Pagou aos homens vinho e os homens disseram que estavam contente por ele pagar um vinho. Depois deu a um homem 1000\$00 e o homem disse «obrigada». Depois o homem foi para casa, foi descansar-se na cama. Já acabou.

História B3

10'' - O homem está numa casa, mandou comprar châruto e depois fumaram, ficaram contente. Depois o senhor mandou vir garrafas de Whisky; depois o senhor disse: «Amanhã a gente encontramos lá na estrada de Lisboa». Já está.

História AG

Faltam quantas?

O que é isto?

5'' - Está muitos homens de pé no café. E acabou. E depois foram para uma piscina e depois tinha um homem que sabia fazer muitos truques; depois fez uma pirueta para trás; depois todos bateram palmas e mandou vir uma garrafa de cerveja. Depois a senhora veio chamar: «O tempo já acabou». Mais nada.

História B1

(Ri)

2'' - O senhor vai para a cama para descansar a cabeça. Amanhã começou a arrumar o quarto e depois o quarto ficou limpo. Depois o senhor quando chegou, o quarto já está tudo desarrumado e depois o homem limpou o quarto de novo e o armário estava no chão. E depois tinha um amigo que tinha-lhe ajudado a arrumar o quarto; e depois o amigo foi-se embora. Acabou.

História CG

7'' - Isto aqui é na piscina! Era uma vez um homem que estava na rua e estava muito vento. Depois o vento empurrou-lhe, caiu para o chão. Depois veio um filho veio-lhe ajudar a levantar do chão e foram os dois cair dentro d'água porque o vento levou; depois afogaram. Depois estava lá um homem que era nadador-salvador, foi-lhe ajudar para não se morrer. Depois o homem pegou num, depois o homem tinha que ir buscar o filho do homem para não se ir lá para baixo; depois o homem apegou o miúdo na mão, depois começou-se a pegar na bóia; depois chegaram à terra, começaram a descansar e depois acabou.

História A3

Ih!

3'' - Era uma vez um miúdo que estava a subir à árvore, depois caiu. Depois estava um ladrão que queria roubar o miúdo para se vender. Depois chegou um homem e o homem disse para deslargar. Depois o homem começou a lutar com os dois bandidos. Depois um homem ficou a tirar sangue pelo nariz; e depois o senhor disse-lhe que lhe ia apanhar. O senhor pegou no outro dia e pegou só um. Depois o outro foi para a esquadra. Depois o miúdo que tinha subido à árvore disse para prender o homem. Já acabou.

História B2

Falta quantas?

7'' - Era uma vez um homem que estava a brincar com um cão. Depois o homem foi à loja roubar coisas para o cão comer, para não ficar com fome. Depois o cão começou-se a ficar com o homem, depois o homem ficou-se com o cão; depois o homem comprou uma coleira. Depois o homem meteu o cão na corrida, o cão ficou em primeiro lugar. Acabou.

História BG

3'' - Era uma vez um homem que estava na igreja a rezar para a morte do pai. Depois comprou uma flor e meteu em cima do colchão; depois disse «adeus». Depois foram comer, foram beber. Depois o homem que foi entregar a flor comprou bebidas e isso tudo para fazer uma festa e depois acabou.

História C2

4'' - Era uma vez um homem que estava sózinho numa casa. Depois estava a fazer comida para comer; depois o senhor ficou contente. Depois o homem foi dar comida às vacas, as vacas começaram-se a abanar o rabo porque o comer era bom. Depois o homem deixou a vaca ir brincar. Depois o homem assentou-se em cima da vaca. Depois acabou.

História C1

1'' - Era uma vez uma casa que estava suja. Depois apareceu dois homens começaram a limpar isto tudo, compraram mobília para meter no quarto, mesas, bancos e ainda por cima comeres. Depois um homem varreu o chão, depois o senhor disse que esta casa vai ficar para mim. Depois um homem começou-se a lavar as loiças e isso tudo, meteu as luzes, a lâmpada. Depois comprou água, a luz, isso tudo. Depois já acabou.

História da prancha em branco

5'' - Era uma vez um miúdo que estava a subir uma árvore. Depois estava dois ladrões queriam roubar o miúdo para vender. Depois chegou um homem e disse para deslargar o miúdo. Depois o homem começou-se à luta, depois o homem começou a deitar sangue pelo nariz e disse que amanhã vamos encontrar. Depois pegou-lhe ontem. Depois levou-lhe para a esquadra, ficou lá preso. Depois também fez a mesma coisa ao outro. Já está.

História A1

15'' - Não estou a ver nada.

35'' - Isto aqui parece que é um homem. Mais nada. (Podes imaginar qualquer coisa mais?) Ele estava a ir para o trabalho, de noite. (Podes dizer mais um pouco?) Não dá!

História A2

5'' - É uma árvore da Natal (espaço central) cheia de prendas. Não tem mais nada para dizer.

História C3

3'' - Isto aqui é um pai, um pai não, um senhor que está a jantar e o outro está sentado em cima dum sofá e outro está em pé. Mais nada. Não! É só dois: é um senhor e um é uma mulher que está a limpar o vidro.

História B3

15'' - Está dois senhores, uma senhora e um senhor a namorar, e a outra está a ver. (Podes dizer mais um pouco?) Mais nada.

História AG

10'' - Estão seis homens que estão na praia a bronzear. (O que mais podes imaginar?) Mais nada.

História B1

3'' - Um senhor que levantou da cama para ir beber um copo d'água e caiu na escada. Foi para o hospital e o médico disse que ele tinha uma perna partida. Ficou três meses sem levantar da cama. E mais nada.

História CG

3'' - É uma montanha e um senhor que ia subir lá em cima para ver a paisagem. O senhor escorregou, deu com a cabeça no chão e depois veio um porco-espinho (ri) e correu atrás do senhor e deu com o senhor com o espinho no corpo. Já acabou.

História A3

2'' - Eram três senhores que estavam a tocar viola na rua. Depois apareceu um senhor muito rico que disse se eles querem ir tocar para ele num salão. Eles fizeram um grande sucesso e ficaram ricos. Já acabou.

História B2

2'' - Era um senhor que estava debaixo duma árvore e veio uma trovoadas, deu na árvore, a árvore caiu e os senhores correram para dentro dum prédio. Depois disse a uma senhora, uma dona dum prédio, se podia deitar lá; a senhora disse que sim e deitaram lá. Acabou.

História BG

6'' - Estava cinco senhores a falar debaixo duma ponte e chegou um estranho e lhe perguntou as horas (aos senhores); ele (os senhores) disse que não tinha horas; depois ele (o estranho) perguntou se não conhecia... o Brasil; o senhor disse que não; depois lhe perguntou se não sabia aonde ficava uma cabine e o senhor disse que ficava lá ao fundo; o senhor (o estranho) foi telefonar. Acabou.

História C2

4'' - Era um senhor que ia deitar, encontrou o gato em cima da cama do senhor. Depois o gato arranhou o senhor na cara, o senhor fugiu, foi buscar um balde com água para dar ao gato com ela. O gato fugiu nunca mais veio. Já está.

História C1

5'' - Estava um senhor a tirar a mesa do café e a lavar as loiças. Depois abriu a janela, pôs a loiça na máquina de lavar e varreu o chão e foi para o trabalho. Já acabou. Inventei o senhor!

História da prancha em branco

4'' - Era uma vez uma menina que ia lavar a roupa lá no rio. Depois ela pôs a roupa na água, a água levou a roupa. Depois ela foi entrar na água para apanhar a roupa e afogou. Um senhor que estava lá perto que lhe salvou. Casaram e tiveram filhos. Acabou.

História A1

Isto é o quê?

15'' - É um senhor. (Podes imaginar alguma coisa?) Numa noite de lua cheia, dentro duma floresta. (O que mais pode acontecer na história?) E veio muitos lobos atrás dele. E os lobos, infelizmente, não conseguiram o apanhar. É aqui que acaba a história.

História A2

5'' - Era duas pessoas, estão apaixonados um pelo outro. (Podes dizer mais qualquer coisa?) E estão felizes... (ri)... e estão de mão dadas e vão viver juntos para sempre e muito felizes.

História C3

(Ri, olha para mim)

30'' - Eram dois senhores e uma senhora num café a tomar chá, num café não, era numa sala a tomar chá e a conversar e a ouvir música. Aquela senhora e o marido dela eram muito rico e o rei daquele região foi visitar a mulher do senhor rico, que a mulher dele estava grávida. E quando o filho da senhora nasceu o rei foi lá visitá-la outravez, pintaram a casa de côr de rosa e de cinzento. E assim viveram felizes para sempre.

História B3

12'' - Esta agora é mais difícil... não consigo! É muito difícil.

23'' - Era um senhor e uma senhora foi ao salão de dança. Era uma festa em... era no palácio do rei. Foi o filho do rei que nasceu e o rei convidou todos pessoa daquela região. A festa foi bonito e o rei ficou muito contente. E quando a festa estava a acabar o rei e a princesa foram-se num quarto ver a criança e assim ficaram felizes para sempre.

História AG

Ih! (Deita a cabeça sobre a mesa) Ih! iii...

25'' - Era numa terça houve um terramoto de terra e muitos, e muitas pessoas morreram, outros ficaram feridos e outros ficaram sem casa. Não tinham nada de fazer. (Como acaba a história?) E viveram tristes.

História B1

5'' - Um ladrão foi assaltar uma casa duma senhora que era muito rica e matou os filhos que estavam lá dentro da casa e foi-se embora, levou o dinheiro todo e as joias e deixou a porta aberta. E assim acaba a história.

História CG

10'' - Era num estádio, uma equipa perdeu e começaram à porrada uns aos outros, outros ficavam aleijados, outros feridos, outros a sangrar e ficaram muito aleijados, amandaram pedra, muita pedra. E assim acaba a história.

História A3

(Olha para mim)

20'' - Aqui não significa nada!

40'' - Eram dois ladrões à espera num beco, que se passar alguma pessoa matavam e tiram o dinheiro, e se fôr uma senhora e depois matam. Passou um senhor disfarçado, era um polícia mas era um polícia bem disfarçado que foi passar naquele beco. E os ladrões já conheciam a polícia e não fizeram nada, ficaram encostados na parede com a mãos cruzadas. Já acabou.

Só faço mais duas!

História B2

15'' - Era numa noite escura. Não! Numa noite calma andava nenhuma pessoa na rua sem ser uma senhora e um senhor que tinham casado naquele dia e foram ficar debaixo duma árvore que era o jardim dos apaixonados. E assim viveram felizes para sempre.

História BG

40'' - Era um dia de voto... e as pessoas tinham que se votar num presidente (levanta-se, dá uns passos e volta a sentar-se), reuniam-se onde era o local de voto. E ganhou um presidente, era o Mário Soares e ficou muito contente.

História C2

3'' - Era um senhor muito pobre, vivia numa casa velha e não tinha onde comer e pedia esmola na rua. E quando chegou a casa foi um milagre: encontrou uma cama bem feitinha e gaveta arrumada e um espelho novo, não tava partido nem nada, e uma porta nova e o jantar estava tudo feito. E ele ficou muito contente e naquele dia comeu bem e ficou muito contente. Naquele dia era o dia mais feliz da sua vida.

Os outros fizeram todas?

História C1

15'' - Aqui não está nenhuma pessoa!

35'' - Vivia um senhor muito contente na sua casa. Levantou de manhã cedo, tomou o pequeno almoço, arrumou a cama e tomou o seu pequeno almoço e não arrumou a cama porque estava com muita pressa. Já estava atrasado para ir ao trabalho, deixou o café como estava e o banco e migalhas de pão. E assim acaba a história.

História da prancha em branco

7'' - Esta agora foi boa!

45'' - Eram muitos rapazes em grupo, assaltaram uma senhora e depois fugiram todos. E foi um rapaz que não sabia de nada, foi sentar junto com um rapaz que assaltou a mulher... E veio a senhora com o marido dela e o filho dele, agarraram o miúdo que estava que roubou o fio da senhora e o outro miúdo não fez nada e chamaram a polícia. Levou o miúdo que não fez nada e o rapaz que roubou o fio e foram à esquadra. O polícia perguntou ao miúdo que não fez nada quem estava no grupo e o miúdo não sabia quem era e revistaram o miúdo que não tinha o fio. Revistou o miúdo que roubou à senhora o fio e depois mandaram-no os dois ao colégio, como chama isto aqui?... Ao colégio do São Bernardino. E o miúdo que não fez nada pagou também as favas. Assim acabou a história.

História A1

O que é isto? Sei lá imaginar com isto!

20'' - Um homem a andar na rua e uma criança, é menina. E muitas árvores e dois bombeiros à frente e um rapaz de joelhos. E o homem andava a andar na rua a olhar para o céu. O rapaz está a pedir socorro. Depois os bombeiros salvaram o rapaz. E a menina também está a passear na rua.

História A2

10'' - Isto é um rapaz a fazer namoro em casa com uma rapariga e a olhar para fora da janela, a olhar para a rua, e o céu vai reflectir neles. E o rapaz com a rapariga com a mão dada.

História C3

20'' - Uma discoteca a servirem cocktails, vodka, e a fazer sexo lá dentro. E a casa cheia de luzes às cores e os homens a beberem vinho e bebidas alcoólicas. São vários homens e mulheres.

História B3

7'' - A sombra de um homem e uma mulher a fazer sexo e a beijarem-se ao mesmo tempo e todos nus, em casa, no quarto, e deitados na cama. Estão aqui (3ª figura) a reflectir.

História AG

10'' - Isto é vários homens a descer a escadaria de Nª Sª dos Remédios e tem muitas árvores, é uma escadaria muito grande. Os homens foram à Missa.

História B1

8'' - O homem vai a chegar a casa e encontra ao cimo da escada a porta aberta e tinha lá um ladrão dentro. Quando foi a entrar dentro de casa sem fazer barulho, encontrou um homem com a mulher dele na cama. E o homem que entrou em casa sem fazer barulho e que encontrou os dois na cama, foi buscar uma caçadeira de cano serrado e deu um tiro no outro homem, no ladrão que estava na cama com a mulher. E depois a mulher correu com o homem, com o marido, por causa dele ter matado o outro homem que estava na cama com ela. Depois a mulher ficou a tratar do homem que levou o tiro.

História CG

5'' - Um riacho com muitas árvores dos lados. E na água via-se uma sombra de um homem em cima de um barrote e que reflectia na água. (Podes dizer mais um pouco sobre esse homem?) O homem estava a olhar para o riacho.

História A3

5'' - Três homens à caça. Passou um coelho e um deles deu um tiro, o outro também amandou um tiro no coelho e não o conseguiu matar. Veio o outro com a pressão d'ar e amandou-lhe um tiro e matou-o logo. E quando os outros dois homens viram que ele matou o coelho, andaram os três homens à guerra a dizer «o coelho é meu! o coelho é meu!». E aquele que amandou o tiro que o matou resolveu e disse-lhes: «vamos partir um bocado do coelho para cada um». E um dos homens disse: «eu não quero assim». E o homem: «cabecinha pensadora!». Depois chegaram a acordo e ficou um bocado do coelho para cada um.

História B2

5'' - Dois homens debaixo de uma árvore e a chover muito e a olhar para um prédio. E esses homens viram duas pessoas a fazer sexo e viram a beber dentro doutra janela tipo discoteca com muitas luzes. Já acabou.

História BG

4'' - Estava um homem em cima de uma ponte e um homem à frente dele a querer empurrá-lo, matá-lo, enforcá-lo. E empurraram e ele morreu, caiu dessa ponte para a água. (Podes dizer onde é que estão esses homens?) Aqui este e o outro que empurrou (refere-se apenas ao grupo).

História C2

2'' - Um homem achou um túnel, uma passagem secreta e foi ver até onde é que ela ia dar. E chegou a certo sítio que viu um dinossauro pequenino à frente dele e que o dinossauro mordeu-lhe na ponta do nariz. Depois o homem fugiu de dentro do túnel a trezentos à hora, e de repente fechou a porta com uma força que parecia que alguém ia-o matar.

História C1

5'' - Uma casa toda velha que dois ladrões assaltaram essa casa e tinha a mesa dessa casa com muita comida boa em cima dessa mesa. E os dois ladrões comeram e roubaram o ouro e levaram as coisas mais valiosas que tinha em casa. E depois ouviram o dono dessa casa e fugiram pela janela da cozinha.

História da prancha em branco

Não sei... não sei...

História A1

10'' - Para dizer o que é que eu acho daqui? Não estou a ver nada! Só um homem. (Tenta imaginar alguma coisa) Um homem com umas coisas pretas à volta, parece que é a luz que está apagada. Depois está a parecer aqui uma pessoa sentada, ao lado. O homem com os braços cruzados. Aqui já não sei mais nada. (O que imaginas que se passa aí?) Parece que eles estão a falar, o homem virado de costas para o outro. Não consigo mais nada... não consigo.

História A2

8'' - Este aqui é uma mulher e um senhor, parecem estar a ver para o chão, a falar, de braços dados. Até parece que o senhor está a falar e a miúda a consolar. Parecem estar tristes os dois, no escuro. Não consigo dizer mais nada. (Podes dizer um pouco mais?) A relação duma mulher e um homem, devem estar a separar-se se calhar. (Como acaba a história?) Resolveram a falar, ficar juntos.

História C3

5'' - Uma casa com um senhor a ver para o quadro, o outro deitado ao lado da cabeceira e está com a mão no candeeiro, a arranjar o candeeiro que está torto, e um outro senhor está sentado no sofá a fumar o cigarro. E depois está uma mesa com xícara de chá, de café, e uns bolos em cima da mesa e estão a falar. O outro deve estar a dizer: «Neste quadro estão pessoas que eu conheço, de família»; e os outros senhores estão-lhe a dizer para ele se sentar à mesa para beber um café. E depois o fogareiro está aceso e depois estão ao lado do fogareiro a beber o seu chá.

História B3

4'' - Está um senhor e uma senhora abraçados a saírem para a varanda, e depois estão a falar sobre a casa que está quase sem móveis, tem só um armário e a luz do sol que está a iluminar para dentro da casa, e o sol está a fazer reflexo no vidro. E mais nada. (Podes explicar como é o reflexo?) Os dois senhores aqui (na 3ª figura) e o reflexo deles aqui (nas duas figuras).

História AG

3'' - Está um senhor com a cabeça para baixo e outro senhor à frente e outro ao lado, estão a falar do tempo; o tempo tá com vontade de chover. E depois vêm mais três senhores direitos aos outros três para se meterem a falar sobre o tempo que está com vontade de chover. E um dos três que estão a vir parecem que estão abraçados, a falarem doutra coisa. Depois parecem que estão na praia com muito vento. Este aqui já não consigo tirar mais nada.

História B1

2'' - Tem aí uma casa com a porta aberta e um senhor a subir as escadas para entrar dentro da casa. Quando o homem tiver lá dentro, está a pensar que lhe roubaram a casa porque a cama estava virada com os cobertores em cima da cama. Encontrou a porta aberta; quando foi dar conta as gavetas tavam todas abertas com roupas viradas e o espelho que ele deixou em cima da cama encontrou por cima da gaveta. E ele disse que já lhe tinham roubado os outros móveis que lhe custaram mais dinheiro. É só.

História CG

4'' - Parece o mar e uns quantos homens a jogarem a batota; e depois houve um que alevantou-se da cadeira a dizer que o jogo está muita boa mas que ele ía-se embora, e o outro senhor está a levantar-se para dizer que o jogo está a ser batota. E o outro alevantou-se e disse que ele vai-se embora para a praia. E os outros ficaram lá a jogar, e mais nada (Podes dizer onde estão aí esses homens?) Aqui eles todos e este foi-se embora (refere apenas o grupo, em baixo).

História A3

2'' - Três senhores, um separado aos outros dois e os outros dois parecem que estão a falar que hoje não vão a lado nenhum mas que o tempo está muita boa. E o outro senhor que estava sózinho vai direito aos outros dois, depois começaram a falar do tempo que estava muita boa. E depois o outro estava a dizer se eles não querem ir dar uma volta para a cidade. Como o outro tem carro disse «vamos», mas depois na hora de vir para não se separarem uns aos outros para virem no mesmo automóvel. Quando chegaram à cidade tavam a dar umas voltas, a ver as ourivesarias, as montras, foram à feira e depois o outro disse para irem embora. Já está.

História B2

3'' - Tão dois senhores debaixo duma árvore a conversarem sobre as amizades que eles têm uns aos outros e de repente o outro disse: «Não queres ir beber?». E depois foram a uma casa que tinha logo ao pé do local aonde eles estavam a conversar. Entraram lá dentro, pediram um café e começaram a conversar; e depois quando acabou o café saíram, foram outra vez passar por baixo daquela árvore que tava lá e foram-se embora. Já está tudo. (Podes dizer quem são esses senhores?) São dois homens.

História BG

2'' - Está ao pé duma casa, parece um castelo todo partido. Em cada porta estava lá cinco pessoas e na outra porta estava lá outro senhor, ou a ver aos outros cinco senhores a conversarem. Ele ía a passar e pediu as horas e o outro (um dos cinco) disse-lhe que estava um quarto para as seis. E depois ele (o que pediu as horas) disse que estava um bocadinho tarde e os outros disseram: «Não muito tarde, mas está tarde». Já está tudo.

História C2

2'' - Parece estar um senhor na sala a andar para o quarto e depois quando foi ao quarto tava lá uma pessoa a gritar. Começaram a falar que a casa não tem um bom aspecto porque ele foi à sala e viu uma ratazana, e ele disse que ia reclamar. E depois o outro que estava deitado disse a ele: «Ah! e a porta também não queria fechar por isso deixei aberta por causa de não fechar». E o outro que estava sentado alevantou-se da cama disse-lhe: «Se a gente não sairmos desta casa amanhã» ele ia lá abaixo ao porteiro reclamar sobre a casa que estava com mau aspecto, que o telhado estava quase a partir e a choviscar lá para dentro que se ele não metesse um balde por baixo de aonde estava o telhado partido, a casa ficava como uma piscina. Já está. (Era uma casa alugada, o quarto era dos dois)

História C1

2'' - Tá uma cozinha com a mesa preparada com uma xícara de chá e uma cadeira separada da mesa, parecia que estava lá alguém a comer. E estava um cesto ao lado da janela com o pão ao lado, e estava o postigo da janela aberto com a claridade do sol dava lá para dentro, até os panos pareciam tar cheio de sangue (nas riscas vermelhas do pano). E o chão estava todo sujo de areia e o lavatório estava com umas baratas lá para dentro com a água da torneira aberta; a cesta aos poucos estava a encher-se de água.

História da prancha em branco

4'' - Tá um mato que parecia estar alguém no meio do mato a gritar para pedir ajuda. E um senhor que tava a passar à borda da mata ouviu gritar no mato e o senhor que tava a passar disse que ele ia telefonar para os bombeiros irem ver o que se passa entre a mata. E depois o senhor foi telefonar ao cabine de telefone; enquanto tava a telefonar os gritos pareciam tar mais longe. E depois os bombeiros vieram ao socorrer o senhor, e o senhor que foi telefonar disse que ouviu gritos e os bombeiros disseram de onde é que vinha os gritos. E o senhor disse que enquanto tava a andar parecia que o grito ia cada vez mais longe. E os bombeiros entraram na mata, viram uma pessoa, parecia tar a fugir, e depois viu outra pessoa aleijado no pé. E os bombeiros foram lá e viram que era um senhor já de idade que tinha ficado com o pé lá dentro do buraco; disse que foi por causa do outro senhor que fugiu que o pé dele ficou preso. E o outro senhor que fugiu disse que aos gritos não se resolvia nada. Mais nada.

História A1

20'' - Já posso dizer?

30'' - É um homem. (O que podes imaginar sobre esse homem?) Não dá para ver nada! (Tenta imaginar um pouco) Está na chuva. Isto aqui é outro, não é?... um homem no chão. (O que acontece aí?) Parece que tão à luta. (Podes explicar melhor?) Confusão... Não sei mais.

História A2

5'' - É um homem e uma mulher, estão a conversar. (Podes dizer mais?) Não tem mais nada para ver! (O que poderás imaginar sobre esse homem e mulher?) Deve ser mulher e marido... Não sei mais.

História C3

9'' - Está um homem na mesa a tomar chá, o outro está em cima da lareira e outro no sofá. (O que acontece aí?) Estão a conversar sobre o trabalho... Mais nada.

História B3

20'' - Está aqui um casal na casa deles, e aqui é um homem que está a escutar o casal a conversar. E o casal ia-se embora. (Podes dizer mais um pouco?) Deve ser um empregado da casa ou empregada a ouvir a falar.

História AG

7'' - Isto aqui não vejo nada.

30'' - Aqui só tão eles aqui; deve ser amigos, deve ser que tão a cantar ou a jogar. (O que mais podes dizer?) Mais nada.

História B1

10'' - Um homem que chegou às tantas da noite e foi dormir e encontrou a porta aberta. (O que imaginas que se passou aí?) Deve ser que teve alguém lá dentro... a revistar a casa... a ver se encontra alguma coisa... Depois o dono da casa veio e ele fugiu. (Mais alguma coisa?) Deve ser que encontrou alguma coisa de valor. Já está.

História CG

10'' - Estão muitas pessoas a descer a escada; deve ser que estão a andar à luta. (Podes dizer algumas coisa sobre essas pessoas?) São os homens a baterem no outro; o outro deve ter feito alguma coisa e foi apanhado, levaram para a esquadra e foi preso. Já está.

História A3

17'' - Este aqui não sei.

60'' - Não sei dizer isto... Não consigo.

História B2

10'' - Estão dois homens debaixo da árvore a ver para um prédio, para ver se conseguem entrar lá dentro. (O que acontece aí?) Para roubar. Entraram no prédio e foram revistando a casa, mas o homem que estava lá dentro acordou com o barulho e foi ver o que era e viu dois homens a revistar a casa. E ele pegou num pau e foi atrás deles e eles fugiram.

História BG

20'' - Eles tão debaixo duma ponte a ver a paisagem e a conversar. (Podes dizer mais um pouco?) A conversar sobre o mar. (Quem imaginas que são eles?) São os colegas e os amigos. Não sei mais.

História C2

17'' - Entrou um homem na casa e encontrou uma mulher a dormir. Depois a mulher acordou e eles começaram a falar, a conversar. A mulher perguntou o que é que ele estava a fazer dentro da casa. Depois o homem disse que tava a passar e viu a porta aberta e entrou para ver se estava alguém lá dentro. Depois a mulher disse que ela tava em casa. Depois ele foi embora e a mulher disse muito obrigado por ter avisado que a porta tava aberta. Já está.

História C1

15'' - É uma casa abandonada. (O que podes imaginar sobre essa casa?) Não consigo dizer!... Não consigo dizer isto.

História da prancha em branco

5'' - Para dizer o quê?

10'' - Não quero. (Tenta imaginar uma história qualquer) Não consigo imaginar!

Observação: Durante todo o teste levantou as pranchas à altura da cara, não deixando ver-se-lhe o rosto.

História A1

Ih! (Ri)

10'' - Duas pessoas (sorri). Isto parece um objecto, uma estátua ou o que é (ao lado da figura central) (ri). Isto não se vê quase nada! (ri) Fantasmas. Os desenhos são todos assim?... Isto não se percebe nada. Ou são pessoas ou fantasmas. (O que podes imaginar sobre isso?) Não dá para ver nada! Como é que eu sei?

História A2

(Ri)

20'' - Pessoas também (diz sorrindo). Parece um homem e uma mulher. Isto não dá para ver nada! (Podes imaginar mais um pouco?) Não consigo.

História C3

12'' - Este já dá para perceber! Já se vê melhor as coisas! Vê-se duas pessoas, a mobília da casa. Uma pessoa a mexer numa coisa em cima da lareira... (ri); este aqui parece um boneco, um pato ou o que é! (figura sentada à mesa). (Podes explicar melhor?) Tem aqui três pessoas: uma sentada no sofá, vê-se o braço, está aqui a outra e outra ao longe... Bandidos ou uma coisa assim... Não consigo!

História B3

20'' - Duas pessoas ao pé duma porta, estão-se a despedir. (Podes imaginar mais um pouco?) É tudo.

História AG

Ih!... (Ri)... (Franze a testa)

25'' - Uma reunião de pessoas... (olha fixamente a prancha)... dentro dum castelo... (ri). Não dá para dizer nada! Nota-se umas janelas, umas escadas, umas seis ou sete pessoas, não dá para perceber nada!

História B1

12'' - Uma pessoa a entrar para um quarto (sorri). (Podes imaginar alguma coisa para essa pessoa?) Deve ir guardar ou esconder qualquer coisa (olha fixamente a prancha)... Não sei mais.

História CG

10'' - Devem tar num discurso, ou então numa revolta. (Explica um pouco mais) Uma pessoa aqui em cima das escadas e outras cá em baixo. Ou é discurso ou revolta, não sei. Não parece mais nada.

História A3

30'' - Polícias. (Podes dizer mais um pouco?) Polícias à espera d'alguém. São estes dois polícias. Ou então estão a vigiar alguém, não sei!

História B2

9'' - Um prédio, um homem encostado a uma árvore a falar com uma mulher ou a falar com uma pessoa, às escondidas! Devem estar a esconder-se d'alguém. Um prédio a não sei quantos metros duma árvore!

História BG

Ainda faltam muitas?

15'' - Pessoas a ver o sol, em cima duma muralha. (O que podes dizer sobre essas pessoas?) (Olha fixamente a prancha)... Isto parece ser rapazes com uma pessoa ao pé, um monitor. Já não sei mais.

História C2

Ei!

10'' - Um quarto com uma pessoa ao pé da porta (Podes dizer mais alguma coisa?) E um lá dentro a dormir. O da porta deve estar a ver o outro a dormir. Deve ser um monitor e um aluno. Porta aberta, luz acesa, mais nada.

História C1

5'' - Um quarto, com chávenas em cima duma mesa, uma toalha pendurada numa cadeira. Devia tar alguém a tomar o pequeno almoço. É tudo.

História da prancha em branco

Não tem nada!

7'' - Um papel, uma folha de papel (O que poderás imaginar?) Um risco aqui assim (percorre com o dedo uma zona da prancha)... isto parece uma baliza aqui (percorre outra zona com o dedo), que o reflexo dá para ver! Aqui uma baliza também (percorre novamente com o dedo). Um campo de futebol. Deve haver um jogo... ganhou o Benfica ou o Sporting 5-4. Deu na televisão... eu sou do Farense. Já não tem mais.

História A1

2'' - Só vejo um homem aqui, um homem ou uma pessoa!... Só vejo uma pessoa aqui. Mais nada. (Podes imaginar um pouco mais?) Acho que ele está triste... Acho que está a chover... Houve uma confusão ou uma coisa qualquer. Mais nada.

História A2

3'' - Estão aqui duas pessoas, acho que são namorados; estão contentes, estão felizes. Não vejo mais nada! (Olha para mim) Estão a passear! Não vejo mais nada.

História C3

18'' - Está um homem na mesa, acho que tem uma faca na mão ou o que é!... Está um homem sentado no banco, no sofá, e o outro acho que está a acender a lareira. Um assunto familiar, ou coisa assim; ou estão a festejar alguma coisa. Não estou a ver aqui mais nada.

História B3

10'' - Isto é um homem e uma mulher a entrar numa casa, de porta aberta, talvez sejam namorados. Está um senhor ao pé deles. Por fim, acho que estão a entrar dentro da casa (olha para mim). Não sei, não vejo mais nada.

História AG

16'' - Acho que estão aqui seis pessoas; talvez andaram a discutir uns com os outros, estão separados. Não sei! Não vejo mais nada.

História B1

3'' - Está um homem a entrar, está a subir uma escada; talvez vá entrar pelo quarto; tem a porta aberta e acho que vai dormir. Talvez esteja cansado... veio do trabalho, vai tomar banho e acho que vai descansar para o dia de amanhã.

História CG

6'' - Estão muitas pessoas aqui, sentados. Acho que é uma piscina; talvez estão a ver o espectáculo de natação e estão a aplaudir a pessoa que está na natação. Acho que vai fazer um espectáculo muito fantástico. Acho que é uma piscina com categoria. E mais nada.

História A3

12'' - Estão três pessoas, acho que estão numa floresta e estão a falar entre eles. Estão ao pé duma lagoa; talvez estejam à caça; se calhar já apanharam alguma coisa de

caça. Acho que estão muito em dúvida de alguma coisa que já apanharam, ou um pássaro desconhecido. Mais nada.

História B2

3'' - Estão duas pessoas debaixo duma árvore, estão ao pé dum prédio; talvez estejam a discu... a falar (olha para mim). Estão a descansar. Já não vejo mais nada.

História BG

10'' - Estão cinco pessoas ao pé duma muralha, debaixo duma muralha; estão a discutir. Está um rapaz sózinho longe deles, deve estar zangado com eles; ou ele já fez alguma coisa ou os outros já fizeram. Que ele está separado! deve ser que os outros estão a combinar alguma coisa, ou o outro, o que está sózinho, está a planear alguma coisa para fugir. Mais nada.

História C2

8'' - Está uma pessoa no quarto, a porta está fechada; acho que está uma pessoa deitada na cama. O homem está a estranhar, a pessoa! Está a estranhar (olha para mim)...; deve não saber quem está na cama; talvez, deve ser família. O homem acho que deve estar preparado para dormir e encontrou a pessoa deitada na cama. Mais nada.

História C1

4'' - Vejo uma sala de jantar, as chávenas em cima da mesa, talheres, guardanapos, uma cadeira, uma toalha em cima da cadeira, uma máquina de lavar..., um lavatório e uma torneira. Mais nada.

História da prancha em branco

Não dá para imaginar nada!... Um papel branco. Mais nada (olha para mim). Não dá para imaginar nada, não tem nada desenhado no papel. Não vejo nada! Isto não tem nada!

História A1

Não se pode ver melhor?

4'' - É só assim?

20'' - Isto aqui não é nada! É só feitiço. Ou é uma pessoa (canto inferior esquerdo)... Isto aqui é um homem (figura central)..., o homem está parado a ver qualquer coisa. Aqui não vejo mais nada, só vejo só isto (aponta o canto esquerdo), parece um animal, com esta parte da cara... Parece que está a ver o mar (o homem), se isto aqui fosse uma rocha (zona mais clara junto à figura central). Daqui já não consigo ver mais nada.

História A2

4'' - Vejo um homem e uma mulher. (Podes imaginar uma história?) Não consigo imaginar! (O que poderá passar-se aí?) Para mim parece que estão a conversar... Isto aqui é uma árvore, uma espécie duma árvore (zona mais clara central)... Estão a ver a paisagem. Imagino que não se veja mais nada.

(Boceja)

História C3

28'' - Parecem estar a tomar o pequeno almoço ou o lanche; está a falar com este. Este aqui é uma pessoa, não é? (personagem na poltrona)... E este aqui (figura de pé) deve estar a pôr ou a tirar alguma coisa. Estou a ver só isso. Estou a ver outras coisas aqui: este rosa, vermelho. Estou a ver isto: a mesa com lanche. Só ele que está sentado. Já não vejo mais nada.

(Boceja)

História B3

26'' - Para mim imagino um quadro tirado duma família... ou parece uma sombra ou outras pessoas que estão aqui (aponta) e que estão aqui (aponta). Já não vejo mais nada.

História AG

2'' - Isto aqui não percebo nada!

18'' - Parecem um grupo de pessoas em reunião. Não consigo imaginar mais nada.

História B1

21'' - Uma pessoa acabada de se levantar... se calhar levantou-se para fazer alguma coisa... e vai para cima, dormir. Não vejo mais nada.

História CG

35'' - Não consigo imaginar nada... a única que eu consigo imaginar é umas pessoas aqui em baixo e um homem a descer as escadas. Não imagino mais nada.

História A3

20'' - Parecem estarem duas pessoas a falarem com um homem e a despedir-se... Não vejo mais nada.

História B2

15'' - Parecem estar duas pessoas na sombra duma árvore, a conversarem... e a ver o que está à sua volta. Não consigo imaginar mais nada.

(Boceja)

História BG

12'' - Parece um quadro; com uma parede pintada, com um grupo de homens a conversar, a falarem e uma pessoa a ver... Não imagino nada. Já não vejo mais nada.

História C2

10'' - Parece uma mãe a ver se os filhos estão a dormir e se estão bem. Não vejo mais nada. Não consigo imaginar mais nada.

(Boceja)

História C1

5'' - Isto aqui parece a... parece uma mesa acabada de ser posta, para almoçar. Não consigo imaginar mais nada... Não vejo mais nada.

História da prancha em branco

Não vejo nada!

12'' - Vejo só uma folha pintada de amarelo! Ou então um sítio sem fim. Não consigo imaginar mais nada.

História A1

0'' - Uma pessoa a olhar para o sol; e parece que está aqui outra pessoa ao pé dele. Mais nada. (Podes dizer mais um pouco? Imaginar uma história?) Não sei mais.

História A2

7'' - Ah, ah! Nuvens. Parece que tão escuras e que vai chover. (Podes imaginar mais um pouco?) Mais nada. (Nuvens no cinza sobre as figuras)

História C3

3'' - Um café! Um café, mas está aqui um candeeiro! Um senhor que teve a servir um café e outro senhor que está sentado na mesa a beber. Está aqui um candeeiro e aqui está outro (Onde?) Este encarnado, não, isto aqui não é nada! Mais nada.

História B3

4'' - Três senhores: dois senhores e uma senhora. Um senhor agarrado numa senhora de braços dados e outra senhora que está aqui. Mais nada. (Podes dizer mais um pouco sobre eles?) Não imagino o que é que eles possam estar a fazer. Isto é imagens desfocadas, não é?

História AG

1'' - Ai, esta! Esta não sei!... não sei o que é que esta possa ser! Pessoas assentadas (boceja) a fazer o quê não sei. Mais nada.

História B1

1'' - Uma cama, um senhor a subir uma escada para entrar pela porta do quarto e umas gavetas com um espelho em cima. Mais nada.

História CG

3'' - Pessoas a verem qualquer coisa, o quê não sei. Mais nada.

História A3

0'' - Três pessoas, parecem estar de braços cruzados a falarem uns com os outros. Mais nada.

História B2

2'' - Duas pessoas, encostadas numa árvore a falarem. Uma casa com 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, sete janelas. Mais nada. Eu não imagino mais nada.

História BG

4'' - Seis pessoas, uma parede e duas portas; devem estar a ver um jogo, um jogo de futebol. Mais nada.

História C2

2'' - Uma cama, um senhor. Parece que vai-se deitar e parece que está outro, ou senhor ou senhora, deitada; se tiver deitada pode estar doente, ou um senhor ou uma senhora, e este senhor ir visitar. Mais nada.

História C1

1'' - Uma cadeira, uma mesa com pratos, uma caneca, um jarro, torneira, parece um lava-loiça e uma janela. Mais nada.

História da prancha em branco

3'' - A minha família toda, os meus amigos, a doutora, o sr. L..., numa festa, e eu. Prontos, mais nada. Este era surpresa! Já está tudo.

História A1

6'' - Isto aqui é o quê? Um quadro? É um homem na selva, está no mato... Tem sol, tem árvores! Está ao pé duma senhora a apanhar sol. Já está. (Podes dizer mais alguma coisa?) Parece um monstro, a senhora! Mas não escreva aí! A senhora está sentada, abaixada, ao pé duma rocha.

História A2

Ai, ai!

10'' - O que é que estes senhores estão a fazer? A senhora sabe o que é que estão a fazer? A senhora sabe e não me diz! (É para imaginar o que quiseses!)

25'' - Eles estão a tomar banho num lago e estão os dois de mão dada no lago, e vão pelo caminho até chegar lá. (Explica um pouco mais) Estavam a nadar para ir passar o lago e para chegar ao outro lado para irem para casa.

História C3

5'' - Este senhor está a fazer comida para o patrão. O patrão está sentado a beber um copinho e o senhor vai preparar a mesa para o patrão comer. E acabou.

História B3

7'' - Este senhor aqui está a espreitar, a ver os outros senhores a namorar, estão a namorar ao pé da janela. O outro senhor não consegue parar de vigiar. E depois os outros dois senhores foram-se embora e o outro entrou lá para dentro para roubar.

História AG

Este não sei!

20'' - Parece uns gajos que estão num funeral. Escreveu isso?... que estão a enterrar o amigo da guerra; o amigo levou um tiro na guerra.

História B1

2'' - Ah! Esta é fácil!... O senhor vai a subir as escadas para ir deitar-se, porque veio do trabalho e o senhor trabalha muito de noite e tem de descansar de dia. E o senhor deita-se na cama, adormeceu e sonhou com o trabalho.

História CG

10'' - Isto aqui é um rio à frente de muitos senhores. Estes senhores todos são pescadores e um dia de sol foram pescar sardinhas no rio. E depois apanharam um grande peixe e depois um começou a gritar «viva». E depois foram para casa comer o petisco. E acabou.

História A3

Ai, ai! Isto é muito difícil!

15'' - Isto aqui são muitos senhores e filhos, crianças, ao pé duma fogueira a assar coelhos, peixes, para comer, porque são pobres e não têm dinheiro para comer e às vezes têm que andar a pedir para comer.

Não há uns que se veja melhor?

História B2

7'' - São dois senhores debaixo duma árvore. Está um grande dia de calor e os senhores têm que apanhar sombra senão queimam a pele. E a casa dos senhores é logo ali ao lado, mas como os senhores são muito preguiçosos têm que chamar um taxi para irem para casa.

História BG

7'' - Isto aqui é um museu. Um segurança está à porta para as pessoas que roubam não irem lá. E ao lado do segurança tem pessoas a comprar bilhetes para entrar e são pessoas que não roubam. Quando aparecem ladrões o segurança chama reforços e os ladrões fogem.

História C2

3'' - Este aqui é o de há bocado! É a continuação. É um senhor a ir para casa, é um senhor muito pobrezinho que nem tem dinheiro para comer, nem para roupas. Arranja a pedir e às vezes! A cama do senhor é feita de folhas das árvores e tem que andar a pedir para comer.

História C1

5'' - É a continuação de há bocado! Não, não é nada. Isto é uma mesa, uma cadeira, pratos, chávenas e tem o jarro do café para as pessoas de manhã comeram. E o dono dessas coisas é muito amigo e chama os pobres para comer.

História da prancha em branco

4'' - Isto é uma folha amarela, que não tem desenho porque ninguém desenhou. Mas é uma folha bonita. Só porque não tem um desenho tem letras! (verso da prancha).

História A1

8'' - Uma pessoa!... (ri). Uma pessoa que vem a caminhar de longe. Mais nada, não vou imaginar mais nada. O que é que os outros disseram? (continua a olhar para a prancha)... Vou dizer coisas à toa?... Eu não imagino nada!

História A2

9'' - Parece nuvem!... E isto parece que um está-se a ver ao espelho, aqui. Não me parece mais nada! (continua a olhar, vira a prancha). Não parece mais nada.

História C3

2'' - Aqui já parece!... Estão numa casa! Vou dizer o que tem lá dentro? Lá dentro tem candeeiro, tem mesa, tem copos, tem chávenas; como chama aquele coiso de servir? Estão dentro duma casa. Mais nada. (Podes dizer um pouco mais?) Estão três pessoas. (Podes imaginar alguma coisa sobre essas pessoas?) Um está a tomar o pequeno almoço, ou o que é! Outro está aqui... outro está a descansar no cadeirão. Já não imagino mais nada.

História B3

Ih! Tem treze?!... Treze?

15'' - Estão dois casais a namorarem... Não tem mais nada!

O que é que tem aí mais? Treze, não vou fazer. Treze?

História AG

6'' - Aqui parece pessoas que estão a remar. Não! Parece também golfinhos! Não, golfinhos não! Pinguins ou o que é!... E mais focas também. E mais nada.

História B1

3'' - Isto é um quarto. Um homem a acabar de sair do quarto. E mais nada. (Podes dizer mais um pouco?) O que é que tem aí? Mais nada.

História CG

5'' - Isto parece mais uma piscina! Natações!... Parece uma coisa mas não estou a ver qual a coisa, o nome... (O que poderá ser?) ... É uns coisos assim! Não estou a ver! O que é que isso parece? Parece umas escadas.

História A3

10'' - Parecem pessoas a andar. E não tem mais nada! Não tem mais nada.

História B2

4'' - Eh! Parecem duas pessoas, estão a conversar. Duas árvores! Está um prédio mais duas árvores. (Podes dizer mais um pouco?) Mais o quê? Não parece mais nada.

História BG

43'' - Parece pessoas que estão a combinar qualquer coisa, ou a conversar! E mais nada!

Não quero fazer isto!

História C2

10'' - Parece um homem que vem entrar no quarto. E não parece mais nada.

História C1

3'' - Isso parece um quarto, uma casa. (Podes dizer mais alguma coisa?) Mais o quê? Uma casa! Mais nada.

História da prancha em branco

0'' - Eh! Isto não imagina nada! Nada! É uma folha sem nada! Eu não consigo mais nada.

2. GRUPO ND

Sujeito ND1

História A1

5'' - Digo o que está aqui? Aqui parece que está uma pessoa de braços cruzados. Está aqui também uma pessoa ao lado, abaixada. (Podes dizer mais alguma coisa sobre essas pessoas?) Está encostado a uma árvore. Estão a fazer um pic-nic. Acho que não é mais nada!... É um homem e uma mulher. Mais nada.

História A2

10'' - Estão duas pessoas a conversar. Parece que está uma a mostrar uma coisa à outra. (Podes dizer um pouco mais?) É um homem e uma senho..., uma mulher. Já está.

História C3

7'' - Está um senhor sentado na mesa a beber chá e outro senhor sentado no sofá a conversar; e outro senhor que está ao pé da lareira a ouvir a conversa. Estão em casa, deve ser a tomar o pequeno almoço. (Podes dizer mais alguma coisa?) O senhor que está em pé está a ver se se tenta aquecer, está à lareira. É tudo.

História B3

14'' - São duas pessoas com o braço dado uma à outra e outra a espreitar. E os outros dois estão a entrar para dentro de casa. Parece ser um homem e uma mulher. (Podes dizer um pouco mais?) Estão-se quase a beijar, aqueles dois!

História AG

18'' - O desenho parece que estão muitas pessoas a ver num Estádio de futebol, e está cheio. E parece ser um jogo importante. Estão algumas pessoas em pé. (Podes dizer mais um pouco?) Estão a ver um jogo de futebol e algumas pessoas não estão a tomar atenção.

História B1

6'' - É um senhor que vem a entrar dentro de casa e a subir umas escadas para ir para o quarto, e parece chegar tarde, cansado, e vai-se deitar. No dia a seguir tem que se levantar cedo para ir trabalhar, e parece viver sózinho. (Podes dizer mais alguma coisa sobre esse senhor?) É daquelas pessoas que têm uma profissão que levanta-se muito cedo e deita-se muito tarde.

História CG

38'' - O desenho parece uma piscina de natação com pessoas a assistir. E não está ninguém dentro da piscina. E as pessoas que estão a ver é para verem os nadadores nadarem. (Podés dizer um pouco mais?) Parece ser os pais das crianças que vão para dentro de água.

História A3

16'' - O desenho mostra duas pessoas, parecem estar zangadas com a outra pessoa que aparece na imagem. E também parece estarem a conversar... mas só estes dois aqui. (Podés dizer um pouco mais?) Parece ser numa escola de crianças... e este está chateado porque não o deixam jogar à bola... porque ele não era da turma deles. (Como acaba essa história?) Acabam por deixá-lo jogar e toca e vão para as aulas.

História B2

21'' - Na imagem mostra uma noite de verão, duas pessoas, um homem e uma mulher, abraçados um ao outro, encostados a uma árvore, a olhar para um prédio, que estavam a pensar comprar um andar. Eles os dois eram namorados e estavam a pensar em casar, e cada um vivia na casa dos seus pais. E passado umas semanas acabaram por a comprar e casarem-se.

História BG

60'' - A história passa-se na rua, não, na escola, na escola em que um grupo de rapazes conversam uns com os outros. Passa-se no início do ano em que todos ficaram na mesma turma mas apareceu mais um novo rapaz, um novo aluno, que não conhecia ninguém. Houve um dia que o grupo de rapazes convidou-o para ir ao cinema ver um filme. E ele disse que no dia a seguir iria dizer se vai ou não; e a mãe dele deixou. No dia a seguir foram todos juntos para o cinema e todos gostaram do filme. E depois ficaram todos amigos.

História C2

50'' - Era um senhor idoso... que... que tinha ido ao supermercado fazer compras. E quando chegou a sua casa viu a porta aberta, e tinham sido os ladrões que a tinham arrombado para roubarem as coisas de valor... mas esqueceram-se de ver debaixo do colchão, que tinha lá o dinheiro todo. Ele foi queixar-se à polícia. No dia a seguir aconteceu o mesmo ao vizinho do lado, mas chegaram a tempo de o apanhar e ele foi preso.

História C1

13'' - O desenho mostra uma casa velha... em que o dono dela está a dormir porque já tem a mesa posta para o pequeno almoço... na mesa da cozinha... que ele pôs na véspera. E ele parece, o dono da casa parece trabalhar perto de casa, porque se levanta sempre uma hora antes de ir trabalhar; demora dez minutos a tomar o pequeno almoço e vai trabalhar, e lá para as sete horas chega a casa.

História da prancha em branco

15'' - Está um rapaz a jogar à bola na escola com os amigos, no intervalo de meia hora. E quando está com a bola nos pés, chutou contra o chão e partiu a perna. E apareceu muita gente à volta. Passado um bocado veio a ambulância para o levar para o hospital. O rapaz fica lá o dia inteiro até lhe porem o gesso... e vai para casa. Teve uma semana sem ir à escola, e depois dessa semana voltou à escola, mas ainda de muletas. Passado mais umas semanas foi ao hospital tirar o gesso porque já estava bom da perna. E no dia a seguir de tirar o gesso já estava a jogar à bola.

História A1

15'' - Uma professora a dar aulas... Vejo aqui tipo uma menina, deve estar a tirar dúvidas! Não percebeu qualquer coisa que a professora esteve a explicar. A professora explica e ela acaba por perceber.

História A2

18'' - Um homem e uma mulher a conversar. Mais nada. (Podes imaginar uma história?) Talvez possam estar a olhar para uma montra onde esteja um quarto de bebé e a imaginar futuramente o quarto do seu filho.

História C3

21'' - Uma reunião de amigos para lancharem e conversarem sobre os seus passados na escola. Podiam ser amigos que não se viam há bastante tempo e encontraram-se. (Podes dizer um pouco mais?) São três amigos, e um disse que na próxima vez encontravam-se na sua casa.

História B3

25'' - Um casal que comprou a sua casa, que foi ver a sua casa. Isto está vazio, não tem nada! Para ver os móveis que lá iam pôr... isto aqui não diz nada! (Podes dizer mais qualquer coisa?) Ficaram contentes por ver que tinham uma boa casa.

História AG

25'' - Uns rapazes tipo eu e o meu irmão e outros rapazes amigos a jogar à bola. (Podes dizer mais para essa história?) Termina o jogo com empate, cumprimentamos os outros jogadores e vamos embora.

História B1

38'' - Eu a ir para o quarto para ir dormir. Mais nada.

História CG

34'' - O presidente do Ministério da Educação a falar para alguns alunos em tempos de pagar as propinas. Para eles não fazerem estragos, revoluções, porque isso das propinas se ia resolver o mais breve possível.

História A3

12'' - Uma exposição de quadros em que duas pessoas ficam interessadas num deles e decidem comprar para oferecer a uma pessoa amiga, que depois agradece. E aqui pode ser mais outra pessoa que está a ver a exposição.

História B2

20'' - Uns adolescentes a namorarem às escondidas. Provavelmente o pai da rapariga não quer que ela namore com esta idade. Namoram às escondidas.

História BG

16'' - Um grupo de amigos, estudantes, que vão a uma visita de estudo e que deixam de parte um dos seus colegas, provavelmente por ser mais fraco e acham que ele não tem capacidade para andar juntamente com eles. E ele durante o ano escolar também demonstrou que não precisava deles, porque tinha amigos que gostavam dele e andavam com ele. Mas ele também precisava deles por serem colegas. (Podes explicar um pouco mais?) Ele sentia-se mal, sentia-se desprezado.

História C2

17'' - A minha mãe a ir apagar a luz do quarto e fechar a porta; e ver se eu e o meu irmão estamos bem, se estamos a dormir ou a fazer asneiras.

História C1

17'' - A sala de jantar com mesa posta para a gente ir comer: eu, o meu irmão, a minha prima, a minha tia e a minha avó.

História da prancha em branco

25'' - A minha mãe a conseguir casa para nós e eu já não tenho que estar a ouvir a minha avó a rabujar; e vou com o meu irmão para casa, com a minha mãe.

História A1

(Sorri) Isto é um bocádo difícil!

20'' - Isto parece um homem que está a apreciar uma paisagem... É um senhor que precisava de comprar um terreno e foi à procura de terrenos bons para cultivar, até que encontrou este terreno. Mas, por acaso, este terreno não estava à venda. Não sei o que é que há mais!... Quando ele olhou para a direita viu um campo mais ou menos parecido ao anterior, que estava à venda. Comprou-o e fez uma casa com uma grande horta. Mas ficou sempre com pena do terreno que via todos os dias ao lado. Acho que não há mais nada.

História A2

Mais difícil!

25'' - Isto aqui em princípio é um homem e uma mulher, mas só que agora a história é que é mais difícil!..., ... Tudo começou um dia em que viajaram no mesmo comboio. A partir daí nunca mais se viram. Mas passados muitos, muitos anos, reencontraram-se e ainda sentiam amor um pelo outro. Casaram e viveram felizes para sempre (ri). Acho que não é mais nada.

História C3

Ai Jesus!

22'' - Na ceia de Natal todos esperavam pela Joana. Enquanto isso iam tomando cafés muitas vezes. O pai da Joana já estava desesperado. Foi quando a Joana chegou e a festa começou com a família toda reunida. Fim. (Podes dizer um pouco mais sobre as pessoas dessa família?) É o pai da Joana e um familiar da Joana, um tio, e aqui sentado parece uma criança, um irmão da Joana prá'i. As mulheres aqui dos familiares estavam a assar o peru na cozinha. Não vejo mais nada.

História B3

55'' - Isto parece um casal que está a reflectir no espelho e que estão perto da varanda (um pouco inquieto)... Esta aqui!... Este aqui não dá para ver muito bem! Não tem muito tema este! Um casal, acabados de casar, que vão para a lua de mel e vêm pelo espelho que conseguem ser mais unidos do que pensavam. Não consigo ver mais nada.

História AG

21'' - Este parece um grande barco no oceano, com os marinheiros a remar e os três capitães a verem eles a remar. Sairam num porto com o tempo de tempestade, mas os capitães não quiseram saber... Do barco só tinham restado três homens porque os outros foram, caíram no oceano, no alto mar, por causa das ondas. Quando passaram mesmo no meio da tempestade, o barco partiu-se ao meio e afundaram-se.

História B1

5'' - O João quando se mudou para a casa nova perguntou logo aos pais aonde é que era o quarto dele. Os pais disseram que ficava no segundo andar e ele foi logo a correr a subir as escadas. Quando abriu a porta do quarto reparou que já alguém tinha lá passado porque a cama estava desfeita e a toalha de banho estava na cama. Ele desceu as escadas a correr e disse aos pais que já alguém tinha dormido na cama dele. E o pai respondeu-lhe que aquele quarto não era o dele, era o da empregada que foi um dia mais cedo para fazer limpeza geral à casa. Ele respirou de alívio e foi logo brincar para o quarto mesmo dele. Não há mais nada.

História CG

25'' - Na escadaria da empresa da Renault os empregados faziam uma grande revolução por causa que os chefes não tinham dado subsídio de Natal. A polícia teve que fazer uma grande barreira para eles não perturbarem as pessoas que estavam a trabalhar naquele momento. Logo assim veio o presidente da empresa e disse para eles se acalmarem que ele ia dar aumento do subsídio de Natal. Aí eles saltavam de alegria e depois acabaram por ir embora. Não há mais nada.

História A3

23'' - Nessa noite um soldado Miguel não conseguia dormir porque ia ter juramento de bandeira. De manhã ele foi à casa de banho e lavou a cara muito bem para não adormecer durante o juramento de bandeira. O sargento disse para todos os soldados se meterem em fila. Depois chamou o soldado Miguel mais um companheiro que ia fazer o juramento de bandeira. Eles ficaram os dois quietos e a ouvir o sargento. Aí eles fizeram o juramento de bandeira. Ele respirou de alívio e foi logo dormir.

História B2

20'' - Um casal de sem abrigos estava na sombra de uma árvore quando repararam num belo prédio que estava abandonado. Infelizmente eles não tinham o dinheiro para o reconstruir. Andavam a jogar todas as semanas a lotaria para tentar ganhar dinheiro para reconstruir o prédio. Passado quase um ano, eles conseguiram ganhar a lotaria. Então reconstruíram o prédio e foram viver para lá. No dia seguinte foram para a sombra da árvore e relembrou como é que o prédio era antes e como eles viviam antes. Não sei mais nada.

História BG

22'' - Um grupo de estudantes reuniu-se no aqueduto da vila. E aí parado ao lado, estava um senhor já de idade que viu como é que o aqueduto era antes de terem destruído um bocado para fazerem prédios... Este aqui é difícil!... Parece um aqueduto, depois está aqui uma auto-estrada! O senhor, quando olhou para o lado, reparou que afinal o aqueduto não deixava de ser um ponto de encontro como ele fazia quando tinha a idade daqueles jovens. Não sei mais.

História C2

44'' - O avô Francisco reparou, quando se ia a deitar, que a porta do João estava aberta. Quando ele ia a fechar o João acordou e disse para deixar a porta aberta porque não estava a conseguir adormecer. O avô sentou-se ao seu lado e contou uma velha história. Passado pouco tempo o João adormeceu. O avô foi-se embora, mas antes disso fechou a porta do quarto.

História C1

12'' - A D. Maria já tinha preparado o almoço, depois teve que chamar o Manel à horta. O sr. Manel trouxe de lá umas belas hortaliças. A D. Maria gostou tanto que ainda foi fazer uma sopa de hortaliça. O comer já estava a ficar frio, então eles comeram a carne enquanto a sopa fazia. Quando a sopa já estava pronta a Maria já estava cheia mas ainda comeu a sopa para fazer companhia ao marido. Depois o sr. Manel foi dormir um bocado e logo a seguir foi cultivar. Já não sei mais.

História da prancha em branco

37'' - Hoje acordei às sete e meia, tomei banho e logo a seguir vesti-me. Depois fui tomar o pequeno almoço para ter um dia saudável. Às oito e meia saí de casa, cheguei aos bombeiros de Benfica às oito e quarenta. Depois vim logo para o Centro de Saúde. Tive à espera da dr^a, até que ela veio ter comigo. Depois de entrar no consultório tive a inventar muitos temas de fotografias dadas pela dr^a. Eram muito difíceis, mas eu até me desenrasquei. Agora estou a fazer o tema que eu escolhi.

História A1

2'' - É um homem que se sente sózinho e que precisava de companhia. É um homem ou uma mulher! É um indivíduo!, que deve precisar de companhia. (Podes dizer mais um pouco?). E que deve ter o pensamento carregado, ou pesado, a consciência pesada. (Podes explicar melhor?) Por causa destes cinzentos e destas sombras. (O que podes imaginar mais?) Ou arranja companhia, ou então fica uma pobre alma no mundo. (Como acaba a história?) Um desfecho imprevisível. (Imprevisível?) Que ele arranjasse companhia. O rapaz arranja companhia.

História A2

8'' - Parece um rapaz e uma rapariga, amigos, e que estão a conversar. (Podes imaginar uma história?) Estão num jardim, num dia de Inverno... aqui o cinzento! E daqui a bocado vão para casa. (Podes dizer mais um pouco sobre eles?) Conversam sobre a escola.

História C3

É pá! O que é isto? Eh lá! O que é isto?

15'' - Parece uma reunião entre homens, onde se devem tratar coisas importantes. Parecem homens do poder e deve estar frio para eles estarem à volta da lareira. (Podes dizer mais um pouco?) Parece aqui as imagens, que estão a tomar chá ou café, está aqui um homem na poltrona; são da burguesia. São três homens porque está aqui três chávenas. (Podes imaginar uma história para esses homens?) Assuntos de política, da situação da terra onde eles vivem. Depois despedem-se e vão-se embora. (Como acaba essa reunião?) Não chegam a conclusão, vai ter continuação em reuniões posteriores.

História B3

7'' - Parecem um homem e uma mulher que têm um romance às escondidas, o qual vai durar muitos anos. Depois é descoberta a relação, eles casam e vivem felizes para sempre. (Podes imaginar mais um pouco sobre o que se passa aí?) Aqui parece-me ser um encontro fortuito, mas eles encontravam-se de dois em dois dias no bosque ou assim. (O que mais acontece nessa história?) Depois o pai e a mãe do rapaz e da rapariga descobrem, eles eram contra a relação, ficam chateados mas acabam por aceitar. Aqui só estão os dois, os pais eu imaginei.

História AG

7'' - Sei lá! Aqui parece uma Igreja. Devem estar a rezar, a rezar o terço. (Podes dizer mais um pouco?) São pessoas católicas, são pessoas normais como as outras. Mais nada. De vez em quando as beatas! ... (São beatas?) Aí são pessoas.

História B1

5'' - Um quarto de uma rapariga depois de uma noite de sono. Aqui já é manhã e ela vai a caminho da casa de jantar para tomar o pequeno almoço, para depois ir trabalhar. Parece uma rapariga rica ou abastada porque a casa tem cómoda, tem uma caminha bonita, tem escadas que deve ser primeiro andar e rés-do-chão.

História CG

Ih!

5'' - Isto parece um cultivo de arroz o qual foi realizado por camponeses pobres, os quais necessitam do arroz para viver. Parece que está no início da produção, a água aqui, estas riscas. (Como é a história?) Depois a produção irá ser vendida às pessoas ricas, normais, às pessoas para a sua própria alimentação. (Onde te fez parecer que são camponeses?) Está aqui uma casa aonde eles podem dormir (canto inferior esquerdo) e está na hora do descanso agora.

História A3

Isto a minha imaginação já não dá para mais!

10'' - São dois homens que estão a imaginar para assaltar um, à espera para assaltar o rapazito; estão a cochichar qual será o melhor plano para o assaltar. (E o que é que acontece?) Depois os dois assaltam-no, um dos assaltantes tropeça, cai, parte a espinha e morre; o que foi assaltado agarra outavez a carteira que caiu no chão e foi-se embora; o outro assaltante foge e nunca mais ninguém o vê.

História B2

O que é isto?

5'' - Isto são dois pobrezinhos, um casal que está encostado à árvore a olhar para uma bela casa e a sonhar em ter uma um dia. Mas passado um mês há uma epidemia de peste, eles são contaminados e morrem, não chegam a ter a casa.

História BG

5'' - Um miradouro onde se encontram um grupo de amigos, os quais estão a decidir se outro elemento poderá entrar no grupo. Decidem que não por este ser mais novo que eles. O outro fica triste e vai para casa a chorar.

História C2

5'' - É um homem trabalhador que vem para casa na hora de almoço para almoçar. Vê que a mulher já tem o almoço pronto, vai lavar as mãos, senta-se à mesa e come com satisfação o almoço para daqui a bocado ir outavez trabalhar.

História C1

0'' - Vem mesmo a calhar! A mulher já chegou das compras, prepara-se para levantar a mesa, para lavar a loiça e para começar a pensar o que há-de ser o jantar.

Então vai comprar bacalhau para fazer o jantar. A mulher faz o jantar, o marido come e vão os dois para a cama dormir.

História da prancha em branco

4'' - Era um rapaz de 17 anos que queria ter uma empresa agrícola, multinacional, para ajudar o seu país a desenvolver-se. (E o que é que acontece?) O rapaz vai tentar e vai só conseguir ter uma empresa a nível nacional. Pronto.

História A1

10'' - Um homem no meio do nevoeiro... está parado a olhar para qualquer coisa... (Podes dizer mais um pouco?) Parece outro aqui também... mais nada! (Podes imaginar uma história?) Estão a conversar (devolve a prancha).

História A2

4'' - Duas pessoas... um homem e uma mulher... a olharem um para o outro... estão a falar... Não sou bom a contar histórias! (Podes dizer mais um pouco sobre esse homem e essa mulher?) São namorados... estão a falar da vida. Não tenho mais nada a dizer. Pode-me dar a outra.

História C3

12'' - Está sentada... são dois homens... um está sentado à mesa, outro está de pé. O que está sentado está a olhar para o outro e o outro está a buscar qualquer coisa. É dentro duma casa. Um vai buscar uma coisa para mostrar ou para fechar a janela. (Podes dizer mais um pouco sobre esses homens?) Deviam estar a falar de negócios; um deve estar a negociar com o outro... São prá' i amigos ou irmãos. São amigos (pisca muito os olhos).

História B3

8'' - Estão três pessoas, duas a dançarem na sala e outra a ver... Eles descobrem que ele está a ver e convidam-na para dançar também e ela aceita e acabam todos a dançar. Mais nada! (Podes dizer mais um pouco sobre essas pessoas?) São todos amigos... Mais nada!

História AG

3'' - Várias pessoas num jardim a passearem. Alguns conversam entre eles. (Podes dizer mais um pouco sobre essas pessoas?) São amigos ou familiares; amigos. (O que acontece aí na história?) Não acontece nada. Vão-se embora para casa cada um deles e depois acabou!

História B1

3'' - Uma pessoa a subir as escadas, vai a entrar para o quarto porque está cansado e vai deitar-se um bocado para descansar e depois de descansar adormece. Mais nada. (Podes imaginar uma história?) Sonha com qualquer coisa que fosse acontecer... ganhar a lotaria e que punha a render, para ter no banco e guardava no banco... Quando acordou vestiu-se e foi comprar um bilhete. Depois foi para casa e ligou a televisão e não se concretizou. Ficou todo chateado e mudou de canal; foi ver o futebol.

História CG

7'' - Montes de pessoas a subirem umas escadas, a pedirem autógrafos a um jogador... Depois os polícias vêm e não deixam as pessoas pedirem autógrafos e o jogador ficou chateado porque quis dar autógrafos. E os polícias depois deixaram... Depois as pessoas ficam todas contentes e regressaram à sua vida normal. Mais nada!

História A3

3'' - Três pessoas na rua... duas a chamarem uma e um olhou e respondeu: "Que é que querem?" Os outros dois disseram: "Chega aqui!" E ele: "Porquê?" E os outros disseram: "Venha cá!" E ele foi. Estavam a falar se ele era o ex- Presidente da República e ele disse que sim. E os outros disseram: "Temos muito gosto em conhecê-lo!". E depois disseram: "Quer vir tomar um café connosco?" E ele disse que não porque estava com muita pressa porque tinha que ir buscar a neta ao colégio. Então despediram-se e foram-se embora. Os outros dois ficaram muito contentes e começaram a dizer às pessoas que tinham conhecido o ex-Presidente da República. Mais nada!

História B2

4'' - Na rua, debaixo duma árvore, estavam duas pessoas a falarem. Estavam a conversar da vida. Depois passa um carro e dispara sobre um deles... Um fica muito aflito e chama uma ambulância e levam-no para o hospital e ficou melhor. O amigo foi lá visitar no outro dia, tiveram a falar uma hora e depois ele foi-se embora. Mais nada.

História BG

5'' - Cinco pessoas debaixo de uma entrada, a falarem, e uma sózinha. Comemoram um aniversário e o aniversariante está chateado porque não recebeu as prendas que ele queria. Os outros estão a falar com ele e ele teve-lhes a dizer. E eles ficaram com uma cara esquisita e disseram: "Não te preocupes! Para os próximos anos tens isso". (Podes dizer um pouco mais sobre essas pessoas?) Eram familiares. Ele era o filho... a irmã e os avós... não, não é a irmã, é o irmão.

História C2

5'' - Uma pessoa dentro do quarto. Uma de lado na cama porque está doente e o médico vai entrar para vê-la... auscultou-a e examinou-a e disse que não era nada de grave, era só uma constipação e receitou uns medicamentos e foi-se embora. Depois a mãe foi comprar os medicamentos e ela tomou todos até ao fim e ficou melhor. Mais nada!

História C1

2'' - Uma cozinha... com a mesa posta, um pano em cima da cadeira, um jarro em cima da mesa, uma máquina de lavar loiça... Entram os donos da casa para a cozinha e comem comida... Mais nada. (Podes dizer mais um pouco?) Lavam os

pratos e vão-se embora para a cama e alguns para a sala. (Queres dizer quem são essas pessoas?) São familiares e amigos. Convidaram-os para jantar lá!

História da prancha em branco

15'' - Era uma vez um cão que comia as plantas da vizinha e abria buracos no chão. A vizinha não sabia quem era e achava estranho. Então, um dia, pôs-se para trás da janela com os cortinados à volta dela a olhar a rua. Então o cão foi lá e começou a comer as plantas e a vizinha a olhar. A vizinha saiu cá para fora, começou a dar com o pau no cão, o cão mordeu a mão à vizinha e foi-se embora. A vizinha foi tocar à casa da outra vizinha a dizer o que é que o cão lhe tinha feito. Tiveram a falar e ela disse que pagava os danos que o cão tinha feito. E então a vizinha desculpou-a e desculpou o cão e depois foi dar uma festinha ao cão e ele mordeu outravez a mão. A vizinha não gostou e mandou chamar o canil... daqueles que levam os cães para irem buscar. Levaram o cão e meteram-no preso numa jaula; não o alimentaram e ele passado dois meses morreu.

História A1

10'' - Aqui vejo...

17'' - Aqui vejo um homem pensativo, meditando, em meditação! Está num ambiente enevoado, se calhar é isso que o leva a essa reflexão. Se calhar no fim da história ele desejava que ele chegasse a uma conclusão, a melhor de todas para ele e para os outros, ou para aquilo sobre a qual ele se está a debruçar. (Podes dizer mais um pouco sobre esse homem?) Um tipo de reflexão num ambiente destes deve ser relativamente à vida dele ou ao mundo que o rodeia... Pode-se estar a interrogar sobre qualquer coisa dentro dele que não está muito bem; a interrogar-se, a questionar-se. (Podes concretizar melhor?) Não vejo..., todo o tipo de situações que merecem uma questionação e as pessoas normalmente têm uma atitude dessas, de estar parado, a reflectir.

História A2

7'' - Aqui parecem-me duas pessoas, um homem e uma mulher apaixonados, e a sua atitude, os seus gestos e a sua expressão são típicos dos apaixonados. Estão possivelmente a conversar sobre algo de alegre e a namorar (sorri). É só.

História C3

É assim a posição?

25'' - Ah! Isto aqui é uma cena de convívio, de conversa, descontração. Estou a ver ali, penso que é chá, talvez. É um ambiente calmo, tranquilo, acho que vejo lá atrás uns livros. A pose deles reflecte esse ambiente, essa atitude calma e passiva, estarão então provavelmente a conversar nada em especial, uma coisa vulgar. (Podes dizer quem são essas pessoas?). Penso que é uma senhora que está sentada, depois está um senhor no sofá, de costas, e está outro senhor em pé a fazer uma coisa que eu não sei.

História B3

18'' - É um ambiente mais obscuro, nocturno, frio. As pessoas, vejo duas pessoas em gestos de amizade, tentando-se animar mutuamente pois o ambiente é assim triste e talvez se tenha passado qualquer coisa de má que os tenha posto assim. Vejo ainda outra senhora a observar as outras duas pessoas e não sei o que é que hei-de dizer mais. (Podes dizer um pouco mais sobre essas pessoas?) Pessoas da família; talvez a mãe daquelas duas pessoas que estão a falar... não sei se são namorados ou têm outro tipo de relação pois o ambiente é indefinido, vago... é um homem e uma mulher e a mãe d'algum, ou dele ou dela.

História AG

26'' - Parece-me um grupo de pessoas; consigo identificar seis pessoas, estarão provavelmente na rua a confraternizar. O ambiente parece que à volta, apesar do ambiente não ser muito agradável parece haver alguma ligação entre as pessoas, parece que continuam juntas e parece que apesar do ambiente não ser muito agradável,

dos melhores, o ambiente entre eles não é hostil. Eles conseguem-se abstrair do ambiente e conversar.

História B1

3'' - Vejo um homem a subir para um quarto; depois vejo umas escadas, uma cama e uma cómoda... O ambiente não deve ser assim muito alegre pois o quarto não tem assim muita luz; apesar de ser de noite poderia estar mais iluminado, poderia transparecer mais vida; até as mobílias mostram essa frieza. O homem, se calhar só, e vai-se deitar. (Queres dizer mais?) Não.

História CG

10'' - (Roda um pouco a prancha)

27'' - Ah! Já sei! É umas escadas e lá do cimo vejo a sombra de um homem que está a descer. O ambiente é luminoso, alegre, nota-se que o ambiente é claro e no fim das escadas parece estar um grupo de pessoas alegres e contentes dizendo qualquer coisa, uma brincadeira qualquer à pessoa que vem a descer as escadas. Como aqui o corrimão das escadas é assim meio austero, deve ser um grupo de jovens adolescentes da escola... talvez, e a outra pessoa que vem a descer é colega deles...; se calhar até pode ser um professor, pela sombra transparecer assim mais imponência... Como agora os professores já têm uma relação de proximidade com os alunos, não digo de desrespeito, acho possível uma destas situações, brincadeira.

História A3

17'' - Isto é o cenário mais mórbido que eu vejo de todas as figuras, até agora!... Não sei! Como as pessoas têm uma pose de respeito, de cerimónia, vejo duas pessoas juntas que parecem estar a fazer uma pequena vénia e... os gestos da pessoa que está isolada, ao lado, à frente das outras, estar de mãos nas costas; e como o ambiente é assim obscuro, triste e como as roupas das pessoas são rígidas e de côres negras, e outro dado é que parece que estão a olhar para uma campa em homenagem ao falecido. Estarão tristes, amarguradas, não sei, não vejo mais. Penso que são três homens amigos, próximos do falecido.

História B2

20'' - Vejo uma noite agradável, de luar, vejo uma vivenda à frente da qual está um sobreiro que projecta uma grande sombra e sob o qual estarão dois amigos a conversar... O ambiente parece ser calmo, agradável, quase que dá para ouvir os grilos. É só.

História BG

19'' - Parece ser um grupo de turistas a visitar um monumento. Devem estar a observar a paisagem circundante; deve ser campestre e não urbano. É um ambiente claro, luminoso, pois se vê que estão a projectar a sombra das pessoas sobre o chão. Uma destas pessoas parece ter ficado impressionada com aquilo que viu e isso ter desencadeado uma atitude de observação do infinito, de melancolia, nostalgia. As

outras cinco pessoas parecem estar muito alegres, conversando, observando a paisagem.

História C2

15'' - Vejo um homem idoso, parece que está a fumar um charuto ou um cachimbo, pela pose e pela posição do seu braço. Este homem parece que está a entrar para um quarto, que se vai deitar. Está entretanto deitada já a sua mulher, que se vê ali as pernas duma pessoa por baixo duns cobertores. É um ambiente típico duma ida para a cama, calmo, sossegado, tranquilo...; é marido e mulher, idosos ambos; o ambiente parece transparecer que eles vivem bem, que têm dinheiro.

História C1

21'' - Vejo uma cozinha onde posso ver uma mesa, pratos, jarro d'água, uma cadeira, um lava-loiças, uma torneira, um armário, uma janela que ilumina o cenário. Deve ser uma cena depois de almoço, duma família depois de almoço. A família deve ser de classe média, viver normalmente, média-baixa acho que é. O ambiente deve ser do campo...vejo um pano em cima da cadeira. (E as pessoas?) Não há pessoas, já devem ter ido tratar da vida.

História da prancha em branco

10'' - O que eu gostava mais de imaginar é um cenário de pessoas alegres e contentes, que tivessem uma atitude positiva e esperançosa em relação à vida, que estivessem a confraternizar entre elas, que tivessem objectivos definidos visando o seu bem e dos outros e que fossem um dos tantos grupos de pessoas que estariam pelo mundo com esse tipo de atitude, mundo onde toda a gente seria como essas pessoas.

História A1

5'' - Isto parece-me um homem a olhar para o mar. Agora conto uma história? Num dia com o tempo agradável, o homem decidiu ir até à beira do mar dar um pequeno passeio... para lembrar os tempos de escola... (Podes dizer mais um pouco?) Coisas alegres, coisas que tinha feito com os amigos, as namoradas que teve, se era ou não bom aluno, se se portava mal durante as aulas - falava! -, ou então se era um grande estudioso, e lembrar também os jogos de futebol. É só.

História A2

15'' - Este cartão já parecem duas pessoas a olharem uma para a outra indecivelmente, para pensar quem é que há-de dar o primeiro passo para dizer "eu amo-te". Entretanto ela vira-se e diz: "Eu tenho uma coisa para te dizer". E ele diz: "Eu também!" Ele diz: "Diz tu primeiro". "Não, diz tu" - diz ela. E ele: "Então está bem! É o seguinte: eu amo-te". E ela toda vermelha: "Eu também!" Depois namoraram durante cinco anos, casaram-se e tiveram três filhos.

História C3

Ah! Este já tem côres!

15'' - Dois amigos encontram-se em casa de um deles. Têm uma longa conversa durante toda a tarde e quando chega a hora do lanche um diz: "Queres beber alguma coisa?" "Não, não, obrigada" - diz o outro. "Vá lá, bebe lá!" - insistiu ele. "Prontos, eu bebo um cafézinho se não te importas". "Olha, café não tenho, mas se quiseres um Whisky posso-te oferecer um". "Está bem, aceito!" "Queres com gelo ou sem gelo?" "Tanto faz, para mim é indiferente!" Entretanto ele vai à cozinha buscar gelo, um copo, vai à sala pega na garrafa de Whisky e mete um bocado dentro dum copo com gelo e assim ficaram a tarde toda a conversar. E acabou. (Podes dizer onde estão aí os dois amigos?) Um, dois..., mas olhando bem até são três (refere-se ao da poltrona). Não o pus na história! Não faz mal, estava só a assistir!

História B3

Hum!

30'' - Ai, Ai!

60'' - Dois velhos amigos, uma amiga e um amigo encontram-se num bar. Como não se viam há muito tempo, começaram a conversar lá no bar e, mais tarde, ele diz: "Queres vir a minha casa tomar um café para podermos conversar sobre os nossos velhos tempos?" "Tá bem, eu aceito" - diz ela. Chegados a casa dele, dirigiram-se à sala. "Senta-te aí à vontade no sofá, vou à cozinha preparar o café, não demoro!" "Tá bem, eu espero!" Quando ele voltou com o café, estava ela com um velho álbum na mão. Diz ela: "Lembras-te da nossa turma do 7º ano?" "Lembro-me de alguns, porquê?" "É porque eu tenho aqui um velho álbum com a fotografia da nossa turma". "Não acredito, deixa ver!" Ele dirigiu-se ao sofá, sentou-se ao lado dela e começaram os dois a folhear o velho álbum para recordar os tempos de escola. E assim estiveram a tarde toda. (Podes dizer onde vês esses dois amigos?) Estão aqui (nas duas figuras

juntas). Aqui também acho que poderia ser mais duas pessoas, mas como não os consegui distinguir muito bem não os meti na história.

História AG

Eh!

45'' - Isto aqui é uma praia com muitas pessoas a passearem. Agora imaginar uma história!... Um dia numa escola, uma turma decidiu fazer um passeio. Então, organizaram tudo. Chegando à sala de aula em que estava lá a directora de turma, começaram-lhe a falar do assunto e então a sôta concordou. O assunto era: visita de estudo à praia... com o objectivo de recolherem muitas conchas para um trabalho da área escola. Os alunos foram à praia, recolheram as conchas. Quando chegaram à escola, fizeram um trabalho sobre os diferentes tipos de conchas que se podem encontrar na praia.

História B1

12''' - Isto sou eu a vir da escola... A história: o aluno depois de vir da escola, cansado, dirige-se para o seu quarto, onde põe a mala, carregada, para começar a estudar. Acabando os estudos vai jantar, vê um bocado de televisão e depois vai-se deitar porque no dia a seguir tem que se levantar cedo para ir novamente para a escola.

História CG

(Abre muito os olhos para a prancha... faz um ar de surpresa... fecha os olhos)

60'' - Isto é uma pessoa (na figura superior) muito cansada do seu dia de trabalho, dirige-se ao cais para ir pescar porque acha que a pesca é relaxante. Depois de meia-hora de estar lá sentado, como viu que não tinha pescado nada foi para casa arranjar o jantar, comer e ir-se deitar para no outro dia ir trabalhar. (Podes dizer mais um pouco?) Isto (figuras em baixo) é o mar um bocado agitado!... Agora olhando mesmo bem, bem, já começo a definir coisas. (Queres dizer?) Lembra-se daquela manifestação que houve, dos estudantes? Os estudantes estão aqui em baixo e aqui em cima é um polícia, talvez. Os alunos começaram a gritar que não querem pagar propinas, começam a mandar objectos para a casa do Ministério e a polícia enfurece-se e começa a dar com os cassetetes neles. Alguns ficaram feridos e outros conseguem fugir.

História A3

São sombras!

25'' - Esta vai ser um bocado drástica! Dois homens foram condenados à pena de morte. Chegados ao dia dirigiram-se à praça para serem executados... Subiram os dois para cima... de umas caixas. Dois polícias puseram-lhes a corda à volta do pescoço e o padre em frente a eles começou a rezar, pedir a Deus que os desculpasse pelos seus actos. Acabando a sua reza, os dois prisioneiros foram enforcados.

História B2

15'' - Numa noite escura dois amigos dirigiam-se a uma pensão para passarem a noite porque tinham feito uma viagem para irem visitar os pais. Por isso, como estava muito escuro e os impossibilitava de continuarem a sua viagem de carro, tiveram que parar porque já não viam nada e assim, foram à pensão e dormiram lá a noite.

História BG

17'' - Um grupo de amigos decidiram fazer uma visita aos monumentos de Coimbra. Ao lá chegarem, esse mesmo grupo de amigos começou por ir visitar uma igreja que já só tinha algumas partes intactas. Um deles ao olhar para o monumento ficou impressionado com a arte da construção. Os amigos como não repararam, continuaram a visitar os monumentos... e esse amigo que ficou para trás, ao olhar para o lado não viu ninguém e apercebeu-se então que estava sózinho. Os amigos ao chegarem à cidade descobriram que lhes faltava uma pessoa e foram à procura dele. Felizmente ele estava sentado no sítio onde eles o deixaram. Ao encontrá-lo, tiveram uma conversa para saberem o que é que se tinha passado e depois voltaram para a cidade.

História C2

35'' - Uma pessoa que sabia que a sua vizinha estava muito doente, decidiu ir fazer-lhe uma visita e levar-lhe algumas coisas para comer porque sabia que ela não tinha ninguém para a ajudar. Ao chegar lá a casa viu a porta aberta, entrou e não viu lá ninguém. Ficou então preocupada e foi às outras vizinhas saber o que é que se passava. Ao chegar a casa de uma delas lá estava a senhora doente, muito alegre a falar com a outra vizinha. Essa mesma pessoa entrou lá dentro e juntou-se às duas. Aproveitou o que tinha levado, fez o jantar para todos. Depois de jantarem ficaram a conversar a noite toda e a senhora que estava doente começou a sentir-se melhor porque afinal o que lhe faltava era companhia.

História C1

28'' - A senhora depois de uma boa noite de sono foi tomar o pequeno almoço. Como viu que estava atrasada comeu à pressa e deixou a cozinha toda desarrumada. Saiu de casa e foi para o trabalho. À noite quando chegou, decidiu arrumar o que estava desarrumado.

História da prancha em branco

20'' - Um miúdo como queria ser igual aos outros decidiu fazer o que os outros faziam: se os outros gozavam ele também gozava, se os outros tentassem enganar algum ele também enganava. Mais tarde percebeu que estava errado e teve uma conversa com ele próprio e decidiu que tinha que mudar, tinha que ser igual a ele próprio. Desde que ele começou a fazer isso todos começaram a gostar dele como amigo.

História A1

4'' - Uma pessoa no meio, a dirigir-se para outras pessoas, a dialogar, num espaço fechado... algo grande! (Podes dizer mais um pouco?) É uma pessoa importante... Aqui parece tipo uma igreja... como se fosse um padre numa missa, a dar a missa para as outras pessoas ouvirem.

História A2

8'' - Duas pessoas numa janela... a falar sobre o que estão a ver pela janela... na janela a paisagem duma cidade rural, aldeia. (Podes dizer mais sobre essas pessoas?) Parece uma mulher e um homem... são casados p'ra i!

História C3

4'' - Duas pessoas numa sala de jantar a conversarem. Não, três pessoas, uma está sentada aqui (na poltrona); duas sentadas e uma em pé junto à lareira. Uma mesa, ao fundo da sala um candeeiro... este aqui é que não sei o que é (aponta no vermelho)... É capaz de estarem a falar de negócios. (Podes dizer mais um pouco sobre as pessoas?) São pessoas importantes, donos de empresas que se reúnem para falar de negócios.

História B3

12'' - A sombra de duas pessoas junto a uma porta, vista por alguém que está escondida... dois namorados e a mãe, a vizinha, a espiar...

História AG

15'' - Um corredor comprido, com muitas janelas, e pessoas a movimentarem-se de um lado para o outro... Três pessoas aqui juntas e depois três lá mais ao fundo. (Podes imaginar uma história com essas pessoas?) Estarem a conversar... como se fosse tipo um corredor duma escola... a falarem, toca e depois vão para as aulas. (Queres dizer quem são essas pessoas?) Deve ser um grupo de amigos e depois outro grupo lá ao fundo a virem ter com estes três.

História B1

0'' - Um quarto com uma cama, cómoda, espelho; aqui a entrada do quarto, um corrimão dumas escadas, talvez, depois a pessoa a dirigir-se para o seu quarto. Aqui a roupa dessa pessoa... É um quarto escuro... talvez a pessoa se venha deitar. (Podes dizer mais um pouco sobre essa pessoa?) Eu, talvez, a subir as escadas e a vir-me deitar para amanhã vir para a escola.

História CG

5'' - Umas escadas, com pessoas aqui em baixo e a sombra de uma pessoa em cima no topo das escadas. As pessoas estão a olhar para um homem, alguém que está de mão levantada (no grupo) e muitas pessoas a olharem na direcção dele... Talvez se trata de uma manifestação contra este senhor (em cima) que deve ser o patrão deles. (Podes dizer o que se passa?) Querem maiores salários e o patrão fica de acordo e acaba tudo bem.

História A3

3'' - Três pessoas, uma sózinha e depois duas juntas. Parece estar direitos e com a mão atrás das costas, a olharem para o sol, ou para a lua por exemplo... aqui o céu (sombreado esfumado). (Podes dizer o que acontece aí?) Talvez se tenham chateado, estes dois chatearam-se com este. (Queres dizer que pessoas podem ser?) Três pessoas quaisquer. (Como acaba a história?) No fim fazem as pazes, "tudo está bem quando acaba bem".

História B2

2'' - Um prédio, uma árvore, duas, depois duas pessoas na rua encostadas à árvore, a falarem sobre o prédio onde vivem que está à frente deles. O prédio tem muitas janelas e uma porta. (Podes dizer mais um pouco?) Dois amigos a dizerem que o prédio deles é o melhor da zona... estão os dois de acordo.

História BG

8'' - Um grupo de pessoas e uma pessoa sózinha, à espera do comboio. Aqui esta parede é a estação... (Como é a história?) O grupo de pessoas estava a falar deste, que ele estava muito sózinho; tiveram pena dele, foram ter com ele e depois conheceram-se, falaram e foram todos juntos, ficaram todos amigos, depois foram todos para casa.

História C2

10'' - Uma pessoa à porta do quarto. Parece que está aqui uma pessoa a dormir na cama. Esta pessoa vai-o acordar para ele ir trabalhar. Ele levanta-se, veste-se e vai trabalhar. (Podes dizer mais sobre essas pessoas?) Talvez a mãe a chamar-me para eu ir para a escola, mas neste caso é para eu ir trabalhar.

História C1

1'' - Uma cozinha, com uma cadeira, uma mesa posta para jantar, aqui um armário com pratos, o lava-loiça, uma janela, um espelho... um pano em cima da cadeira... (Como pode ser a história?) Chega um senhor, janta, come e depois vai para a sala ver televisão... alguém sózinho. Mais nada.

História da prancha em branco

12'' - Uma pessoa à noite, a ver as estrelas do céu e a imaginar outras pessoas noutros mundos... mais!?... sózinha. Mais nada. (O que estará a imaginar?) Se são pessoas boas ou se são pessoas más... e como é que eles devem viver.

História A1

Uma história sobre isto, não é?... Deixa-me ver então! O que é que eu vejo aqui... Assim quanto tempo?... O que é que eu posso imaginar!... Posso começar!

60'' - Isto não está lá muito famoso, não!... Então vou começar! Era numa noite escura, um homem solitário vagueava pelas ruas pensando no seu amor: aquela que o apoiou sempre que estava em baixo... mostrando o seu amor e carinho, apoiando-o mesmo nos momentos difíceis. Mas agora tinha morrido, indo com ela todo o amor e apoio. E assim, vagueando um homem pelas ruas, pensando no seu amor que agora está no céu e dela apenas sobrou uma recordação duma noite escura e triste da sua vida.

História A2

Ih! Ah! Mas este já é mais alegre! Já tem aqui dois...

55'' - Ora então aqui vai: O amor. Ponto. A coisa mais bela e nobre de todo o mundo. Ponto. O amor! A união de duas almas destinadas a estarem juntas para o resto da eternidade. O amor. Ponto outra vez. Aquilo que nos põe os olhos a brilhar, de alegria e ao mesmo tempo de tristeza. Ponto. O amor! Aquela coisa incontável, aquilo que nos faz rir e chorar. (Foi falando em tom de retórica e dando ênfase às palavras) (O que te fez, aí no cartão, lembrar o que disseste?) O amor entre duas pessoas, um amor eterno. (Podes dizer quem são essas pessoas?) Ó doutora!, por quem me toma!... um homem e uma mulher.

História C3

Ah! côres! Agora o que é que eu vejo aqui!

45'' - Vejo as pessoas pararem tudo o que estão a fazer apenas para acertarem um relógio... Então vou começar: O tempo! Aquilo impossível de parar, de adiantar, ou até mesmo de atrasar. Por causa dele todos nós envelhecemos, amadurecemos, ou até morremos. O tempo! A coisa mais importante. Ponto. ... O tempo! Tanto é pouco como é demais, dependendo dos actos e da forma de os tais serem feitos, os actos. Ponto. O tempo! Simbolizado num relógio duma igreja, num relógio pendular, ou até mesmo num relógio de pulso. Ponto. O tempo! Coisa de tamanha importância simbolizada em dois ponteiros, desculpe! em três ponteiros. (Queres dizer que pessoas é que são essas aí?) As pessoas estão numa grande sala com lareira, é dois homens e uma mulher e o homem que está a acertar o relógio está de robe. Depois vejo aqui uma luz vermelha a iluminar a sala (Podes dizer quem imaginas que sejam essas pessoas?) São amigos que estavam a ter uma conversa, de repente olharam para o relógio e viram que ele estava parado ou desacetado. (A mesma entoação retórica).

História B3

Ih! Ai, ai... O que é que eu vejo aqui!...

60'' - A relação entre o pai e o filho (nas duas figuras juntas): A grande união entre duas pessoas ligadas por sangue e por ligação de... às vezes está a mãe, às vezes

falta-me as palavras! (Está a mãe?) Aqui está a mãe a observar... E ligados por amor também. A mãe está contente por ver tal ligação... tão bonito e tão nobre.

História AG

24'' - O que eu vejo aqui é... só vejo homens; mulheres aqui não vejo. A olharem para uma luz forte, intensa; isso é o que eu vejo. E agora a história: Houve uma grande reunião entre homens para ver apenas uma luz forte e intensa. Quase que cegava! O seu significado era desconhecido, e por isso é que estavam todos reunidos para olharem apenas para o desconhecido. Querem ver se conseguem descobrir o que é esse desconhecido, a curiosidade, exploração se calhar, vontade de conhecer novas coisas.

História B1

5'' - Um quarto com uma cama, um móvel, um espelho e uma pessoa. Eu vejo essa pessoa como eu, vejo-me a mim a entrar no meu quarto. Não é o meu quarto mas simboliza o meu quarto. O quarto! Aquele sítio onde nós procuramos paz, conforto, e às vezes talvez também solidão. É o sítio que nós procuramos quando estamos sózinhos, perturbados, chateados ou até zangados! Onde guardamos os nossos bens, os nossos objectos pessoais e até a nossa verdadeira personalidade.

História CG

5'' - Ah! Isto é umas escadas!... e em baixo está a escuridão. E também está aqui uma pessoa no topo das escadas, a ver se quer descer ou não. Então a história: A escuridão! O fim das escadas. Muitos entram, poucos saem. Os que entram procuram aventura, prazer, e até conforto. Os que saem aprenderam a lição, mas os que já não voltaram aprenderam a lição das suas vidas. Aqui estas nuvens, a escuridão. O que eu fui buscar aqui é o assunto da droga. (Podes explicar melhor?) Eu vi o meu primo, ele é toxicodependente e eu vi isto no passado quando ele estava a decidir entrar ou não, entrar na escuridão, usar esses, como se diz!, produtos, digamos. (Como é isso?) Muitos entram sem decidir!

História A3

Ena! Não há aqui desenhos com côres? E agora, fazer uma história alegre! Mas estou a ver que não dá!

35'' - O que eu vejo aqui é três pessoas, tanto faz ser homens como mulheres, vai dar tudo ao mesmo. Dois deles tiveram uma decisão, escolheram um caminho, e outro teve uma decisão diferente. Vamos então à história!: Escreve tudo! A decisão! O que nos faz questionar, pensar e escolher. Às vezes é uma má decisão e outras vezes é uma boa decisão. Embora sejam dois sentidos parecidos levam a caminhos completamente diferentes. E pronto.

História B2

Ora muito bem!

12'' - O que eu vejo aqui é duas pessoas agarrados uma à outra, entre aspas ("agarrados uma à outra"), debaixo duma árvore a observar o luar. A história!: O luar! A visão que dá conforto aos jovens casais que procuram lugar romântico e..., como é que eu hei-de dizer isto? E só deles! Mas no fim acabam por descobrir, que em todo o lado podem sentir o conforto que procuravam, apenas olhando para o luar. (Podes dizer mais um pouco sobre essas pessoas?) Essas duas pessoas esperava ser eu e a minha namorada, no futuro.

História BG

Ora muito bem!

14'' - O que eu vejo aqui é: vejo uma pessoa sózinha e os outros a falarem sem notarem essa outra pessoa. A história!: A solidão! Uma pessoa anda e anda por todos os lados, na esperança de ser notado, de marcar diferença, mas no entanto ninguém repara nela, sendo apenas uma pequena formiga entre milhões e milhões de homens, pessoas. Meta pessoas! (Podes dizer mais um pouco?) Este sózinho não é o sózinho de sózinho, é a pessoa que quer marcar diferença mas não consegue, sentindo-se assim um bocado sózinho; mas não é a questão do sózinho! Está a perceber?

História C2

65'' - Eu vejo uma pessoa a observar um quadro que está pendurado na parede dum quarto. E não vê as outras coisas, olha só mesmo para o quadro! Ora então a história!: Uma pessoa ia a passar na rua e viu uma porta aberta. Olhando lá para dentro, viu um quadro. Estranhamente ficou paralisado a olhar apenas para aquele quadro. O quadro não era bonito! Não era feio! Mas tinha algo de especial! Ele não conseguia dizer o que era, mas havia algo no quadro que o paralisava e o deixava a olhar e a olhar, sem saber o seu significado. E fim. (Podes tentar explicar melhor?) Eu simbolizei, como eu a olhar para uma amiga minha e ver que ela tinha algo de especial, mas eu não sabia dizer o que era.

História C1

Cada vez é mais difícil! Ah! Esta história já vai ser alegre.

15'' - A cozinha! O sítio onde eu imagino, crio, invento e como; onde eu me sinto bem, onde tudo começa a ser cozinhado e onde tudo acaba a ser comido. Um sítio de alegria, onde enchemos a nossa barriga. Pronto! (Existe aí alguém?) Está fora do desenho, mas não se vê, está a cozinhar, sou eu.

História da prancha em branco

35'' - O que é que eu vejo no desenho! Eu posso pôr aqui uma imagem que eu quiser?! O Tribunal! Vejo um tribunal onde eu estou aqui a defender ou a acusar o réu. Vamos à história: O tribunal! O sítio onde eu vou poder exprimir-me, defender ou acusar. O sítio onde eu vou marcar o meu futuro e vou ganhar e perder causas. Esta vai ser a história do meu futuro.

História A1

O que é que eu vejo aqui!

2'' - Vejo um homem só, de costas, pensativo e talvez numa gruta (ri), mas parece pouco agasalhado. Não vejo mais nada, só isso. (Podes imaginar uma história?) Que ele próprio quer-se afastar do mundo e talvez teja a pensar como passar ao lado, quer dizer, ficar só, mesmo...

História A2

12'' - Talvez Adão e Eva a olharem para o chão que pisam, mas ao mesmo tempo um para o outro, em pensamento! E em frente está o sol e há nuvens a tentar tapá-lo... Eu disse aí que estavam de mãos dadas? Parecem estar de mãos separadas um do outro. (Podes imaginar mais um pouco para essa história?) Talvez estejam a pensar na relação entre eles e estão num monte e já é tarde. (Podes explicar melhor?) Talvez de namoro.

História C3

(Roda a prancha)

20'' - Estão duas pessoas dentro dum quarto e uma delas está na cama com uma xicara de chá e a outra está de roupão a aquecer..., talvez a acender a lareira... Tenho que dizer tudo? Podem estar a conversar..., talvez a pessoa que esteja deitada seja uma mulher a dizer ao marido para se ir deitar... (vai olhando fixamente a prancha). Ele parece estar a agarrar numa garrafa, mas não sei porquê!...Ah! Mas está aqui uma terceira pessoa sentada no sofá, talvez seja a filha do casal... parece estar a brincar com os dedos. Sobre eles acho que não há mais nada.

História B3

27'' - Um casal a entrar para o quarto e a filha está a observá-los. Eles parecem estar muito apaixonados e a filha deve tar com ciúmes d'algum deles... Tenho que dizer se é de noite se é de dia? É de noite e parecem estar todos de pijama e a filha está dentro do seu quarto, do quarto dela. Pronto, acho que já disse tudo!

História AG

Pseee...

20'' - Uma procissão de pessoas cabisbaixas a subir uma escadaria, talvez numa casa enorme em que eles se sintam sós mas ao mesmo tempo bem uns com os outros. Mas ao fundo estão três pessoas, talvez a rirem-se. Bem, eu exagerei foi aí no desfile, na procissão; talvez sejam só três pessoas, pareceu-me ver mais pessoas a subir as escadas. E as pessoas que estão a rir parecem estar com copos a festejar, não sei bem o quê. (Podes dizer mais um pouco sobre essas pessoas?) Talvez um grupo de amigos, tanto o grupo que está triste como o outro que festeja. São grupos separados, porque se fossem todos amigos os que festejam ajudavam e não se riam do outro grupo que está triste.

História B1

5'' - Está uma pessoa a subir as escadas para entrar no quarto, para se ir deitar, mas a cama parece ainda não estar feita. E talvez parece uma rapariga, por ter um espelho tão grande. Não tenho a certeza, pode não ser! (ri). Talvez venha de mãos nos bolsos, ou então cruzados atrás das costas. E as janelas do quarto devem estar fechadas, porque do outro lado da porta do quarto a luz do sol é intensa. Este aqui é um bocadinho difícil, não há muitas coisas!... Acho que já disse tudo.

História CG

17'' - Está uma multidão ao fundo das escadas, à espera de uma pessoa que vem a descer as mesmas. Talvez essa pessoa seja uma figura pública, ou então, uma pessoa muito admirada por este grupo de amigos. Este desenho é muito simples, tem só aqui o corrimão, as escadas, a pessoa e a multidão. (Podes imaginar mais um pouco para a história?) Talvez estejam à espera dela, por ela ser a rainha da festa, ou até talvez seja a aniversariante, se é que é uma festa de anos. Não dá para ver a pessoa que vem a descer, por isso não dá para dizer muita coisa! Mas os de cá de baixo estão muito alegres... Tá a ficar noite, talvez por causa da luz do sol não ser muito intensa. Acho que já disse tudo. (Disseste que também podia ser uma figura pública!) Talvez tivesse a falar com a multidão, numa escadaria que ia dar para uma praça pública... Só que o corrimão é que faz um bocadinho de interferência! Ser uma escadaria no meio da rua! (O que poderás dizer mais sobre essa figura pública?) Talvez seja um senhor ou uma senhora dum Partido (ri), que está a tentar atrair a multidão para ganhar votos. Já disse tudo.

História A3

8'' - Estão duas pessoas na rua, numa bicha, não sei para quê, e está outra talvez a ver para onde é essa bicha. A pessoa que está a olhar, parece só estar a dar um passeio e de mãos cruzadas nas costas... Talvez seja de manhã... Das duas pessoas que estão na bicha, a da frente parece estar de braços cruzados e a de trás parece estar direitinha, como se tivesse na formação de um exército (ri)... (Podes dizer mais um pouco?) A pessoa que está a passear, parece que faz isso todas as manhãs, mas de certa forma parece ser a primeira vez que passa por ali... .. Estas pessoas! Para votar não dava! Talvez para preencher alguns papéis, para se legalizarem, ou então talvez para entrar num cinema, num teatro.

História B2

15'' - Talvez seja um casal de amigos, à sombra de uma árvore, num jardim, a olhar para um prédio. Talvez estejam à espera de outro amigo que vem desse prédio, e parece ser de noite devido a parecer que nas janelas há luz. Talvez estejam à espera do amigo, para irem dar uma volta, para conversarem sobre os seus problemas, entre eles ou em casa. Ou então é só para ir dar uma volta até ao cinema, ou então para ir fazer estragos nas ruas (ri). Já disse o que vão fazer, o que estão ali a fazer, já disse onde estão, acho que não falta mais nada!

História BG

20'' - Talvez seja um grupo de pessoas a serem levadas por uma guia numa visita a um monumento. E há uma que se afasta, porque parece estar maravilhada com esse mesmo monumento. Parece que é numa rocha extensa e que do outro lado da rocha há um rio. Parece também ser de manhã... E a outra parte também devem estar maravilhadas, a comentarem algo sobre o monumento... O monumento parece estar a cair aos bocados, ou então nunca foi acabado, ou nunca restaurado como deve ser. (Podes dizer mais um pouco dessas pessoas?) Talvez seja fim-de-semana e as pessoas que não tinham grande coisa para fazer, fizeram a visita ao monumento; talvez simples curiosas.

História C2

25'' - Está uma pessoa deitada na cama com a luz acesa, da mesa de cabeceira, talvez a pensar sobre algo, sobre a sua vida! E está outra pessoa a passar e parece estar espantada, espantada ou só a olhar para a pessoa que está deitada... Pode ser um grupo de amigos que encontrou esta casa abandonada e fez uma festa e dormiu lá, passou lá a noite. Ou então pode ser uma mãe a ir dar um beijo de boa noite ao filho... A casa tem um aspecto antigo e a mãe, ou a amiga ou o amigo, não sei, parecem estar com um pijama ou um vestido de dormir. Acho que não falta dizer mais nada.

História C1

28'' - Parece que alguém teve a tomar o pequeno almoço e foi-se embora com pressa e deixou a cozinha em estado de sítio. Só que é estranho por ter ali, parece um espelho. Por isso talvez possa ser uma casa de gente pobre que penso que tem uma casa de banho pequena e lava as mãos, faz a sua higiene de manhã, na cozinha. Depois também está aqui uma toalha na cadeira. Ao sair à pressa, deixou ainda café, ou chá, ou até leite quente, num jarro; parece ter estado a comer talvez cereais... Aqui na imagem não estou a ver mais nada, mas, parece estar alguém do lado de fora da janela a espreitar para dentro de casa e a pensar o mesmo que eu pensei.

História da prancha em branco

Isso é mais difícil!... (olha o verso da prancha) ... De facto diz "Blanca" por trás!

120'' - Talvez seja uma pessoa com um papel branco à frente, para fazer um desenho, uma pintura, ou um trabalho, ou até talvez para responder a muitas perguntas, tirar apontamentos, e ainda não escreveu absolutamente nada. Que mais? Talvez essa pessoa esteja na escola e não lhe apeteça fazer absolutamente nada... porque não está minimamente interessado na aula, ou no questionário, ou seja naquilo que fôr. (Quem pode ser a pessoa?) Um aluno.

História A1

10'' - Isto parece um homem a passear no jardim, num dia nublado. Tenho que arranjar uma história? Era o homem que estava à procura d'alguma coisa que perdeu: uma carteira, um relógio ou assim. É preciso dizer mais alguma coisa? (O que acontece mais?) Não encontrou e foi-se embora. Foi participar à polícia. Depois eles encontraram, a polícia dias depois encontrou e devolveu. É tudo.

História A2

16'' - Isto parece nuvens pretas a cobrir o céu. Esta parte branca é o pouco de luz que existe. Era um dia muito bonito mas de repente começou a ficar escuro e depois começou a chover torrencialmente. Choveu dia e noite e houve muitas inundações. Mas no dia seguinte o céu voltou a ficar azul e a tempestade desapareceu. Está bom!

História C3

9'' - Isto passa-se numa casa de pessoas que estão bem financeiramente, no século passado. Esta pessoa (a que está de pé) parece que está a olhar para um relógio, à espera que o tempo passe para ir para algum lado; e estas duas pessoas aqui estão a conversar enquanto tomam chá. Acho que já está tudo.

História B3

16'' - São duas pessoas que estão a namorar ou coisa assim! E há uma terceira pessoa a vê-los, escondida. Parece que essa terceira pessoa tem um bocado de inveja ou coisa assim! Mantém-se na sombra. Está tudo.

História AG

São quantos? trinta?

18'' - Parece pessoas que estão numa montanha, à noite, estão abrigados com cobertores, estão cheios de frio. E havia ao longe mais pessoas a chegarem, possivelmente com comida e lenha para aquecer, para fazerem uma fogueira. Acho que é tudo. Não tenho mais.

História B1

23'' - Uma pessoa que está a subir as escadas para entrar no seu quarto. Está com sono, vai ver se vai dormir um bocadinho. Não tenho mais nada a acrescentar. A minha linguagem não está assim grande coisa!

História CG

25'' - Isto é uma pessoa que está sentada na margem de um lago e o reflexo de outra pessoa que se encontra na outra margem. Isto é uma ponte (canto inferior

esquerdo) que liga as duas margens e parece que a pessoa desta margem (inferior) está a virar as costas à pessoa (imagem superior) que tem o reflexo no lago. Acho que é tudo.

História A3

26'' - Este homem é uma pessoa importante e estes dois são os seus criados que lhe vieram comunicar uma notícia... Acho que é tudo. Não me lembro de mais nada! Não me ocorre. Não tenho muito jeito para estender as histórias.

História B2

16'' - São duas pessoas abraçadas, abraçadas quer dizer! meteram uma mão em cima do ombro!, que caminham para sua casa. Acho que é tudo. Não tenho mais nada a acrescentar. Como é que se pode avaliar as coisas a partir disso? Se houvesse um guião! É um bocado complicado!

História BG

20'' - Esta pessoa aqui que está azulada, está a olhar para o rio que é mesmo ao lado dele e estas outras pessoas estão a conversar entre si. É tudo. As minhas histórias são muito curtas!

História C2

12'' - Uma pessoa que ia a entrar no seu quarto... vai-se deitar na cama onde está o seu marido. Parece que os lençóis estão levantados, que está alguém lá metido dentro da cama. É tudo. Não tenho mais nada a acrescentar.

História C1

25'' - É uma casa tipo do século passado, neste caso uma cozinha, parece a secção da cozinha. Não tenho mais nada a acrescentar. Já tinha dito que não era muito criativo!

História da prancha em branco

Essa é mais difícil!

30'' - Estou a pensar numa floresta, a respirar o ar puro... Sento-me ao pé duma árvore e observo a vista: vê-se um vale, um rio... e oiço o cantar dos pássaros... tomo banho no rio, depois de acabar o banho visto-me, dou mais uma voltinha por ali e volto para casa... De tarde saio com os amigos, divertimo-nos bastante, conversamos e depois levo-os a casa. Depois volto para casa e durmo. É muito original esta história! E prontos!

História A1

14'' - Vejo aqui um ser humano; é o que me faz parecer mais! E estas manchas aqui secundárias (laterais), parecem também ser pessoas, mas sentadas. (Podes imaginar uma história?) Acho que estas pessoas que estão sentadas estejam a ouvir qualquer coisa que este em pé esteja a dizer. (Podes dizer um pouco mais sobre essas pessoas?) Tanto pode ser um adulto, também a contar qualquer coisa a adultos... Não consigo ver mais nada.

História A2

8'' - Também me parecem duas pessoas, com uma certa fixação em algum objecto; o objecto aqui também é muito vago. Tanto podem estar com uma fixação a olhar para um objecto, como podem ser marido e mulher e, a partir desse princípio, a olhar para o filho. A senhora dr^a quer que eu imagine? (Sim, um pouco mais) Esta sombra aqui, quer este quer este, parece ser uma pessoa a olhar com alguma fixação para algo.

História C3

15'' - Isto dá para ver três indivíduos dentro duma casa, dois deles encontram-se sentados a falar e um deles está de pé a mexer algo ou a ver algo. (Podes dizer um pouco mais?) O mais básico que se pode ver aqui é as pessoas, mas depois dá para ver uma mesa, um candeeiro, uma porta, e um deles está sentado no sofá e o que está de pé parece estar ao pé duma lareira. (Podes dizer quem imaginas que sejam essas pessoas?) Não, não. Podem ser familiares ou amigos, não sei; o desenho é muito vago, não dá para ver.

História B3

5'' - Isto dá para ver que estão dois indivíduos, ou pelo menos a sombra. Dá para ver dois indivíduos à porta da sala ou dum quarto, mas em plano secundário, porque em plano principal o que aparece é a sombra destes dois indivíduos. (Podes dizer mais um pouco?) É muito vago! Podem estar a fazer mil e uma coisas, desde falar, sim o mais provável é estarem a falar. (Quem podem ser essas pessoas?) Tal como o desenho anterior, podem ser amigos ou familiares. É só.

História AG

6'' - Parece que vejo assim um aglomerado de pessoas, uma multidão. E aqui o pormenor, partindo do princípio que são mesmo pessoas, parece que existe uma desilusão ou uma tristeza, não só entre estes três indivíduos mas também no resto da multidão. Quer saber o que eu penso partindo da origem disso?... Talvez a morte de um familiar. Não vejo mais nada. (Devolve a prancha)

História B1

2'' - Isto vê-se que é um quarto e..., é um quarto e vê-se aqui uma sombra duma pessoa, ou mesmo essa pessoa. E o motivo que a está a levar ali é ou ir fazer alguma coisa a esse quarto, ou ser aquele mesmo o seu quarto. Pode ser a ideia principal, e o que me leva a pensar que é um quarto é porque vê-se aqui uma cama ou parte duma cama, uma cómoda e..., é isso em geral, que isto é uma cama e isto uma cómoda. (Podes dizer mais um pouco sobre essa pessoa?) Aqui a pessoa, talvez a pessoa aqui neste desenho... talvez não seja ela que vá, talvez não seja ela o conteúdo principal, talvez seja o quarto e não a pessoa.

História CG

8'' - Isto parece uma paisagem. É confuso este desenho! Porque ao mesmo tempo que parece uma paisagem, que este desenho aqui faz ver que são montanhas (no grupo de pessoas) e aqui estas riscas talvez possam ser o mar. E ao mesmo tempo faz-me pensar que o que eu considerava o mar, pode ser assim uma espécie de estrada e vê-se aqui, faz-me crer que esta mancha aqui seja uma sombra d'alguém! É só o que eu vejo aqui neste desenho. (Podes explicar melhor?) Quando digo que parece um estrada, não consigo enquadrar isto; parece que está a mais... (Podes imaginar alguma coisa sobre essa pessoa?) Ao imaginar o que seria essa pessoa também teria que imaginar donde é que esta paisagem foi retirada e isso!... Isto pode ser de qualquer parte e imaginar o que essa pessoa está aqui a fazer é muito vago, por isso!...

História A3

4'' - Vejo aqui três sombras, fazem crer que são três pessoas, ou três pessoas... Não consigo tirar mais ideia nenhuma deste desenho... (Queres tentar imaginar?) Há muitas hipóteses, hipóteses infinitas, mas não me ocorre assim nenhuma! Não consigo tirar mais ideia nenhuma deste desenho.

História B2

8'' - Vejo aqui um prédio, também consigo ver uma árvore com duas pessoas debaixo dela. Depois aqui esta mancha, também faz parecer uma árvore. (O que poderás dizer para essas pessoas?) Tanto podem estar a observar o prédio, prontos! Podem estar simplesmente a conversar. (Quem podem ser as pessoas?) Amigos, conhecidos.

História BG

10'' - Vejo aqui uma estrutura com um certo arqueamento, aqui com uns arcos. E junto desses arcos há uma concentração de pessoas e debaixo dum encontra-se uma pessoa isolada. Agora o que levou essa pessoa a estar isolada não sei. Talvez discriminação por parte desse grupo, ou então a pessoa que sentiu necessidade de se isolar. (Quem podem ser essas pessoas? Conhecem-se?) Se houver aqui algum desconhecido é esta pessoa.

História C2

5'' - Consigo ver aqui uma pessoa que está à porta dum quarto... e o quarto ou é dela, ou a porta visto estar aberta, deve ir ter com alguém dentro desse quarto. (Podes dizer um pouco mais?) Partindo do princípio, isto é uma suposição! Ele se vai lá é ter com alguém que conheça. Pronto, é só a ideia que eu tiro deste desenho.

História C1

4'' - Isto faz-me parecer que seja uma cozinha..., vejo aqui uma mesa, também se consegue ver aqui uma cadeira, dá para ver aqui uma janela e aqui um lava-loiça, talvez um lava-loiça não sei! Pronto, é a única ideia que eu consegui tirar, uma cozinha e descrevi a cozinha. (Podes tentar imaginar mais um pouco?) Isto tem aqui certos pormenores que faz parecer uma cozinha de campo, ou então d'alguém com poucas posses... Parece uma se se..., parece uma pessoa aqui atrás desta janela, e apesar de estar muito bem definida aqui esta cozinha, parece que o plano principal é aqui este indivíduo que está do outro lado da janela... Pronto, é a ideia que eu tiro. (Será que dá para imaginar alguma história com essa pessoa?) Tanto pode ser uma casa de cidade e este ser um indivíduo qualquer, como ser uma casa de campo e este indivíduo ser o dono. Pronto, é a ideia que eu tiro deste desenho.

História da prancha em branco

1'' - Isso é um bocado difícil, imaginar uma história!... Imaginar uma história!... Também não me ocorre... Parece um vazio este cartão...

História A1

3'' - Bem! Isto é uma figura humana no meio do nevoeiro. Parece que ele está à espera porque o desenho dá a sensação que não tem movimento! Está de braços cruzados à espera. O que poderei dizer mais? Esta parte do desenho que está mais escuro, poderei imaginar que está aqui um carro, ou um objecto, ou um meio de transporte! Aqui esta zona mais iluminada, em cima, dá ideia que está aqui um candeeiro a iluminar, mas que, não sei se me está a perceber!, que a luz está a dar-lhe nas costas porque ele está quase que a imitar uma luz própria, luz que ao mesmo tempo parece vir do candeeiro. Estou a ver isto como uma rua à noite e o céu porventura estrelado ou com nuvens. Pode estar a pessoa, altas horas da noite, encostado a um carro, sob a luz dum candeeiro, numa rua deserta, porque só vejo esta figura humana. Ele está sózinho. (Quem imaginas que possa ser?) É um homem, por causa da constituição física, ombros largos; mulher tem outra silhueta.

História A2

15'' - Esta é mais difícil! Parecem-me claramente duas figuras humanas. E isto aqui é esquisito! Parece que elas estão cabisbaixas e parece-me estarem a falar uma com a outra, apesar de estarem viradas para um foco de luz. Não sei se haverá mais alguma coisa para dizer, imaginei logo que estavam a falar uma com a outra, cabisbaixas, não muito contentes. Não posso determinar se são sexo masculino ou feminino, não vejo o cabelo nem largura dos ombros nem nada. Elas estão viradas para um foco de luz, mas que não sei dizer que situação poderá estar aqui; é indeterminado. E é tudo, não há mais pontos de referência aqui. Tem poucos claros e escuros, o outro tinha mais espaço para imaginação.

História C3

3'' - Muito esquisito! Uma figura muito esquisita mesmo!

10'' - Agora tive uma ideia! Parece-me que é uma cena passada numa sala de estar um bocado esquisita; que também podia ser um café, se não fosse esta poltrona estar aqui. Consigo distinguir dois homens, um deles está sentado à mesa, tem um bule de chá ou de café em frente dele; poderá ou não ter uma chávena ao pé dele, mas definitivamente, há uma chávena que não está ao pé dele mas que está em cima da mesa. E,... há tanta coisa aqui!... Há uma segunda figura masculina também, que está virada no parapeito duma lareira e está de costas para o outro homem, parece que está a procurar alguma coisa! A chávena que está sem ninguém na mesa parece ser dele. E! Agora começa a parte mais esquisita da figura: uma bolha, que não tem nada a ver com nada; parece ser de sangue, porque tem, emana uma luz que não é a mesma que uma lâmpada faz, mas que não estou a ver como uma lâmpada. Não estou a compreender isto! Aparece um elemento de côr viva num desenho a preto e branco! Aqui, neste buraco aqui, parece estar um objecto que o homem está a procurar, parece um altazinho em cima duma lareira, mas que não tem objecto definido ali dentro. Esta parte aqui também! Por detrás do homem que está sentado parece-me haver uma estante com livros que, tal como esta parede, está pintada de vermelho ou tem um vermelho pouco natural ou pouco real tendo em conta o resto da figura. E agora só

me falta referir que há um candeeiro à esquerda do homem que está sentado. (Podes explicar melhor sobre essas pessoas?) Cada homem tem consciência que existe o outro na sala... Já estiveram os dois sentados à mesma mesa, mas agora não... Conhecem-se ou querem-se conhecer, estão a tomar chá juntos e parecem-me dois homens.

História B3

15'' - Também esta aqui! É nítida de psicólogo! Tem três imagens, consigo distinguir! E parece ter lugar num apartamento, numa sala, ou seja, dentro de portas. Duas dessas personagens estão em contacto ou a conversar, ou pelo menos a olhar uma para a outra. Uma dessas duas parece ser um homem, a outra parece ser uma mulher ou uma criança, porque tem cabeça pequena em relação ao homem. Mas já tem uma altura razoável para ser criança! Elas podem estar a falar baixo, para a terceira personagem não as ouvir, ou podem estar a falar carinhosamente porque estão muito juntas. Parece que se estão a despedir, porque vejo uma porta aberta. Não sei se será uma porta da rua ou dum quarto. E a terceira personagem que está a observá-los parece ser uma criança e não tenho a certeza se os outros sabem que ela está a vê-los. Essa terceira personagem parece estar meio escondida, está encostada a uma parede. Uma despedida, é a minha interpretação. Em princípio longa! Estão a despedir-se carinhosamente.

História AG

Esta é mais parecida com a primeira! É muito indefinida, dá muito espaço à imaginação!

17'' - É estranho! Consigo imaginar três figuras humanas, poderão ser também humanóides, as três figuras mais ao fundo. Estas aqui não consigo perceber, parecem-me três bananas! (ri). Também poderão ser três figuras, estou a imaginar, do meio rural, três velhotas inclinadas para a frente, já curvadas pelo peso da idade, e estão a olhar para as outras três figuras que referi no início. É tão ambígua esta figura! Passei de três bananas para três velhotas; isto parece um cacho! Posso imaginar uma história!: É dia. Essas três pessoas que estão inclinadas no meio das bananas estão a observar as outras três personagens e estão a falar delas, mas não têm nenhuma relação; estão a olhar de longe, estão a coscuvilhar ácerca dos hábitos das outras pessoas. Esta figura tem poucos elementos, não sei!

História B1

4'' - A primeira coisa que digo é que é acerca duma pessoa desmazelada; mas não muito! Porque dá ideia, só tem uma pessoa, dá ideia que ela se levantou recentemente da cama, acordou, não fez a cama, deixou-a desfeita. E isto poderá ser porque se levantou muito cedo, tem de ir trabalhar e não teve tempo, ou se levantou muito tarde e não teve para isso, achou que era trabalho de mais fazer a cama. Mas estou mais inclinado que se tenha levantado muito cedo e vai trabalhar. O quarto, apesar de parcamente mobilado, está arrumado, à excepção da cama. Há uma cómoda e por cima um espelho. Está tudo normal, tudo arrumado, todas as gavetas no lugar. O homem neste momento já abandonou o quarto, não fechou a porta, e podemos ver que ele se prepara para descer as escadas. Terá acendido uma luz da escada e terá apagado a do quarto, ainda de madrugada; também poderão estar as persianas do quarto

fechadas e poderá na escada estar luz natural, as duas hipóteses, e neste caso já não é madrugada mas dia.

História CG

3'' - Imediatamente vi duas utilizações para isto; duas, três, quatro. Isto poderá ser uma pista de atletismo, uma piscina, poderão ser salinas, poderá ser uma parte duma pista de corrida para cães ou cavalos. Falei da zona das riscas. Agora, há aqui outra zona que parece ser de vegetação e parece estar a rodear a pista ou a piscina e há sombras do outro lado que poderão ser também vegetação. Depois poderá haver também uma ponte sobre a pista; também poderá ser um miradouro! (Poderá estar aí alguém?) Uma paisagem humanizada que foi alterada pelo homem, mas que não tem pessoas neste momento, nem animais, que podem estar recolhidos! Podia ser feriado!

História A3

Lá está uma daquelas ideal para o psicólogo tirar muitas ilacções; sempre que há vários personagens!

14'' - Isto parece-me ser um ambiente não citadino, mas também não rural, mas mais florestal, porque parece-me ver uma árvore, ou seja, uma estrada rodeada de árvores. É, sinceramente, não sei porquê parece-me que das três personagens que se conseguem ver na figura, duas estão a andar ou a falar uma com a outra e a outra está a andar no sentido inverso, ou seja, não se conhecem estão apenas a cruzar-se. Não sei porquê é que me dá esta ideia, mas isto é nítido para mim. Parece-me que é um daqueles caminhos que serpenteiam as florestas e que algumas pessoas gostam de ir para lá percorrer para preencher o seu tempo em comunhão com a natureza. (Podes dizer um pouco mais sobre essas pessoas?) As duas, presumo que estão a andar e a conversar uma com a outra; a terceira personagem está tão afastada que parece estar no lado contrário.

História B2

13'' - Isto é um ambiente citadino, claramente. Vejo um prédio com vários andares, pelo menos dois, vejo duas pessoas que poderão ser dois namorados a conversar debaixo duma frondosa árvore que está num jardim situado em frente ao prédio. Esse jardim não tem só a árvore, tem, parece-me, uns arbustos. Deveria falar mais sobre as pessoas, mas são tão indistintas! Parece-me duas cabeças, dois namorados que estão muito juntos. Esta é muito sucinta, as outras eram muito ambíguas, esta nota-se perfeitamente e as pessoas têm uma forma característica.

História BG

4'' - Aqueduto das águas livres, primeira coisa! Mas não! Poderá ser um velho aqueduto romano já com sinais de ruínas. Conseguem-se distinguir várias pessoas e... estão cinco pessoas juntas e uma pessoa um pouco afastada. Será uma excursão para visitar o aqueduto ou as ruínas romanas. Poderá ser romanas como outras quaisquer! Dá-me ideia que o grupo de cinco pessoas estão a seguir uma espécie de excursão e a pessoa que ficou para trás também pertence à excursão, mas terá ficado para trás porque o seu olhar ficou preso em algo que gostou! Terá ficado fascinado e terá

ficado mais uns instantes a contemplar determinado objecto, uma parte do aqueduto ou doutra coisa que não é visível na figura. Não percebo esta parte! Não poderá ser a sombra do aqueduto. É de dia, não se fazem excursões à noite, acho eu!

História C2

7'' - Havia um pintor que fazia quadros muito parecidos com este, com côres e tudo, não sei como se chamava! Vejo que há um personagem que vai entrar para dentro de um quarto e consegue-se ver dentro do quarto uma cama, uma cómoda, um espelho ou um quadro. Consigo ver que dentro da cama já estará outra personagem; não consigo saber qual o sexo das personagens, mas apenas que uma está na cama e a outra se vai deitar pois está virada para o quarto. Provavelmente já é noite, nota-se uma certa lugubridade e parece que a iluminação é feita através de velas, porque é a ideia que me dá toda a côr, toda a envolvimento. Logo, poderei afirmar que não havia electricidade nem confortos modernos, seria uma cena passada já há um certo tempo.

História C1

11'' - Isto aqui será a cozinha que acumula as funções de sala de jantar, se calhar. Existe uma mesa, tem um jarro ou um bule, não sei, há uma tijela e um prato também, em cima da mesa; ao lado da mesa há uma cadeira; a cozinha tem uma janela que em princípio está a iluminar, portanto, será de manhã ou de tarde, nunca de noite. E não sei se já falei aqui no lavatório, que também existe e que tem uma torneira. Parece estar tudo preparado para que uma pessoa apareça a qualquer momento, se assente na cadeira e comece a comer. Também há aqui, parece uma colmeia de abelhas selvagens, mas não é; não consigo perceber o que é que isto é. (Podes dizer mais um pouco?) Mais nada assim. Há um espelho, mas será que é um espelho? Estou com dúvidas, um espelho com outra definição. (E a pessoa?) Parece estar tudo preparado para a vinda duma personagem qualquer: um homem ou uma mulher.

História da prancha em branco

0'' - Eu a partir duma folha em branco não sou capaz de imaginar nada, mas a partir de flores de Van Gogh! Talvez daqui! (olhando um dos posters da parede). Eu a partir duma folha em branco teria tendência a procurar em meu redor pontos de referência! Quer que invente uma história? Poderia inventar!... Uma folha em branco! Tenho problemas com uma folha em branco!... Então, um dia claro, noite não é e estamos no meio dum deserto de ideias (ri) e falta-nos água inspiradora. E acho que acabou! É uma história muito sucinta! Lembrou-me areia porque isto não é bem branco e no deserto não costuma haver muita água (Ri). Está calor! A próxima caravana passa daqui a três meses e nessa altura já estarei mais seco que um carapau (ri). Vou ter de pegar no meu manual de sobrevivência, que me indicará em que direcção estará a cidade mais próxima: se é a cem metros ou cento e cinquenta metros. Claro que isto é uma história um bocado irónica porque estão duas cidades à minha vista, uma a cem metros, outra a cento e cinquenta metros. Explorei o ridículo da situação, terei de pegar o manual de sobrevivência e esperar pela caravana!... (Como acaba a história?) E fiquei eternamente na dúvida, na história, no meio do deserto: se ir para a cidade que fica a cem metros, se a que fica a cento e cinquenta metros.

História A1

O que é que eu vejo daqui! (suspira) Isto é um bocado complicado!

25'' - Vejo aqui um homem... isto é história pois é, não é para descrever!... Um homem que vai na rua, não deve ir muito contente, não parece estar muito contente... Não sei, talvez vá pensativo, a caminhar pensativo. Talvez vá a pensar nalguma coisa que tenha feito ou a reflectir nas consequências do que possa ter feito... Eu acho que isto parece mesmo assim apesar de isto ser um bocado escuro, parece ser de dia apesar de haver aqui uma parte mais carregada... Um dia, mas um dia nublado talvez, está de acordo como ele tá. Não sei mesmo dizer mais.

Estes desenhos são um bocado esquisitos!

História A2

Já vi que isto é tudo o mesmo estilo!

8'' - Isto aqui parecem dois namorados, talvez!... Eles dois talvez estejam a pensar que gostam um do outro. Também é um dia, é de dia, talvez seja de dia, não de noite. Talvez não sejam desses dias nublados, talvez seja um dia de sol... Talvez ele teja a tentar, a tentar não, a oferecer; não digo uma aliança, mas às vezes há namorados que oferecem aqueles anéizinhos para dizer que já namoram... O que é que eu hei-de dizer mais?! (diz em surdina)... Nota-se que eles gostam um do outro e... ou pelo menos se não gostam aparentam e... não sei o que é que hei-de dizer mais! Estes desenhos são muito esquisitos! Quem é o autor disto? (vê detrás) É este Phillipson?

História C3

13'' - Neste aqui parece dois homens a conversarem e o outro não tenho bem a certeza se é algum empregado, ou se é outro que esteja a conversar. Eles tomam chá, conversam possivelmente sobre negócios, pois aparentam ser homens de negócios, pelo menos um aparenta! O dono da casa deve viver bem porque tem uma lareira grande e uma boa poltrona... É uma casa com um aspecto antigo. Até esta figura aparenta ser pessoas antigas e, ... pronto (olha fixamente a prancha). Não sei agora... o que possa dizer mais (O que queiras imaginar!) Em cima da lareira há, não digo que seja uma lâmpada, mas uma vela com um vidro vermelho em volta. Não, até talvez um candeeiro com um vidro vermelho em volta, que emite uma luz vermelha. Quando disse que era antigo, não era tão antigo quanto isso porque já existe a electricidade. Tem aspecto de ser uma casa bem tratada. Também em cima da lareira existe talvez uma estátua que mostra que os donos talvez tenham algum dinheiro. E o dono poderá ser o que está sentado na poltrona, ou pelo menos aparenta isso. Esse já foi um bocadinho mais fácil! Porque tinha mais coisas. Os primeiros dois tinham menos coisas!

História B3

(ri)

8'' - Este parece ser talvez dois namorados que se encontraram às escondidas. Se eles se encontraram às escondidas é porque naturalmente ou não queriam assumir a relação com os pais, ou então não podiam. Depois está aqui alguém que parece ser uma mulher a espreitar, que poderá ter ciúmes dele andar com ela, ou então ser amiga, amiga não digo, ser alguém que queria denunciá-los ou esteja ali só por curiosidade (ri). Eles parecem que têm vestidos, não tenho bem a certeza, assim largos. Talvez tivessem acabado de fazer uma peça de teatro ou coisa assim... Talvez exista uma porta do lado esquerdo porque nota-se uma claridade, uma sombra, que a luz incide sobre o casal e nota-se depois o estender da sombra. A parede onde ela está encostada a ouvir, tem uma côr clara; a côr talvez seja a mesma, só que aí há claridade e no sítio onde a pessoa está a observar é que é um sítio escuro, mas é de não ter claridade, o que talvez faça com que eles não dêem por ela, por a pessoa que está a observar. Acho que já está.

História AG

É pá!

15'' - Parece um grupo de pessoas que está reunido e lá mais ao fundo vêm outros. Talvez tenham marcado algum encontro e a partir daí irem para outro sítio fazerem alguma coisa, não sei... Parece-me a mim que talvez seja de dia... Este desenho é um pouco difícil, não está assim muito definido, não tem muito por onde descrever. (Podes imaginar a partir daí!)... Ai, ai! Este não sei dizer muito mais! Eles talvez estejam sentados à espera, sentados na relva, assim num plano que está inclinado. Eles têm aspecto de quem esteja já lá há um certo tempo, já estavam a ficar para o corcunda, cansados. (Quem poderão ser eles?) É um grupo de amigos, são pessoas normais, jovens.

História B1

5'' - Este aqui parece que é alguém que vai para o seu quarto, talvez no fim de um dia de trabalho. Pensa em ir deitar-se, descansar, para no próximo dia, poder amanhã voltar ao trabalho. Ele já tinha vindo ao quarto, a porta ficou entreaberta, deve-se ter esquecido de lavar os dentes... digo que ele devia tar exausto e querer dormir, porque está aqui a toalha de banho, pelo menos parece-me. Provavelmente quis tomar banho, comer qualquer coisa e ir-se deitar. O quarto tem a luz apagada e é um quarto que está numa casa que tem primeiro e segundo andar, que tem escadas... Ele não se esqueceu de lavar os dentes, ele foi buscar alguém que se tinha esquecido e foi lá abaixo; parece-me um homem.

História CG

5'' - Isto é umas escadas, talvez duma casa grande; duma casa grande não, dum palácio. Alguém vem a descer as escadas, tem uns arbustos (no grupo de pessoas); não deve tapar as escadas inteiras mas tem um género duma estrada em frente às escadas e depois do lado tem os arbustos... Por esta escada já devem ter passado pessoas muito importantes, pois talvez seja d'alguém muito rico... São umas escadas trabalhadas, o

corrimão é trabalhado (Quem poderão ser essas pessoas?) Talvez um empregado da casa, porque se fosse o dono haveria mais gente a acompanhá-lo; algum mordomo, ou que estivesse algum carro à espera dele... Está um dia de sol e aqui nota-se mesmo que está um dia de sol e o empregado talvez seja um jardineiro para arranjar os arbustos.

História A3

30'' - Isto pode ser um rapaz que vai na rua, que passa por dois rapazes. Ele pode vir a passar e em princípio vai na direcção deles. Não se conhecem, a relação entre os dois rapazes e o outro não se conhecem mesmo. Eles, os dois rapazes, olham para ele a ver se o reconhecem, mas não reconhecem. Pelo menos a sensação que dá é que o rapaz sózinho está a seguir a sua vida, talvez a pensar no que tem para fazer. É um dia de manhã. O sítio em volta não parece ter grande urbanização, não parece ser muito povoado. Parece até ser um espaço, os dois vão a atravessar uma estrada e essa estrada, dos lados da estrada tem árvores; do lado direito da estrada tem uma árvore maior, do lado esquerdo tem uma árvore um pouco mais fina e alta.

História B2

4'' - Este mostra, talvez no, não digo no meio mas numa rua onde em princípio deve ter prédios; tem algumas árvores também. Não é um sítio muito novo, pelo menos este prédio não aparenta ser muito novo; as árvores têm já uma certa idade porque já são grandes, bastante grandes até. Estão aqui duas pessoas, talvez à sombra da árvore. Deve ser assim à tarde, aí por volta das três horas e faz calor, num dia de Verão. E possivelmente as duas pessoas são casadas e com alguma idade já; quando digo idade não é muita idade, é para aí entre os quarenta e os cinquenta! O calor parece ser forte pois não se vê nenhuma pessoa na rua à excepção dessas duas pessoas à sombra; o sol reflecte nos vidros.

História BG

4'' - Parece um género duma paragem, uma paragem que fica ao pé da estrada, onde também há um local onde talvez, é um local, um ponto de encontro de algumas pessoas, onde se costumam encontrar. Não quer dizer que fiquem ali a conversar, mas um género dum sítio, dum ponto de encontro. Está uma pessoa separada que talvez esteja à espera do autocarro. É de manhã, cedo ainda, por volta das nove horas. Nota-se que o sol ainda começou a nascer. A nascer não! Isto visto... ou o sol está a nascer ou está-se a pôr, ou é de manhã ou é à tardinha. É altura do Verão. Este grupo de jovens que está aqui, podem estar à espera do autocarro para irem para a praia. O céu está limpo, portanto há possibilidade de eles irem para a praia, faz sol. Eu acho que talvez seja mais de manhã do que de tarde. (Vão todos para a praia?) O que está separado pode ir para outro sítio. Este grupo de jovens é que talvez em princípio vai para a praia.

História C2

7'' - Este é uma pessoa que mora numa casa. Essa casa não é uma casa muito bem recheada, não é uma pessoa muito rica é uma pessoa que vive das suas possibilidades... Vai-se deitar, a pessoa parece estar em pijama... Tem um espelho

onde talvez se penteia todos os dias. Talvez seja uma pessoa que viva sózinha... a cama parece estar desfeita e... a casa é uma casa talvez feita, daquelas casas antigas feitas de barro. Não sei bem se é barro. E que tem umas partes em madeira para sustentar a casa. Talvez seja uma pessoa que vivia num monte e que todos os dias tem que se levantar cedo para ir trabalhar. (Quem poderá ser essa pessoa?) É um trabalhador, ou trabalho do campo ou trabalha nalguma mina, uma pessoa que trabalha muito.

História C1

9'' - Isto é uma cozinha... Parece-me que são, uma cozinha que está desarrumada... Alguém à pressa acabou de comer e teve que se ir embora à pressa, a tomar o pequeno almoço. A cozinha não está desarrumada, o que está desarrumada é a mesa. Talvez até possa ser a cozinha do outro anterior devido a ser uma pessoa sózinha e ter que se levantar cedo. O dono desta casa talvez tenha o mínimo de organização, só que neste dia talvez não pôde arrumar a casa. Aqui é de dia e... e que é que eu hei-de dizer mais! É uma pessoa que também não tem grandes posses económicas, talvez viva também num monte. Acho que pode ser bem a cozinha do, embora na imagem anterior tivesse de noite e agora está de dia. Talvez seja o acordar daquele homem, todos os dias para o trabalho. (Esse homem está aí?) Aqui não, porque já se deve ter ido embora para o trabalho. Uma pessoa que deve começar a trabalhar cedo e sair cedo do trabalho e depois quando chega do trabalho é que organiza as coisas.

História da prancha em branco

25'' - Isto por acaso faz-me lembrar uma coisa engraçada que havia naquele programa dos Malucos do riso em que ele. Está a escrever? Aquela altura em que os Egípcios fogem, o Moisés, fogem do, como é que se chama aquela pessoa que manda do..., que fogem dum rei em que Moisés afasta as águas e as pessoas já passaram; os soldados do rei do Egipto ainda vêm atrás e as águas dividirem-se, pronto! Eu próprio acho que poderá ser o quê?... Uma folha branca, uma folha branca dá muita utilidade hoje em dia para estudar. Eu pessoalmente uso, para usar as folhas brancas para estudar, faz-me logo lembrar a escola. É aqui que os pintores também fazem as suas obras e este concerteza foi o objecto que deu menos trabalho a pintar mas é um dos mais difíceis para interpretar.

História A1

É para descrever isto?

12'' - Então, está sózinho..., talvez por causa do racismo ou por causa do álcool ou da droga e não tem ninguém. Está na solidão. É só. (Quem imaginas que é essa pessoa?) É um jovem de 21 anos que é toxicodependente e, é só. (Queres dizer mais um pouco?) Não, só isto.

História A2

27'' - Pode ser? São dois jovens, gostam um do outro... Só que não podem estar juntos porque os pais não aceitam o seu relacionamento...; e ela pode estar grávida. Só! (Como acaba essa história?) Eles ficam os dois muito tristes e essa criança não pode ter o amor dos pais como deveria ter... ou talvez ela tenha de fazer um aborto.

História C3

30'' - É uma sala onde estão três pessoas... a conversar... sobre... sobre as suas vidas... ou, ou... ou sobre um assunto... sem importância... Está um homem na mesa com uma chávena de chá e o outro na cadeira... a ouvir a conversa entre os outros dois homens. É só. (Quem podem ser esses homens?) Eles devem ser amigos e devem estar a falar sobre o trabalho ou um negócio entre eles.

História B3

28'' - Pode ser... pode ser dois, um rapaz e uma rapariga que se amam e outro rapaz que esteja com inveja ou, há um rapaz que é doutra raça e que goste dela, mas como os seus pais só querem que a rapariga namore com o outro rapaz... Pois agora posso meter o fim?... A rapariga vai viver com o rapaz tendo uma vida infeliz, ou poderá fugir com o rapaz doutra raça. Só.

História AG

Hum!

32'' - São três rapazes que estão em cima de um muro a mirar três raparigas... Eles gostam delas mas elas não estão a dar grande importância a eles. É só. (Podes dizer mais um pouco?) Dois deles devem conhecê-las e o outro nem por isso, e elas não os conhecem... e elas não querem nada com eles. Só isto. (Podes dizer quem são?) Eles são amigos e duas delas conhecem-se e a outra não.

História B1

15'' - É um rapaz que está a ir para um quarto e vê que a porta estava aberta e algo estava a acontecer nesse quarto... Ele ao entrar vê alguém na cama. Pode ser alguém da sua família e ele deve ficar surpreso ao vê-los. É só. (Podes explicar melhor?) Um rapaz e uma rapariga na cama e o quarto era o dele. (Como acaba a história?) Ele ficou surpreso e... ele talvez devesse conhecê-la... Não sei mais.

História CG

7'' - São... um grupo de pessoas que foram ver um campeonato de natação e... (roda a prancha)... e... devem estar a participar uns concorrentes e... eles devem estar a torcer pelo mais forte. E... no fim quem ganhou foi aquele que eles queriam.

História A3

10'' - Podem ser duas pessoas, pai e mãe, que estão chateados com o filho por ele ter feito algo muito mau. Ou pode ser dois rapazes que não querem ser amigos dele pois ele é duma raça diferente. Acho que é só isto.

História B2

12'' - É um rapaz e uma rapariga que estão junto a uma árvore... a namorar, e é de noite. E... e a rapariga... já devia estar em casa. E já disse que era de noite?... Ou poderá ser um rapaz e uma rapariga que estão a namorar sem nenhum compromisso. Só.

História BG

25'' - São um grupo de pessoas que estão a conversar ou a dizer mal do rapaz que está ao lado deles... E o outro rapaz não está a ligar ao que eles estão a criticar. Só. (Podes dizer mais sobre essas pessoas?) Eles devem ser amigos e o outro rapaz deve ser uma pessoa amiga dum deles mas que o grupo de pessoas não gosta nada dele.

História C2

11'' - É um homem que vai a entrar num quarto e vê que está alguém na sua cama a dormir... E ele deve conhecê-la. Pode ser uma familiar ou a sua mulher... e ele deve estar a ir na sua direcção. (Podes dizer mais um pouco?)... Ela deve estar a descansar e ele olha para ela... ele fica a olhar para ela enquanto ela está a dormir.

História C1

8'' - É uma cozinha, onde está uma mesa, uma chávena, uma cafeteira e um... e um cinzeiro com um cigarro acabado de fumar. E... e uma pessoa saiu da mesa há pouquíssimo tempo, que em princípio já não deve lá voltar... Ou poderá ser uma pessoa que vai tomar o pequeno almoço e que está em cima da mesa uns óculos em vez do cinzeiro. Só. (Quem imaginas que seja essa pessoa?) Deve ser um familiar que foi para o emprego; um familiar desta pessoa que está à janela. Só.

História da prancha em branco

55'' - É um homem que vem cansado do trabalho e depois ainda teve de levar a mulher à ginástica e os filhos... e os filhos à natação. E o homem quando chega a casa e vem stressado, vai jogar xadrez, sózinho, e fumar um cigarro. E ele está a beber um

Brandy... Ele deve fazer aquela rotina a maior parte dos dias, e passado uma hora ele vai buscar a mulher e os filhos e já está preparado para o novo dia.

ANEXO III

TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS RESULTADOS

Para todas as variáveis, colocamos como hipóteses estatísticas as seguintes:

H0: Os grupos são homogêneos. Não existe diferença significativa entre os dois grupos.

H1: Os grupos não são homogêneos. Existe diferença significativa entre os dois grupos.

Desenhos do Método do Circulo Familiar

Presença de *família interna*

Grupo D: 2

Grupo ND: 10

fo

	D	ND	
Pres. f. i.	2	10	12
Aus. f. i.	13	5	18
Total	15	15	30

fe

	D	ND	
Pres. f. i.	6	6	12
Aus. f. i.	9	9	18
Total	15	15	30

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 8.89$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$8.89 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se H0, com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. Os grupos não são homogêneos.

A1) Distorção perceptiva dos objectos

Grupo D: 17

Grupo ND: 8

fo

	D	ND	
Pres. d. p.	17	8	25
Aus. d. p.	163	172	335
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. d. p.	12.5	12.5	25
Aus. d. p.	167.5	167.5	335
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 3.48$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

3.48 < 6.63 Não se rejeita-se H₀, com α = 1%

Não existe diferença significativa. Os grupos são homogêneos.

A2) Conflito na história

Grupo D: 58

Grupo ND: 106

fo

	D	ND	
Pres. c. h.	58	106	164
Aus. c. h.	122	74	196
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. c. h.	82	82	164
Aus. c. h.	98	98	196
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 25.80$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$25.80 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

A3) Paralização da fantasia

Grupo D: 71

Grupo ND: 24

fo

	D	ND	
Pres. p. f.	71	24	95
Aus. p. f.	109	156	265
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. p. f.	47.5	47.5	95
Aus. p. f.	132.5	132.5	265
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 31.59$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

$$31.59 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

A4) Reacção ao sombreado e à cor

Grupo D: 31

Grupo ND: 67

fo

	D	ND	
Pres. r.s.c.	31	67	98
Aus. r.s.c.	149	113	262
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. r.s.c.	49	49	98
Aus. r.s.c.	131	131	262
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 18.17$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$18.17 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

A41) Reacção ao sombreado

Grupo D: 20

Grupo ND: 46

fo

	D	ND	
Pres. r. s.	20	46	66
Aus. r. s.	100	74	174
Total	120	120	240

fe

	D	ND	
Pres. r. s.	33	33	66
Aus. r. s.	87	87	170
Total	120	120	240

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{e})^2}{f_{e}}$$

$$\chi^2_0 = 14.13$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

14.13 > 6.63 Rejeita-se H₀, com $\alpha = 1\%$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

A42) Reacção à côr

Grupo D: 11

Grupo ND: 21

fo

	D	ND	
Pres. r. c.	11	21	32
Aus. r. c.	49	39	88
Total	60	60	120

fe

	D	ND	
Pres. r.c.	16	16	32
Aus. r. c.	44	44	88
Total	60	60	120

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 4.26$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

4.26 < 6.63 Não se rejeita-se H₀, com α = 1%

Não existe diferença significativa. **Os grupos são homogêneos.**

B1) Diferenciação dos personagens

Grupo D: 125

Grupo ND: 123

fo

	D	ND	
Pres. d. p.	125	123	248
Aus. d. p.	55	57	112
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. d. p.	124	124	248
Aus. d. p.	56	56	112
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = .052$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63 \quad .052 < 6.63 \quad \text{Não se rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Não existe diferença significativa. **Os grupos são homogêneos.**

B2) Movimento dos personagens

Grupo D: 134

Grupo ND: 155

fo

	D	ND	
Pres. m. p.	134	155	289
Aus. m. p.	46	25	71
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. m. p.	144.5	144.5	289
Aus. m. p.	35.5	35.5	71
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 7.74$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$7.74 > 6.63$ Rejeita-se H₀, com $\alpha = 1\%$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

B3) Interacção

Grupo D: 92

Grupo ND: 119

fo

	D	ND	
Pres. int.	92	119	211
Aus. int.	88	61	149
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. int.	105.5	105.5	211
Aus. int.	74.5	74.5	149
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 8.35$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$8.35 > 6.63$ Rejeita-se H₀, com $\alpha = 1\%$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

B41) Relação dual

Grupo D: 31

Grupo ND: 40

fo

	D	ND	
Pres. r. d.	31	40	71
Aus. r. d.	14	5	19
Total	45	45	90

fe

	D	ND	
Pres. r. d.	35.5	35.5	71
Aus. r. d.	9.5	9.5	19
Total	45	45	90

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 5.40$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

5.40 < 6.63 Não se rejeita-se H₀, com $\alpha = 1\%$

Não existe diferença significativa. **Os grupos são homogêneos.**

B42) Relação anaclítica

Grupo D: 10

Grupo ND: 21

fo

	D	ND	
Pres. r. a.	10	21	31
Aus. r. a.	35	24	59
Total	45	45	90

fe

	D	ND	
Pres. r. a.	15.5	15.5	31
Aus. r. a.	29.5	29.5	59
Total	45	45	90

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 5.95$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

5.95 < 6.63 Não se rejeita-se H0, com $\alpha = 1\%$

Não existe diferença significativa. **Os grupos são homogêneos.**

B51) Relação triangular

Grupo D: 9

Grupo ND: 27

fo

	D	ND	
Pres. r. t.	9	27	36
Aus. r. t.	36	18	54
Total	45	45	90

fe

	D	ND	
Pres. r. t.	18	18	36
Aus. r. t.	27	27	54
Total	45	45	90

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{e})^2}{f_{e}}$$

$$\chi^2_0 = 15$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

$$15 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. Os grupos não são homogêneos.

B52) Sentimento de grupo familiar

Grupo D: 26

Grupo ND: 38

fo

	D	ND	
Pres. s. g.f.	26	38	64
Aus. s. g.f.	19	7	26
Total	45	45	90

fe

	D	ND	
Pres. s. g.f.	32	32	64
Aus. s. g.f.	13	13	26
Total	45	45	90

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 7.79$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

$7.79 > 6.63$ Rejeita-se H0, com $\alpha = 1\%$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

B6) Figuras familiares identificadas

Grupo D: 34

Grupo ND: 71

fo

	D	ND	
Pres. f. f. i	34	71	105
Aus. f. f. i	146	109	255
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. f. f. i	52.5	52.5	105
Aus. f. f. i	127.5	127.5	155
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 18.41$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

18.41 > 6.63 Rejeita-se H0, com $\alpha = 1\%$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

C1) *Vínculos amorosos*

Grupo D: 36

Grupo ND: 121

fo

	D	ND	
Pres. v. a.	36	121	157
Aus. v. a.	144	59	203
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. v. a.	78.5	78.5	156
Aus. v. a.	101.5	101.5	204
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 81.61$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$81.61 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

C2) Vínculos destrutivos

Grupo D: 33

Grupo ND: 9

fo

	D	ND	
Pres. v. d.	33	9	42
Aus. v. d.	147	171	318
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. v. d.	21	21	42
Aus. v. d.	159	159	318
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 15.53$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

$$15.53 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

C3) Vínculos de apoio e suporte

Grupo D: 23

Grupo ND: 6

fo

	D	ND	
Pres. v.a.s.	23	6	29
Aus. v.a.s.	157	174	331
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. v.a.s.	14.5	14.5	29
Aus. v.a.s.	165.5	165.5	331
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 10.84$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$10.84 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

C4) Vínculos simbióticos ou narcisistas

Grupo D: 9

Grupo ND: 15

fo

	D	ND	
Pres. v.s.n.	9	15	24
Aus. v.s.n.	171	165	336
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. v.s.n.	12	12	24
Aus. v.s.n.	168	168	336
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 1.61$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

1.61 < 6.63 Não se rejeita-se H₀, com $\alpha = 1\%$

Não existe diferença significativa. **Os grupos são homogêneos.**

C5) Vínculos ausentes

Grupo D: 79

Grupo ND: 29

fo

	D	ND	
Pres. v. a.	79	29	108
Aus. v. a.	101	151	252
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. v. a.	54	54	108
Aus. v. a.	126	126	252
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2 = 33.07$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

$33.07 > 6.63$ Rejeita-se H₀, com $\alpha = 1\%$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

D1) Processo primário do pensamento

Grupo D: 75

Grupo ND: 17

fo

	D	ND	
Pres. p.p.p.	75	17	92
Aus. p.p.p.	105	163	268
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. p.p.p.	46	46	92
Aus. p.p.p.	134	134	268
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 49.12$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$49.12 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

D2) Comportamentos anti-sociais

Grupo D: 19

Grupo ND: 4

fo

	D	ND	
Pres. c.a.s.	19	4	23
Aus. c.a.s.	161	176	337
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres. c.a.s.	11.5	11.5	23
Aus. c.a.s.	168.5	168.5	337
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{eij})^2}{f_{eij}}$$

$$\chi^2_0 = 10.45$$

Decisão:

$$\chi^2_{(0.99;1)} = 6.63$$

$$10.45 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

D3) Ausência de reparação e inibição da agressividade

Grupo D: 18

Grupo ND: 4

fo

	D	ND	
Pres.a.r.i.a.	18	4	22
Aus.a.r.i.a.	162	176	338
Total	180	180	360

fe

	D	ND	
Pres.a.r.i.a.	11	11	21
Aus.a.r.i.a.	169	169	339
Total	180	180	360

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^2 \sum_{j=1}^k \frac{(f_{ij} - f_{e})^2}{f_{e}}$$

$$\chi^2 = 9.49$$

Decisão:

$$\chi^2(0.99;1) = 6.63$$

$$9.49 > 6.63 \quad \text{Rejeita-se } H_0, \text{ com } \alpha = 1\%$$

Existe diferença significativa. **Os grupos não são homogêneos.**

ÍNDICE

VOLUME 1

INTRODUÇÃO	10
------------------	----

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I

FAMÍLIA	
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FAMÍLIA E DOS SENTIMENTOS.....	15
1. A SOCIEDADE TRADICIONAL - A PROPRIEDADE.....	16
<i>Como se vivia</i>	16
<i>Com quem se vivia</i>	21
<i>Como se namorava</i>	24
<i>Como eram as relações conjugais</i>	27
<i>Como eram cuidados os bebés</i>	29
2. A SOCIEDADE MODERNA - O SENTIMENTO	32
<i>As mudanças no namoro</i>	32
<i>As mudanças na relação mãe-bebé</i>	39
<i>As mudanças no lar</i>	42
3. O PAPEL DO CAPITALISMO NAS MUDANÇAS DA SOCIEDADE TRADICIONAL PARA A SOCIEDADE MODERNA	45
4. A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA - QUE CARACTERÍSTICAS?	47

Capítulo II

CULPABILIDADE	
A PSICANÁLISE E OS SENTIMENTOS DE CULPA INCONSCIENTES	49
1. A ORIGEM HISTÓRICA DO SENTIMENTO DE CULPA	50
<i>Mito e Religião</i>	50
2. ORIGEM DOS SENTIMENTOS DE CULPA INCONSCIENTES	55
<i>Tabu e Magia</i>	55
3. SENTIMENTO DE CULPA	59
<i>A Ética e a Moral</i>	59
4. CULPA E CONFLITO EDIPIANO	62
5. A PSICANÁLISE E O PROBLEMA DA CULPA	66
6. TIPOS DE CULPA: DEPRESSIVA E PERSECUTÓRIA	68
<i>Culpa persecutória</i>	72
<i>Culpa depressiva</i>	76
7. A FAMÍLIA E A SOCIEDADE	80
<i>Atribuição da culpa persecutória à pessoa doente</i>	80
8. O PAPEL DA CULPA PERSECUTÓRIA NA NEUROSE E NA PSICOSE ...	85

Capítulo III

CULPA	
PERSPECTIVA HISTÓRICA DA CULPA JURÍDICO-PENAL	91
1. ORIGEM DO TERMO "CULPA"	92
2. HISTÓRIA DA CULPA DELITUOSA	93
<i>A culpa no Direito pré-helénico: semita, ariano e oriental</i>	93
<i>A culpa na legislação helénica</i>	96
<i>A culpa no Direito romano</i>	98
<i>A culpa no Direito germânico</i>	99
<i>A culpa no Direito eclesiástico</i>	101
<i>A culpa no Direito europeu da Idade Média e do Renascimento</i>	101
3. O CONCEITO TRADICIONAL DE CULPABILIDADE	103
<i>Concepção psicológica e concepção normativa da culpa jurídico-penal</i>	104

4. O CONCEITO DIALÉTICO DE CULPABILIDADE	109
5. O CONCEITO MATERIAL DE CULPABILIDADE	110
6. CULPA E DIREITO PENAL	112
<i>Finalidade do Direito Penal na perspectiva duma culpa da personalidade</i>	112
<i>Papel da personalidade na culpa jurídico-penal</i>	115
<i>O dogma da culpa da vontade</i>	119
<i>Liberdade pessoal e culpa da pessoa</i>	121
7. A CRISE CONTEMPORÂNEA DA CULPA JURÍDICO-PENAL	125
8. A PSICOLOGIA E O PARADIGMA DO TRATAMENTO	128

PARTE II

TRABALHO DE CAMPO

I

METODOLOGIA	135
1. MODELO DE ESTUDO	135
2. SELECÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	136
3. HIPÓTESES	137
4. INSTRUMENTOS	139
<i>O Método do Círculo Familiar</i>	139
<i>O Teste de Relações de Objecto</i>	141
5. PROCEDIMENTO	144
6. CONFIGURAÇÃO DOS RESULTADOS	146

II

RESULTADOS	148
1. ANÁLISE DOS DESENHOS DO MÉTODO DO CÍRCULO FAMILIAR	149

GRUPO D	149
GRUPO ND	150
2. ANÁLISE DAS HISTÓRIAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO ...	151
GRUPO D	152
GRUPO ND	170
3. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS RESULTADOS	188
4. LEITURA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	191
CONCLUSÕES	202
BIBLIOGRAFIA	206

VOLUME 2

ANEXOS

ANEXO I

DESENHOS DO MÉTODO DO CÍRCULO FAMILIAR DADOS PESSOAIS E INQUÉRITO	3
1. GRUPO D	3
2. GRUPO ND	33

ANEXO II

HISTÓRIAS DO TESTE DE RELAÇÕES DE OBJECTO	
1. GRUPO D	65
2. GRUPO ND	105

ANEXO III

TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS RESULTADOS	150
---	-----